

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Viana: **Raça e Assimilação** — 3.ª ed. (aumentada).
8 — Oliveira Viana: **Populações Meridionais do Brasil** — 4.ª ed.
9 — Nina Rodrigues: **Os Africanos no Brasil** - (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado - 2.ª ed.
22 — E. Roquette-Pinto: **Ensaios de Antropologia Brasileira**.
27 — Alfredo Ellis Júnior: **Populações Paulistas**.
59 — Alfredo Ellis Júnior: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano**.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — Angione Costa: **Introdução à Arqueologia Brasileira** - Ed. ilustrada.
137 — Aníbal Matos: **Prehistória Brasileira** — Vários Estudos - Edição ilustrada.
148 — Aníbal Matos: **Peter Wilhelm Lund no Brasil** — Problemas de Paleontologia Brasileira. Edição ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Pandiá Calogeras: **O Marquês de Barbacena** — 2.ª ed.
11 — Luiz da Câmara Cascudo: **O Conde d'Eu** — Vol. Ilustrado.
107 — Luis da Câmara Cascudo: **O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)** — Ed. ilustrada.
18 — Visconde de Taunay: **Pedro II**. 2.ª edição.
20 — Alberto de Faria: **Mauá** (com três ilustrações fora do texto).
54 — Antônio Gontijo de Carvalho — **Calogeras**.
65 — João Dornas Filho: **Silva Jardim**.
73 — Lúcia Miguel-Pereira: **Machado de Assis** — (Estudo Crítico-Biográfico) — Ed. ilustr.

- 79 — Craveiro Costa: **O Visconde de Sinimbú** — Sua vida e sua atuação na política nacional - 1840-1889.
81 — Lemos Brito: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império** — **Frei Caneca** — Edição ilustr.
85 — Wanderley Pinho: **Cotegipe e seu Tempo** — Ed. ilustrada.
88 — Hélio Lobo: **Um varão da República** **Fernando Lobo**.
114 — Carlos Süsskind de Mendonça: **Silvio Romero** — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução biográfica — Edição ilustrada.
119 — Sud Mennucci: **O Precursor do abolicionismo** — Luiz Gama — Edição ilustrada.
120 — Pedro Calmon: **O Rei Filósofo** — Vida de D. Pedro II — 2.ª Edição ilustrada.
133 — Heitor Lyra: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. — Vol. 1.º: "Ascensão" — 1825-1870 — Edição ilustrada.
133-A — Heitor Lyra: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891. — 2.º Vol.: "Fastígio" (1870-1880) Edição ilustrada.
133-B — Heitor Lyra: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891 — 3.º Volume: "Declínio" — 1880-1891 — Edição Ilustrada.
135 — Alberto Pizarro Jacobina: **Dias Carneiro (O Conservador)** Edição ilustrada.
136 — Carlos Pontes: **Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875**.
140 — Hermes Lima: **Tobias Barreto** — A Época e o Homem — Ed. Ilustrada.
143 — Bruno de Almeida Magalhães: **O Visconde de Abneté** — Edição ilustrada.
144 — V. Correia Filho: **Alexandre Rodrigues Ferreira** — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Edição ilustrada.

- 153 — Mário Matos: **Machado de Assiz**. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). Edição ilustrada.
- 157 — Otávio Tarquínio de Sousa: **Evaristo da Veiga** — Edição ilustrada.
- 166 — José Bonifácio de Andrada e Silva: **O Patriarca da Independência** — Dezembro 1821 a Novembro 1823.
- 177 — Jonathas Serrano: **Farias Brito** — O Homem e a Obra.

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hoehne — **Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e contribuições).
- 77 — C. de Melo-Leitão: **Zoologia do Brasil** — Edição ilustrada.
- 99 — C. de Melo-Leitão: **A Biologia no Brasil**.

CARTAS

- 12 — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II no Barão de Cotegipe** — Ed. ilustrada.
- 38 — Rui Barbosa: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. II.
- 61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar no Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
- 109 — Georges Raeders: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).
- 142 — Francisco Venâncio Filho: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Edição ilustrada.

DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do prof. Afrânio Peixoto.
- 165 — Nina Rodrigues: **O alienado no Direito Civil Brasileiro** — 3.^a edição.

ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: **Evolução da Economia Paulista e suas Causas** — Ed. ilustrada.

- 100 e 100-A — Roberto Simonsen: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada em 2 tomos.
- 152 — J. F. Normano: **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Telqueira.
- 155 — Lemos Brito: **Pontos de partida para a História Econômica do Brasil**.
- 160 — Luiz Amaral: **História Geral da Agricultura Brasileira** — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 1.^o volume.
- 160-A — Luis Amaral: **História Geral da Agricultura Brasileira** — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 2.^o volume.
- 162 — Bernardino José de Sousa: **O Pau-Brasil na História Nacional** — Com um capítulo de Artur Neiva e parecer de Oliveira Viana. Edição ilustrada.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a história da Educação no Brasil) — 1.^o vol. - 1823-1853.
- 87 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.^o volume — Reformas do ensino — 1854-1888.
- 121 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.^o vol. - 1854-1889.
- 147 — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1889 — 1.^o volume: Das Amazonas às Alagoas.
- 147-A — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1889 — 2.^o vol.: Sergipe, Baía, Rio de Janeiro, S. Paulo e Mato-Grosso.
- 147-B — Primitivo Moacir: **A Instrução e as províncias** — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 3.^o Tomo: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

- 98 — Fernando de Azevedo: **A Educação Pública em S. Paulo.** — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.^a edição.
- 6 — Batista Pereira: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.^a ed.
- 26 — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas.**
- 41 — José-Maria Belo: **A Intelligência do Brasil** — 3.^a edição.
- 43 — A. Saboia Lima: **Alberto Torres e sua obra.**
- 56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: **Conceito de Civilização Brasileira.**
- 82 — C. de Melo-Leitão: **O Brasil Visto Pelos Ingleses.**
- 105 — A. C. Tavares Bastos: **A Província** — 2.^a edição.
- 151 — A. C. Tavares Bastos: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: **Estudos Piaulenses** — Edição ilustrada.
- 150 — Roy Nash: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos - Ed. ilustrada.

ETNOLOGIA

- 30 — E. Roquette-Pinto: **Rondônia** — 3.^a Edição (aumentada e ilustrada).
- 44 — Estevão Pinto: **Os Índigenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.^o Tomo.
- 112 — Estevão Pinto: **Os Índigenas do Nordeste** — 2.^o Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 12 — Gen. Couto de Magalhães: **O selvagem** — 3.^a edição completa, com parte original Tupi-guaraní.
- 60 — Emílio Rivasseau: **A vida dos índios Guaicurus** — Ed. Il.

- 75 — Afonso A. de Freitas: **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo) — Língua Tupi-guaraní (com 3 ilustrações fóra do texto).

- 92 — Almirante Antônio Alves Câmara: **Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil** — 2.^a edição ilustrada.
- 101 — Herbert Baldus: **Ensaio de Etnologia Brasileira** — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição ilustrada.
- 139 — Angione Costa: **Migrações e Cultura Indígena** — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 154 — Carlos Fr. Phill Von Martius: **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros** (1844) Trad., prefácio e notas de Pirajá da Silva. — Edição ilustrada.
- 163 — Major Lima Figueiredo: **Índios do Brasil** — Prefácio do General Rondon — Ed. ilustr.

FILOLOGIA

- 25 — Mário Marroquim: **A Língua do Nordeste.**
- 46 — Renato Mendonça: **A influência africana no português do Brasil** — Edição ilustrada.
- 164 — Bernardino José de Sousa: **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil** — 4.^a edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".
- 178 — Artur Neiva — **Estudos da Língua Nacional.**
- 179 — Edgard Sanches: **Língua Brasileira** — 1.^o Tomo.

FOLCLORE

- 57 — Flausino Rodrigues Vale: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro.**
- 103 — Sousa Carneiro: **Mitos Africanos no Brasil** — Ed. ilustr.

GEOGRAFIA

- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: **Pelo Brasil Central** — Edição ilustrada — 2.^a edição.
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: **Meteorologia Brasileira.**

- 35 — A. J. Sampaio: **Fitogeografia do Brasil** — Edição ilustrada — 2.^a edição.
- 53 — A. J. Sampaio: **Biogeografia dinâmica**.
- 45 — Basílio de Magalhães: **Expansão Geográfica do Brasil Colonial**.
- 63 — Raimundo Moraes: **Na Planície Amazônica** — 5.^a edição.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: **Santa Catarina** — Edição ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: **A Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: **O Rio da Unidade Nacional: O S. Francisco** — Edição ilustrada.
- 97 — Lima Figueiredo: **Oeste Paranaense** — Edição ilustrada.
- 104 — Araujo Lima: **Amazônia — A Terra e o Homem** — (Introdução à Antropogeografia).
- 106 — A. C. Tavares Bastos: **O Vale do Amazonas** — 2.^a edição.
- 138 — Gustavo Dodt: **Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi** — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Edição ilustrada.

GEOLOGIA

- 102 — S. Frões Abreu: **A riqueza mineral do Brasil**.
- 134 — Pandiá Calógeras: **Geologia Econômica do Brasil** — (As minas do Brasil e sua Legislação) Tomo 3.^o. Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. - Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Viana: **Evolução do Povo Brasileiro** — 3.^a edição (ilustrada).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: **A margem da História do Brasil**, 2.^a edição.
- 14 — Pedro Calmon: **História da Civilização Brasileira** - 3.^a ed.
- 40 — Pedro Calmon: **História Social do Brasil** — 1.^o Tomo: **Esprito da Sociedade Colonial** — 2.^a ed. il. (com 13 gravuras).
- 83 — Pedro Calmon: **História Social do Brasil** — 2.^o Tomo: **Es-**

- prito da Sociedade Imperial** - Edição ilustrada.
- 173 — Pedro Calmon: **História Social do Brasil** — 3.^o tomo: **A Época Republicana**.
- 176 — Pedro Calmon: **História do Brasil** — 1.^o tomo: **As Origens (1500-1600)**.
- 15 — Pandiá Calógeras: **Da Regência à queda de Rozas** — 3.^o volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandiá Calógeras: **Formação Histórica do Brasil** — 3.^a ed. (com 3 mapas fora do texto).
- 23 — Evaristo de Moraes: **A escravidão africana no Brasil**.
- 36 — Alfredo Ellis Júnior: **O Bandeirismo Paulista e o Recôdo do Meridiano** — 2.^a edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: **Primeiros Povoadores do Brasil** — (Ed. ilustrada), 2.^a ed.
- 175 — J. F. de Almeida Prado: **Pernambuco e as capitânicas do norte do Brasil** — 1.^o tomo — Edição ilustrada.
- 47 — Manuel Bomfim: **O Brasil** — uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Viana: **Bandeiras e sertanistas baianos**.
- 49 — Gustavo Barroso: **História Militar do Brasil** — Ed. ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: **História secreta do Brasil** — 1.^a parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada, 3.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre: **Sobrados e Mucambos** — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 69 — Prado Maia: **Através da História Naval Brasileira**.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: **As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil**.
- 93 — Serafim Leite: **Páginas da História do Brasil**.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independência** — Edição ilustr.
- 108 — Padre Antônio Vieira: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.

- 111 — Washington Luiz: **Capitania de São Paulo** — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.^a edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: **Tratado Descritivo do Brasil em 1587** - Comentários de Francisco Adolfo Varnhagem — 3.^a edição.
- 123 — Hermann Wätjen: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um capítulo da História Colonial do Século XVII - Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: **A Corte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina. — Edição ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: **O Pa-droado e a Igreja Brasileira.**
- 127 — Ernesto Ennes: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua história) (1.^o Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Almirante Custódio José de Melo: **O Governo Provisório e a Revolução de 1803** — 1.^o Volume em 2 tomos.
- 132 — Sebastião Pagano: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.
- 146 — Aurélio Pires: **Homens e fatos do meu tempo.**
- 149 — Alfredo Valadão: **Da neta-nção à maioridade, 1822-1840.** 2.^a edição.
- 158 — Walter Spalding: **A Revolu-ção Farrroupilha** (História popular do grande decênio - 1835-1845) — Edição ilustrada.
- 159 — Carlos Seidler: **História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1835** — Trad. de Alfredo de Carvalho. Prefácio de Sílvio Cravo.
- 168 — Padre Fernão Cardim: **Tratados da Terra e Gente do Brasil** — Introduções e Notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.^a edição.
- 170 — Nelson Werneck Sodré: **Panorama do Segundo Império.**
- 171 — Basílio de Magalhães: **Estu-dos de História do Brasil.**

- 174 — Basílio de Magalhães: **O Café - Na História, no Folclore e nas Belas-Artes.**
- 180 — José Honorio Rodrigues e Joaquim Rêbeiro: **Civilização Holandesa no Brasil** - Ed. ilust.
- 181 — Carvalho Franco: **Bandeiras e bandeirantes de São Paulo.**

MEDICINA E HIGIENE

- 29 — Josué de Castro: **O proble-ma da alimentação no Brasil** - Prefácio do prof. Pedro Escu-dero — 2.^a edição.
- 51 — Otávio de Freitas: **Doenças africanas no Brasil.**
- 129 — Afrânio Peixoto: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geo-gráfica à civilização brasileira.

POLÍTICA

- 3 — Alcides Gentil: **As Idéias de Alberto Tórres** — (síntese com índice remissivo) — 2.^a edição.
- 7 — Batista Pereira: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos). 2.^a edição.
- 21 — Batista Pereira: **Pelo Brasil Maior.**
- 16 — Alberto Tórres: **O Problema Nacional Brasileiro** — 2.^a ed.
- 17 — Alberto Tórres: **A Organi-zação Nacional**, 2.^a edição.
- 24 — Pandiá Calógeras: **Proble-mas de Administração**, 2.^a ed.
- 67 — Pandiá Calógeras: **Proble-mas de Governo** — 2.^a edição.
- 74 — Pandiá Calógeras: **Estudos Históricos e Políticos** — (Res Nostra...) — 2.^a edição.
- 31 — Azevedo Amaral: **O Brasil na crise atual.**
- 50 — Mário Travassos: **Projeção Continental do Brasil** — Pre-fácio de Pandiá Calógeras — 3.^a edição ampliada.
- 55 — Hildebrando Accioly: **O Re-conhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**
- 131 — Hildebrando Accioly: **Limite-s do Brasil** — A fronteira com o Paraguai — Ed. ilustra-da com 8 mapas fora do texto.
- 84 — Orlando M. Carvalho: **Proble-mas Fundamentais do Muni-cípio** — Ed. ilustrada.

- 96 — Osório da Rocha Diniz: **A Política que Convém ao Brasil.**
- 115 — A. C. Tavares Bastos: **Cartas do Solitário** — 3.^a edição.
- 122 — Fernando Saboia de Medeiros: **A Liberdade de Navegação do Amazonas** — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
- 141 — Oliveira Vianna: **O Idealismo da Constituição** — 2.^a edição aumentada.
- 169 — Hélio Lobo: **O Panamericanismo e o Brasil.**
- 172 — Nestor Duarte: **A ordem privada e a organização política nacional** (contribuição à sociologia política Brasileira).
- 126 e 126-A - Aug. de Saint-Hilaire: **Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas-Gerais** — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 167 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821** — Tradução de Leonam de Azeredo Pena.
- 19 — Afonso de E. Taunay: **Visitantes do Brasil Colonial** (Séculos XVI-XVIII), 2.^a edição.
- 28 — Gen. Couto de Magalhães: **Viagem ao Araguaia** — 4.^a ed.
- 32 — C. de Melo-Leitão: **Visitantes do Primeiro Império** — Ed. Ilustrada (com 19 figuras).
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: **O Rio São Francisco** - Edição Ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: **Viagem ao Brasil — 1865-1866** — Tradução de Edgard Süsssekind de Mendonça — Edição Ilustrada.
- 113 — Gastão Cruls: **A Amazônia que eu Vi** — Óbidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — 2.^a edição Ilustrada.
- 118 — Von Spix e Von Martius: **Através da Baía** — Excertos de "Reise in Brasilien" - Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 130 — Major Frederico Rondon: **Na Rondônia Ocidental** — Ed. Il.
- 145 — Silveira Neto: **Do Guairá aos Saltos do Iguaçu** — Ed. Il.
- 156 — Alfred Russel Wallace: **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro** — Trad. de Orlando Törres e Prefácio de Basílio Magalhães.
- 161 — Rezende Rubim: **Reservas do Brasilidade** — Edição Ilustr.

VIAGENS

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

Nº 000900

O B R A S I L
EM FACE DOS
IMPERIALISMOS MODERNOS

OSORIO DA ROCHA DINIZ

~~9~~
Rm 941
1941

O BRASIL

EM FACE DOS

IMPERIALISMOS

MODERNOS



984
B123
5055

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PORTO-ALEGRE

1940

Do mesmo autor:

na Série "Brasíliana"

A POLITICA QUE CÔNVEM AO BRASIL — Vol. 96



ÍNDICE

	Pág.
Fontes de energia e matérias primas, escravizando povos e forjando Impérios	13
Os metais e os combustíveis nas civilizações passadas e futuras	52
Os principais problemas brasileiros	72
O carvão, o petróleo, as quedas d'água e a electricidade colocaram os Estados Unidos na vanguarda das nações	95
Na era da hulha branca e os recursos hidro-técnicos do Brasil	121
Os motivos da rápida expansão do Japão no mundo	133
Na era da electricidade	144
O carvão e o ferro, — principais fatores determinantes da super industrialização da Inglaterra	180
A superstição racial aniquilada no século da máquina a vapor, do alto forno, do petróleo, da electricidade e das quedas d'água	216
A disfarçada subordinação do Brasil ao estrangeiro nasceu com a nacionalidade	241
Os povos industriais os que mais utilizam os combustíveis, as quedas d'água e o ferro, dominam e dirigem o mundo!...	262

	Pág.
A luta pela pösse das jazidas minerais do mundo .	273
A importância dos combustíveis e das fontes de energia hidro-elétrica para o Brasil e para a economia Universal	289
O domínio norte-americano das fontes de energia elétrica no Brasil e o nóvel império elétrico de "Tio Sam" na América Latina	300
Os imperialismos e o Código de Águas atrofiando a indústria nacional de energia elétrica	339
O Brasil em face do imperialismo moderno	360

Quadros demonstrativos diversos

Bibliografia

FONTES DE ENERGIA E MATÉRIAS PRIMAS ESCRAVIZANDO PÓVOS E FORJANDO IMPÉRIOS

“A Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha, por simples efeito das suas condições geológicas, da sua maior riqueza de carvão de pedra, tornaram-se grandes países maquinofatureiros”.

J. Pires do Rio

A guerra mundial para a conquista do carvão de pedra, do petróleo, do algodão, dos minérios e das matérias primas necessárias á grande indústria moderna é antiga e contínua, mas, a guerra para o domínio e utilização das fontes de energia elétrica, das quedas d'agua captaveis no mundo, apenas se iniciou. . .

Desde aquêlê memoravel dia em que James Watt inventa a máquina a vapor, — no último quartel do século XVIII, surgiu uma nova era: — a transformação industrial do mundo, — iniciada na Inglaterra com a utilização da força de expansão do vapor:

Tambem, depois que Abraham Derby, — modesto fundidor inglês, — benemérito de sua Pátria, — conseguiu em Nothingham, distilar a hulha e obter o “coque” metalúrgico, tornando possível á siderurgia caminhar a passos agigantados, — novos e desconhecidos problemas e imperialismos surgiram no mundo.

“A máquina a vapor, — o maravilhoso melo de que lançou mão na Inglaterra o industrial do fim do século XVIII para utilizar, em seu benefício, a energia térmica do carvão de pedra, — transformada em energia mecânica, — foi a *causa mater* da revolução industrial do século XIX, chamado século das luzes, mas que foi, na verdade, o século da máquina a vapor.

Ao vapor se deve a transformação universal das indústrias do século XIX, consequência da aplicação das máquinas a vapor nas minas, na indústria textil, nas fábricas em geral, nos transportes marítimos e terrestres.

A vapor se movia todo o mundo industrial do século passado.

Sobre o alimento da máquina a vapor tinha de concentrar-se a atividade fabril; — tornaram-se pois, as minas de carvão de pedra o centro de gravitação industrial e o centro de preocupação das grandes nações ambiciosas e sedentas de poderío e espraio.

Na Inglaterra, primeiramente; depois na Alemanha; — por último nos Estados Unidos.

A ilha da Grã-Bretanha, o Sul dos Grandes Lagos, o Vale do Rêno, — tornaram-se os centros industriais da economia Universal.

“A Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos, — por simples efeito de suas condições geológicas, — da sua maior riqueza de carvão de pedra, ao lado ou próximas ás jazidas de minérios de ferro, tornaram-se grandes países máquino-fatureiros”.

A Bélgica, a França, a Áustria, o Japão, também ricos ou dispondo de combustível mineral, — seguiram, embora á retaguarda, — a marcha industrial e triunfal das três nações privilegiadas, no século que passou, pela riqueza de seu carvão de pedra, — três nações que se tornaram verdadeiros IMPÉRIOS INDUSTRIAIS.

Foi o carvão de pedra, utilizado na máquina a vapor ou nos altos fornos o fator decisivo para deslocar

o poderío marítimo de Portugal e de Castela, depondo-o nas mãos dos ingleses, pioneiros e primeiros grande utilizadores do combustível mineral e do aço que iria movimentar e servir de pedestal á civilização do século XIX.

Os impérios de outróra, como a França de Napoleão, a Rússia de Pedro, o Grande, com o advento da “éra do combustível”, — da éra do carvão de pedra”, RUIRAM-SE e, novos impérios, em proporções mais agigantadas, foram se formar ao redor das bacias hulleiras, — nas ilhas britânicas, á margem dos Grandes Lagos da Norte América, no Vale do Rêno ou nas proximidades dos amplos lençóis subterrâneos de petróleo.

Os impérios modernos, — impérios do homem que utiliza os combustíveis e a energia hidro-elétrica, — multiplicando o seu esforço e a sua produtividade, traduzem-se em impérios industriais ou império do homem armado de quantidades enormes de esforço energético sôbre o seu semelhante, desarmado, nessa luta e que utiliza os seus músculos, morador que é, geralmente dos países agrícolas, enquanto o seu irmão melhor aqinhoad, reside nos países industriais.

Exprime bem a inportância dos combustíveis, das fontes de energia, das quedas d’água e da electricidade no século em que vivemos, estas palavras que traduzem um programa, visando a utilização dos recursos energéticos de um país, a industrialização de uma das maiores regiões da Terra:

“... O atrazo crônico da indústria, dos meios de transporte, da eletrificação e atividade construtora prejudica o bem estar da população e da economia política nacional, põe a circulação econômica numa camisa de ferro, restringe a produção agrária e sua exportação estrangula a importação e força os prêços, — crea uma constante instabilidade de valorização monetária, trava o desenvolvimento das fôrças produtoras, diminue o crescimento da prosperidade material do proletariado e

das massas agrícolas, leva a um crescimento ameaçador de falta de trabalho e de habitação, solapa a união da indústria com a agricultura e enfraquece a fôrça e a resistência defensiva do país.

A marcha insuficiente no desenvolvimento da indústria atraza o aumento da agricultura, sendo impossível um verdadeira INDUSTRIALISAÇÃO sem o aumento da produção agrária”.

Citação de Souza Carneiro em “Comunismo, Nacionalismo e Idealismo”.

Nessas palavras estão contidas as razões e os motivos porque precisamos aproveitar as fontes de energia do Brasil, sem demora, e torná-lo uma grande nação industrial.

A utilização do carvão de pedra em alta escala, permitiu a expansão industrial inglesa e, com esta o expandir de seu comércio, o aumento de sua armada e a conquista de um Império inegalável.

Utilizando-se da fôrça de expansão do vapor, consequência de suas vastas hulheiras, e associando, em fusão íntima, o carvão de pedra aos minérios de ferro abundantes em seu território exíguo, os ingleses tornaram-se o povo mais poderoso do Universo.

O progredir inglês, — certamente, seria acompanhado pelas outras nações possuidoras do precioso combustível e dos minérios de ferro e, assim, os Estados Unidos da América, a Alemanha e a Bélgica, — seguidos pela França, pela Áustria e pelo Japão, acompanharam os passos dos industriais e políticos de Londres.

O crescer do povo alemão, — consequência de sua industrialização resultante da sábia política, cêdo adotada e executada por Bismark, foi, incontestavelmente devido á utilização em larga escala do carvão e das máquinas que multiplicam o esforço humano.

E êsse grande desenvolvimento, — mais intenso do que o progredir francês, devido a maior utilização dos combustíveis e das máquinas, registra o valor das

exportações francesas e alemãs nos períodos, considerados a seguir:

EXPORTAÇÕES

Anos	França	Alemanha
1909	228.724.000	342.934.000
1910	249.352.000	322.209.000
1911	243.076.000	411.219.000
1912	248.496.000	459.976.000
1913	252.496.000	509.965.000

Em 1873, por exemplo, a França exportava mais do que a Alemanha.

O valor da exportação francesa, nesse ano, era de 3.761.000.000 e o da Alemanha de 3.118.000.000 francos.

Aos poucos, porém, foi se invertendo a situação, — com a maior utilização do combustivel e mais intensa industrialização da Alemanha, até que essa nação deslocou totalmente a sua vizinha e rival, deixando-a numa enorme distância.

Mas, para melhor compreendermos que o progresso econômico da Alemanha, — paralelo ao aumento de sua produção industrial, — á sua utilização de força motriz e ao aumento de sua população, foi devido ás indústrias máquinofatureiras e á sua técnica industrial, determinando a intensa industrialização que lá se operou, relatamos os seguintes fatos:

Antes da guerra de 1870, a Alemanha, era principalmente um país agrícola.

Então, o sólo alemão é quasi todo pouco fértil, — si bem que hoje está muito melhorado por processos artificiais e com os fertilisantes modernamente usados.

Nessas condições, os agricultores difficilmente poderiam se alimentar e, esta dificuldade crescia á medida que aumentava a população.

Por isso, durante a maior parte do século XIX, uma imigração muito ativa saía da Alemanha e, calcula-se que seis milhões de alemães, de 1820 a 1900 disseminaram-se pelo mundo.

O número de imigrantes foi particularmente elevado entre 1880 e 1893, numa média de 120.000 indivíduos anuais, — chegando a atingir 220.000 em 1881

Mas, após a vitória da Prússia sôbre a Áustria, constituído o Império Alemão e com a política energica de proteção tanto ás atividades agrícolas como industriais seguida pelo *Reich*, — que pôz em execução o vasto plano de Bismark de industrialisação progressiva da Alemanha, — depois de 1893, — EM VIRTUDE DO PRODIGIOSO DESENVOLVIMENTO DE SUA INDÚSTRIA MÁQUINOFATUREIRA, — os alemães encontraram meios de ganhar a vida em seu próprio país, — nas suas usinas, fábricas e cidades industriais.

A imigração desceu, então, vertiginosamente.

Depois de 1871, — conseguida a unidade da Alemanha, os dois fatos mais salientes de sua história são o acréscimo de sua população e o seu desenvolvimento econômico, graças ao seu desenvolvimento industrial e comercial, — o que justifica a afirmativa de Treitschk, “de que não obstante a antiguidade de sua história, a nação alemã é a mais jovem de todas as grandes nações da Europa Ocidental”.

Realmente, o medíocre país que era a Alemanha, antes de 1870, tornou-se depois de sua “industrialisação”, — já por volta de 1880, — sob o regimem fortemente protecionista e com o auxílio da organização bancária bem conhecida e de marinha mercante própria, — ao lado dos Estados Unidos da América, — o mais ativo e mais próspero dos países industriais, — depois da Inglaterra, uma das maiores potências comerciais do mundo.

Além da prosperidade interna consequente a industrialização do país, os imigrantes alemães espalhados pelo mundo inteiro, concorrendo para maior expansão industrial de sua pátria teem permitido o aumento de população em vez de estacioná-la ou diminui-la com a sua saída.

Tal é a expansão alemã no mundo, — superada apenas pelos Estados Unidos da América e Inglaterra, que ela era, em 1914, a terceira potência comercial nas indústrias textis e do carvão; — a segunda na produção de aço; a primeira na indústria elétrica; na indústria de máquinas açucareiras, de produtos químicos e matérias corantes.

As consequências dessa transformação de país agrícola em país industrial grande utilizador do carvão de pedra, permitiu á Alemanha, em menos de 40 anos, pelo excesso de nascimentos sôbre óbitos, aumentar a sua população de mais de um têrço, — passando de quarenta a sessenta milhões.

O acréscimo, depois de 1896, é anualmente de ... 1.000.000 de indivíduos, — o que a França só consegue em 15 anos.

Paralelamente ao crescimento da população o comércio exterior da Alemanha, que se elevava, em 1875, a seis milhões de francos franceses, — trinta anos depois, em 1905, se elevava a desesseis milhões, — classificando-a em segundo lugar entre as potências comerciais do mundo.

Hamburgo tornou-se o primeiro pôrto da Europa Ocidental; a frota mercante alemã que, em 1889, iguallava a francesa, — tornou-se vinte anos depois, — dez vezes mais forte...

Sirvam-nos êsses fatos para mostrar-nos com clareza meridiana que, a nossa expansão econômica, progresso e poderío só terão pleno êxito quando ingressarmos arrojadamente na arena industrial, quando apoiarmos

mos o nosso esforço na expansão do vapor, no poder do petróleo e na ação da energia elétrica...

E' o que nos atesta, também, o vertiginoso desenvolvimento: — aumento de população, prosperidade e poderío dos Estados Unidos da América do Norte e do Japão.

Consequência da prioridade inglesa na utilização do ferro e do carvão, todos sabemos que o imperialismo industrial britânico foi uma realidade esplêndida durante quasi todo o século XIX; — uma tentativa magnífica; — admirável no seu esforço, foi o imperialismo germânico dos últimos anos do século passado até a véspera da catástrofe de 1914; — o imperialismo industrial norte-americano, de que o pan-americanismo é feição notável, — continua a sua marcha vigorosa para destino incomparável, tão grandes as possibilidades industriais dos Estados Unidos, — avaliadas pela sua atual riqueza de combustível e de energia hidro elétrica em franca utilização.

Bastam os algarismos relativos á indústria siderúrgica e carbonífera norte-americana, para se descrever o progresso industrial dos Estados Unidos no século XIX, especialmente, a partir de 1854.

Foram êstes os algarismos representativos da produção siderúrgica norte-americana:

Anos	Toneladas	Anos	Toneladas
1820	20.000	1860	919.770
1830	165.000	1869	1.916.641
1840	286.913	1880	4.295.414
1854	736.218	1900	14.100.000

Mas, para melhor nos convenceremos de que a indústria manufatureira e de maquinismos em geral e, especialmente a indústria do ferro, constitue a base do desenvolvimento econômico de um país, — que ela é o pedestal de sua civilização, prosperidade e poderío, —

temos o quadro abaixo que mostra a produção de ferro nos principais países do mundo, em 1913, antes da grande guerra e, — em 1928, — nove anos depois.

A relação entre a força econômica, poderio militar e riqueza desses países e sua produção de ferro, claramente ressalta dos algarismos.

PRODUÇÃO DE FERRO DOS PRINCIPAIS PAÍSES EM 1913 E EM 1928

	. 1913		1928	
Países	Toneladas	Porcent.	Toneladas	Porcent
E. Unidos	31.301.000	42 %	51.400.000	48 %
Alemanha	18.652.000	25 %	14.000.000	13 %
Inglaterra	7.664.000	10 %	8.170.000	8 %
França	4.614.000	6 %	9.170.000	8,5 %
Rússia	4.181.000	5,5 %	4.150.000	4 %
Áustria	2.585.000	3,5 %	630.000	0,5 %
Bélgica e Lu- xemburgo	2.428.000	3 %	6.395.000	6 %
Canadá	1.043.000	2,5 %	1.230.000	1 %
Itália	919.000	1,5 %	1.950.000	2 %
Japão	300.000	...	1.680.000	1,5 %
Outros países	1.020.000	2 %	8.310.000	7,5 %
Total	74.687.000	100 %	107.210.000	100 %

No quadro acima, qual a posição do Brasil, o detentor de 25% das reservas de minério com que o mundo conta? DESPREZIVEL...

Nas melhores épocas não produzimos anualmente 100.000 toneladas de ferro!

Estas cifras explicam a atuação universal dos Países de grande indústria siderúrgica e o maravilhoso surto da América do Norte que fez em sessenta anos, em matéria de enriquecimento, prosperidade geral, poderio,

cultura e elevação do nível de vida, — o que as velhas nações européias, — como nós, — não conseguiram em séculos.

Explicam ainda, porque, de 1870 a 1929, os Estados Unidos elevavam a sua produção de aço de 61.750 toneladas para 56.443.473, — produzindo nesses cinquenta e nove anos um total de 1.014.000.000 de toneladas, — o que corresponde plenamente pela razão de seu progresso vertiginoso.

“Produzir ferro e construir máquinas, — foi o segredo da expansão da Inglaterra, que aplicando o ferro à navegação assenhoreou grande parte do mundo.

Foi o segredo do expandir agigantado da Alemanha Imperial, da França, da Bélgica, do Japão e da Itália e, é o segredo do desenvolvimento estonteante dos Estados Unidos da América.

Será o segredo do Brasil, — também, — já que a natureza o dotou de imensas jazidas de metal para dar máquinas”.

Da nossa falta de orientação no sentido de captar as fontes naturais de energia afim de “industrialisar” o Brasil, dos fatores que impediram ser o Brasil um país intensamente industrial, — originou o não termos podido repetir na América do Sul o fenômeno anglo-americano, — porém, — nada impede de o repetirmos ainda si orientarmos de maneira sagás e objetiva a política econômica e industrial brasileira.

Os dados relativos ao desenvolvimento da produção de ferro dos Estados Unidos da América além de traduzirem o seu vertiginoso progresso geral, — consequência de seu progresso técnico e industrial, mostram-nos que, — na siderurgia, ainda em 1933, a produção brasileira iguala a produção norte-americana em 1830, isto é, — ainda nos aproximámos de 200.000 toneladas anuais!...

Entre 1870 e 1900 a produção anual norte-americana tornou-se sete vezes maior e, revelou uma cres-

cente concentração de progresso *na metade do século passado, sobretudo no seu último quartel.*

Industrialmente, os Estados Unidos da América eram muito pouca coisa antes de 1800; toda a sua formidável criação industrial pertence ao século passado e, a base dêsse estonteante desenvolvimento foi o rápido progresso de sua indústria fabril, cujo reflexo na sua indústria carbonífera póde ser medido pelos seguintes algarismos:

Anos	Toneladas de hulha extraída
1830 . . .	500.000
1850 . . .	7.000.000
1870 . . .	29.000.000
1880 . . .	63.822.830
1890 . . .	142.000.000
1900 . . .	243.000.000

“Seriam paralelas as curvas representativas do desenvolvimento das suas indústrias irmãs nos Estados Unidos: — a do carvão de pedra e a do ferro”.

Vivendo sempre de explorar bárbaramente a sua Terra, sem ambiente industrial propício, o Brasil, pobre de hulha, não podia ter na sua indústria siderúrgica, — elemento básico de todas as outras indústrias que tem o ferro como elemento primordial, — o progresso que houve na América do Norte.

Estudando-se o progredir dos Estados Unidos da América, da Alemanha, da Inglaterra, da França, da Itália ou do Japão, verifica-se que o progresso industrial dessas nações foi sempre função do desenvolvimento de suas fontes naturais de energia, principalmente, uma consequência de sua produção de ferro.

Em face dos algarismos enormes, dezenas de milhões em relação ao ferro, centenas de milhões, relativamente á hulha, — que traduzem as atividades industriais norte-americanas, alemãs e inglesas, — as cifras

que medem as dimensões de toda a atividade brasileira, — excetuando-se as que se referem ao café, — são relativamente, pequenas ou desprezíveis, principalmente, em matéria de produção de ferro e de carvão.

Para darmos uma idéia da importância das indústrias do ferro e do carvão, na economia universal, transcrevemos os algarismos relativos ao ano de 1910, referentes á produção dos principais países, conforme dados que extraímos do “O Combustível na Economia Uníversal”.

Países	Ferro	Hulha
	Toneladas	Toneladas
E. Unidos da América .	27.793.687	445.810.000
Alemanha	14.793.325	221.980.000
Inglaterra	10.580.312	264.500.000
França	4.032.459	38.570.000
Áustria	2.010.000	38.000.000
Rússia	2.740.000	24.570.000
Bélgica	1.803.500	23.130.000
Canadá	752.053	13.010.000
Suécia	604.300	—
Itália	215.000	—
Japão	—	14.790.000
China	—	14.590.000
Austrália	—	10.000.000
Outros países reunidos .	525.000	34.430.000
Produção mundial . .	65.680.250	1.143.380.000
OS TRÊS GRANDES		
PRODUTORES . .	52.810.324	932.290.000

“Traçam êstes algarismos as linhas gerais da geografia industrial do ferro e do carvão”.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos da América e na Alemanha, a natureza reuniu as condições de um ab

soluto prédomínio industrial do ferro e, consequentemente, das outras indústrias suas correlatas.

Este predomínio supremo na época em que o combustível mineral reinava e a energia motriz única utilizável, ECONOMICAMENTE, provinha do carvão fósil é relativo agora, quando a eletricidade desempenha um papel formidável no desenvolvimento industrial do mundo.

Si, mesmo com o auxílio da eletricidade, não tiver o Brasil combustível para empreender em linhas modernas, uma grande indústria siderúrgica, o que temos e devemos fazer é importá-lo, — seguindo o exemplo dos países ricos de minérios e pobres de combustível mineral.

Importemos o combustível que precisamos e ergamos no país a siderurgia, ou a grande metalurgia, — mesmo subvencionando-as, protegendo-as, intensificando-as, técnica, econômica e eficientemente.

Ha mais de um século que o govêrno do Brasil tem a preocupação ou finge tê-la, de estudar o problema do carvão nacional e ainda não o resolveu em benefício da nacionalidade.

Todo o nosso atrazo geral, — consequência do nosso atrazo industrial, — explica-se, em parte, pela ausência de hulha, — *econômicamente explorável*, facilmente transportável para as proximidades dos minérios de ferro, em nosso território e, pelas razões de nossa própria evolução política, social e cultural.

Houvesse ambiente propício, fator principal que sempre nos faltou, houvesse bom carvão de pedra, próximo ou economicamente transportável para as regiões de minérios, como existe na Alemanha, na Grã-Bretanha, na Bélgica, nos Estados Unidos da América e já teríamos no Brasil, — si os fatores políticos também não nos tivessem prejudicado, — uma indústria metalúrgica próspera e possante.

Que não são apenas os elementos minérios e combustíveis os motivos da industrialização de um país o sa-

bemos e, apesar de existir carvão e minério de ferro no norte da China, — e em outras regiões e nações coloniais, — êsses elementos de cuja fusão íntima resultou todo o progresso moderno, lá não são utilizados, e, mesmo nas regiões onde o inverno é rigoroso, os chins não utilizam o carvão mineral para aquecimento... Para êsse fim servem-se da lenha, como se servem da madeira, para todos os seus instrumentos de trabalho, só empregando o ferro em proporções mínimas, devido ao seu preço relativamente alto.

Assim, além dos fatores minérios e combustíveis, si um povo não possuir iniciativa, capacidade de organização, capitais, técnica e vontade de reagir em todo o terreno e por todos os meios para se tornar uma Potência industrial de primeira grandeza e, não tiver um conceito exato do papel que representam os combustíveis, as forças hidro-elétricas, a indústria fabril e os maquinismos e veículos autopropulsores na civilização moderna, não utilizará os elementos básicos da grande indústria metalúrgica em seu proveito.

Exemplificando como mesmo possuindo minérios e combustíveis, si um país viver tutelado por outro pode não lhe ser permitido incrementar o seu desenvolvimento industrial, além do exemplo clássico da Irlanda, temos o que se passa no México.

Possuidor de todos os elementos básicos para se tornar uma grande nação industrial e de intensa projeção no Universo, entretanto, graças ao ouro e á política compressora e imperialista dos Estados Unidos, os mexicanos vivem do regime agrário, explorando uma terra por processos rotineiros e bárbaros, — cuja área cultivável constitue apenas UM TÊRÇO do total do país, e a arrancar os combustíveis e minérios de seu sólo para OS VENDEREM aos povos industriais.

Várias causas tem-nos impedido emparelharmos, *recentemente*, em civilização material e em progresso com os Estados Unidos da América.

Atribuem-nas ao fato dos primeiros colonos norte-americanos provirem de uma estirpe melhor e mais culta, — sinão superior á dos que desbravaram o Brasil; — atribuem ao clima; — á proximidade geográfica, á religião; á educação popular amplamente difusa; á língua; aos hábitos dos primeiros colonizadores; isto é, vão buscar no fator homem, no fator terra, no fator geológico ou no fator político, geográfico ou social a justificativa da tese que pretendem defender.

Assim, enquanto alguns foram descobrir essas causas na psicologia das raças, outros atribuem-nas só ao fator político e ao clima ou á fertilidade do sólo e ás riquezas do sub-sólo.

Entretanto, é no conjunto e não só no fator político, terra, homem, clima ou num só fator e causa isoladamente, mas, em todos êsses fatores, *ponderáveis* mas *não insuperáveis*, que devemos ir procurar os motivos que nos tem impedido progredir tão rápidamente como outros povos, — notadamente os norte-americanos.

E' em nosso próprio evoluir histórico, dadas as condições econômicas, geográficas, geológicas, demográficas, sociais e políticas do Universo, que nos obrigaram a permanecer, longos anos como feitoria de exploração tropical, e que nos fazem permanecer ainda dominados pelos reis das finanças internacionais, aliados á falta de um ambiente menos rude e sáfaro para a nossa evolução econômica e industrial, que devemos ir buscar os motivos da grande distância em que nos coloca o atual confronto do progredir nacional com o dos Estados Unidos.

Seja qual fôr a causa, uma comparação entre o progresso a passo de gigante dos norte-americanos e o nosso andar a passos de cágado, não nos é muito honroso. Mal intencionados seríamos si deixássemos de reconhecer a tarefa árdua que os nossos antepassados suportaram para legar-nos essa vasta área que é o Brasil, unido sob um só govêrno, falando uma só língua, cul-

tuando as mesmas tradições, uma só bandeira e louvando os mesmos símbolos pátrios.

Cometeríamos um êrro si deixássemos de admirar a epopéia das bandeiras no desbravamento de nossa Terra; seríamos impatriotas si não venerássemos os nossos maiores pelo seu tino administrativo, objetivista, perspicaz e nacionalista que nos deu a nossa Pátria grande em área, para ser ainda maior no futuro. Rendamos homenagens aos nossos avoengos por terem feito de um punhado de homens componentes de três raças, — duas das menos civilizadas, uma Nação, como o somos hoje, de amplíssima base física e de brilhante futuro em perspectiva. Mas, não deixemos de censurar ás gerações que nos precederam por terem descuidado dos problemas máximos do Brasil: — do problema de sua industrialização, do problema da aquisição de eficiência ou da utilização das fôrças motrizes naturais ou dos combustíveis de nosso sub-sólo, ou melhor do nosso problema econômico, — e, conseqüentemente, do enriquecimento nacional.

Nação jovem, o Brasil progressista só tem a idade de um moço, ou seja a idade de seu sistema de govêrno Republicano ou, si o quizerem cento e poucos anos de independência política, — mesmo assim sem independência econômica total.

Tornamo-nos independentes, politicamente, quarenta e oito anos depois dos Estados Unidos da América terem se descartado da Inglaterra. Em matéria de crescimento de população si, não acompanhamos os Estados Unidos, superamos todos os outros países colonizados pouco antes ou depois do nosso: — África do Sul, Austrália, Canadá e Nova Zelândia.

Em 40 anos, — de 1820 a 1860, si a população dos Estados Unidos subira de 9.600.000 a 31.400.000 almas; — em 48 anos, — de 1872 a 1920, — o Brasil passou de 10.112.061 a 30.635.605 almas.

Si o café constituia, ainda em 1930, aproximadamente 65% das nossas exportações, o algodão também em 1860, perfazia 70% das exportações dos Estados Unidos.

Somos o segundo país do mundo na produção de tabaco e de cacáu e, nada nos impede de virmos ocupar a primazia.

Produzimos tanto arroz como a grande nação da América do Norte e, na indústria pecuária, com a só exceção do gado lanígero, temos o quarto e o quinto lugar entre todos os países do mundo.

O valor dos nossos produtos agrícolas, em 1925, atingiu a cinco milhões e o gado a dez milhões de contos.

Só na manufatura, na confecção de máquinas e de aparelhos elétricos e mecânicos, na siderurgia, no desenvolvimento de estaleiros e da indústria bélica e na fabricação de produtos químicos é que estamos em uma distante retaguarda dos Estados Unidos. Mesmo assim, na manufatura já vamos nos completando e, já produzimos 100% das necessidades do país em fósforos, em calçados, em conservas, em chapéus, em produtos lácteos e mobílias; 95% em fumo e produtos têxtis, — que veem em seguida ao café em valor; — 90% em vinhos; 85% em ferragens; 80% em sal, perfumes e vários artigos.

Si, para muitos países e, para o mundo em geral, a guerra européia foi de funestas consequências, ela serviu-nos, entretanto, para provar-nos que temos capacidade para nos emancipar da importação de grande número de artigos manufaturados que até ha pouco importavamos.

Impressionados com o poder dos combustíveis e das máquinas na civilização atual, — esforçam-se, de maneira digna de ser imitada, — os governos do Japão e da Itália, — numa ânsia infinita para utilização da potência elétrica de suas qudeas d'água e numa luta incessante para suprirem-se dos combustíveis necessários

a uma grande indústria de transformação que estão radicando dentro do país.

O esforço notável do Japão para se tornar uma grande nação industrial, — para se tornar “a Inglaterra do Oriente”, — expressa-se bem no seu empenho para dominar os mercados industriais do Universo, — principalmente a produção de manufaturados de tecidos do mundo, — para tornar a região de Osaca uma Lancashire no Oriente, — política essa que pode ser traduzida no seguinte confronto entre a produção textil do Japão e da Inglaterra:

A GUERRA ALGODOEIRA ANGLO-JAPONESA

Exportação em jardas quadradas

Ano	Inglaterra	Japão
1900	5.031.727.000
1913	7.075.252.000	412.000.000
1921	2.902.288.900	1.230.400.000
1929	3.866.000.000	1.418.000.000
1933	2.116.579.600	2.190.228.000

(Vide A Guerra Secreta Pelo Algodão — Anton Ziaska, Liv. Globo, Porto Alegre).

Entre 1914 e 1928 a produção japonesa de artigos de algodão subiu a 530% e a produção de artigos de lã de 730%, enquanto que a produção inglesa diminuiu sempre.

Em 1933, — pela primeira vez na História, a produção textil da Inglaterra passou para o segundo lugar, dando a primazia ao Japão.

O esforço italiano pela emancipação da Itália quanto aos combustíveis e matérias primas importadas, pelo aumento de seu poderío econômico, científico, militar, industrial e político, — digno de toda a atenção pelo

Brasil, — reflete-se bem nos algarismos representativos da utilização da energia elétrica na Península, na importância que assume as suas indústrias de construção naval, de construções aeronáuticas e eletro-mecânicas, cujo desenvolvimento gigantesco tornou-se patente na recente conquista da Etiópia, — empreendida com ousadia e tenacidade pelo governo de Roma.

Esse esforço italiano ainda é manifesto e conciente porque vivemos a época da máquina e a máquina se alimenta do combustível; — daí todas as iniciativas para o poderío industrial, para o predomínio econômico e militar, para a utilização das forças hidro-elétricas do país e para a posse das jazidas carboníferas e petrolíferas do Universo.

Para compreendermos, com segurança, para entender com clareza a espantosa e radical transformação da vida econômica universal com a utilização do carvão de pedra e do ferro, — durante o século XIX, — e atualmente com êsses impulsionados pelos motores térmicos a petróleo e seus sub-produtos e pela energia hidro elétrica, — é preciso que se afirme que “a substituição do combustível *vegetal* pelo *mineral* na metalurgia do ferro, e a transformação do *instrumento* manual de ferro em maquinismos multiplicadores do esforço, da produção e da perícia humana, — foram os dois fatos que caracterizaram a grande revolução *econômica* universal do século XIX, — revolução iniciada na Inglaterra, e por essa nação propagada em todo o mundo.

Ao seu lado, *a revolução francesa torna-se faio secundário*; — por terem sido contemporâneas, — muita vez, ao crítico descuidoso passam por efeito da revolução política o que, na realidade, são da *econômica*.”

Tal era a concentração industrial que se operava no mundo, nas ilhas britânicas, no vale do Rêno e ao sul dos grandes Lagos Norte-Americanos, — consequente ao desenvolvimento da civilização em tórno das huleiras e pontos de utilização dos minérios de ferro que,

— apenas os três países detentores das regiões carboníferas dominavam insofismavelmente a produção de ferro, de aço, de carvão e, conseqüente de máquinas no mundo, expressas nas seguintes cifras.

Em 1900, era a seguinte a produção mundial:

Países	Ferro Guza	Hulha
Estados Unidos	34,45%	36,18%
Inglaterra	22,15%	33,60%
Alemanha	20,35%	16,40%
Rússia	6,95%	2,35%
França	6,60%	5,00%
Áustria	3,27%	1,81%
Bélgica	2,46%	3,54%
Suécia	1,37%	Nada
Espanha	0,71%	0,37%
Canadá	0,21%	0,72%
Itália	0,05%	sem valor
Outros países reunidos . . .	1,52%	ignorada

Nenhum sofisma poderia ser possível diante de tais algarismos para encobrir o poder dos combustíveis, — DOS AGENTES MOTRIZES e do ferro na civilização universal, — na civilização do Ocidente e no poderio nacional.

Em resumo, poderíamos sintetizar, — pela produção de ferro e hulha, então, os três maiores impérios do mundo.

Estados Unidos, Inglaterra e		
Alemanha	76,95%	86,18%
Todos os outros países . . .	23,05%	13,82%

Êsses algarismos evidenciam que predominavam na indústria do ferro os países que predominavam na indústria carbonífera e, conseqüentemente êsse predomí-

nio se estendia a todas as indústrias correlatas dessas duas atividades básicas.

Todas as outras nações que se mantinham então em plana secundária no mundo assim eram obrigadas a ficar pela carência de meios de adquirirem força, de aquisição dos agentes do poder: — o ferro, o carvão e as máquinas.

Mas, a época do carvão de pedra que tanto preocupou os alemães, — que no expressar de Bismark, “êste (o carvão) aliado ao ferro constituia um dos polos em tórno do qual girava o mundo”, — a época do carvão fóssil que movia a diplomacia internacional a ponto de fazê-lo precipitar a guerra de 1870 e contribuir decididamente, ainda em 1918, na elaboração do tratado de Versalhes, — todo êle manipulado de acôrdo com as pretensões francesas ás bacias carboníferas do Ruhr e as minas da Silésia e do Sarre, — afim de desorganizar a vida industrial alemã e abater o prestígio militar, industrial, econômico e político do Reich; — essa época vem passando, como também passará o poderio inglês, conseqüente o cair do prestígio do combustível que move a sua grande máquina industrial.

A éra dos veleiros e galeões cedeu lugar á época do navio a vapor e do transatlântico com o conseqüente desmoronar do poderio náutico de Castela e de Portugal, — todo êle baseado outróra nos galeões famosos que velejando pelo “mar tenebroso” desbravaram o mundo. A prioridade inglesa na utilização das forças da expansão do vapor e da aplicação do carvão de pedra na grande indústria dera-lhe monopólios, riquezas e poderios tais, que para lá se transferira o centro econômico do mundo moderno e fazendo girar em tórno á sua, as histórias econômicas de todos os outros países, — após a éra dos descobrimentos do início da idade moderna.

O *pan-britanismo*, acentuou-se, porém, com a predominância dos ingleses no comércio marítimo, na con-

quista das Índias Orientais; e, no fim do século XVIII, a Inglaterra aparecia, no Oriente, como a nação líder do mundo Ocidental.

O século XIX, — século do carvão e do ferro, — foi o século da Inglaterra.

Como o veleiro fôra suplantado pelo barco a vapor, assim também o chamado século do carvão vai, pouco a pouco, se obscurecendo diante do poderio do novo monarca que surgia: — Sua Majestade, o Petróleo!...

Hoje o petróleo tornou-se a base do poder, ao lado ou em substituição ao carvão de pedra. As citações que seguem, enunciadas por Monteiro Lobato, em “O Escândalo do Petróleo”, salientam a sua importância, bem como a dos agentes motrizes, para o Brasil e para o Mundo.

“Ele (petróleo) é a alma da indústria moderna, é o segredo da riqueza dos grandes países, é a eficiência do poder militar; é a soberania, é a dominação.

“*Qui aurá le petrol aurá l'Empire*”, disse Henry Berenger em nota diplomática, que, em 1928, endereçou a Clemenceau, nas vésperas da conferência franco-britânica sobre o futuro do mundo.

A posse do petróleo, ou o comando da força motriz que êle exprime, ao lado do seu poder térmico, traduz: o “império dos mares, por meio dos petróleos pesados; o império dos céus por meio das essências leves; o império dos continentes por meio da gasolina; e, o império do mundo, por meio do poder financeiro dêsse produto mais precioso, mais envolvente e mais dominador do planeta que é o próprio ouro”.

Na “Luta Mundial Pelo Petróleo”, La Tramerue comenta assim as palavras de Berenger: — “Povo possuidor dêsse precioso combustível verá os milhões possuídos pelo resto do mundo afluírem para os seus cofres. Os navios das outras nações não poderão circular sem recorrer aos seus depósitos de petróleo.

Esse país que crie uma frota possante e ei-lo senhor dos mares.

Ora, o povo que domina nos mares arrecada taxas do resto do mundo, indústrias novas se desenvolvem em tórno dos seus portos. Seus bancos se tornam os órgãos dos pagamentos internacionais. Rapidamente o mercado regulador do credito se desloca. Foi o que sucedeu no século dezoito quando o desenvolvimento da marinha inglesa deslocou de Amsterdam para Londres o eixo da hegemonia financeira.

Com o surto do petróleo, e com o desenvolvimento das fontes hidro-elétricas do mundo, os homens de estado britânicos inquietaram-se; — o eixo começava a deslocar-se para outros pontos, — notadamente para Nova York.

Daí a *luta tremenda* aentre a Inglaterra e os Estados Unidos *para a posse de reservas* do precioso óleo.

Elliot Abbes, também assim se referiu ao Petróleo:

“O país que dominar pelo petróleo dominará também o comércio do mundo. Exércitos, marinhas, dinheiro e mesmo populações inteiras de nada valerão diante da falta de petróleo”.

A grande guerra provou essa afirmação!... Incontestavelmente, a base fundamental da vida industrial moderna, do poderio nacional, repousa no combustível!

Mas, repitamos, O GRANDE COMBUSTÍVEL JA' FOI A HULHA. Hoje é o petróleo, AMANHÃ SERA' A HULHA BRANCA!...

Apesar de todas as vantagens do petróleo sôbre o carvão fóssil, apesar de todo o seu poder e do potencial petrolífero do Brasil ainda não explorado, — fôrça é convir, que a época do petróleo passará, — como passou a época do carvão e, daí o interesse de todos os grandes povos em ir em busca de outras fontes de energia que garantam o seu futuro industrial.

A luta pelo petróleo, — luta que tanto sangue derramou no México, que vitimou milhares de indivíduos

nos pantanais do Chaco Paraguáio, que ameaçou scio-
nar a Venezuela, que motivou grandes catástrofes na
Rússia, — continuará e, mais cêdo do que pensamos,
também chegará á nossa Terra. . .

Ainda bem que, temos as lições do passado e, si
não as aproveitarmos, não será por falta de advertên-
cias e de apêlos aos responsáveis pelos destinos do Bra-
sil.

A luta pela conquista das matérias primas, dos
produtos extrativos tropicais, indispensáveis á grande
indústria moderna, também já ha muito fôra iniciada
e, quando dois ou mais imperialismos se embatem, em
luta de vida ou de morte, — para a conquista das ma-
térias primas e jazidas minerais essenciaes ao seu po-
derio militar e á prosperidade de sua indústria de má-
quinofaturas, — causa pasmo a quietude e despreparc
militar, econômico e industrial em que vive o Brasil!..

Na luta pelo domínio da borracha, — os ingleses
nos deslocaram a ponto de reduzir a então opulenta e
progressiva Amazônia á miséria em que se encontra.

Os fatos seguintes, resumidamente, expressam êsse
drama, cujos atores desempenharam o papel nos basti-
dores da Inglaterra, — nos corredores dos bancos de
Londres que se estendeu até o Brasil e, nos salões do
“Foreign Office”, em Downing Street.

A evolução da indústria extrativa da borracha no
Brasil oferece-nos, ao par da persistência e ousadia co-
lonizadora de nossas populações, — ensinamentos eco-
nômicos valiosissimos.

“A Amazônia foi, até 1877, tão escassamente po-
voada que a receita da província pouco superava uma
centena de contos de réis.

A sêca que flagelou naquêle ano o Ceará impeliu
a imigração para o Amazonas e, cinco mil cearenses, —
logo seguidos de outras levas de trabalhadores, se loca-
lisaram nos “seringais” ao longo do rio mar e seus
afluentes. Empregaram-se na exportação da “hevéa”,

— a borracha nativa, cujo preço subiu com o aumento da exportação, em consequência das inúmeras aplicações industriais que ia tendo o produto, — sobretudo nos Estados Unidos.

Em breve prazo não havia melhor negócio no País que a extração da borracha do Amazonas.

Em 1889 a receita provincial já se elevava a 3 mil contos.

Manáus, a capital, seria cinco anos depois, uma das mais alegres, florescentes e modernas cidades do Brasil, — dotada de todos os recursos de progresso, — apesar de tão internada no coração do Continente.

A produção da borracha de 6.591 toneladas, ao preço médio de 1\$330 por quilo, em 1870; subira para 8.679 toneladas ao preço de 2\$400, em 1880; e em 1890 para 16.334, a 3\$000.

Em 1900 a exportação seria de 26.750 toneladas, e em 1910 de 38.150, aos preços de 7\$000 e 11\$000!...

O que foi para o Brasil essa intensiva exploração dizem as estatísticas, pois, entre 1901 e 1912, para 2 milhões e 282 mil contos de café, VENDEMOS BORRACHA NA IMPORTÂNCIA DE 2 MILHÕES E 736 MIL CONTOS!...

(História da Civilização Brasileira”, Pedro Calmon).

O melhor estudo econômico estatístico, em nosso idioma, sobre “A Borracha”, fôra feito em 1927, pelo Dr. J. C. de Macedo Soares que, em seu livro, nos diz:

“Ha vinte anos quasi toda a safra mundial de borracha provinha de árvores nativas das florestas da América, Ásia e África.

Dessa data em diante as plantações de “hevêas” do Oriente estenderam-se de tal forma, que os centros produtores se deslocaram principalmente da América para a Ásia.

Em 1892, o Brasil concorreu com 61% da produção mundial; — em 1910, ainda produziamos 50%;

mas, em 1930, só as colónias inglesas e holandesas forneceram cerca de 93% da produção total.

Em 1910 a borracha nativa produziu 62.000 toneladas e a de cultura oito vezes menos, isto é, 8.000 toneladas.

Em 1920, — dez anos depois, a produção de borracha cultivada atingia a 360.000 toneladas, — enquanto que a *borracha silvestre* era representada no total do mundo por produção *oito vezes menor*.

A PROPORÇÃO EM DEZ ANOS FICOU EXATAMENTE INVERTIDA.

Em 1915, Belém do Pará e Manáus eram os grandes mercados exportadores de borracha, mas presentemente os grandes mercados exportadores são Singapura, Colombo e Batávia.

Em cerca de 10 anos, devido a constância, tenacidade, recursos e sagacidade dos ingleses e holandeses, operou-se “a mais surpreendente evolução na produção vegetal conhecida na história econômica do mundo.

Em 1900 a borracha consumida no mundo provinha de árvores silvestres; hoje, depois das enormes plantações de “hevêas” feita pelos ingleses e holandeses em suas colónias do Oriente, *mais de nove décimos* da produção mundial provém de árvores plantadas”.

Esta evolução está perfeitamente acentuada na estatística seguinte:

BORRACHA SILVESTRE

1910 . . .	88,2%	da produção total
1923 . . .	8,4%	” ” ”

BORRACHA DE PLANTAÇÃO

1910 . . .	11,8%	da produção mundial
1923 . . .	91,6%	” ” ”

Para nós o caso da borracha deve servir de ensinamento do fenômeno moderno da produção e mesmo da capacidade de um povo.

Foi o grande capital acumulado na Inglaterra e na Holanda que, cientificamente aplicado, nos prejudicou a ponto de reduzir á miséria a então próspera região Amazônica.

Para o nosso país não precisamos encarecer a importância do problema da borracha.

Corrigindo os nossos erros do passado, como o de nunca termos dado organização técnica, financeira e científica a produção nacional da borracha, lembremos que ela poderá ser ainda uma fonte de riqueza para o nosso país, maior do que é o café.

Assim, em 1925, — do total produzido no mundo: — 515.947 toneladas, o Brasil só concorreu com a cifra de 27.386 toneladas, que renderam réis 91.803:000\$000, quando o total mundial nessa mesma base renderia réis 3.631.629:000\$000.

Si bem que longe de nós a idéia, quasi utópica de ainda virmos a monopolisar a produção mundial de borracha, lembremo-nos que, metade da soma paga pela borracha produzida no mundo podia ser carreada para o nosso país, — vindo a ser maior ou igual a que recebemos com a venda para o exterior de nosso café.

Assim, enquanto em 1930, o total da venda para o exterior de nosso "ouro verde" rendeu, aproximadamente, 1.820.000:000\$000, 50% que tivéssemos compartilhado dos fornecimentos de borracha ao mundo teriam nos trazido soma igual ou superior a essa e não apenas os 91.803:000\$000 referidos.

De caída em caída, em 1931, a exportação brasileira de borracha não atingiu a 16.703 contos!...

Para o nosso consôlo, já que os fatores acima positivam a afirmação de que não somos um país agrícola, nem industrial e nem pastoril e, apenas um país de completa desorganização, — saqueador dos frutos extrati-

vos do seu sólo; — consolemo-nos em saber que o Brasil possui uma das mais vastas regiões do Globo, o habitáculo da seringueira e, que a restauração dessa riqueza, que terá influência decisiva em nossa balança comercial e em nosso poderio e prestígio internacional é, relativamente, fácil, desde que, aproveitemos a lição dos ingleses e holandeses e façamos um juramento de não nos acourçarmos nos processos mais retroçados de exploração da borracha que nos valeu a perda desse mercado.

A história da borracha encerra uma série de ensinamentos para o Brasil que ainda não nos apercebemos, — não obstante as lágrimas e os sofrimentos já experimentados por muitos brasileiros ainda vivos...

Hoje, o imperialismo japonês e norte-americano se defrontam em plena selva amazônica, — cujas consequências, jamais poderemos prevêr.

Mas, neste transe de nossa vida, como povo independente, como agregado humano em evolução, outros e mais graves problemas ainda vieram se sobrepôr á cabeça dos brasileiros. Surgiu mais o problema do manganês e o problema do algodão.

O Reino Unido monopolisava esta indústria até 1914, tendo chegado a possuir 2/3 (dois têrços) dos fuzos do Universo e, só a cidade de Manchester, contava com a metade dos fuzos ingleses.

Para a Inglaterra, ou melhor, para Manchester e para a Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, regiões até então privilegiadas para a indústria algodoeira, se exportava a matéria prima e de lá o mundo importava o produto acabado. Ia o algodão do Egito, da Índia, da China e do Brasil para as regiões industriais e de lá voltava beneficiado.

Por muito tempo pareceu ser natural êsse monopólio de certos povos a certas indústrias, — o que justificavam, ora com pseudo aptidões raciais, condições climáticas, facilidades técnicas, comerciais, financeiras,

posição geográfica, centralização de vias de comunicações e uma série de outras razões, quando não invenções que ocultavam os motivos reais: — a luta comercial, o imperialismo econômico, a proteção industrial, tudo tendente a manter o domínio dos povos industriais sobre os povos agrícolas.

A guerra mundial de 1914 veio destruir êsses sofismas e deslocar o prestígio industrial das regiões onde artificialmente florescia a indústria fabril, — localizando-as próximas às matérias primas ou para onde o nacionalismo econômico surgido *post guerra* as encaminhou.

Diante desses fatos é lastimável que, não obstante tantas catástrofes já ocorridas e poder a humanidade ter aprendido no livro da experiência vivida, não aprendermos e não aprenderem que a criação de indústrias *totalmente artificiais* para uma nação constitue serio perigo para o futuro.

Ainda agora, não obstante o drama inglês consequente ao fechamento de mais de 50% das fábricas de tecidos da Inglaterra, uma vez que essa indústria tornou-se artificial nas ilhas britânicas, — vemos o Japão repetir o erro em que incidiram os ingleses, — criando uma indústria de transformação que manipula a matéria prima importada e que precisa ser vendida no exterior, já que o mercado interno não tem capacidade suficiente para a consumir, — fazendo surgir nos arredores de Osaca e Kobé, uma segunda Manchester, mas que terá duração mais efêmera em prestígio industrial textil do que a Manchester inglesa.

Aprendâmos as lições da história e procuremos solucionar os nossos problemas econômicos com objetivismo, visão e previsão afim de não incidirmos em erros que podem ser evitados.

O problema algodoeiro no Brasil, — si bem que surgido mesmo com intensidade em nossa Pátria, em

épocas passadas, — jamais teve para nós o significado do momento presente.

Até 1930, os Estados Unidos, o nosso melhor cliente, o nosso maior comprador, de café, o país que tem toda a sua história escrita ao sabor das suas necessidades econômicas, — o país que evoluiu das treze pequenas colônias bordejando o Atlântico até á sua grandiosidade atual movido pela defesa e expansão de suas produções, tinha o monopólio virtual da produção de algodão no mundo e colheu, em 1931-1932, 17.096.000 fardos de algodão de 500 libras, quando todos os outros países reunidos colheram 10.769.000 fardos e, também nessa época, juntamente com outros produtores, começamos a fazer-lhes concorrência, a ponto de reduzir a sua exportação que era ainda de 62% do total mundial em 1926 a 49%, em 1934, — ou seja um decréscimo de 13% nesse curto espaço de tempo.

Está claro, conforme já acontecera com o café e com a borracha, durante a vigência do plano de valorização Stevenson, quando era presidente dos Estados Unidos o Snr. Herbert Hoover, que os norte-americanos não assistirão impassíveis o decréscimo de sua produção algodoeira, — maximé quando êsse decréscimo tem causas profundas na política de valorização do algodão seguida pelo govêrno de Washington e, — podemos esperar a sua "ofensiva" no sentido de readquirir o mercado perdido. Quando esta falhar, teremos a pressão norte-americana noutros sectores de nossa actividade, seja directamente, seja tributando o nosso café, seja nos atrofiando economicamente, ou por outros meios que o momento ditar...

Para que não se diga que êsses temores são vãos, — ou no expressar de Euclides da Cunha, — que êles são o reflexo de nossa própria fraqueza transitória, — que êles são a prova flagrante de que o Brasil ainda não conseguiu harmonia interna, — lembrarei que pressões idênticas ou mais brandas, — deram por terra com o

plano de implantação de vez da indústria siderúrgica no Brasil, em 1924.



Para mostrarmos como contrastam as opiniões dos técnicos e dos representantes do imperialismo que nos subjuga citaremos o seguinte fato:

Em artigo transcrito do "The Pure Iron Age", de Chicago, e publicado no "The Literary Digest", de junho de 1923, o Dr. O. C. Farrington, do Departamento geológico do Museu da Universidade de Colúmbia, em Nova York, — que visitou demoradamente as jazidas minerais no trecho compreendido entre Itabira e Conceição do Serro, em Minas Gerais, — após comentar as dificuldades de suas viagens á cavalo, de descrever a região, os costumes dos habitantes, referiu-se aos métodos rotineiros utilizados nos fornos de ferro que aí encontrou. Depois de mencionar a *quantidade* e *qualidade* do minério existente e mostrar fotografias do pico de Cauê, — que se ergue á vista de Itabira de Mato Dentro, e indicar em mapa a região privilegiada do Globo em depósitos de minérios de ferro, termina o seu artigo com estas palavras que deveriam servir-nos de estímulo para melhor emprendermos o aproveitamento dos recursos naturais do nosso país.

"Os rios do Brasil, são tão belos quanto numerosos.

Quando o fôrno elétrico se tornar uma realidade no campo econômico e comercial, o Brasil poderá *fácilmente tornar-se* o maior produtor de ferro e aço do mundo. (Está aí a razão porque todas as nossas quedas d'água e fontes de produção de energia elétrica, *precisam, devem e teem passado* para as mãos estrangeiras)...

Porém, a situação atual é que o Brasil importa grande quantidade de ferro em bruto e laminado, — de outros países, — para fins puramente comerciais e

industriais e os utiliza no litoral e nas regiões mais densamente povoadas.

Importa ferro em tamanhos comerciais, manufaturados a milhares de quilômetros distantes pelos processos mais modernos, enquanto no seu “terreiro”, está o maior “estoque” de minério de ferro de primeira qualidade e o melhor do mundo e, um só forno primitivo, semelhante ao que era usado na Europa ha duzentos anos, utiliza esse minério”.

Tem razão o Dr. Farrington. E' mesmo doloroso que ainda hoje, nas proximidades da zona dos minérios mais ricos e de maior quantidade existente no mundo, — no Brasil, — só exista um forno do tipo usado ha duzentos anos na Europa e, que nós brasileiros ainda estejamos importando ferro e aço dos países europeus e da América do Norte para fins puramente comerciais, — quando poderíamos produzi-lo, no seu expressar: — “em nosso próprio terreiro”.

Esta opinião desinteressada de um técnico estrangeiro do “país do aço” não é uma exceção sobre a nossa possibilidade industrial futura; — principalmente quando o forno elétrico se tornar uma realidade, — o que em parte já o é, — como poderoso auxiliar da grande siderurgia.

Mas, entretentes, convém salientarmos que a única tentativa séria que se levou a efeito no Brasil, para o estabelecimento da eletro-siderurgia fracassou por falta de energia elétrica para supri-la.

Entretanto, já os nossos “técnicos”, pessoas incapazes de ver a realidade brasileira no Brasil e para o Brasil, “previam” o fracasso da tentativa do estabelecimento da eletro-siderurgia no Brasil, pois a tanto assim opinou um dos “luminares” em 1926:

“Já temos dois altos fornos elétricos instalados no Brasil.

Em Ribeirão Preto, por iniciativa admirável de um ilustre engenheiro patricio, Flávio Uchôa, uma usi-

na siderúrgica, do mais moderno tipo, movimentada e aquecida por electricidade, montou-se ha pouco tempo.

Assistimos, pessoalmente, ha 3 anos, o lançamento da primeira pedra, dos seus alicerces; também assistimos o ascendimento de um dos seus altos fornos eléctricos; mas não voltamos a Ribeirão Preto depois que, **POR FALTA DE FÔRÇA ELÉTRICA, APAGOU-SE O ÚNICO ALTO FÔRNO QUE CHEGOU A funcionar no Brasil.**

Ninguém, no Brasil, que se interesse pela questão siderúrgica, deve perder de vista o resultado da decisiva experiência industrial que se procede na empresa do Dr. Flávio Uchôa.

Toda a simpatia, todo o auxílio, todo o favor que depender do governo, do federal ou do estadual, é dever de civismo não o regatear á tentativa económica de Ribeirão Preto”.

Depois dessa referência, o autor do relatório favorável á concessão “*Itabira iron*”, diz á página 157 do seu livro: “O Nosso Problema Siderúrgico”:

... Voltemos, novamente, a falar do alto forno eléctrico.

Havíamos dito que a experiência de Ribeirão Preto, digna de todo o amparo dos governos, não tivera promissor resultado na primeira campanha do alto forno eléctrico. Tem *faltado energia ao gigantesco aparelho que lá se instalou.*

Acompanhe o Governo o resultado dessa formidável experiência, não abandonando aos seus próprios esforços os destemidos iniciadores dêsse tantamen industrial da maior significação para o nosso país.

Fala-se ainda hoje de fazer uma instalação no vale do Rio Dôce, onde ha minério, ha florestas e quedas d’água.

NENHUM PASSO DEVER-SE-IA DAR NESTA DIREÇÃO antes de um estudo completo da curiosissima experiência de Ribeirão Preto.

Dessa monumental instalação eletro-siderúrgica é que hade vir a orientação esclarecedora para a solução do nosso problema”.

Antes de entrarmos em pormenores a respeito da grande usina de Ribeirão Preto, falemos das esperanças com que nos temos embalado, ha mais de trinta anos, a respeito da eletro-siderurgia no Brasil.

O mundo moderno, ao entrar no segundo quartel do século XX, repousa inteiramente no alto forno, com carvão de pedra, para o abastecimento de ferro.

A ELETRICIDADE, EM MATÉRIA DA GRANDE SIDERURGIA, PARA FABRICAÇÃO DE FERRO GUZA, TEM SIDO APENAS *UMA ESPERANÇA*. — Nada mais”. (os grifos são nossos).

Ao lermos essas afirmativas, veem-nos á mente as palavras do Dr. Betin Pais Leme, isto é, que não obstante algumas leis, decretos e favores que mal encobrem um interesse disfarçado, fingido ou platônico pelo nosso magno problema, — o da siderurgia, — **NADA MAIS** de positivo e real se fez e se faz para resolver definitivamente o problema siderúrgico nacional.

Sobre o mesmo assunto, poderíamos lembrar Calógeras, que invocava o julgamento severo da história para aquêles que tendo podido resolver êsse magno problema não o ousaram encarar com a importância devida.

No caso do fracasso da eletro-metalurgia de Ribeirão Preto, seria mais do que oportuno que se investigassem a razão porque O ÚNICO FÔRNO ELÉTRICO que chegou a funcionar no Brasil apagou-se POR FALTA DE FÔRÇA ELÉTRICA, — enquanto na Itália, na Suécia, no Canadá e no Japão êles continuam em experiência!...

Tenho certeza de que, si algum dia for contada a história dos “motivos” que determinaram o fechamento da usina eletro-metalúrgica de Ribeirão Preto, os antecedentes á compra da Empresa Fôrça e Luz de Ribeirão Preto pelo “trust” elétrico norte-americano, mui-

ta coisa seria esclarecida e ficarão patentes quais os verdadeiros heróis; — os que relutaram em vender a Pátria ao alienígena, bem como os autênticos tartufos do Brasil, — ao lado da certeza absoluta de que, o nosso país ainda é uma vasta colônia com fôros de independência e que, os interesses de nossa siderurgia, — NO MOMENTO, — acorde as previdentes palavras de Alberto Torres, constituem gravíssimos problemas que teremos que enfrentar, porquanto, o nosso desenvolvimento siderúrgico, atual, sómente serviria, — nos moldes em que vai sendo resolvido, — para perpetuar a ação nefasta da finança estrangeira em nossa terra.

Mas, enquanto esperamos que o desenvolvimento de nossa indústria pesada seja uma realidade, — mesmo importando combustíveis, precisamos cuidar de estimular e implantar a grande siderurgia no Brasil, — a indústria do ferro em largas proporções, — a qual é a base de todas as outras e que, lógica é economicamente, deve preceder a qualquer outra indústria máquinofatureira que aqui implantarmos.

Para mostrarmos o interesse que tem os povos industriais que permaneçamos um país “essencialmente agrícola”, — lembraremos que, em 1924, quando o Governo de Minas Gerais, em conjunto com a União, ocupava-se sériamente em desenvolver a siderurgia no Estado, — bastou que isto fosse levado a *possível realidade* para que, em 24 de fevereiro de 1924, o “The Pittsburgh Gazette”, — importante diário da cidade norte-americana do aço, — periódico que nunca se lembrava do Brasil, — em suas colunas, publicasse um tópico afirmando que projetava a iniciativa oficial desenvolver a indústria siderúrgica no Brasil, mas, que isto não era motivo para preocupar aos fornecedores de aço Pittsburguenhos, — pois, que eles não precisavam temer concorrência sinão daí a muitos anos, — no CASO DE UMA REALIZAÇÃO POSITIVA.

Eis, devidamente traduzido, o comentário a que nos referimos:

“O BRASIL PROJETA FABRICAR AÇO”

A adoção do parecer da “Comissão Siderúrgica Brasileira”, concernente ao desenvolvimento da indústria siderúrgica no Brasil, pelo poder Legislativo Federal, marca uma nova éra na exploração da tremenda riqueza natural do país.

O Governo Brasileiro se obrigou a adiantar 80% do capital necessário ao desenvolvimento de vários projetos e tem o seu interesse e fiscalização sôbre as empresas até que 80% do capital adiantado seja amortizado pela companhia ou empresa operando.

Durante o período em que o Governo mantém o seu capital assim empregado, o CAPITAL ESTRANGEIRO não pode entrar em nenhum dos projetos sob a supervisão do Governo.

Logo que o Governo seja embolsado pelo seu empréstimo, as empresas de aço poderão vender as ações ao estrangeiro e *procurar* obter capital no exterior.

TRÊS USINAS PROJETADAS

O projeto atual consta da construção de três usinas, duas no estado de Minas Gerais, — onde os mais ricos depósitos de minérios de ferro do mundo se encontram, e a terceira no estado do Sul, — em Santa Catarina, — próxima ás minas de carvão.

O Brasil utiliza, aproximadamente, 400.000 toneladas de aço por ano e, com o petróleo, — si pudesse *dispensar a importação desses materiais*, poderia eliminar a remessa de muito ouro para os *países de maior desenvolvimento industrial*.

A economia que o Brasil realizará manufaturando o seu próprio aço será considerável, — mas, “*aqui*, OS

FORNECEDORES DE AÇO AO ESTRANGEIRO NÃO ANTECIPAM CONCORRÊNCIA SÉRIA POR MUITOS ANOS AINDA"...

Devéras, apesar do projeto, tantos anos após essa "profecia", ainda não fabricamos ferro e aço em quantidades que, ao menos satisfaçam o nosso mercado interno. Entrementes, é oportuno lembrarmos que a Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira, depois de melhorar as suas instalações em Sabará, dirige-se para o vale do Rio Dôce e, vai "ampliar" as suas instalações para produzir ferro e aço, essa mesma atividade que os "peritos" ingleses *aconselharam* em relatório já famoso que o Govêrno do Brasil não devia dar o seu apôio...

Ainda, lembraremos que foi combatendo o projeto de amparo real da indústria siderúrgica no Brasil ou aconselhando (sinão impondo?) que os projetos do Govêrno Mineiro e da Comissão Siderúrgica Nacional fossem postos á margem e, mesmo *pedindo* a proibição de garantia de empréstimos estadoais que fossem tentados com o fim de desenvolvimento da siderurgia nacional, que terminou o relatório da "Missão Montagu", — que em má hora fôra "convidada" para vir dar o balanço na vida nacional pelo ex-presidente Bernardes.

Razão de sobra existe para que os ingleses como todos os demais grandes povos industriais e imperialistas procurem nos convencer em não nos tornarmos um país de indústrias florescentes no campo máquinofatureiro, para o que alegam uma série de fantasias, de doutrinas já decadentes e de dogmas pseudo econômicos e científicos creados, acalentados e divulgados por se enquadrarem dentro dos limites de seus interesses políticos e econômicos.

Povos estudiosos e sagazes, sabem melhor do que nós que os centros industriais do mundo estão se deslocando e se deslocarão para os centros de consumo, para as proximidades da matéria prima, para os sopés

das fontes perenes de energia e para onde a mão de obra é abundante.

Eles estão perfeitamente ao par de que êsses deslocamentos lhes trazem sérios prejuizos econômicos e diminuição do poder político.

Sabem mais, que o comércio atualmente no mundo não é sinão um saque dos países industriais contra os países agrários e, que o produtor das nações agrícolas, no expressar de um grande economista rumeno, — *troca o trabalho de quinze dias de seu labor pelo trabalho de um único dia do produtor de uma nação industrial.*

Daí a inquietude dos povos industriais pelo nosso desenvolvimento industrial, — sintetizado no seu máximo expoente que é a siderurgia e, daí o procurarem comprimi-lo, notadamente impedindo a plena expansão da utilização pelos “naturais” das fontes de energia que a terra brasileira é fértil em conter.

Em face da luta travada no mundo pela conquista das matérias primas, do carvão, do algodão, da borracha, do petróleo, das quedas d’água, — o Brasil, pela amplitude de sua área, pelo bloco político coêso que é, — ocupando metade de um Continente, — é um dos países mais bem dotados não só para resistir a todos os imperialismos que porfiam a conquista e divisão do mundo, sinão politicamente, pelo menos em “esferas de influência”, — como também para aproveitar êsses embates em seu próprio benefício.

Nós brasileiros, precisamos encarar sériamente êsses magnos problemas, preparando-nos para essas lutas, concientes de que, ainda que readquirámos o nosso passado prestígio no algodão, na borracha, e, mesmo que venhamos a figurar em lugar de relêvo na exploração mundial de petróleo, — êsse sangue da terra também constitúe posse precária, — êle se evaporará um dia e, preparemo-nos pois, para utilizarmos as nossas fontes PERENES de energia; — as quedas d’água, —

os desníveis constantes de nossos rios, — dádivas generosas á terra brasileira pela mãe natureza.

E' oportuno mencionarmos que, nesse particular, como em várias outras atividades nacionais, — nós vamos permanecendo á margem dos embates que nos sacodem. Assim, enquanto os norte-americanos escrevem uma nova página de sua história na conquista de um "império elétrico na América Latina", — conquista esta cheia de drama, de enrêdo e de arrôjo, nós assistimos a ocupação de nosso território por fôrças adversárias e não reagimos! . . .

Já uma só companhia de Nova York é proprietária de metade dos telefones instalados na América Latina e, quiçá de 95% dos telefones instalados no Brasil! . . .

Outra companhia possúe e administra por intermédio de suas "SUBSIDIÁRIAS" mais da metade de todas as fontes de energia elétrica da América Ibérica e, mais de 90% da parte que toca ao Brasil.

Com o domínio das usinas elétricas vão os cabos submarinos, as linhas de transmissão e as estações rádio-transmissoras comerciais.

Quando meditamos sôbre o que se passa no Mundo e confrontamos a inércia brasiliana com a ação imperialista e dominadora de outros povos, recorre-nos a pergunta: — Quo-Vades Brasil?

Será que não queremos ver o que está sendo tramado contra nós, o que está nos impelindo para a escravidão, para o desprestígio, para a tutela econômica, para a estagnação, para o separatismo, para o desaparecimento da face da terra como nação independente?

OS METAIS E OS COMBUSTÍVEIS NAS CIVILIZAÇÕES PASSADAS E FUTURAS

“Ninguém que se tenha mesmo ligeiramente, ocupado com assuntos de história e sociologia, ignora a profunda e poderosa influência que os acidentes geológicos, — de grandes consequências industriais, — sempre tiveram na evolução das sociedades humanas”. — José Maria dos Santos.

Todas as civilizações teem tido necessidade de escravos!...

Dos gregos aos romanos, — dos turcos aos ingleses, — até que atingissemos a “ÉRA DOS COMBUSTÍVEIS”, — o período da transformação da expansão do vapor ou dos gases em agentes motrizes, — que substituem o esforço muscular, — até que chegássemos ao século XIX, — também chamado “século do vapor”, — todas as civilizações que floresceram, — seja nas margens do Nilo, no continente negro, — seja nas barrancas do Mississipi, — com os seu salvos algodoais, — apoiaram-se no suor da grande maioria de “escravos humanos”, que suportaram os grilhões para o esplendor das civilizações que vão passando.

E' do relato da história como eram precárias as condições de vida do povo antes do advento da máquina a vapor.

Devéras, pode-se mesmo asseverar, que as condições de existência do povo, mesmo em Londres, ainda em 1880, eram inferiores, em vários aspectos, á dos atenienses, 500 anos antes da éra Cristã.

Primeiramente, poudo o homem contar apenas com o esforço próprio e de seus semelhantes, — depois com o esforço dos animais que domesticou e com o esforço dos homens que escravizou, — bárbaros ou civilizados, — para suavizar o trabalho de alguns, para produzir e para progredir.

Da ação do homem para ampliar a produção, — dispondo sómente do esforço dos animais domésticos, dos rudimentos da utilização dos ventos e das rodas d'água, — levou-o a escravizar os seus semelhantes, — meio de ampliar a civilização e suavizar a vida de uma minoria, — que todo o mundo conheceu e nós o conhecemos até 1888.

Foi, sem dúvida, na ambição de aumentar o esforço energético a aplicar nas grandes plantações de algodão, — no Sul dos Estados Unidos da América, — que os anglo-americanos lançaram mão do elemento escravo, — indo ao Continente Negro, — em busca de mais “músculos”, de mais “máquinas humanas de trabalho”, — para ampliar a produção de seus algodoads e se enriquecerem.

Foi, ainda, antes do alvorecer da “éra dos combustíveis, das quedas d'água, da electricidade”, — que os Estados Unidos da América tiveram que lançar mão da “máquina humana” para realizar o seu assombroso progresso e fazer progredir o mundo.

Nós, também não podíamos fugir á regra geral da humanidade.

Pais de amplíssima área, dotado de clima propício á cultura e extração das matérias primas e produtos naturais, — tanto procurados, — ontem como hoje, pelos povos super-povoados do Oriente, — não possuindo, então, meios de aumentar a produtividade da nossa ter-

ra e do trabalho nacional, — tivemos que lançar mãos aos escravos, — como faziam e fizeram todos os povos em progresso.

Não fôra outros motivos, — sinão as imperiosas necessidades sociais e da economia nacional em função da economia universal, que a isto nos impeliram e nos obrigaram.

Tivéssemos já conhecimento da energia contida nos combustíveis e soubéssemos construir máquinas, — ou utilizarmos de meios mais eficazes para ampliar o esforço energético nacional e, — em vez dos “escravos humanos”, — cedo teríamos ido lançar mãos dos “modernos escravos”, — como fizera antes a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos e a França, substituindo o trabalho muscular pela força contida no carvão, no petróleo, na eletricidade e nas máquinas que iriam utilizar, transformar e regular a força que esses elementos contêm.

Toda a história universal, — si o relato de toda a evolução do Brasil não bastasse, — é prova flagrante, de como todas as nações, — antigas ou modernas, — em escala maior ou menor, — conforme a ambição e energia de seus filhos, — tem procurado aumentar o poderio, a sua civilização, a sua grandeza, — indo em busca de maior quantidade de “músculos” ou, modernamente, de maior quantidade de combustíveis, — de agentes motrizes e de máquinas!...

Assim fez Roma, — indo escravizar o mundo europeu. Assim fez a Grécia e fizeram os egípcios, e fizeram os chineses, cujas construções maravilhosas: os aquedutos dos romanos, os edifícios da Grécia, as pirâmides do Egito ou as muralhas da China, — provam-nos como escravizaram os homens para construção dos Impérios ou deleite e apuro de civilizações.

No Brasil, toda a nossa expansão, — de simples agregados humanos no litoral, — até atingirmos as fraldas dos Andes, o vale do Amazonas e as margens bar-

rentas do Prata, — fôra toda ela motivada e impelida em busca de escravos que as necessidades de ampliar-mos o esforço energético nacional exigiam.

Na carência de mão de obra quasi inexistente no Brasil de outróra, — os nossos avoengos lembraram e puzeram mãos á obra, no sentido de utilizar as “máquinas” autotones: — os índios do Brasil.

E, a “caça” dos homens pelo sertão, as bandeiras que se destinavam a prêar índios, a “converter” os infieis, tornou-se unia das fases mais empolgantes, — sinão das mais arrojadas e mais comoventes de nossa história e do nosso *avanço* para além do traçado de Tordesilhas.

Precisando de “músculos”, préamos índios. Como êsses extinguíram-se ou eram “agentes motrizes de baixo rendimento”, procurou-se outras “máquinas” de trabalho, outro meio de aumentar a produtividade e o conforto humano, que tivesse maior rendimento. E, o negro aclimatado já ao ambiente tropical, — forte e submisso, — “máquina” já escravizada em seu próprio habitáculo, era o agente que satisfazia ás necessidades prementes da época.

Não se teve por onde. Teve que ser escravo. Hoje, que se éstuda a história sem os sentimentalismos piégas que caracterizavam os nossos estudiosos até ha pouco, essas verdades vão aparecendo. Já não nos coramos mais em dizer que a escravidão, longe de ser uma mancha da civilização brasileira, — foi uma consequência do ambiente, dos antecedentes históricos e das necessidades sociais e universais que nos premiam.

E a marcha dos veleiros para as costas d'África inicia-se e avoluma-se para trazer ao Brasil não “homens” apenas, mas foram em busca do “esforço energético” para movimentar as plantações do algodão, para lavar o cascalho das *minas gerais*, para cultivar a cana de açúcar, o milho, a mandioca e o feijão nos trópicos! . . .

Como hoje importam-se *máquinas de ferro* que consomem carvão e petróleo, — outróra importou-se “escravos d’África” que consumiam alimentos extraídos da terra, para com êsses “escravos” se ampliar e aumentar a produtividade do sólo e melhorar as condições de vida para uma minoria esclarecida ou favorecida com os meios de domínio.

Como hoje, — em que as nações lutam entre si para o domínio das fontes de energia térmica ou hidráulica da terra, — para a posse das jazidas de carvão, de ferro, de petróleo, para a aquisição dos terrenos em que brotam o algodoeiro ou a seringueira ou para o domínio das fontes produtoras de energia hidro-elétrica, — fontes perenes de poderío e de fôrça motriz, — também outróra, a luta para o fornecimento de “máquinas de trabalho” de carne e osso, ás plantações e minerações das Américas, empolgou várias nações em séculos que não vão longe.

A Inglaterra, a Espanha, a Holanda, a França, os Estados Unidos e Portugal, — todos os grandes povos, cheios de arrôjo, de ambição e de fé, entraram nessa luta, nesse afan de fornecer, de vender “máquinas” d’África para o trabalho na América.

E, desnecessário seria dizer, que, tanto porfiavam nesse mister que, em 1701 a Inglaterra, — que mais porfiava em monopolizar êsse tráfico, — por ocasião da renovação do tratado do “Asiento” com a Espanha, — chegou mesmo a acender a guerra na Europa, obrigando Portugal a entrar nela contra a Espanha, afim de prejudicar o tráfico franco espanhol que não lhe permitia continuar de posse dêsse monopólio de suprir de “máquinas humanas” ao Novo Mundo, — tal qual faria hoje si alguma nação tentasse despojá-la de alguma de suas jazidas minerais ou diminuir a sua exportação de carvão ou de máquinas.

Foram e o são, pois, os agentes motrizes, — o carvão, o petróleo, o gaz, as quedaş d’água e a electricidade,

— os grandes beneméritos do mundo e, — os máximos propulsores do progresso atual da humanidade, os fautores da civilização de que nos orgulhamos possuir, — civilização esta, hoje, tão mais aperfeiçoada quanto menos escravos humanos utiliza.

Ainda que insistam alguns teóricos em glorificar êste ou aquele homem, esta ou aquela rainha, êste ou aquele parlamentar ou sociedade, atribuindo-lhes a abolição da escravidão no mundo, — ou, pelo menos, em parte dêste, — o fato que sobresai, é que foram os agentes motrizes naturais, foram os descobridores do poder contido nos combustíveis, no petróleo, no gaz, nas quedas d'água, nos ventos e na eletricidade os *maiores abolicionistas* que a humanidade jamais teve. Sem êsses, a escravidão continuaria, como continua, ainda, em regiões da terra em que os homens formigam, em que a terra é pobre de combustíveis naturais, em que a civilização continua a exigir o tributo humano para medrar, qual exigira em todos os tempos anteriores.

Estudando-se o problema da escravidão no Brasil, — com a calma e a isenção de ânimo que só o tempo e os conhecimentos científicos adquiridos sabem trazer aos juizes humanos, — seria necessário estabelecer com exatidão a função da mão de obra escrava na grandeza econômica do Brasil colônia ou império, — na necessidade que o país tinha de “braços”, — por não utilizar internamente as “máquinas mecânicas” e os combustíveis, — como faziam e fizeram outros povos em épocas idênticas, — notadamente os Estados Unidos da América, — para compreendermos que, — si fizemos a libertação dos nossos elementos escravizados sómente em 1888, — é que, realmente, — em face de nossas condições econômicas: — sociais, políticas e nacionais em função das necessidades universais, — não podíamos tê-la abolido em época anterior, ou mesmo contemporânea da de outros povos,

Em relação ao grave e doloroso problema da escravidão, — diz-nos José Maria dos Santos: — “os povos do Novo Mundo, — ao se separarem das metrópoles respectivas, viram-se, — pela própria fôrça de suas condições sociais e econômicas, — colocados em dois grupos distintos e bem caracterizados.

De um lado estavam os países, como o Colômbia, a Venezuela, o Perú, ou as províncias argentinas, que, sem **TRABALHO AGRÍCOLA SÓLIDAMENTE ORGANIZADO** e ainda incipientes nos seus aspectos econômicos, — (sem precisar de máquinas ou de músculos humanos, na proporção que precisava o Brasil e os Estados Unidos; cuja produção agrária baseava-se e exigia o trabalho do cativo), — não encontraram dificuldades em libertar o número de escravos relativamente reduzido que possuíam, — porque não desfrutavam de civilização mais requintada.

Não havia grandes e profundos interesses materiais, não havia a atividade intensa dos algodoeais, das lavouras de cana de açúcar, de milho e a mineração, como acontecia no Brasil e nos Estados Unidos, a se oporem a essa obra de dignificação nacional, — de maneira que, a abolição do cativo pôde, nesses países, decorrer da própria noção da liberdade civil obtida com a independência política do território.

De outro lado, porém, estavam as nações que, sobre a base de uma numerosa mão de obra escrava, — sob a base da utilização de uma maior quantidade de “esforço muscular”, — únicas formas de energia então em uso correntes, — já haviam na independência atingido um considerável desenvolvimento agrícola e comercial, — como era o caso do Brasil e dos Estados Unidos.

E' fácil de se compreender que os mesmos motivos de ordem econômica que facilitaram a abolição nos países do primeiro grupo, — dête fizeram, — nos do

segundo, — uma questão espinhosa e extremamente irritante.

Aí, nos países grandes produtores que tiveram de evoluir da utilização das “máquinas humanas” para os “escravos de ferro”, — (si possuíam agentes motrizes econômicos, para não diminuírem a civilização e esplendor de sua organização social), — a extinção “*imediate*” do cativo ameaçava de frente os interesses locais mais poderosos e bem organizados.

Nos Estados Unidos, entretanto, — encontraram-se certas condições de natureza geográfica e, principalmente geológica, — que não só foram desde o início colocando aquela questão em termos mais vantajosos do que no Brasil, — como depois lhe trouxeram uma rápida e violenta solução definitiva.

Enquanto nos Estados do Sul, — magnificamente dispostos para as culturas tropicais e com toda a sua riqueza nas grandes plantações que utilizavam as “máquinas de trabalho”: — o esforço dos trabalhadores negros, — tornaram-se o centro mais forte e irredutível do escravagismo, nos estados do norte, de clima diverso e mais propício ás culturas européias, a afluência de colonos livres foi assentando a economia geral sôbre interesses humanos mais elevados.

Mas, — nesse meio tempo, o aparecimento de grandes jazidas de ferro e carvão de pedra no território da União, — justo quando no mundo se revelara a grande metalurgia moderna, — determinou a formação de um poderoso concurso de interesses industriais, que, por sua própria natureza, tinham de entrar em luta com o velho regimen de trabalho das plantações”.

E dessa luta, — entre o trabalho industrial, multiplicado e intensificado com o concurso dos teares, dos laminadores, das forjas e dos agentes motrizes acionados com o esforço produzido pela expansão do vapor ou pela combustão dos gases, ou pela captação dos desníveis permanentes dos rios, — seria fatal o aniquilamen-

to dos lutadores que se batiam para manter em atividade a produção oriunda das “máquinas humanas”, — a fonte de energia menos eficiente e mais cara que o mundo conhece!...

O Norte teria, — fatalmente, que vencer, como venceu.

Decorria êsse triunfo da fôrça mecânica, das condições geológicas de cada região em que o homem habitava, — da luta entre a máquina a vapor, o tear mecânico e os laminadores contra o braço escravo!...

Toda a prosperidade do Sul dos Estados Unidos baseava-se, então, no esforço muscular, na utilização crescente do algodão, — matéria prima tão procurada na Europa e produzida com essas “máquinas” de “carne e osso”.

Aumentando o preço do algodão e, como os “braços” não bastavam para atender á procura do esforço energético a ser aplicado nos algodoads do Sul dos Estados Unidos o preço dos escravos aumentou, — impulsionando os homens á porfia de lucros nessa “indústria”.

Foi daí que a Inglaterra resolveu tirar proveito, — indiretamente, da nova matéria prima que surgia no mundo destinada a vencer e a fazer concorrência á sua produção de lã. Também, viu logo as vantagens que usufruiria na produção da fôrça da época, — “os escravos”, — produção que iria monopolizar, açambarcando para si, o comércio de suprimento de trabalhadores para as plantações das Américas.

A Inglaterra foi a primeira nação a perceber a importância da fôrça motriz para a sua prosperidade, maior produção, riqueza e poderio.

Já em 1560, ela tomava á Espanha, “o comércio que mais lucros lhe iria dar”, — o comércio de escravos e, tanta importância lhe dava que, não só recompensava com títulos nobiliárquicos os grandes piratas e “negreiros” como João Hawkins, — agraciado com o

título de baronête, como, por toda a parte, — na Europa ou mesmo na América, procurava obter EXCLUSIVIDADE no fornecimento dos escravos, — a fôrça motriz e o máximo instrumento da produção da época, — para o que não relutara em acender a guerra na Europa ou na América, — mesmo entre habitantes de um mesmo país, — irmãos de raça e de sangue, — como fôra a guerra de Secessão norte-americana, — que, outra coisa não fôra, sinão a luta entre os esclavagistas, — partidários e instrumentos dos ingleses na América, — e os abolicionistas, utilizadores do esforço motriz moderno, — das “máquinas de ferro”, que contrariavam os interesses dos seus irmãos do Sul ligados aos dos ingleses, — monopolizadores até então, do esforço muscular, — no exterior, e da fôrça motriz, da fôrça mecânica, oriunda do carvão, — na sua ilha.

Tal era a importância dos “músculos”, da fôrça motriz dos séculos passados, — tal era o braço escravo, que a Inglaterra fôra a primeira nação a empreender a sua utilização em grande escala, a compreender o seu alcance político e a monopolizá-la.

“Ao passo que em Virgínia se fundaram “fazendas de homens”, — nas quais se produzia material para trabalho escolhido”, e se empregavam negros robustos e formosos como animais de reprodução”, — á semelhança do que hoje se faz aperfeiçoando as máquinas industriais para produzir trabalho mais eficiente e mais preciso, — a Inglaterra organizara a caça aos negros na África, incumbia aos Árabes de capturar os nativos da costa Ocidental Africana e, desde 1553, exportava negros da Guiné, — isto é, exportava “fôrça motriz” para as Índias Ocidentais.

Mais uma vez a civilização, — depois de tantas, — exigia o tributo e o sacrifício humano.

A civilização utilizando-se do algodão para cobrir o corpo humano, — para ostentar luxo, para aperfeiçoar a moral necessitou de hecatombes e, “não foi sem

razão que se afirmou, — referindo-se ao tributo humano exigido pela indústria de fiação de tecidos de algodão e de borracha, — que Liverpool, — o grande pôrto inglês, — “foi calçado com crânios de negros”, — como poderíamos também afirmar que, para satisfazer a indústria de goma elástica, cada dormente da estrada de ferro Madeira-Mamoré, construída na éra do fastígio do “ouro negro” serve de marco á sepultura de um trabalhador brasileiro ou de um “seringueiro” que lá pereceu! . . .

Assim, enquanto na América as plantações de algodão cobriam zonas mais e mais extensas, a Inglaterra inventou as “máquinas de ferro” que substituíam as “máquinas musculares”, — “os escravos humanos”, — e êstes inventos lhe conferiram poder mundial incontestável e indispensável por mais de cem anos. . .

Em confronto com os Estados Unidos, — nós não podemos nos comparar com o progredir recente dêsse país devido a intensidade do progredir dos povos grandes possuidores e utilizadores de combustíveis, porque não os tínhamos para utilizá-los intensamente.

As condições geológicas de um país, a utilização dos combustíveis minerais e a grande indústria metalúrgica que cêdo se instalara nos Estados Unidos da América explicam a disparidade do progredir dêsse país e do Brasil.

Explicam mais, esclarecem mesmo, aos pseudos cientistas, aos que observam os fenômenos humanos superficialmente, porque, si bem que o Brasil já tinha alma, já era uma grande nação, cheia de tradição e de passado brilhante, quando os Estados Unidos ainda se formavam, — nós não acompanhamos o progredir vertiginoso dos anglo-americanos, uma vez que, não possuíamos e ainda não possuímos os meios de multiplicar o nosso trabalho com o auxílio da força motriz e da grande indústria máquinofatureira.

E' que a natureza tinha reunido em séculos, montanhas de carvão ao lado de montes de minérios de ferro no vale do Rêno, nas ilhas britânicas e ao sul dos Grandes Lagos norte-americanos, formando assim condições para um absoluto predomínio dos países que pudessem desenvolver e utilizar a grande indústria do ferro e, conseqüentemente, as outras indústrias suas correlatas. E êste predomínio supremo que possuíam as nações colocadas nessas bacias carboníferas na época em que o combustível mineral reinava e a energia praticamente única, provinha do carvão é, relativo agora, quando a eletricidade desempenha, dia a dia, um papel mais intenso e formidável no desenvolvimento industrial do mundo.

E os países colocados nessas regiões geologicamente assim privilegiados, protegidos, acalentados e impulsionados em seu progredir pela riqueza geológica do sólo e pela evolução mundial em suas diretrizes econômicas, científicas, políticas e sociais, — dominavam, em 1910, nas indústrias do ferro e da extração da hulha de tal maneira que, os três mais importantes: Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, — reunidos, produziam 52 milhões de toneladas de ferro, nada menos de 80% dos 65 milhões da produção mundial.

E, conseqüente ao domínio da produção de ferro, êsses três povos produziram 932 milhões de toneladas de hulha, — nada menos de 81% dos 1.143 milhões de toneladas de produção mundial de então.

Em confronto com os Estados Unidos ou com os grandes países que cêdo utilizaram dos combustíveis para aumentar a sua produção, o seu confôrto, o seu poderio militar e econômico, nós não pudemos acompanhá-los, — porque não tínhamos os combustíveis ou seus substitutos com os quais pudessemos acelerar o progredir nacional.

E' que a natureza tinha reunido condições geológicas que sómente mais tarde, iriam ser superadas como

vão sendo, com o surgir do gigante moderno que é o esforço motriz produzido pelas turbinas que acionam as máquinas elétricas.

“Ninguém que se tenha, — mesmo ligeiramente, ocupado com assuntos de história e sociologia, ignora a profunda e poderosa influência que os acidentes geológicos, de grandes consequências industriais, sempre tiveram na evolução das sociedades humanas.

Descoberta a utilização em grande escala de um determinado minério, está mudado o cenário do mundo em favor dos povos que o possuem. As minas de cobre da Espanha, — unidas ás minas de estanho das Ilhas Britânicas e dos montes da Boêmia, fizeram da Europa, — dez séculos antes da nossa primeira éra histórica, um vasto império de bronze, sob essas tribus liguras, cujos perfis já nem nos recorda a arqueologia, mas cuja língua ainda hoje falamos na nomenclatura dos rios, das florestas e das montanhas, entre as costas portuguesas do Atlântico e o vale do Danúbio.

O caldeamento do ferro deu depois aos celtas, — com a primitiva posse das minas da Stíria, da Carníola e da Coríntia, — o domínio completo de toda a metade ocidental do mundo antigo.

Regiões pobres até então e de importância secundária, populações conservadas obscuras, tomaram subitamente a preponderância, — PELO SIMPLES fato de possuírem o ferro”.

Reconhecida essa constante, influência da composição geológica do sólo sobre os aspectos sociais dos povos, não nos admiremos de que simples condições mineralógicas tenham podido, nos Estados Unidos da América, decidir mais cedo do que no Brasil, da sorte do cativo.

No momento em que a combinação da hulha com o minério de ferro nos altos fornos, — logo seguida da máquina a vapor, — vinha tão poderosamente transformar a economia do mundo, — os norte-americanos

não podiam fugir á necessidade de adaptar o seu regimen geral de trabalho ás *maravilhosas* condições técnico-industriais que as suas minas lhe ofereciam”. (1)

A “mão de obra” escrava, limitada á sua evolução puramente vegetativa pela abolição do tráfico transoceânico, — conseqüente a luta que se desencadeara no mundo entre a “*industrialização*” oriunda da fôrça motriz e a produção de matérias primas, “em massa” com o trabalho escravo das grandes plantações das Américas tropicais; essa mão de obra escrava podia bastar aos plantadores do Sul dos Estados Unidos ou ás nossas grandes fazendas más, jamais poderia ser suficiente aos industriais dos Estados Unidos ou ás regiões industriais do mundo. E a parte industrial norte-americana antevia a imensa prosperidade que brotaria daquêlê sólo maravilhosamente dotado, ao contacto de uma poderosa corrente de trabalhadores europeus que iriam ser os futuros consumidores dessa grande indústria em alvorecer.

Foram essas condições naturais e econômicas, a reagirem poderosamente sôbre o meio social norte-americano, que determinaram a guerra de *Secessão* e a abolição precipitada e total dos escravos nos Estados Unidos da América.

No Brasil, entretanto, nada disso se verificou, conseqüência de não termos então, condições propicias á utilização dos minérios de ferro e do carvão que o nosso sólo contém.

Não só não tivemos essas condições que prevaleceram nos Estados Unidos, — cêdo em seu alvorecer, devido causas várias: — umas de natureza puramente geológica, outras científicas, outras relativas á nossa posição geográfica e á nossa evolução sempre em dispersão numa amplíssima base física; — condições essas que

(1) “A Política Geral do Brasil”, José Maria dos Santos.

prevaleceram nos Estados Unidos, então centralizados em treze pequenas colônias bordejando o Atlântico, — situadas em regiões planas e férteis, — como ainda não nos foi possível acompanhar a civilização oriunda da utilização em maior escala dos combustíveis ou dos seus substitutos, — ampliadores do esforço e da capacidade de produção humana.

Esboçada, ligeiramente, a evolução dos Estados Unidos da América, em consequência da utilização em larga escala que fez, desde os primórdios de sua existência, dos combustíveis e dos minérios de ferro, — melhor focalizaremos o progresso realizado por êsse povo, — cotejando a utilização que êle fez e faz dos combustíveis e do ferro, — elementos básicos da civilização Ocidental.

Os dados a seguir, sómente por si, ilustram, explicam e sintetizam o assombroso progresso dos norte-americanos, — consequente a utilização dos agentes motrizes.

Captando os seus imensos recursos naturais e multiplicando o esforço humano com o auxílio das máquinas motrizes e operatrizes que utilizam a fôrça da expansão do vapor, do petróleo e suas essências pulverizadas em mistura com o ar, das turbinas hidráulicas ou dos motores elétricos, — foi que os Estados Unidos, ocupando apenas 6,5% da superfície do Globo, e abrigando menos de 7,2% da população total do Mundo, colocavam-se, em posição de produzir e de consumir, de 25% a 80% da produção e riqueza universal!...

De fato, já em 1924, do total mundial, a grande nação Norte-Americana se atribuía, quanto á produção:

72%	do	petróleo
38%	da	fôrça motriz instalada
54%	da	produção de cobre
40%	„	„ „ chumbo
35%	„	„ „ minérios de ferro

- 75% da quantidade de milho colhido
- 44% „ „ de carvão extraído
- 60% da tonelagem de ferro e aço produzido
- 55% da quantidade de algodão colhido
- 54% da tonelagem de madeira extraída
- 25% das colheitas de trigo
- 35% „ „ de fumo

Quanto ao consumo, êles absorviam :

- 50% do consumo mundial de café
- 70% „ „ „ „ borracha
- 60% „ „ „ „ sêda

E na grande Nação Norte-Americana estavam :

- 93% dos automóveis existentes no mundo
- 57% dos telefones e telégrafos no mundo
- 33% da quilometragem das ferrovias do mundo.

Inegavelmente, foi explorando eficientemente as suas fontes de energia, tornando-se uma grande nação industrial e produzindo racionalmente artigos agro-pecuários de consumo forçado da humanidade, que os Estados Unidos tornaram-se uma inegalável potência máquinofatureira e um celeiro universal.

Os norte-americanos, com a utilização intensa dos agentes motrizes, — movimentados pelos combustíveis, — expandiram-se para o Sul e para o Norte, — acompanhando os meridianos e em busca do Oceano Pacífico e do Golfo do México, num andar estonteante como povo algum jamais registrou, — exceção feita ao Brasil, — com a sua arrancada das BANDEIRAS que iam em direção ao “Perum” e ás Missões Paraguáias! . . .

Tornaram-se, como nós, mais do que um País, — meio Continente! . . .

E’ que os anglo-americanos, repetiam na América do Norte o qu e os ingleses faziam nas suas ilhas sáfaras e brumosas, constituídas de um monte de carvão sobreposto ou ao lado de uma montanha de minérios de ferro! . . .

Possuidores do ferro e do carvão, — elementos básicos de todo o progresso, — puderam os ingleses ilheus, como os ingleses da América, — construir os dois maiores impérios do mundo e tornarem-se os máximos povos na indústria, no comércio e em poderio bélico durante o fastígio do carvão e do petróleo como agentes máximos do poder nacional.

O grau de industrialização que atingira a Inglaterra com a utilização intensiva dos combustíveis e o seu consequente progresso econômico, político e militar podemos sintetizá-lo nos seguintes algarismos:

Produção de ferro em 1900 — 8.170.000 toneladas ou seja 10% do total mundial.

Produção de carvão de pedra em 1900 — 224.000.000 toneladas, ou seja 33,60% do total mundial.

Riqueza “per capita” em:

1830	1880	1920
\$800 ⁰⁰	\$1.200 ⁰⁰	\$1.800 ⁰⁰

Exportação de tecidos de algodão em 1900 — ... 5.031.227.000 jérdas quadradas.

Consequência da utilização em alta escala dos combustíveis, as indústrias que surgiram na Inglaterra, — notadamente a indústria de fiação e tecelagem e a indústria siderúrgica e suas afins determinaram uma intensa centralização demográfica, revelada nas seguintes proporções:

Em 1861 a população inglesa estava dividida entre o Campo e a Cidade.

Em 1881 a população inglesa era de 2/3 urbanos e 1/3 rural.

Em 1921 a população inglesa era de 79,3% urbana, — o que demonstra que, dos então 45.000.000 de habitantes do Reino Unido, — 37.000.000 moravam em cidades e *viviam da indústria fabril ou do comércio.*

Paralelamente ao expandir da Inglaterra, — podemos historiar o desenvolvimento alemão, — cujo Império e unificação política foi uma consequência da utilização do ferro e do carvão, impelindo á grande indústria metalúrgica e de transformações, ao comércio internacional e ao imperialismo militar e marítimo a Pátria de Goethe.

O país paupérrimo que era a Alemanha antes de 1870, — tão pobre que não alimentava os seus filhos e os obrigava a saírem, — em grandes lévas, pelo mundo afora, — depois, — com a utilização dos combustíveis e do ferro em seu território, — com o crescer de sua indústria siderúrgica e de construções mecânicas e navais, — com a utilização da expansão do vapor em máquinas apropriadas, em proporções cada vez maiores, com a fabricação seriada e em alta escala de maquinismos captadores do fluxo elétrico, — progredira assombrosamente, — cujo progresso podemos medir, — em síntese, pela sua produção carbonífera, pela expansão de seu comércio e crescer de sua população até 1914, — quando o seu imenso expandir, o seu ousado imperialismo em todos os Continentes foi tolhido em benefício de seu rival maior, — o velho, astuto e sagás imperialismo inglês.

Mas, a humanidade marcha e, após um século de glória e de prestígio das nações grandes utilizadoras do carvão, — surge na arena a ÉRA DO PETRÓLEO, — ou o ciclo dos povos seus grandes utilizadores e produtores! . . .

Eis que, com o petróleo, surge ao ápice, — cheio de grandeza, de poderío, — cumulado de confôrto material, o homem norte-americano, habituado desde cêdo a utilizar e tirar as vantagens decorrentes da descoberta e aplicação do petróleo como agente produtor de energia e acionador das máquinas e agentes motrizes.

E, para o acumulo de poderío e de grandeza norte-americana decorreu o fato de que êsse povo tornou-se,

— não só um grande consumidor de petróleo, mas veio multiplicar as aplicações dos agentes motrizes naturais ao alcance do homem e também deslocar o prestígio das nações cujo poderío resulta ou sintetiza-se no aproveitamento exclusivo de suas jazidas de carvão.

Com o petróleo, — as nações que o possuíam tornaram-se ao máximo do poder.

O século do petróleo, podemos chamar de século dos Estados Unidos da América, pois, a sua estonteante grandeza, o maior índice energético do homem anglo-americano, — em confronto a qualquer outro, decorre da utilização do carvão, do petróleo e das quedas d'água que êle captou e utiliza mais do que qualquer outro povo.

Até que ponto os anglo-americanos puderam aumentar o seu poderío, — consequência do aumento de seu índice energético, — consequência da utilização do carvão e do petróleo, nos revelam os seguintes algarismos:

Número de automóveis nos Estados Unidos, em 1928	24.494.580
Número de automóveis no RESTO DO MUNDO, em 1928	7.500.000
Extensão das ferrovias nos Estados Unidos, em 1930: — 444.000.000 metros, ou seja três quartas partes da extensão ferroviária do mundo.	

Consequentemente ao aumento de poder, — á multiplicação do esforço e da capacidade produtiva do homem tão poderosamente auxiliado pelos agentes motrizes e pelas máquinas ferramentas, — a quantidade de ouro acumulado nos Estados Unidos da América passou a ser, em 1925, de 40% do total mundial, enquanto a sua riqueza era de \$325⁰⁰ “per capita”, em 1909 e ascende a \$745⁰⁰ dolars, em 1928!...

Si os números já citados não bastassem para demonstrar A INFLUÊNCIA DECISIVA E INTENSA dos metais e dos combustíveis nas civilizações, o grande império que são os Estados Unidos, império creado, impulsionado e acalentado pelos combustíveis, pelos minérios de ferro, pelas máquinas, mais os números que seguem serviriam para esmaecer qualquer dúvida que se tivesse a respeito do poderio e grandeza econômica e industrial norte-americana ou do país maior utilizador dos agentes motrizes no Universo:

Valor APENAS do petróleo norte-americano extraído em 1927	\$3.580.000.000
Valor total da produção agrícola e industrial do Brasil, em 1927	\$1.320.000.000
Produção industrial dos Estados Unidos, em 1928	\$62.713.000.000
Produção industrial do BRA- SIL, em 1928	\$867.000.000 *

Sem contestação, é o carvão de pedra, o petróleo, o uso e utilização dos agentes motrizes e das máquinas a *causa mater* do estonteante poderio dos Estados Unidos da América. E' que lá o homem não cansa em ir em busca de novos agentes que superem o seu esforço e, — paralelamente á utilização do carvão e do petróleo, — veio o aproveitamento das quedas d'água com o aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas e da eletrotécnica.

Atingimos, portanto, a "éra elétrica", que é hoje também uma éra dos Estados Unidos e será proxima-mente a "éra do Brasil"...

(1) Monteiro Lobato: "O Escandalo do Petroleo".

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS BRASILEIROS

(A utilização racional do ferro, dos combustíveis e da eletricidade).

“E’ um crime de lésa pátria o não atacar já e já o problema da siderurgia por todos os lados, ainda que nêles tenhamos de empenhar o atilho das botas de cada brasileiro”.

Ciencinato Braga.

O Brasil é um país colónia que vive, como todas as colónias e feitorias estrangeiras da exportação de matérias primas e dos produtos extrativos e, por falta de cultura, característico dos povos agrícolas, exgota a sua terra e seus filhos. E’ lógico que um país que vive a explorar inconscientemente a sua terra, especialmente o seu sólo, permaneça eternamente em crise, sempre na incerteza de seu progredir e, é natural que a sua balança de trocas internacionais esteja sempre em oscilação, acusando ora saldos aparentes ou deficits assustadores.

E’ devido exportarmos quasi só produtos extrativos, que não representam e não são riquezas originadas pelo nosso cérebro, que estamos continuamente em face de uma situação econômica muito grave. Todo o mecanismo da economia brasileira gira em torno da exportação natural de produtos arrancados do sólo e, pelas flutuações desta, temos o índice da prosperidade ou da depressão das nossas atividades produtoras. Já afirma-

ra Alberto Torres, e com um senso profundo de nossas realidades, que: “toda a nossa aparente vitalidade econômica, não é sinão um saque á nossa terra por meio de sua exploração atrazada e apressada”.

O problema da produção e do estímulo ás atividades econômicas do País é de extrema importância e tem que ser abordado em grandes linhas, como aliás o exigem as próprias condições da economia contemporânea.

Ha três grandes casos na vida econômica brasileira, que não podem continuar sendo descuidados, porque do seu abandono deriva originariamente o mal estar ora refletido na vida econômica do Brasil. Queremos nos referir ao aproveitamento do carvão nacional ou a decisão ousada de utilizá-lo, só ou em mistura ao carvão estrangeiro importado, aplicando á sua pesquisa e beneficiamento os recentes resultados da pesquisa científica; — ao esforço sistematizado para a procura das fontes petrolíferas, cuja existência é reconhecida em vários pontos do território brasileiro, bem como a um mais intenso desenvolvimento dos recursos hidro-elétricos nacionais, — o que traria melhoria de suas vias de comunicações; e, finalmente, temos em primeira plana dentre os máximos problemas brasileiros, a solução do já tão protelado caso da siderurgia nacional.

São nesses problemas capitais, que encerram o segredo do nosso futuro, para onde devem convergir as atenções dos que nos governam, na orientação de uma ampla e racional política econômica e de trabalho.

Infelizmente, temos contra o Brasil, no que se refere ao problema dos combustíveis, além dos fatores econômicos, sociais, técnicos, financeiros, o problema dos transpotes, uma base física escassamente povoada e cheia de acidentes, — a própria natureza hostil. Ainda bem que, entre as nações independentes, não somos o único país que se encontra em penúria de combustíveis e, ao contrário, — quasi todas as nações vivem, — como o Brasil, — a importar carvão e outros combustí-

veis minerais e a fazer um esforço tremendo, — utilizando-se da técnica mais recente para o desenvolvimento das fontes de energia que possuam e passíveis de substituírem o combustível mineral.

“Poucas são as nações felizes, protegidas pela natureza geológica de seu território, e que tem o carvão para as suas necessidades e para exortação”.

MENOS DE 10% DOS PAÍSES INDEPENDENTES PODEM EXPORTAR CARVÃO DE PEDRA; — OS OUTROS 90% SÃO OBRIGADOS A IMPORTÁ-LO, — como nós brasileiros o fazemos.

O carvão nacional, infelizmente, é de má qualidade e, si o Brasil, hoje, não pode contar, economicamente, — apenas, com o seu carvão mineral para base de uma grande indústria máquinofatureira, — cumpre entretanto, intensificar ao máximo a extração e utilização dos combustíveis e fontes de energia motriz do país a fim de revigorarmos e incrementarmos o nosso desenvolvimento industrial e elevarmos o padrão de vida nacional.

Seguindo uma política verdadeiramente nacionalista, científica e protecionista da indústria e do trabalho nacional, — sem a qual o Brasil jamais será uma grande potência, — não nos turve o sentido um falso e mal entendido patriotismo, pois, si a técnica verificar que o Brasil é pobre de combustíveis minerais, — ainda que fôr preciso importar combustíveis, podemos e devemos incrementar a nossa indústria fabril, e, assim fazendo, repetimos o que fizeram e fazem os ingleses, os japoneses e os belgas que, importam minérios e matérias primas para as suas indústrias basilares.

Si o estudo da utilização do nosso carvão fóssil demonstrar que êle terá, quanto ao que se pode prever, por muitos anos, apenas consumo local no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, encaremos face a face o problema dos combustíveis nacionais, e si preciso fôr, para o nosso erguimento industrial e emanci-

pação nacional, importemos combustíveis: — carvão, petróleo ou gasolina, — da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Rússia, da Alemanha, dos países limítrofes, ou de onde pudermos importá-lo, *economicamente*, para base de nossa grande indústria.

O que não nos convém e não devemos fazer é ficarmos a lamentar, enquanto os estrangeiros se apoderam dos minerais, jazidas, matérias primas, produtos extrativos e fontes de energia do país, atrofiando o desenvolvimento econômico, social e industrial do Brasil.

Em vez de explorarmos as nossas fontes de energia hidro-elétrica vamos permitindo que os sindicatos e consórcios alienígenas as explorem e, assim, atrofiem ou impeçam todo o nosso progresso econômico e industrial, porquanto, em vez de venderem energia para movimentar motores e máquinas que acionarão uma posante e variada indústria de transformações, preferem e se interessam apenas em nos vender energia para iluminação, para acionar ventiladores, máquinas frigoríficas, lavanderias domésticas portáteis e fogões elétricos, o que, em vez de concorrer para o enriquecimento nacional, trará o empobrecimento geral do país consequente a caudal de ouro que, sem prestar real serviços à nação, se escôa para o exterior.

Sem cuidarmos de suprir as nossas deficiências de combustíveis com elementos do próprio país, seremos sempre uma nação satélite.

A crise de carvão na Central do Brasil e no Lóide, em 1925, devido á parede dos mineiros ingleses, veio ilustrar o quanto é escravo um país agrícola que não utiliza eficientemente os seus recursos e fontes naturais e perenes de energia e mostrar-nos, praticamente, a necessidade imperiosa de procurarmos explorar ou substituir os combustíveis minerais não existentes ou ainda não explorados, presentemente, no Brasil, pela eletricidade, — bastando-nos a nós mesmos.

Também, durante a grande guerra européia, tivemos exemplos, bem dolorosos, de quanto sofre um povo não industrial, na dependência em que ficámos de insipientes artefatos mecânicos, do “visto” dos consulados e importadores, com as suas famosas “black lists” e carecendo de artigos de rudimentar fabricação.

A propósito dessa dependência em que a nação brasileira ficou durante o grande conflito europeu são muito ilustrativas as referências que o então Ministro Calógeras, em seu livro: “Problemas de Administração” fez sobre a “mania” e o comodismo dos nossos funcionários, militares e dirigentes, em tudo querer importar, — **MESMO QUANDO ISTO ERA INTEIRAMENTE IMPOSSÍVEL**, — como durante o grande conflito, e quando podíamos, precisavamos e devíamos aqui fabricar ou substituímos os artigos e apetrechos importados por similares de fabricação nacional.

Si hoje possuímos uma indústria crescente, foi sem dúvida, devido mais á voragem do fisco, ao acaso, á nossa inorganizada política econômica e á posição geográfica e amplíssima base física do país do que a uma orientação segura que nos facilitasse e impelisse para nos tornarmos um povo industrial.

Infelizmente, em vez de cuidarmos com mais carinho de aproveitar e fortalecer as fontes de riquezas nacionais, — de mais intensamente e melhor utilizarmos os combustíveis e minerais que o nosso sólo contém, ainda preferimos *importar tudo o que facilmente aqui se produziria*, — mesmo para os serviços públicos e para a *defesa nacional*, que vivem a desperdiçar o que não produzimos, como as ferrovias oficiais que chegam a cercar as suas linhas com trilhos velhos.

Quanto á solução do já tão protelado problema da metalurgia, êste é de importância vital para o Brasil, pois a indústria do ferro é o alicerce de todas as indústrias modernas.

Sem ferro e aço, sem trilhos, postes, arames e máquinas, todo o Brasil progredirá lentamente. Sem possuímos a indústria de ferro bem desenvolvida a indústria nacional maquinofatureira nunca será forte, jamais atingirá á maioridade.

E' preciso, portanto, que, por todos os meios e modos estimulemos o desenvolvimento e implantação da indústria siderúrgica no Brasil em larga escala.

Hoje, que almejamos apressar a emancipação econômica de nossa Pátria, sirva-nos de estímulo e de admiração a obra de Mauá, pois, auxiliado por tarifas aduaneiras apropriadas, conseguiu produzir no País, ha mais de meio século, engenhos para a indústria de açúcar da época, instrumentos e maquinismos de espécies e utilidades várias e, — como síntese de perfeição alcançada, navios, quer de paz, quer de guerra, que trouxeram ao país louros admiravelmente notáveis.

“Nos estaleiras da Ponta da Areia foram montados e construidos não só os barcos que integraram, praticamente, o vale do Amazonas na comunhão brasileira, como varios daquêles outros que, pela sua rapidez então, nos trouxeram a vitória nas lutas rudes do Paraguai”. (1)

Porque deixarmos de continuar essa obra. notável que os nossos maiores iniciaram e permanecemos na hora presente em estagnação? E' que os que tem governado e administrado o nosso país são bachareis de meia cultura, quasi sem exceção, sem a capacidade organizadora inata, objetiva e bem orientada, como a dos verdadeiros capitães da indústria moderna, — sem a visão empreendedora, sem a tenacidade admirável daquêles que libertam povos e fazem o mundo progredir.

De posse da direção do País, não tendo os audazes cavalheiros que ha quatro séculos se apoderaram do Brasil, programa delineado, sólido, simples, estável e de

(1) “Mauá” — Alberto de Faria.

ação contínua, permanecem titubeantes sem poder atacar o problema nacional da indústria do ferro, — dada a ausência de prática e capacidade de resolverem problemas objetivos e que necessitem ação imediata e esforço continuado.

Até hoje não conseguiram os “bachareis” que teem nos desgovernado, por incultura, falta de visão, míngua de conhecimentos técnicos e econômicos, por temeridade, por falta de tenacidade, por estreiteza de vistas ou por outro razão qualquer, resolver ou pelo menos estimular resolutamente os problemas capitais da vida econômica brasileira: — *o problema da indústria do ferro, o problema dos combustíveis ou seus substitutos para o Brasil.*

À semelhança do que fazem a Itália, a Suécia, a Noruega, o Japão e, mais recentemente a Rússia, — países que em condições e ambientes mais agreste do que o Brasil progredem e tornam-se intensamente industriais, — nós também precisamos dar maior impulso às indústrias máquinofatureiras nacionais, a começar solvendo os nossos principais problemas basilares: — O DO FERRO, O DOS COMBUSTÍVEIS, O DAS FONTES DE ENERGIA HIDRO-ELÉTRICA E O DOS TRANSPORTES.

Quer seja utilizando-se dos recursos hidro-elétricos do país, como fizeram outros povos, — quer seja importando carvão vindo em retôrno nos navios nacionais que vão á Europa, quer seja desenvolvendo a indústria dos carburantes nacionais ou perfurando o sólo em busca de petróleo, — o fato é que não nos faltarão elementos para resolvermos os nossos problemas de suprimento de força motriz, industriais e econômicos, no dia em que os encararmos “resolutamente”, em ação conjunta entre o Govêrno, os nacionais e as classes produtoras e interessadas.

. Analisando uma vez, (1905, — “As Minas do Brasil”) a iniciativa notável de D. João VI implantando a

indústria do ferro entre nós, graças a Varnhagem, Bencourt da Câmara e, especialmente, ao grande Eschwege, observou Calógeras ao dar um balanço na obra de um século através do Império e da República:

“Dia ha de vir em que a História julgará severamente os governos que, podendo ter auxiliado o surto da Siderurgia no Brasil não cumpriram o seu dever em apressar o advento de nossa independência econômica quanto a êsse básico de todo o progresso estável”.

Esquecendo a pujança da obra de iniciativa particular de Mauá, poderia ainda acrescentar o erudito historiador das “Minas Brasileiras”, — que o confronto do descaso governamental pela Siderurgia, em face da obra admirável do nosso maior capitão de indústria, ainda melhor preparará o material para a crítica justamente severa da posteridade.

Importando ou não o “coque” ou o carvão de pedra, misturando-os ainda que de procedência estrangeira ao carvão nacional, mineral ou vegetal, exportando minérios ou os reduzindo aqui mesmo, — importando combustíveis ou captando o potencial hidro-elétrico do País, — utilizando-nos o quanto pudermos do carvão vegetal que produzimos, o certo é que precisamos erguer no Brasil, — sem demora, a grande indústria do ferro, a grande metalurgia.

“Isolado e insuficientemente agitado não mereceu ainda o problema siderúrgico nacional de nenhum governo, (depois de D. João VI), nem no Império nem na República, a atenção desejada.

Essa a realidade rude, apesar de alguns decretos, favores, empréstimos e concessões que mal encobrem um interesse “fingido” sobre o assunto por demais severo de nossa economia.

Em todo o período republicano, ministros, relatores de orçamentos, oradores de toda a espécie e mesmo presidentes da República tem discorrido sobre o problema da industrialização do país e do amparo e prote-

ção às suas indústrias siderúrgicas e carboníferas; — todos teem prometido o seu apôio a essas indústrias essenciais, — únicas capazes de promover a emancipação política e econômica dos povos”.

Mas, apesar de toda essa literatura, o estrangeiro continua hoje a nos vender 90% do *carvão* que consumimos e quasi a totalidade do ferro e da energia elétrica que o país utiliza.

Cincinnati Braga dizia com muita oportunidade, em 1919, repetindo, em 1920 e 1921 a campanha em tórno do problema magno da indústria siderúrgica nacional por êle apresentada ao parlamento como a coluna vertebral do próprio Brasil: — “ESTEJA O CONGRESSO NACIONAL CERTO DE QUE E' UM CRIME DE LESA PÁTRIA O NÃO ATACAR JA' E JA' O PROBLEMA DA SIDERURGIA POR TODOS OS LADOS, AINDA QUE NÊLE TENHAMOS DE EMPENHAR O ATILHO DAS BOTAS DE CADA BRASILEIRO”.

Mas, assim falava sem ser ouvido e compreendido por seus pares o ilustre brasileiro, pois os seus colegas, como a maioria dos bachareis, “salvadores” do país, só concebem a “salvação” do Brasil, fazendo leis ou redigindo decretos alheios às realidades e imperiosas necessidades políticas, econômicas, militares e sociais da nacionalidade.

Si outros fatos não bastassem, as palavras citadas são suficientes para mostrar a fala de visão daquêles que teem tido os destinos do Brasil em suas mãos.

Tenhamos sempre em mente que indústria fabril de verdade não teremos nunca si não possuímos indústria siderúrgica e, sem esta, hoje ou amanhã, continuaremos a importar tudo quanto diz respeito a maquinismos e assim a entrar o progresso ferroviário, rodoviário e a criação da riqueza no Brasil.

“Não somos apologistas do estado industrial. Res-salvados casos especiais, cremos que o estado não deve

ser nem mesmo um concorrente desleal com prejuízo indireto para si e direto para as iniciativas particulares no campo industrial”.

Creemos, porém, ainda que discordando de um Joaquim Murinho, por exemplo, mas apoiado por Alberto Torres e outros, que “*às nações modernas são obra de arte política, maximé em país como o nosso, de dispersidade alarmante de fôrças, refletindo condições sociais, políticas inorganizadas, que ao estado deve caber a função procriadora e despertadora de energias, perfeitamente política aliás, — de “motor de problemas” ou de “ventilador de idéias”.*

Não é sem fundamento na História que assim pensamos:

“Si, Renan disse admiravelmente, que “o Estado é um maquinismo de progresso, quando não tivéssemos no país a prova do valor da ação governamental implantando no comêço do século passado, com Eschwege, Varnhagen e Câmara a siderurgia nacional (que floresceu em Minas até meados do século) trazendo fartos resultados, principalmente á economia rural do país, teríamos ainda direito de depositar uma esperança justa na inovação a ser tentada entre nós, em época como a atual em que as “ações mais vigorosas como os Estados Unidos da América, a Inglaterra e a Alemanha procuram cada vez mais tornar eficientes os seus “Conselhos Técnicos” oficializados, especialíssimos e inestimáveis.

Ademais, os países novos teem necessidades de crear artificialmente a indústria maquinofatureira e, foi justificando a intromissão do estado no estímulo á indústria e ás atividades nacionais, quando as iniciativas privadas parecem hesitantes ou alheias aos problemas vitais do país, que assim já referira Latino Coelho, louvando semelhante ação executada energicamente pelo Marquês de Pombal:

“Si a América entregue a liberdade e a estéril iniciativa dos indivíduos é como um imenso e bravo lati-

fúndio, invoque-se como estímulo o privilégio comercial”.

Assim, façamos no desenvolver as indústrias vitais á defesa do País, as indústrias manufatureiras naturais e possíveis de aclimação em nosso território e, principalmente, com a indústria siderúrgica nacional.

A nossa política previdente, será, nós mesmos explorarmos nossa riqueza mineral, agrícola e florestal, implantando novas indústrias para utilização racional de nossas riquezas extrativas, antes que se acendam os apetites de estranhos sôbre o nosso país.

*
**

No Brasil, a verdade é que, os governos andam as mais das vezes atrasados em relação ao meio e ao tempo em que atuam.

Na época colonial, não como hoje, em que as condições demográficas, culturais, sociais, econômicas do Brasil, são diversas, si outra fosse a nossa evolução econômica e científica, ou mesmo social, podíamos ter explorado minério de ferro, ou “ferro guza” produzido com o carvão de madeira, como fizeram então os Estados Unidos e a Rússia.

O II Império, além de não facilitar o desenvolvimento industrial do país, sufocou a obra admirável realizada por Mauá, — tirando-lhe o necessário amparo aifandegário.

A República, por seu turno não compreendeu ainda que com a solução do problema siderúrgico teria o Brasil o remédio eficazíssimo de seus males.

O Império brasileiro copiara, ingenuamente, da Inglaterra, o gesto e as maneiras através de seus parlamentares, sem compreender, no entanto, que o segrêdo da vitalidade esplêndida do grande povo residia na pujança com que o ferro e o carvão de pedra movimentava-

vam as suas indústrias, os seus barcos a vapor e o seu comércio.

A República brasileira, com ingenuidade do mesmo quilate, copiou a obra constitucional norte-americana, sem perceber a obra educacional admirável de política econômica que, durante um século inteiro, lá fôra desenvolvida.

Possuidores das jazidas de ferro mais ricas do planeta, a nossa dissídia começa a ser criminosa, — responsáveis que somos pela sua utilização em benefício direto ou indireto do país, ou em nosso intercâmbio ainda insignificante que mantemos com outros povões.

Eis, em resumo, a nossa vergonhosa deficiência econômica:

Em 1926, importamos cerca de 300 mil contos de produtos siderúrgicos; 50 mil contos de matérias primas; 250 mil contos de produtos manufaturados, correspondentes a perto de 400 mil toneladas de peso.

Tem nisso o Brasil a razão primordial da precariedade econômica em que vive.

A sangria anual dessa importação já é, de fato, dolorosamente exgotante.

Carecemos de trilhos, arados e maquinismos... e fabricamos lança-perfumes e serpentinas!...

Todavia, não importa o Brasil, em ferro, nem um vigésimo, talvez, das duas necessidades. — Somos, pelo menos, vinte vezes mais pobres do que nos fazem acreditar os índices de nossa balança comercial.

Uma prova dessa pobreza nacional, temos no terreno das construções prediais.

Erigimos edifícios de vigamento e colunas de concreto, utilizando apenas tênues barras de aço, porque o concreto, — mesmo com o elemento importado, — é mais barato do que o vigamento e colunagem de ferro e aço que os norte-americanos usam em seus “arranha-céus” tanto “metalizados” quanto “concretados”.

Deixamos de aperfeiçoar a nossa agricultura porque não podemos comprar maquinismos para intensificá-la.

Deixamos de intensificar a construção de vias de comunicações que viriam transformar inteiramente a vida econômica e social do Brasil, — á míngua de produzirmos ferro e aço em grande escala.

A nós brasileiros deveriam calar fundamentamente estas palavras do Dr. O. G. Farrington: — *“as the situations stands to day Brazil is importing large quantities of iron and sheets from others countries for industrial use along the sea coast and in the more thickly populated areas, — importing commercially pure irons, manufactured thousands of miles away by the most modern process, — while in her backyard is the greatest stock of high quality iron ore in the world and a single primitive furnace similar to the type used in Europa 200 years ago”*. Palavras ditas em 1925 ao se referir á região de Itabira.

Os fatores econômicos cooperam e impelem-nos a sermos um grande povo de indústrias máquinofatureiras ativas aliadas a uma próspera e intensa agricultura. Os fatores essenciais no desenvolvimento industrial de um país são: — a sua disponibilidade de matérias primas e de combustíveis, — melhormente quando êstes se superpõem, como na Grã-Bretanha, no vale do Rêno e no Sul dos Grandes Lagos norte-americanos.

Ao par dêsses fatores é necessário ter mercado para o consumo da produção, o que pressupõe densidade de população, vias de comunicações eficientes e capazes de transportes a preços módicos e, finalmente, organização técnica, bancária e comercial.

Sendo o Brasil um país de mais de 8.500.000 quilômetros quadrados, já habitado por mais de 40.000.000 de indivíduos, com um crescimento anual de 1.000.000 de almas, — o que significa um mercado próprio, — o qual é inexistente para as indústrias de nações como a

Bélgica, a França, a Itália e, o qual não possui nem mesmo em parte, a Inglaterra, — temos ainda a vantagem sobre todos êsses povos industriais, de possuímos a maior reserva de minérios de ferro da Terra, com o máximo teor de metal e uma das maiores reservas e possibilidades de “hulha branca”.

Não obstante, devido á nossa evolução histórica e econômica e o fato de ter sido todo o desenvolvimento industrial que se operou no século passado, até 1822, quando a eletricidade entrou em concorrência com o carvão, como fonte de energia motriz e agente redutor do ferro, — todo êle baseado na utilização do carvão de pedra, como combustível, — só puderam se tornar, economicamente, industriais, os países que possuíam o ferro e o carvão em conjunto ou os que os misturavam e os transformavam *economicamente*, com mais vantagens.

Isso explica o erguer industrial do povo inglês, alemão, belga e norte-americano, — centralizando em áreas junto ás bacias carboníferas a sua indústria siderúrgica, — base de todas as outras, — para onde o minério era transportado até ha pouco, para aí ser reduzido, devido razões econômicas.

Pobres de carvão, o elemento propulsor de toda a grande indústria até 1882, e pobres de carvão líquido, que é o petróleo, — porque não decidimos ainda o explorar, — teríamos que contentar em sermos industrialmente fracos, quanto ás indústrias básicas, — a siderurgia e a metalurgia, — si fatores vários não viessem modificar e solver os problemas industriais do século que passa com a substituição do carvão por outros agentes motrizes ou utilização, em conjunto, dos combustíveis sólidos, líquidos e da eletricidade.

Os nossos recursos minerais e hidro-elétricos são suficientes para desenvolvermos muitas indústrias, porém, ainda que artificialmente, a princípio, precisamos

ser industriais, — como o foram e o são em muitas atividades, todos os atuais grandes países industriais.

“Muito outra seria hoje a situação brasileira si o material ferro que possibilitou a fraca riqueza que já cremos tivesse sido de produção interna em vez de ter vindo de fora.

O País deu em troca sangue, e como não chegasse o sangue de que dispunha, sacou sôbre o futuro, tomando-o de empréstimo.

A dívida externa do Brasil foi contraída, parte para adquirir ferro, parte para acudir ás consequências de não produzir ferro.

Aqui está a diferença entre produzir e comprar ferro. O primeiro caminho leva ao enriquecimento á moda norte-americana; — o segundo ao enclacramento á moda brasileira.

Um exemplo: — Os Estados Unidos possuem mais de 440.000 quilômetros de ótimos caminhos de ferro que nada custaram ao país visto como não possam de simples aplicação do ferro produzido em casa.

O Brasil possui apenas 37.000 quilômetros de ferrovia em estado precário que lhe custaram os olhos da cara.

Si contas forem feitas, chegaremos a conclusões apavorantes. Centenas de milhares de toneladas de ferro já se desfizeram em ferrugem antes que a amortização dos empréstimos que lhes possibilitaram a compra houvesse chegado a meio caminho.

Os juros pagos e a pagar acabarão representando muito mais que o lucro que êsse material terá trazido ao país.

Ferro é matéria de construção do mais barato; é chão derretido, como tijolo é barro cosido.

País que compra chão dos vizinhos, arruina-se.

E, outra coisa não temos feito nós, — os detentores da mais rica reserva de minérios do mundo...

O dilema vai-se tornando cruel: — ou *produzimos ferro e seremos um grande país* — ou continuaremos colher de pau e seremos esmagados.

A panela de barro da fábula sempre acabou rachada pela de ferro, — seja a história contada por Êsopo, Lafontaine, Trilussa ou pelo balanço de um guarda-livros internacional”. “Monteiro Lobato, em FERRO”.

Necessitamos construir dentro de vinte e cinco anos mais de 400.000 quilômetros de trilhos para as nossas atuais e projetadas linhas férreas que irão soldar o elo da cadeia da unidade nacional e fazer circular a riqueza creada por 70 milhões de brasileiros que então habitam o país.

Porque, então, deixarmos de implantar em nosso país a indústria capaz de produzi-los, indo adquirir no exterior o ferro que precisamos, enriquecendo a estranhos e aumentando o seu poderio político e militar?

Já somos bastantes pobres para precisarmos de trabalhar, de produzir e de guardar o que ainda nos sobra. Consigam, pois, os que nos governam, com fitos e objetivos verdadeiramente patrióticos, sem compromissos e obrigações com interessados nacionais e estrangeiros, efetuar a bem da pátria e felicidade geral o nosso máximo desenvolvimento nacional.

Infelizmente, ainda não nos apercebemos que a atualidade é a época da máxima influência da indústria siderúrgica, dos agentes motrizes, dos combustíveis e da eletricidade sobre os povos modernos.

Vivemos na idade do ferro, dos combustíveis e da eletricidade e ela é a da máxima evolução da humanidade, pois, durante a imensidade de séculos em que o homem não utilizou o ferro para confeccionar instrumentos, intensificar e aperfeiçoar os seus meios de trabalho o progresso foi insignificante.

Só á proporção que a humanidade foi aperfeiçoando os métodos de produção de ferro, de aço e de máquinas é que o progresso se foi acentuando, para atin-

gir uma carreira vertiginosa após a invenção do alto forno e o emprêgo do carvão mineral na grande siderurgia e na movimentação das indústrias metalúrgicas e máquinofatureiras.

A descoberta do emprêgo do carvão mineral nos altos fornos; a descoberta do tear mecânico e a construção do barco a vapor, teem, para a humanidade, valor superior ao da revolução francesa ou *mesmo de todas as revoluções armadas que os políticos fizeram no mundo*.

E' isto o que ainda não aprendemos. Foi isto o que depois de seu malôgro aprendera Napoleão Bonaparte, quando dissera que fora da sua incapacidade de prever o futuro do barco de Fulton, — que vira navegar no Sena, pela vez primeira, — uma das máximas causas de sua derrota.

Aliás, não fôra sem fundamento na razão e na experiência que o grande Côrso, no exílio, examinando serenamente as várias causas de seu fracasso dissera: — que poderia se tornar senhor do mundo si depositasse confiança em Fulton, mas que os “sábios imbecis” ridicularizaram essa invenção, de maneira idêntica que fizeram com a electricidade e, que, no entanto, numa e noutra ha um grande poder”.

E' a falta de combustíveis, de ferro, de electricidade aplicada em beneficio do homem, é a carência de indústrias máquinofatureiras, que, em muitos aspectos nos fez passar a bagageiros do progresso dentre as grandes nações.

Bem sabemos que é enorme a complexidade dos factores técnicos que caracterizam a mais velha e a mais útil de todas as indústrias e, — principalmente, no caso especial do Brasil, — presentemente, país rico de minérios e pobre de combustíveis em exploração.

Bem sabemos também, que é a indústria máquinofatureira, apoiada na indústria siderúrgica, que define

pela sua importância, a riqueza, o comércio e a força militar de uma nação moderna.

E' por isso que insistimos em chamar a atenção da geração atual brasileira para a necessidade de se estudar a história da evolução industrial das grandes potências atuais do mundo, fixando-se em suas indústrias principais: — siderurgia, carvão, eletricidade, petróleo, tecidos, cimento, fiação de algodão, fertilizantes, etc., afim de se formar diretriz segura para impelir o progresso geral da terra brasileira.

“O surto industrial do Brasil será uma realidade quando estivermos habilitados a fabricar, sinão todos, — a maior parte das máquinas que lhe são indispensáveis. Daí a necessidade de não continuarmos a adiar, — imprevidentemente, — a solução do nosso problema siderúrgico.

Não é só o nosso desenvolvimento industrial que o exige; — é também a própria segurança nacional, que **NÃO DEVE FICAR A MERCÊ DOS SEUS MAIS RUDIMENTARES ELEMENTOS DE DEFESA**”.

E' urgente, pois, o nosso esforço para tornarmos o Brasil um país grande utilizador de combustíveis ou de seus substitutos, — principalmente, da energia elétrica, — para sua grandeza, riqueza, poderío, prosperidade, cultura e felicidade.

Foi assim que procederam todos os velhos povos do Ocidente e assim devemos proceder. E' êste o problema que precisamos resolver, a bem dos máximos interesses nacionais; e, a tese essencial que nos propuzemos desenvolver não é outra sinão demonstrar que a história, a ciência, as nossas finanças, a nossa situação econômica não aconselham outra solução para o problema da escravidão ou independência *real* do Brasil.

“O problema brasileiro é o mesmo do resto da humanidade. E' adquirir eficiência para dominar a natureza. Para isso o caminho é o mesmo já seguido pelas atuais principais nações: *criar a máquina e produzir a*

energia que a faz trabalhar. E como a matéria prima da máquina é o ferro, temos antes de mais nada de produzir ferro". Produzindo ferro e máquinas e tendo a energia dos combustíveis ou a energia hidro-elétrica para movimentá-la, teremos resolvido o máximo problema nacional.

Temos que nos convencer que é assim, que não pode deixar de ser assim, que foi êsse o caminho de todos os grandes povos modernos e que nada ainda decorreu que mudasse os termos da equação".

Para trazermos diante dos brasileiros o que significa para o nosso país o descuido que temos dado ao desenvolvimento industrial, — são oportunas estas palavras impressionantes de Monteiro Lobato, o ilustre patriótico, extasiado diante da grãdeza, da prosperidade e poderío dos Estados Unidos da América do Norte:

"Sempre nos impressionou fundamente o fato de dois países de quasi igual território, — Estados Unidos e Brasil, — situados no mesmo continente, descobertos no mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, europeus e negros, libertados do jugo da metrópole com pequena diferença de anos, — alcançar, um o fastígio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da terra, e o outro a triste situação de bêco sem saída em matéria de encalacramento.

Instituições políticas? São as mesmas. Raças? São as mesmas, — branca e negra. Clima? Temos metade do país, — pelo menos, maravilhosamente adequado á prosperidade do homem.

Porque então, tal disparidade de destinos?

Êsse enigma, pior que o da Esfinge quando o tentamos decifrar em casa, deixa de ser enigma logo que pisamos o cáis de Hoboken e um trem subterrâneo, correndo por baixo do Hudson, nos projeta na ilha de Manhattan.

Ao aflorar á superfície o "eureka" de Arquimedes nos explode no cérebro.

O ferro explica tudo.

Só o homem poderosamente multiplicado pela máquina poderia construir esta metrópole de Titans. — e a máquina não passa de simples aplicação do ferro.

Si dessa clareza impressionista procurarmos passar á certeza matemática, estudando pelas estatísticas a percentagem que o ferro contribue para aquêle colossal conjunto de grandezas, a convicção se nos cristaliza no espírito para sempre.

FERRO. — SO' O FERRO CRIA A RIQUEZA E O PODER.

Os Estados Unidos arrancam, por año, de 60 a 70 milhões de toneladas de minério e as transmutam em ferro. Em seguida transformam essa vertiginosa massa de metal em máquinas ou materiais de construção, que incorporam á estrutura do país.

E' de estranhar que se enriqueçam de maneira estonteante?

Alguns números tomados no "Bureau of Census", para o ano de 1927, dão medida do que isto representa:

Altos fôrnos, fôrnos de aço, laminagens . . .	Fábricas	Valôr da Produção
.	773	\$3.870.757.093
Produtos de aço	13.643	\$4.209.817.128
Artigos manufaturados de aço	9.689	\$9.800.872.085
	<u>24.105</u>	<u>\$17.880.872.306</u>

Si dá vertigem o simples atentar nesse "valor da produção" de um ano, que forma nova de tontura dará o considerar o "valor do trabalho" com que a imensidão de máquinas produzidas cada ano passa a enriquecer perpetuamente a economia da nação?

Dezeseite bilhões de dólares por ano correspondem a seis vezes a riqueza nacional do Brasil!...

Quer dizer que só com a produção e manipulação do ferro os americanos do norte produzem em 365 dias

um valor equivalente seis vezes ao que conseguimos formar em mais de quatro séculos desde que o colôno luso fez a primeira casa e plantou o primeiro pé de cana até hoje”. (1)

Isso explica aquêlê índice de eficiência igual a 42, — significando que os 120 milhões de habitantes dos Estados Unidos da América possuem uma capacidade de produção igual á de 5.040.000.000 de homens naturais ou homens músculos.

Eis também a razão de ser êsse país a terra de tudo fenomenal, grande e “biggest or smallest in the world”.

Hoje o ferro constitue a base da civilização da vida, da prosperidade e da força das nações modernas.

Não se concebe mais a vida sem a máquina e a máquina é de ferro...

Foi dessa preponderância do grande metal na vida moderna que estabeleceu a superioridade dos povos que o produzem sôbre os que não o produzem.

Aí está aos olhos da atual geração a influência mundial da Inglaterra, dos Estados Unidos da América, da Alemanha, do Japão e de outros países grandes fabricantes e utilizadores de ferro.

Também, sob os nossos olhos ainda estão bem vivos os traços que fizeram vacilar as probabilidades da vitória na grande guerra, segundo os recursos siderúrgicos, de combustíveis, de carburantes, — de força motriz, — dos países empenhados na luta formidável.

Hoje, nenhuma nação pode estar tranquila de sua soberania quando não fabrica os seus instrumentos de trabalho e de guerra ou não possui os agentes para a movimentação de suas indústrias, de seus veículos e ferrovias.

Tal é a dependência em que estão as nações sem indústrias metalúrgicas das grandes potências industriais

(1) Monteiro Lobato em “Ferro”.

que, “mesmo para fazermos uma revolução armada precisamos pedir licença á Inglaterra e aos Estados Unidos”, pois a época de se combater á lanças já se foi.

Ao pensarmos em preparar a defesa militar do Brasil nunca deveríamos nos esquecer dessas palavras de Antônio Torres:

“A Inglaterra pode levantar em pouco tempo um exército de cinco milhões de homens, porque tinha lá na sua ilha os recursos industriais capazes de armar êsses cinco milhões de indivíduos.

Os turcos são soldados por índole, por tradições e por educação; e ainda que sendo mais numerosos que os ingleses isto não os impediu de serem derrotados. Porque? — Porque não teem armas e não teem a ciência militar moderna.

Os russos são bons soldados e numerosos como pragas de gafanhotos, o que não impediu que êles tivessem de ser derrotados por Hindenburg...

A França, a Alemanha, a Inglaterra, o Japão, a Itália e os Estados Unidos da América são potências industriais, econômicas e financeiras.

Si a Itália não tivesse os seus estaleiros e fábricas de Spezia e de Livorno, a imaginação de Gabriel D'Annunzio não seria mais eficiente que os discursos de Olavo Bilac...

Enquanto não formos capazes de aproveitar o ferro de Minas Gerais para fundirmos couraças de navios e canhões para as nossas fortalezas e montanhas, inútil será pensar em formar exército.

A campanha que se fez em prol da formação de contingentes de parada, seria mais útil e proficua, si tivesse sido feita em prol da abertura de fundições de ferro para as carretas, aço para os canhões e aço flexível para as lâminas das espadas!...

Realmente, a defesa militar dos países não industriais não passa de figura de retórica, — de “verdadeiro passatempo de crianças barbadadas”, — si êles teem de

depende de outros povos para obterem seus instrumentos de trabalho, as suas armas e munições.

Produzir ferro e construir máquinas, foi o segredo da expansão da Inglaterra, que aplicando o ferro á navegação assenhoreou grande parte do mundo.

Foi o segredo do expandir da Alemanha, da França, da Bélgica, do Japão, da Itália e é o segredo do estonteante desenvolvimento dos Estados Unidos da América.

“Será o segredo do Brasil, também, já que a natureza o dotou de imensas jazidas de metal para dar máquinas”.

Da falta de orientação dos dirigentes do Brasil no sentido de “industrializar o país”, dos fatores que impediram ser o Brasil um país industrial, da não utilização das nossas forças motrizes naturais e da não utilização do carvão, do petróleo, do ferro e das quedas d’água em larga escala, originou o não termos podido repetir na América do Sul o fenômeno anglo-americano, porém, nada nos impede de o repetirmos ainda si orientarmos de maneira sagaz e objetiva a política industrial brasileira.

O CARVÃO, O PETRÓLEO, AS QUEDAS
D'ÁGUA E A ELETRICIDADE COLOCARAM OS
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NA VAN-
GUARDA DAS NAÇÕES

“O povo norte americano beneficia-se de uma percentagem excepcionalmente favorável da riqueza do planeta; “c'est la première, la plus solid raison de son étonnement prospérité”.

André Siegfried.

Inegavelmente, os Estados Unidos da América tornaram-se, em menos de um século, o máximo povo da Terra.

Habitados, em 1776, por uma população paupérrima, esta escrevia ao seu soberano, então rei da Inglaterra, Carlos 2.º, referindo-se á pobreza da terra que habitavam: “Deus sabe que a nossa maior ambição é passar uma vida tranquila neste canto do mundo. Não viemos buscar fortuna no deserto, e quem vier com esta esperança será desiludido”; — essa nação, tornou-se depois, a grande potência econômica, o povo mais produtor e mais rico do universo.

E' curioso notar-se que, antes da era do aproveitamento do carvão, da fusão íntima dêsse com os minérios de ferro e da utilização do petróleo como agente motriz máximo de uma era, tal era a pobreza dos Estados Unidos da América que, mesmo os seus maiores não a ocultavam, e, ao se dirigirem ao seu rei, referin-

do-se a uma Comissão que o soberano nomeara para administrar a “colônia” queixavam-se da pobreza em que viviam, nesses termos:

“Si o fim da “Comissão” nomeada é gratificar algumas pessoas com pensões e honorários, o fim não será alcançado por causa da pobreza do país.

Ainda que todas as rendas do Estado fossem somadas e em seguida dobradas, tudo seria insuficiente para um só desses aristocratas. Para isso nada poderá fornecer o povo e será difícil achar um outro que possa suportar neste país um encargo considerável, porque *nesta terra só se pode subsistir por um trabalho rude e uma grande frugalidade*”.

Como está transformado esse quadro, consequência da utilização dos combustíveis e do ferro na atual civilização!...

Hoje, os norte-americanos já não se lembram, talvez, dos dizeres dessa carta, pois, tornaram-se o povo mais rico e mais perdulário do mundo.

E’ que, si o carvão de pedra, dera poderio e expansão á Inglaterra, — forjando, ao lado da máquina a vapor e do tear mecânico, a grandeza britânica, erguendo esse grande império, — assim também, — primeiro o carvão, depois o carvão e o petróleo, — mais tarde estes aliados á eletricidade e a hidro-técnica, — multiplicando o poder produtor do homem norte-americano, — fizeram com que esse país, paupérrimo que era em 1776, se tornasse, poucos anos depois, a nação mais opulenta, mais industrial e mais produtora do Orbe.

Foi a utilização do carvão de pedra, do petróleo, das quedas d’água e a aplicação sistemática e progressiva do motor elétrico ás indústrias de transformação e maquinofatureiras que forjaram o grande poderio industrial e econômico dos Estados Unidos da América; que lhes permitiu tornarem-se o “senhor do mundo” hodierno, á semelhança da Inglaterra que, outróra, sendo a máxima utilizadora do combustível e dos minérios

ferríferos que arrancava de sua ilha sáfara, — fôra a dominadora suprema do mundo de então!!!...

Deveras, os Estados Unidos da América, país de 125.000.000 de habitantes, efetivamente dominam ... 345.000.000 de indivíduos na Europa e outro tanto ou mais no mundo... Consequência da utilização intensa dos agentes motrizes e da intensificação industrial é que os Estados Unidos teem agora a primazia na produção e consumo dos principais artigos que utiliza a humanidade, — o que demonstra o alto gráu de confôrto, a elevada civilização que desfruta o povo norte-americano.

Condições geológicas, cêdo fizeram da Inglaterra, ilha de sólo agricultável áspero mas de sub-sólo contendo abundantes depósitos de carvão ao lado de depósitos de minérios de ferro, uma das máximas regiões industriais da Terra.

Como bem disse Monteiro Lobato, as zonas ou os países onde o carbono é abundante permitem que se tenha muita combustão, e muito calor, e muito vapor d'água, e muita energia mecânica, e muita máquina em movimento. E o homem que habita essas zonas começa a crescer tanto em progresso que acaba pondo sob o seu domínio, *como escravos*, os seus irmãos das zonas menos carbônicas.

Surge a Inglaterra, que amarra a si toda uma fieira de zonas, ou povos.

O seu carbono permite-lhe o mais violento surto de eficiência da nossa éra. O mundo passa a dividir-se em países fortes e países fracos.

Nos países ricos em carbono, que podem desenvolver enormes quantidades de energia mecânica, o homem aumenta cada vez mais o seu índice de eficiência.

A primeira fonte de carbono utilizado para criar a energia mecânica foi a lenha. Tinha o defeito da produção limitada e cara, além do fraco rendimento calórico, da dificuldade de transporte e outros.

Depois surge o carvão, raios de sol que nas éras primitivas ficaram soterrados. E o sol fóssil, vindo de novo á tona, mostrou-se o material ideal para fonte de energia mecânica. Fez-se o país do progresso moderno.

Mas êsse progresso ficava privilégio dos países dotados de grandes reservas de carvão — Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha.

Tais países tornaram-se os mais ricos e poderosos, os astros de primeira grandeza num mundo de satélites, porque a soma da energia mecânica que podiam desenvolver com a queima do carvão viera aumentar tremendamente a eficiência do homem politicamente chamado inglês, americano, francês, alemão.

O mais rico em carbono fóssil, a Inglaterra, apesar duma simples ilha sáfara, domina o mundo. Invade todos os continentes, péga a Austrália, as Índias, a melhor parte da África e quantas ilhas convém; 400 milhões de homens de todas as côres submetem-se ao punhado de ilheus que tinham ilimitadas quantidades de carvão para queimar.

Mas um dia o coronel Drake fura a terra da Pensilvânia e faz jorrar um líquido negro chamado petróleo. O mundo vai mudar. O equilíbrio das forças não será mais regulado pelas quantidades de carvão existentes no sub-sólo de um país — e sim pela quantidade de petróleo que êsse país dispuzer.

O petróleo iria revelar-se a mais alta forma de carbono industrial, a de maior rendimento térmico, de mais fácil transporte, — e a mais barata, porque uma vez aberta a fonte vinha á tona por si mesmo, sem necessidade de mineração. Tudo muda. Os países de petróleo sobem ao poder.

Surgem na arena os Estados Unidos, projeção inglesa na América.

De simples colónia passa êsse país, em pouco mais de um século, ao primeiro lugar no mundo, como o mais rico, o mais poderoso e por fim o credor universal. Por-

que? Porque graças á produção intensa da matéria prima da máquina — o ferro, e da produção intensa da matéria prima da energia mecânica — o petróleo, conseguiu elevar o índice da eficiência do homem norte-americano que passou a “poder” tanto, a produzir tanto como 42 homens naturais, (os que só podem o que os seus músculos podem, como o selvagem).

Distanciou o europeu em 31 pontos. O índice de eficiência do europeu em 1929 era igual a 13”.

Si bem que o carvão, a energia proveniente das quedas d’água e o gigante moderno, que é o motor eléctrico, sejam as três colunas do grande edificio que é o progresso e a civilização norte-americana, — inegavelmente, — foi o petróleo um dos máximos factores que contribuiu a colocar os Estados Unidos na vanguarda das nações!...

Passaremos em revista o que são os Estados Unidos em face do mundo moderno.

A riqueza natural do sólo e do sub-sólo dos Estados Unidos da América teem-lhe permitido uma independência económica, uma expansão tão acentuada e um viver com padrão de vida tão alto que supera o de qualquer outro país.

A sua riqueza natural dispensa-lhe importar a maioria das matérias primas que necessita e, permite-lhe exportar artigos manufacturados.

Enquadrado entre os países jovens, fornecedores de matérias primas, os Estados Unidos estão, entretanto, bem colocados entre os países intensamente industriais.

Em 1923, êles só importavam para seu consumo, 7,9% da sua produção, enquanto a Inglaterra, — o segundo país mais industrial do Universo, — importava 35% do que produzia para seu consumo alimentar e 64% das matérias primas necessárias a ativar as suas indústrias.

Dai a diferença na política expansionista, imperialista, comercial e industrial desses dois povos: — *A Inglaterra é solidária do mundo e a América do Norte não o é.*

Por isso, de um lado, a inquietude é intuitiva e crônica, do outro reina uma soberba segurança.

E' que o povo norte-americano beneficia-se de uma percentagem exceccionalmente favorável da riqueza do planeta e, por isso pode se tornar o mais próspero de todos. Como muito bem disse André Siegfried... *c'est la première, la plus solid. raison de sou etonnant prospérité.*

Graças á constituição geológica de seu território, e ao seu clima variado, possuem um conjunto relativamente equilibrado de possibilidades e exploram além de suas necessidades normais, o cobre, o chumbo, a prata, o petróleo, (posse precária), o algodão, o trigo, o fumo e a carne.

Êles bastam-se para o carvão, o minério de ferro, o milho, as aves, os animais de carga e de séla. Apesar da formidável utilização de suas riquezas naturais, o norte-americano vive quasi em família e, as cifras de seu comércio internacional, — si bem que formidáveis, — mesmo astronômicas diante de nossa pequenês no campo comercial, — são relativamente pequenas em proporção ao seu comércio interno.

A importação dos produtos que os norte-americanos não possuíam, em 1925, obedeceu a estas cifras:

Matérias primas brutas e meio acabadas	58,6 %
Produtos alimentícios brutos e semi-manufaturados	22,0 %
Artigos manufaturados	18,8 %
Diversos	0,6 %

Nem os artigos manufaturados, nem os alimentícios, ocupam o primeiro lugar. Êste pertence ás matérias primas que figuram assim em ordem de importân-

cia, em dólares: — a *borracha*, com 430 milhões; a *sêda*, com 396 milhões; seguindo na ordem decrescente, o café, o açúcar, a lã, as peles, o estanho e a pasta de madeira.

Estas cifras e, mesmo o total da importação que ultrapassou a quatro bilhões de dólares, não nos deverão deixar perder de vista o fato de que êsses quatro bilhões de dólares não representam nem 10% do total das transações internas do país.

Em face das cifras acima é justificável, portanto, o sentimento extraordinário de independência econômica dos Estados Unidos da América.

Quando se lhe confrontamos com a Inglaterra, — rainha, mas escrava, dos mares, — ou mesmo com a Europa, — cujo sólo não alimenta completamente nem as populações rurais nem as suas usinas e fábricas, concebe-se o motivo da vaidade dos anglo-americanos.

O êxito industrial dos Estados Unidos da América sôbre a Europa reside em vários fatores, inclusive a sua tarifa protecionista, — mas o fator principal é *uma proteção verdadeira, natural, existente nas próprias condições do meio* e o qual a Europa, nem outros Continentes possuem, tais: — abundância de recursos naturais e de capital já acumulado e disponível "in loco"; vasto mercado interno uniforme, SEM BARREIRAS, sem impostos interestaduais e fortemente servido por vias intensas de comunicações de construção fácil, o que permite uma fabricação em massa, "standardizada", baratíssima.

Neste raciocínio, não se pode perder de vista que os Estados Unidos são um país geográfica e politicamente diferente da Inglaterra ou de qualquer outro país europeu ou americano, onde as circunstâncias permitem fazer, COM MENOS ESFÔRÇO, e, talvez com menos gênio, o que o velho continente ou nós aqui na América do Sul, não pudemos realizar até hoje.

Não se pode compreender a filosofia da produção norte-americana si se olvidar que os Estados Unidos trabalham com a sua própria matéria prima, (o que nós brasileiros também podemos fazer), para um mercado de 120 milhões de indivíduos; que é o país mais bem aquinhoado quanto as riquezas naturais, quanto ao clima e também o país mais protecionista do mundo.

Por exemplo: — nos tecidos, principalmente para os artigos finos, os Estados Unidos se defendem por direitos aduaneiros que variam de 40 a 80% *ad valorem*.

De outro lado dessa barreira aduaneira formidável se encontra um mercado livre, — INTEIRAMENTE LIVRE, — não tendo nem mesmo os entraves que inferiorizam a federação brasileira, com os seus abusivos gravames e estúpidos impostos interestaduais e intermunicipais!...

Esses fatos explicam, porque a Alemanha, a Inglaterra, a França, a Bélgica e a Itália não tem progredido mais no campo industrial, pois, além de terem que importar a maioria das matérias primas para várias de suas indústrias, não possuem sinão um mercado interno reduzido, — mesmo com a população já excessiva, mas de baixo teor de vida, que o seu território pode conter.

São países que não possuindo, como os Estados Unidos, e NÃO PODENDO VIR A CONSTITUIR COMO O BRASIL, — um vasto mercado próprio, tem que voltar as suas vistas para os mercados externos, os quais dificultam e impedem, cada dia mais intensamente, o êxito da produção das indústrias uniformes, “standardizadas”, para serem econômicas.

Além desses fatores naturais que conferem aos Estados Unidos a primazia industrial em inúmeras atividades: — automóveis, rádios, material elétrico, máquinas de escrever, máquinas fotográficas, películas cinematográficas, máquinas de coser, etc., a utilização racional do trabalho humano secundado pelos motores e

maquinismos automáticos aperfeiçoadíssimos muito contribuíram para elevar a indústria e o trabalho norteamericano a um grau de eficiência nunca atingido por outra indústria ou qualquer outro país.

E' devido a essa eficiência industrial e á multiplicação do esforço humano e de seu índice de eficiência, consequente a utilização do carvão, do petróleo e da electricidade, que foi possível ser reduzida a mão de obra na grande nação enquanto aumentou a sua produção, como demonstram os seguintes dados:

ANOS	1899	1904	1914	1923
FÔRÇA MOTRIZ	100	220	198	336
PRODUÇÃO	100	156	198	285
NÚMERO DE OPERARIOS	100	134	161	190

A produção aumentando mais rápidamente que o número de operários foi o resultado do aumento da FÔRÇA MOTRIZ utilizada no país, — consequência da utilização das fontes naturais de energia disponíveis: — QUEDAS D'ÁGUA, minas de carvão e poços de petróleo que, applicados á maioria das indústrias norteamericanas, permite elevar os salários sem comprometer, — bem ao contrário, — o equilíbrio econômico e social do País.

Abandonando o característico de nação essencialmente agricola ou agrária e semi-manufatureira, os Estados Unidos entraram, depois de 1914, no conjunto das grandes nações máquinofatureiras, e, daí a transformação que se passou nos artigos de sua importação.

Precisamos ter sempre em mente, ao organizarmos qualquer plano de ação coletiva, que foi desenvolvendo e intensificando as suas fontes de energia motriz e aperfeiçoando a sua indústria de manufaturas que os Estados Unidos da América desenvolveram a sua agricultura a ponto da atividade agrária *ianqui* vir a sofrer a doença crônica da super-produção periódica, tornando-se um dos problemas máximos que ocupam os seus le-

gisladores, pois, após cada crise dificultosamente ladeada, a super-produção agrícola surge novamente com quantidades superiores a toda previsão.

Esta super-produção, em grande parte consequência da política de hipertrofia das atividades tanto agrícolas como industriais consequente a política de serem os Estados Unidos um mercado reservado sómente para os norte-americanos, — para o que lançam mãos de uma serie de artifícios tal qual fazemos com o café, é também, em grande parte, consequência da produção em grande escala, por métodos científicos e do emprêgo dos modernos agentes motrizes naturais e dos maquinismos que centuplicam o esforço humano.

Ela é uma resultante da política eficiente da substituição do esforço humano pelo trabalho mecânico, pela expansão do vapor, pela dilatação dos gases do petróleo ou pelo fluxo elétrico, — tornando tão excessiva a produção agrícola norte-americana que nenhum recurso de legislação que não venha agravar a capacidade produtiva da agricultura *ianqui* trará remédio ás crises successivas da produção oriunda da fecundidade do sólo, da aplicação da fôrça motriz em grande escala e da operosidade humana.

E, si a agricultura norte-americana atingiu a tão elevado gráu de pujança é tal o gráu de industrialização a que chegara essa grande nação que a sua produção industrial, num decênio, aumentou de 40%, por unidade de mão de obra, excedendo de muito o consumo, a ponto da “Federação Americana do Trabalho” manifestar verdadeira hostilidade ao trabalho mecânico, não ocultando os seus directores “a derrota insultuosa do efetivo humano”.

Devido a essa produção excessiva é que os Estados Unidos da América, agora, como os demais países imperialistas e industriais, empreenderam a jornada de construir um império comercial afim de dar saída ao exçesso de produção de sua super-indústria máquinofa-

tureira, produção esta que já não pode ser toda consumida em seu território, como até ha pouco. Para a colocação, do excedente dos produtos do sólo, principalmente do algodão, do trigo e dos objetos máquinofaturados, é que a América do Norte volve os olhos para a América do Sul como excelente mercado que lhe deve pertencer e, para a conquista do qual fará tudo, lançando mão de todos os recursos: da propaganda comercial e cinematográfica, da diplomacia, da imprensa subvencionada e, — mesmo si preciso fôr, — das armas.



Tem sido coroada de êxito a nova éra da política expansionista do comércio exportador norte-americano e, o seu crescimento a partir de 1913, atingiu em 1929 a 150%, porém, com a diferença da diversidade de artigos até então exportados.

Antes, pesavam as matérias primas no seu comércio exportador e, hoje a sua exportação é constituída em maior proporção de mercadorias dependentes de fabricação científica: — instalações elétricas e mecânicas, pneumáticos, combustíveis, máquinas em geral, ascensores, automóveis e peças, radiotelefonía, óleos, combustíveis e, mesmo vestes e calçados. Teremos uma visão real do crescimento dêsse comércio com a seguinte exposição da “Câmara de Comércio Americana de São Paulo” publicada em 1929:

“Com a rápida expansão do comércio americano nos últimos anos, de muito tem aumentado a importância do mercado de exportação. Apesar de que a exportação norte-americana representa apenas de 8 a 10 por cento da produção, o decréscimo da margem de lucros da indústria fabril e a intensa concorrência no mercado interno tende a fazer com que o comércio externo venha a ser um fator vital no *aumento dos lucros líquidos*,

Não obstante a entrada vigorosa da Europa na luta para a conquista dos mercados estrangeiros, nada tem impedido o crescimento do comércio norte-americano de exportação.

Em 1928 a exportação somava \$5.129.000.000⁰⁰ ou seja um aumento de 54% sobre o ano de 1927 e é uma soma maior do que a de qualquer outro ano, exceto durante o período da inflação de 1916-1920.

Com êsse expandir na exportação dos Estados Unidos da América, enquanto a importação aumentou em 3% em quantidade, diminuiu de 2,2% em valor, a um total de \$4.091.000.000⁰⁰.

Êsse declínio em valor foi em maioria, devido á baixa dos preços para a borracha e sêda. A combinação do aumento de exportação e o decréscimo na importação resultou em um enorme saldo comercial de \$1.039.000.000⁰⁰ para o ano de 1928, o qual em 1927 foi de \$681.000.000 e para o ano de 1926, \$378.000.000^c”.

*
**

Sómente osaldo dêsse comércio, em qualquer dos anos referidos, foi superior ao de todo o movimento comercial brasileiro em qualquer época que queiramos nos referir, — no Império ou na República.

Eis aí a grande diferença das possibilidades de produção, de criação de riqueza e de facilidade de trabalho, que pode exercer um país agrícola e outro industrial: grande utilizador dos combustíveis, do ferro e da electricidade.

Mas, o fato mais interessante no crescer e prosperar do comércio exportador norte-americano é a *grande parte* que neste desempenham os *produtos manufaturados*.

Algumas modificações tem se operado no caráter do comércio exportador dos Estados Unidos e, consequentemente, na sua distribuição geográfica,

Continuando a marcha de muitos anos, a exportação de produtos manufaturados demonstrou, em 1928, um grande aumento de 14%, e em 1929, era de 75% maior do que em 1922.

Os produtos acabados constituíam 45% do total da exportação em confronto com 24% que representavam em 1905.

Nós mesmos temos contribuído muito, apesar do desenvolvimento industrial que vamos tendo, para êsse formidável aumento da exportação norte-americana de artigos manufaturados, pois, para só citarmos o ano de 1924, a nossa importação de artigos manufaturados dê-se país atingiu a 1.259.305 toneladas, no valor de rs. 1.570.230 contos.

Mencionando apenas uma classe de artigos, — só em automóveis, teem assim aumentado o seu número e valor de nossa importação. Durante o ano de 1921 importamos 977 automóveis no valor de rs. 13.293 contos; em 1922, 2.772 no valor de 20.998 contos; em 1923, 12.995 no valor de rs. 53.547 contos; em 1924, 24.167 no valor de rs. 91.791 contos e em 1925, 43.714 no valor de 177.635 contos.

Só em gasolina, peças, pneus vão as nossas compras acima de 240.000 contos anuais.

Damos a seguir, em porcentagens, as modificações que se efetuaram nos vários grupos de manufaturas exportadas dos Estados Unidos em proporção á exportação total:

	1901	1928
	% do total	
Matérias primas	30,3	25,7
Artigos de alimentação crús	12,2	5,8
Artigos de alimentação manufaturados	22,2	9,3
Manufaturas meio acabadas	11,2	14,3
Manufaturas acabadas	24,2	44,9 (1)

(1) Artigo — Export and American Business Brazilian American, June, 1929.

Convém notar que enquanto os Estados Unidos exportam apenas de 8 a 10% do valor de sua produção total, a Grã-Bretanha exporta de 25 a 30% de toda a sua produção interna.

Conclue-se pois, que os Estados Unidos da América, como um exportador de produtos manufaturados está ainda na sua infância, — si bem que com potencialidades formidáveis.

Deixando de importar produtos acabados, os Estados Unidos, hodiernamente só importam, em escala visível, produtos tropicais ou matérias primas.

Disso nos certificaremos diante de dados positivos, pelas cifras representativas dos artigos que mais pesam na sua balança de importação: — Borracha, Sêda em bruto, Lã, Café, Açúcar, Pôlpa de madeira, Petróleo, Peles, Zinco, Frutas Nozes e Oleos vegetais.

Contrastando-se os produtos que mais pesam na importação norte-americana com os que oneram a importação brasileira vê-se que só importamos quasi, produtos manufaturados e exportamos produtos extrativos, — situação oposta a dos Estados Unidos. Essa diversidade de atividade dos norte-americanos e brasileiros explica o progredir, lento ou acelerado, de cada um.

E' expressiva a nossa dependência econômica do exterior e, sem mencionarmos a nossa formidável importação de trigo e de outros produtos alimentícios, convém se ter sempre em vista, que ainda importamos matérias primas e muitos outros artigos que devíamos ser exportadores, dada as facilidades climatéricas, a amplitude de nosso território e as necessidades presentes da economia universal.

Vivendo de extrair e comerciar matérias primas e produtos extrativos arrancados bárbaramente ao sólo, — sem os aperfeiçoarmos com os conhecimentos científicos que são o apanágio dos povos industriais, das nações grandes utilizadoras dos combustíveis e dos agentes motrizes que multiplicam o esforço humano, — é

que chegamos a ser tão dependentes do exterior, quando outra devia ser a nossa situação na economia universal.

Porque fomos um país sem cultura, e porque em nosso passado sempre fomos um povo de agricultores e de pastores, — é que só depois de abolirmos a única coisa estável com visos de organização que êste país já possuiu, — a *escravidão*, é que nos centros de maior influxo imigratório começámos a dirigir a nossa atividade para a indústria maquinofatureira, — para a utilização dos agentes naturais de força motriz.

Enunciando a precariedade econômica brasileira, em face da nossa grande importação de artigos mesmo alimentícios, si ainda levarmos em conta a desconsideração que nos dispensam no exterior, — então é que se tornará mais patente como é precária a situação do Brasil e a nossa vida de povo autônomo, apesar de nosso tão apregoado e “estupendo” progresso.

Enquanto ainda adquirimos no exterior matérias primas que poderíamos produzir no país e vivemos importando artigos manufaturados como: — tecidos de algodão, de lã, de borracha, automóveis, cimento, pneumáticos, ferro e aço em manufaturas simples, louças e porcelanas, máquinas de rudimentar fabricação, papel, produtos químicos e farmacêuticos, gasolina, querosene, óleos minerais e combustíveis, — importação essa que esvái e empobrece a nossa terra, vamos, automaticamente nos escravizando ao estrangeiro.

E' verdade que, de 1913 para cá vamos nos completando melhor, pois, segundo estatísticas oficiais assim tem decrescido a nossa importação de matérias primas e de produtos manufaturados:

Anos	População brasileira
1913	23.000.000
1925	36.000.000
1926	36.870.972
1927	37.500.000

O BRASIL EM FACE DOS
MATÉRIAS PRIMAS

Anos	1913	1925	1926	1927
Importação p/ habitante, em quilos	48	148	70	79

PRODUTOS MANUFATURADOS

Anos	1913	1925	1926	1927
Importação p/ habitante, em quilos	52	34	31	35

Estes números servem para demonstrar como nos atrazamos na senda industrial e devem incentivar-nos a cuidarmos a toda pressa de utilizarmos o máximo de nossos agentes motrizes: — sejam os combustíveis, sejam os desníveis de nossos rios, — afim de tornarmos o Brasil um país industrial e maquinofatureiro com urgência.

Consequência de uma indústria intensa é que os Estados Unidos da América teem a primazia na produção e consumo dos principais artigos de uso forçado da humanidade, — o que demonstra o alto grau de conforto, a elevada civilização que desfruta o povo norte-americano e o seu poderío econômico, expresso nas seguintes cifras:

Porcentagem da produção total mundial de vários artigos que os Estados Unidos da América exportaram em 1925:

Algodão	50%
Trigo	30%
Produtos suínos	30%
Automóveis	10%
Máquinas de escrever	50%

No quadro seguinte mostramos a proporção que cabe aos Estados Unidos, em comparação com o total mundial e em função de sua população para o seguinte:

População	1/16
Consumo de açúcar	1/4
Consumo de borracha	3/4

Telefones instalados	5/8
Quilometragem ferroviária	3/4
Automóveis em uso	3/4
Consumo de café	5/8
Importação de sêda em bruto . . .	3/4

Mais interessantes ainda, e de maior valor para demonstrar o fato da preponderância no Mundo da maior nação industrial da Terra, é a proporção das coisas produzidas nos Estados Unidos da América, em proporção á produção total mundial:

População	1/16
Produção de ferro guza	5/8
" " aço	5/8
" " algodão	1/2
" " trigo	1/4
" " carvão	1/2
" " petroleo	3/4
" " energia elétrica	1/2
" " cóbrea	5/8

Também não deixam de ser significativos os seguintes dados que expressam o número de pessoas para cada receptor radiotelefônico em diversas nações, em 1928, ficando dentre êstes, em primeiro plano a grande nação norte-americana.

Países	Número de pessoas para cada receptor radiotelefônico
Brã-Bretanha	28
Estados Unidos	18
Suécia	33
Alemanha	45
França	50
Austrália	57
Argentina	65
Brasil	?

Idêntico interesse nos revelará o número de pessoas para cada telefone instalado em diversos países, em cujo confronto os Estados Unidos da América conti-

nuam a levar grande dianteira sôbre todas as outras nações.

Número de telefones para cada 100 habitantes, em 1926.

Países	
Estados Unidos da América	15,3 telefones
Canadá	12,6 „
Nova Zelândia	9,5 „
Dinamarca	9,2 „
Suécia	7,4 „
Austrália	6,7 „
Noruega	6,3 „
Suíça	5,3 „
Alemanha	4,2 „
Inglaterra	3,3 „
Brasil	0,3 „

Si o número de telefones e de receptores radiotelefônicos nos revelam a intensidade de vida nos países acima referidos; de como os seus habitantes “adoçam” a vida, vemos pelo consumo de açúcar, “per capita” anualmente, em cada um desses países, que, em 1925, foi o seguinte:

Estados Unidos	100 libras
Grã-Bretanha	70 „
França	52 „
Alemanha	47 „
Itália	15 „
Brasil	?
Argentina	?
Cuba	?

Âinda, um confronto do número de pessoas por automóvel no mundo, nos mostrará quais os países que o conduzem ou fazem-no marchar mais celeremente:

Estados Unidos	5
Grã-Bretanha	43
França	46
Argentina	45
Alemanha	196
Chile	221
Brasil	?
Austrália	?

Também, resumindo as facilidades de vida nos diversos países de maior importância encontraremos, analisando a média diária dos salários nas fábricas da mesma manufatura, ser a seguinte:

Estados Unidos	\$4,75
Inglaterra	\$3,25
Bélgica	\$2,25
Japão	\$1,75
França	\$1,50
Áustria	\$1,00
Alemanha	\$1,00
Brasil	?

Realçando, com grande amplitude, a preponderância dos Estados Unidos da América como a principal nação da terra em consumo, produção, prosperidade, poderio, progresso e vida intensa, queremos acentuar que isto conseguiram graças á sua maior ou menor indústria, a maior ou menor utilização técnica e racional das suas fontes de energia, dos recursos naturais que dispõem, em confronto com o que possuem outros povos.

Foi captando a expansão do vapor, foi utilizando em proporções assombrosas do petróleo, do ferro e da electricidade, foi intensificando a sua máquina industrial ao ponto de dar-lhe a primazia no Universo que, a pátria de Lincoln pode atingir o elevado padrão de vida que desfruta e tornar o País mais rico do mundo.

Realmente, já em 1905, os Estados Unidos eram o primeiro país produtor de carvão, de aço, de cobre, de chumbo, de petróleo, de trigo, de algodão e de fumo.

Paralelamente a êsse progresso o seu comércio passou, em 35 anos, de 1870 a 1905, de \$400 milhões a \$1.335 milhões, colocando-o *então*, — depois da Inglaterra e da Alemanha, — em terceiro lugar entre as grandes potências, — lugar êsse que a sua indústria, o seu comércio e a conflagração européia de 1914 permitiram-lhe deixar para ir ocupar a primazia entre as nações, a partir de 1920.

Foi intensificando o seu índice energético, sintetizado na sua indústria fabril eficiente, localizada e desenvolvida em ambiente propício, que os Estados Unidos da América, tomando a vanguarda das nações, desenvolveu o seu imperialismo pacífico em linhas soberbas em todo o mundo.

Um confronto interessantíssimo sôbre as grandes colheitas, produção manufatureira e facilidades de vida entre os Estados Unidos e algumas das principais nações é muito interessante.

Raramente passa um ano que a fome não assola alguma parte do mundo e que não morram de inanição na China e na Índia, milhares de pessoas.

Nesses países, outros milhares de indivíduos não se alimentam e nutrem como deviam, á mingua de recursos. Entretanto, a fome, em massa, — é desconhecida nos Estados Unidos que possuem maior variedade e melhores alimentos que outros povos. Os Estados Unidos consomem mais açúcar do que qualquer outra nação, o que significa que o norte-americano é o povo que come maior quantidade de iguarias, bôlos, doces e sorvetes.

A carne é outro alimento importante, da qual os Estados Unidos são o maior consumidor mundial; — o que comprova o seu elevado padrão de vida.

Em princípios de 1927 haviam no mundo aproximadamente 27.000.000 de automóveis e, destes, mais de 22.000.000, ou sejam quatro quintos do total mundial estavam nos Estados Unidos da América.

Bastaria apenas o relancear de olhos nos dados que tocam aos Estados Unidos quanto a produção e consumo dos principais artigos essenciais á humanidade para ser evidente que a população norte-americana goza de mais conforto e alimenta-se melhor que a de qualquer outra nação.

Uma das razões preponderantes para que assim seja está na sua grande e variada produção agrícola e no

seu poderío industrial apoiado nas fôrças do carvão, do petróleo, das quedas d'água e da eletricidade e na sua amplitude geográfica, visto que o país se estende desde o extremo norte gelado ao sul tropical, — possuindo climas: frio, temperado, quente, úmido e sêco.

Na análise da riqueza norte-americana é necessário ter-se em conta o elemento artificial provocado habilmente que é a hipertrofia da produção e do consumo para satisfazer só ao mercado nacional.

Tão grande é a riqueza latente e real dos Estados Unidos da América que estudos realizados demonstram que, — nações inteiras, inclusive a China com os seus 400 milhões de habitantes, — poderiam viver com o que os norte-americanos põem fora.

Realmente, os Estados Unidos teem muito, si compararmos com inúmeros povos que nada teem. Mas, isto é apenas o comêço. Com o esforço energético que dispõe, com o aparelhamento industrial que se dotou e os laboratórios de que se vem enchendo, e com todas as conquistas da ciência a serviço da exploração do seu imenso território, essa, riqueza parecerá mediana daqui a um século.

A progressão da renda do povo norte-americano nestes últimos 20 anos aumentou de 200%. Em 1910 era de 35 milhões de dólares. Vinte anos depois, era de 95 milhões. Esse surto não conhece paralelo em parte alguma do mundo, em tempo algum. Era de 325 dólares "per capita" em 1909, em 1928 estava em 745 dólares.

Mas, para apreciarmos como êsse enriquecimento norte-americano foi devido a riqueza natural do sólo, ao ferro, ao carvão, ao petróleo, que possibilitaram a grande transformação industrial dos Estados Unidos convém lembrar-se que antes da era do combustível e do ferro os colônos ingleses que emigraram para a América, ou os seus descendentes, eram mais pobres do que os espanhóis ou os portugueses na América, em virtude da atividade a que se dedicavam.

Na Íbero-América os primeiros colônos se enriqueciam a custa do ouro e das pedras preciosas enquanto na América Saxônia eram mais difíceis a vida que se satisfazia da atividade agrícola. Foram essas condições de vida que determinara o viver faustoso que a nossa história colonial relata ao par da pobreza primitiva das populações norte-americanas, — que hoje apenas é lembrada, — diante de tanta opulência, — quando nos referimos a documentos daquela época, como aquela carta em que os colônos ingleses da América dirigiram ao rei da Inglaterra, lamentando a sua penúria, dizendo que “ali só se vivia a custa de rude trabalho, de grande frugalidade, e que êles não foram buscar fortuna no deserto”.

Hoje, em consequência da utilização do carvão, do ferro, do petróleo, das quedas d’água e do motor eléctrico que intensificaram assombrosamente a atividade industrial, agrícola, comercial e a riqueza da Norte América é que o povo norte-americano pode se orgulhar do alto padrão de vida que desfruta e do qual povo algum jamais alcançou, ou mesmo julgou possível atingir em priscas éras. E que tudo isso é consequência lógica do aumento de eficiência do homem graças ao uso progressivo da máquina e dos agentes motrizes que lhe atribue um índice de eficiência maior.

E’ em virtude do acúmulo de esforço energético, da intensa utilização dos agentes motrizes e das máquinas que, enquanto os norte-americanos conseguiram acumular uma riqueza avaliada em 320 bilhões de dólares, — desde que aquêles auto exilados do “May Flower”, perdendo o caminho da Virgínia aportaram ás costas da Nova Inglaterra, — **NÓS NÃO CONSEGUIMOS ACUMULAR NEM A CENTÉSIMA PARTE DESSA RIQUEZA**, — não obstante estarmos numa base física tão ampla e não fazermos outra coisa sinão trabalhar e ANSIAR essa riqueza, — desde que Pedro Álvares Cabral pôs pé na Brasília Terra até hoje.

E porque não nos enriquecemos? Porque trabalhamos com os músculos, enquanto os norte-americanos trabalharam e trabalham com as máquinas.

E' porque na América do Norte o trabalho bruto passou a ser feito pelas fôrças inanimadas da natureza, fora ser impellido pelo vapor, pelo petróleo, pela energia hidráulica e pela electricidade, foi transferido á máquina, ao homem só ficando dirigi-la, guiá-la e orientar a applicação dêsses agentes energéticos em beneficio do homem e da civilização que êle creou.

E' devido o nosso trabalho ser "desmaquinado" que o salário do brasileiro é irrisório, — de chinês, de indú... consequência da pobreza do país oriunda do fato de dedicarmos o nosso trabalho qausi que unicamente á agricultura, que é a atividade menos remuneradora e que mais concorrência sofre no mundo, — enquanto o americano do norte se dedica á indústria fabril ou á agricultura mecanizada, tividades das mais remuneradoras.

E' por isso que, enquanto nós só produzimos parcamente para a nossa subsistência o americano do norte se enriquece e leva uma vida faustosa.

E' por isso que enquanto o Brasil é apenas um país de... possibilidades, sendo o "jeca" brasileiro um pária, o agricultor norte-americano tem bôa casa, banheiro, telefone, rádio, automóveis e todo o confôrto que, mesmo nas cidades, ainda não desfrutam os brasileiros de mediana classe.

O norte-americano é o povo que mais abusa do supérfluo: — mostra-nos as cifras ilustrativas, si a simples enumeração não bastasse.

Até que ponto isto significa progresso ou prosperidade e contribue para melhora da civilização, eis um problema dos mais interessantes para o sociólogo, sobretudo si pretendesse saber até que ponto a felicidade humana está ligada a êsse fato ou a outros que contri-

buem para ela, tais como o uso dos automóveis, de telefones, de rádios, etc.

Já que tantas vezes nos referimos á prosperidade e produtividade da América do Norte, lembraremos que, antes da guerra, o francês era o povo mais feliz do mundo e, que mesmo a Alemanha com o seu poderio e sobriedade de vida, era um dos povos que menos automóveis e telefones possuíam.

Provavelmente a razão principal da prosperidade norte-americana está no fato de que em média o operário americano possui maquinismos de potência de 4 cavalos vapor. Si êle trabalhasse na Inglaterra teria á sua disposição dois cavalos; no Japão um cavalo e, no Brasil 0,02 cavalos.

Não só o uso de maquinismos é intenso nos Estados Unidos, mas êstes também desempenham trabalho formidável. Pode-se com o auxílio dêstes, fazer-se a descarga de um navio carregado de minérios ou de carvão sem o uso manual.

A maior parte do carvão de suas minas é extraído com maquinismos e, é por meio de máquinas que o pão é hoje, nos Estados Unidos, enrolado em papel impermeável; o leite engarrafado; em muitas fábricas os alimentos são acondicionados sem ser tocados pelas mãos humanas e, garrafas são feitas em uma única operação.

Em suas modernas fábricas de tecidos um só tecelão cuida de 20 a 30 teares, enquanto na Europa um tecelão raramente atende a mais de seis teares e, na Índia vê-se frequentemente um tecelão e um ajudante cuidando de um ÚNICO TEAR!...

Em média, um mineirador de antracito, nos Estados Unidos, retira quatro e meia toneladas, diariamente; na Inglaterra e na Alemanha, cada mineiro só consegue á mingua de "auxiliares mecânicos" atingir uma tonelada e, na França, 5/8 de tonelada.

Como resultado do grande e geral uso de máquinas que fazem os norte-americanos, êles suprem ao

mundo uma grande parte do que êle consome ao se alimentar, vestir, trabalhar e divertir.

Uma das grandes vantagens dos Estados Unidos da América sôbre outras nações é a sua grande reserva disponível de matérias primas. Mas, apesar do enorme suprimento de que dispõe, como do carvão, do ferro e do cobre, existem outras matérias primas que êles não possuem e sôbre as quais procuram adquirir no estrangeiro o dominio colonial, comercial, econômico ou territorial e, entre estas figuram a potassa e os nitratos indispensáveis á fabricação dos fertilizantes, dos quais os Estados Unidos, — como o mundo em geral, depende do seu suprimento do Chile e da Alemanha.

Dentre outros minerais que os Estados Unidos não dispõem em seu território e que são indispensáveis á sua indústria está o manganês, — sem o qual as suas fábricas de aço não poderiam funcionar.

Também está nesse caso o níquel, que o obtêm do Canadá, o qual é indispensável para a fabricação de ligas de aço muito duro. Ainda, dentre os materiais indispensáveis estão o zinco, o amianto e a platina que importam de outros países; elementos esses que os americanos do norte julgam indispensáveis manter o seu fornecimento seguro na paz e na guerra. Demais, o fato de que os Estados Unidos da América são líderes no mundo em possibilidades e utilização da energia hidráulica, mostra o gráu de industrialização a que atingiram e a extensão do uso que fazem da electricidade e das máquinas elétricas.

De tudo isso temos a concluir que: ou desenvolvemos as nossas fontes naturais de energia, a nossa "possibilidade" hidro-elétrica, afim de desenvolvermos a nossa indústria maquinofatureira paralelamente á nossa agricultura e comércio ou, viveremos sempre, como colônia e feitoria de países estrangeiros.

E, não tenhamos ilusões a respeito. As conquistas modernas da "paz universal detém apenas, dão maior

espaçamento ás explorações do egoísmo e da ferocidade humana; mas não se extinguem”.

Ora é a expansão comercial, ora o egoísmo e a rivalidade de raças, derivada de caracteres étnicos postos em contrastes ou excitados por circunstâncias fortuitas; ora o espírito de autoritarismo setarista dos homens superiores que orientam as massas; espírito de imperialismo alimentado, corroborado, fortificado e estimulado por circunstâncias felizes e feitos brilhantes; ora as próprias intrigas diplomáticas ou os ciumes, as propagandas adrede preparadas pela diplomacia de braços com a imprensa mal inspirada ou assalariada; — tudo isto tem confirmação na prática como causa de desastres nacionais ocorridos no mundo inteiro, pondo em conflito não só populações de um mesmo País, como nações diferentes.

Os exemplos se sucedem e se amontoam, — contam-se por milhares desde que se constituíram os povos.

Todo o esplendor de riqueza, todo o poderio, toda a pujança industrial dos Estados Unidos da América não é sinão consequência da utilização cedo iniciada naquêlê país, dos combustíveis: carvão, petróleo e gaz aliados á electricidade, e ao aproveitamento dos minérios de ferro, que alicerçaram a sua pujante indústria, intensificando o aproveitamento da sua enorme riqueza mineral, da uberdade de seu sólo privilegiado, da actividade industrial de seu povo, aliada a um conjunto de factores políticos, naturais, geológicos e climatéricos que lhe permitiram e permitem o brilho de sua civilização actual.

A utilização de suas riquezas, de suas forças latentes, do carvão, dos combustíveis e carburantes, de suas fontes perenes de energia, de suas riquezas potenciais, convertendo-as de riquezas latentes em reais e, da sua actividade em valorizar e utilizar o seu sólo privilegiado é que os Estados Unidos seguindo o exemplo da Inglaterra, pode ser a primeira nação do mundo,

NA ÉRA DA HULHA BRANCA E OS
RECURSOS HIDROTÉCNICOS DO BRASIL

*(A eletricidade substituindo o carvão fóssil e o
petróleo como agente de força motriz)*

“A civilização atual do Ocidente é uma civilização eletrificada; — si retirássemos do Universo os fios transmissôres da energia elétrica quasi nada ficaria disso a que chamamos de civilização”.

Charles P. Steinmetz.

As “bandeiras”, a expansão geográfica do Brasil, a conquista desta vastíssima área que é a nossa base física, o dilatar de nosso território trouxe-nos o benefício de várias cachoeiras captáveis, — o que constitue para o nosso país uma potência natural de aproximadamente 25.000.000 de cavalos, a qual terá grande influência em nossa “industrialização”, como tem tido mesmo nos países grandes produtores de hulha ou desta e do petróleo: — Estados Unidos da América, Alemanha, Inglaterra, Itália e Suécia.

E' que, para as indústrias modernas a eletricidade supera os antigos agentes motrizes e, tem mesmo deslocado o prestígio que até então gozava a máquina a vapor que, com cem anos de prioridade sôbre os motores hidráulicos e elétricos, poude beneficiar primordialmente as regiões ricas de carvão de pedra, para crear os centros industriais da Inglaterra, do Vale do Rêno e da

região do Sul dos Grandes Lagos, na América do Norte, — onde a civilização do combustível pode tomar maior incremento com o auxílio dos modernos motores hidráulicos, desenvolvidos para satisfazer a exigência da moderna eletrotécnica.

Com a aquisição que temos feito dos conhecimentos técnicos necessários ao aproveitamento das forças hidráulicas do país; com os recursos financeiros que tem-nos vindo dos povos industriais, — aonde eles são mais abundantes, — ainda que em pequena escala, — temos procurado corrigir o descuido nacional pelo problema dos combustíveis e sua exploração ou a desvantagem da nossa pobreza de combustível mineral, importando-o em relativa escala e seguido a única vereda que se nos depara para reduzirmos o custo de nossa produção fabril: — tal o aproveitamento das fontes hidroelétricas do País.

Nessa política temos conseguido algum êxito, e, o exemplo que nos vem diariamente da Itália, da Suécia e do Japão, — nações de menores recursos naturais, para a sua industrialização, do que dispõe o Brasil, e, com o exemplo que nos dão, mesmo os Estados Unidos da América, como os demais países que importam matérias primas tropicais para as suas indústrias, — tudo indica que o Brasil também pode ser uma grande nação industrial, — ainda mesmo que seja preciso importar parte do combustível necessário a completar o esforço energético que utilizarmos com a captação das quedas d'água e dos desníveis dos rios nacionais.

Tenhamos, pois, como norma política, o mais decidido apôio ás iniciativas para o aproveitamento de "nossas" cachoeiras, porque tudo o que se fizer nesse caminho será trabalhar pela radicação das indústrias fabris no sólo brasileiro, será cooperar para o enriquecimento, poderio e aumento do grau de eficiência do trabalho nacional,

Como a época do esforço manual fôra substituída pela “era da máquina”, como a “era do carvão de pedra” dera lugar á do petróleo e da energia das quedas d’água; — simultânea, individual ou em conjunto, — também os fatos indicam que a eletricidade ou a hidrotécnica suplantará em futuro todos os outros agentes motrizes conhecidos, — como dia a dia vai acontecendo.

Fenomenal tem sido o progresso da eletrificação do mundo e, os Estados Unidos da América, como possuidores da maior indústria de maquinofaturas até então baseada na máquina a vapor e no petróleo, — são o seu pioneiro.

De como tem sido intenso o desenvolvimento da “eletrificação” na América do Norte, podemos ter uma visão clara lembrando que “no decorrer dos 60 anos passados, a produção de energia e os métodos de sua produção tem experimentado mudanças importantíssimas nos Estados Unidos, conforme os dados que seguem extraídos do “Commerce Exports”, de 1929, Washington.

“O trabalho da indústria nesse lapso de tempo, transferiu-se e, do esforço manual, dos músculos, passou ás forças indolores de vapor e da eletricidade. O crescer do uso da fôrça motriz foi muito lento durante vinte anos, mas, em 1869, já havia nos Estados Unidos, 1,4 cavalos por operário. Dai nasceu uma era de franco progresso que chegou ao apogeu no término da grande guerra européia, quando a fôrça mecânica instalada, proporcionalmente a um trabalhador, atingia a 3,24 cavalos. Na década seguinte, testemunhamos outro rápido avanço de novas instalações de fôrça motriz, resultando que, de 1920 a 1928, o aumento da fôrça por operário, foi muito maior do que durante os vinte anos anteriores.

Essa proporção, em 1929, nas fábricas e grandes usinas siderúrgicas, chegou ao total de 4,7 cavalos, — o que representa um acréscimo de 45%, verificado a

contar da guerra mundial, e o duplo da força que, por operário, havia instalada nos princípios de 1920.

Indubitavelmente, os últimos 24 anos hão testemunhado notável mudança material no “tipo” de energia em uso nas indústrias norte-americanas.

Antes de 1899, PRATICAMENTE TODO O MAQUINISMO ERA MOVIDO POR FÔRÇA HIDRÁULICA. INÚMEROS EIXOS E CORREIAS DE TRANSMISSÃO ENVOLVIAM AS FÁBRICAS, usinas e indústrias do país, tornando quasi impossível um funcionamento rápido e eficaz do maquinismo.

A indústria norte-americana, porém, entrou em uma nova era, com a CHEGADA DO MOTOR ELÉTRICO.

De 1904 a 1919, a energia elétrica instalada, por operário, foi de 0,1 a 1,8 ou sejam 500% num periodo de quinze anos.

Depois de 1918, o serviço de instalação aumentou ainda a 3,5 por trabalhador, deixando para as outras classes de força uma proporção inferior a 1,2 cavalos.

A força hidráulica vem sendo paulatinamente eliminada como manancial *directo* de força motriz, nas indústrias norte-americanas.

Em 1869, quasi 80% dos maquinismos instalados nas fábricas nos Estados Unidos eram movidos por eixos ligados a rodas hidráulicas.

O vapor foi reduzindo a utilidade da água como força motriz direta, até que, em 1869, pouco mais de 20% do maquinismo produtivo dependiam dessas rodas.

Apareceu, em seguida, o novo gigante de energia, — A ELETRICIDADE, — a sua pequena congênere, — a máquina de combustão interna.

O motor elétrico foi ganhando terreno gradativamente, substituindo o maquinismo que era movido a vapor, até que em fins de 1927, o acionamento das má-

quinas em atividade nos Estados Unidos da América apareciam na proporção seguinte:

2% *funcionando por ligações diretas a turbinas*
74,4% *movidas a eletricidade.*
20,6% *„ a vapor.*
3% *„ por máquinas de combustão interna,*
e apenas, 2% funcionando por ligações diretas a turbinas e rodas hidráulicas.

Hoje a energia elétrica faz mover praticamente “três quartas” partes do maquinismo instalado nos Estados Unidos, — havendo ainda, manifesta tendência para o acréscimo da proporção no total do maquinismo acionado por eletricidade e, tudo indica que a força elétrica em ação nas fábricas, usinas e indústrias norte-americanas atingira 77% nos princípios de 1935.

Ha, naquêlê país, nove estados em que a energia elétrica aplicada á indústria alcança a proporção de 80%. O estado de Maryland figura na vanguarda, tendo 92% de eletrificação de suas indústrias, seguindo-lhe Illinois com a cifra de 90%.

Mississippi é o estado que possui menor percentagem de indústrias eletrificadas, isto é, apenas 25% das suas máquinas funcionam eletricamente.

Volvendo as vistas aos diferentes grupos industriais, verifica-se que as indústrias de pedra, argila e vidro, são, nos dias presentes, as que alcançam maior grau de eletrificação, isto é, 83%.

Essa classe de indústria nos últimos dez anos mostrou maior incremento em eletrificação do que qualquer outro grupo industrial, excetuando o da madeira.

O motor elétrico tem ingressado, também, em grande escala na indústria de ferro e aço, a qual ocupa o segundo lugar, com 75% de eletrificação.

Seguem-se outras indústrias tais como a textil, com 71%; a de produtos químicos com 67%; a de papel

e pólpa com 68% e a indústria de madeira e seus derivados com 52%.

No fim da grande guerra européia a indústria de ferro e aço norte-americana marchava á frente, no tocante á eletrificação, seguida do grupo industrial de pedra, argila, vidros, produtos químicos, indústria textil, produtos alimentícios, papel e pólpa e a indústria de madeira e seus produtos. No comêço do presente século, a indústria de ferro e aço vinha na vanguarda, com um indice de eletrificação de 17% contra 75% alcançados em 1927.

As fábricas estadunidenses começaram a se utilizar da electricidade como agente motriz quando se estabeleceu a primeira estação *central elétrica*, em 1882.

Logo nos primeiros anos as usinas geradoras particulares abraçavam grande porção da indústria elétrica nos Estados Unidos. No entanto, desde 1914, as estações particulares aumentaram a sua capacidade, sómente de 112%, pois as estações centrais do país, *atingiam então 3.897.248 cavalos*.

Em fins de 1927 essa potência se elevava a 18.584.256 cavalos ou seja um acréscimo de 378% durante o mesmo período de treze años.

Existe campo de ação destinado ás instalações particulares, mas a sua expansão está limitada ás grandes fábricas máquinofatureiras e ás indústrias siderúrgicas. O alto gráu de eletrificação alcançado pelas indústrias máquinofatureiras nos Estados Unidos da América, abriu possibilidades á implantação de novos sistemas de produção e de trabalho e revolucionou a técnica ferroviária”.

Si o desenvolvimento industrial de um povo, — o padrão moderno de sua civilização, pode ser medido, — aproximadamente, pelo uso que êle faz da fôrça mecânica e dos maquinismos que utiliza, é interessante comparar-se o gráu de utilização dos recursos hidro-elétricos de vários Países e como êles teem progredido

na construção de suas usinas, na captação da energia contida nos desniveis de seus rios ou nos combustíveis de seu sub-sólo.

Os Estados Unidos da América ocupam o primeiro lugar no mundo quanto á capacidade das usinas hidro-elétricas, pois, em 1926, o total da potência das suas usinas hidro-elétricas era de 11.700.000 *cavalos*, contra 13.000.000 existentes nas usinas européias, — possivelmente, para as usinas de todos os tamanhos.

Em um período de seis anos, — de 1921 a 1926, a capacidade das usinas que se construíram nos Estados Unidos, de mais de 100 cavalos, tiveram um aumento de 3.800.000 cavalos, enquanto que o aumento para toda a Europa foi de 4.200.000 cavalos.

Os principais países europeus na utilização das quedas d'água e a capacidade das suas usinas construídas até 1926, são os seguintes:

Itália	2.399.000 cavalos
França	2.000.000 „
Noruega	1.900.000 „
Suíça	1.800.000 „
Suécia	1.350.000 „

Estes números sintetizam a causa do progresso, da prosperidade, do poderío e da civilização dos países a que se referem.

Evidentemente, a Suíça, um minúsculo país, — menor do que o estado de Alagoas e possuindo sómente 4.500.000 habitantes utilizava já em 1926, 1.800.000 (Um milhão e oitocentos mil) cavalos de energia hidro-elétrica, quando o Brasil, em 1934, mesmo incluindo todas as suas usinas, ainda só possuía 843.612 cavalos utilizados.

Eis o motivo porque a pequena Suíça produz e constroe locomotivas, automóveis, aviões, máquinas elétricas e possui uma adiantadíssima indústria de maquinofaturas e aperfeiçoadíssima agricultura; eis a razão

da elevada produtividade técnica e da grandeza do povo suíço ou de qualquer povo utilizador em grande escala das fontes de energia da natureza.

Idêntica comparação poderíamos fazer quanto a Noruega, a Suécia, a Itália ou a França, — países menores em área e população do que o Brasil.

Dolorosas seriam as conclusões que os confrontos que fizéssemos de outros povos para com o Brasil as quais nos deixariam ver, si refletíssemos um momento que, si não acompanhamos o andar de outros povos na estrada do progresso, o que está claramente refletido na utilização dos recursos hidro-elétricos desses países e do Brasil, nem ao menos vamos nos preparando quanto a técnica, quanto ao preparo das gerações vindouras afim de iniciarmos essa tarefa.

Engenheiros hidro-técnicos, eletricitas e mecânicos não tem o Brasil, — sinão em escassíssimo número, e, mais lamentável é que não tenhamos escolas ou universidades aonde formá-los.

As nossas “universidades” só produzem *doutores* e, estes pensam que “regulamentar” a profissão, burocratizá-la, instituir licenças para os práticos poderem trabalhar no Brasil supre a capacidade e a experiência que só se adquire na grande indústria, fazendo, construindo, desenhando, projetando e instalando máquinas e maquinismos.

A potência hidro-elétrica utilizada na África é apenas de 14.000 cavalos, mas quanto ao Japão êle já construiu usinas num total de 1.750.000 cavalos e a Índia de 200.000.

A Nova Zelândia possui usinas num total apenas de 60.000 cavalos e algumas grandes usinas em construção.

O total das usinas de Java e de Sumátra perfazem 80.000 cavalos.

A Austrália depende quasi que exclusivamente do carvão e, utiliza apenas 2.000 cavalos de seus recursos hidro-elétricos.

Na América do Sul o Brasil supera os outros países com uma grande margem, com 674.193 cavalos, em 1930, sendo que a maior parte dessa potência é utilizada no Distrito Federal e nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

O Chile possui usinas com 114.000 cavalos e o Perú com 55.000.

Na América do Norte, o México utiliza 300.000 cavalos, mas o maior concorrente dos Estados Unidos é o Canadá que, não obstante possuir uma população de menos de 10.000.000 de almas, quatro vezes menor do que o Brasil, tinha usinas em 1926 com oito vezes mais potência que o nosso país, isto é, possuía o Canadá 4.556.000 cavalos em suas usinas, o que revela um aumento de 2.136.000 cavalos desde 1920.

No fim de 1926 a potência hidro-elétrica utilizada no mundo era a seguinte:

América do Norte	16.800.000	cavalos
América do Sul	750.000	„
Europa	13.100.000	„
Ásia	2.100.000	„
África	14.000	„
Oceania	240.000	„

Estas cifras dão um total de 33.000.000 de cavalos vapor ou 43% de aumento sobre 1920, quando o total mundial era de 23.000.000 de cavalos.

Infelizmente, apesar de possuir o Brasil um potencial hidro-elétrico de mais de 25.000.000 de cavalos, — excetuando-se ainda a potência formidável que poderia ser creada com a formação de quedas artificiais maiores do que fizeram surgir nas proximidades de Santos, — com capacidade para quasi 1.000.000 de cavalos; — visivelmente, — não podemos fazer um confronto com as cifras acima, quanto á eletrificação das

indústrias brasileiras de manufaturas, não obstante a relativa pobreza nacional de combustíveis minerais. E' que, contra os milhões de cavalos que já em 1927, utilizaram as indústrias norte-americanas, canadenses, alemãs, inglesas ou japonesas, — nós não possuíamos nem mesmo 800.000 cavalos utilizados em todo o Brasil!...

Mas, mais lamentável é a nossa situação presente e mais precário se nos apresenta o nosso futuro, si lembrarmos que, aproximadamente, todas as fontes naturais de energia elétrica existentes em nosso país já não estão em mãos de nacionais ou de posse de estrangeiros que aqui tenham vindo compartilhar da mesma sorte que a nossa, — pois, tais não se podem considerar os "trusts", sindicatos e emprêsas cujas sedes estão em outros países e que na atualidade administram e exploram as fontes de vida do Brasil.

PARA UMA NAÇÃO PAUPÉRRIMA DE HULHA FÓSSIL OU DE HULHA LÍQUIDA, O NÃO PODER CONTAR COM O "SEU" POTENCIAL HIDRO-ELÉTRICO PARA SEU FUTURO INDUSTRIAL, — CONSTITUE NÃO SÓ UMA DESGRAÇA, — MAS A PÊRDA DE SUA VERDADEIRA SOBERANIA...

Analisando o papel que hoje desempenha a eletricidade na vida dos povos civilizados poderemos prever o que será amanhã a sua função civilizadora no Universo. Nenhum pensamento sintetiza melhor o que representará a eletricidade para o futuro de nossa Pátria do que esta análise do presente expressa por Steimetz:

"A civilização atual do Ocidente é uma civilização eletrificada; — si retirássemos do Universo os fios transmissores da energia elétrica quasi nada ficaria disso a que chamamos de "Civilização".

Sem a eletricidade cairíamos na rotina, no atrazo e retrocederíamos ás fases da civilização ás escuras".

Dilatemos o expressar dessa grande verdade enunciada pelo sábio.

Hoje, a civilização de um povo, — o seu poderio, a sua prosperidade e capacidade de trabalhar e de realização é proporcional ao seu índice energético, á força mecânica de que êle dispõe e utiliza.

Pelo desenvolvimento que atingiu a indústria elétrica, no século que passa, as máquinas a vapor NÃO REPRESENTAM MAIS A GRANDE E ÚNICA BASE DA DINÂMICA INDUSTRIAL e, si bem que a maior parte da energia mecânica produzida no mundo ainda tenha origem nas geradoras centrais movidas á vapor, estas vão sendo rápidamente substituídas pelos motores hidráulicos e elétricos.

Em todo o mundo onde ha energia hidráulica captável as usinas hidro-elétricas são mais vantajosas e, milhões de “kilowatts” nelas produzidos alimentam fábricas, minas, estradas de ferro, moinhos e todas as atividades dinâmicas e industriais de um povo no século em que vivemos.

No passado, era o consumo de carvão mineral, *como ainda é em parte o consumo dêste e do petróleo*, o fator que media a capacidade industrial de um povo; — era e ainda são a posse das minas e das jazidas de carvão e de petróleo motivo de perenes lutas diplomáticas e, mesmo de conflitos internacionais mas, no futuro, o combustível por excelência, a fonte de muitas lutas entre povos e foco de muitas discórdias e complicações diplomáticas será a eletricidade, — como já é o petróleo! . . .

Infelizmente, *como país colonial, como povo descuidado* de seu futuro, já vamos sendo atingidos por essa nova forma de imperialismo . . .

A tendência moderna é: — TUDO ELETRIFICAR, — de maneiras que, sob o ponto de vista da falta de combustíveis minerais ou da ausência de fontes de energia utilizáveis para a grande indústria fabril prosperar, não constitue, — principalmente para o Brasil, — e para a geração atual brasileira, impecilho for-

midável para tornarmos-nos industriais, — como o fôra para a geração que nos precedera durante o Brasil-Colônia e Império.

A nossa futura situação industrial é, correlata com o desenvolvimento que dermos, á utilização dos nossos recursos hidro-elétricos, felizmente, abundantes no país e, com esta a futura situação econômica do Brasil depende do gráu de "industrialização" que tiver e adotar, isto é: — do aumento de energia elétrica gerada em suas usinas.

Com o aproveitamento dos recursos hidro-elétricos do mundo e o desenvolvimento da Eletrotécnica, o progredir e implantar das indústrias fabris no Brasil pode ser uma realidade. Si tencionarmos fazer de nossa Pátria uma potência industrial temos que assim proceder e êsse desenvolvimento não está mais tolhido devido a falta de combustíveis como estava para muitos países como o Brasil: — **RICOS DE HULHA BRANCA E PAUPÉRRIMOS DE HULHA NEGRA**, — uma vez que sejamos os próprios donos de nossas fontes de energia.

Enquanto dia a dia a máquina a vapor perde terreno as máquinas hidro-elétricas ampliam o seu raio de ação e, podemos predizer que o século futuro será a época das quedas d'água como agentes motrizes, — em oposição á época que passou que foi o século e reinado do carvão mineral e do petróleo.

Com ou sem carvão fóssil é preciso que, ainda que semi-artificial, no início, tenhamos uma indústria manufatureira com a qual possamos contar para o desenvolvimento econômico nacional e segurança do país na paz e na guerra. Por isso, convém nunca esquecermos que, esta indústria só a teremos si dispuzermos a aproveitar nós mesmos as nossas fontes de energia hidro-elétrica e não impossibilitar a sua exploração pelos nacionais como, impensadamente, fez o Código de Águas!

OS MOTIVOS DA RÁPIDA EXPANSÃO DO JAPÃO NO MUNDO

“O Japão é mais do que um formosíssimo espetáculo, de natureza e de arte, a ser admirado; — é um belo exemplo, social e moral, a ser seguido”.

Oliveira Lima.

De um quarto de século para cá, compreendendo que o industrialismo aumenta o poder de expansão de um povo, trazendo-lhe aumento de população, do comércio, da imigração e do poderío bélico, — o Japão surge como potência industrial e militar a dizer ao mundo uma frase ousada: — “A Ásia para os asiáticos”, — ou melhor, para os japoneses, — á semelhança de Roosevelt, que assim interpretava a doutrina de Monroe: — a América do Equador para cima para os americanos do norte.

Certo de que a indústria fabril trás confôrto, de que ela significa poderío nacional e que êste e o desenvolvimento industrial se entremeiam, é que o Japão vem se preocupando sériamente com o erguer de suas indústrias máquinofatureiras para a culminância de seu poderío, — sinão imperial na anexação de maiores domínios, — quer á custa da China, das Filipinas ou da Rússia, — ao menos para a sua expansão comercial no mundo.

A industrialização de um país, si de um lado faz crescer a sua população e riqueza, também solidifica a

sua coesão, aumenta o número de indivíduos que falam a mesma língua e cultuam os mesmos símbolos e ideais, — tudo resultando em poderio imperial aumentado.

Aumento de população significa acréscimo de poder ou aumento de domínio ou de área a ser colonizada.

Aumento de população obtido com a industrialização de um país quer dizer que o seu povo terá aumentado o seu legado de tradições, transmitindo a outros os seus costumes, vícios, idéias, aumentando a sua riqueza, — tudo isso vindo facilitar o domínio de outros povos.

A industrialização feita como arma política, acariaciada e alentada como meio de expansão nacional podemos definir como uma das modalidades mais perigosas do novo imperialismo que surge no universo e, êste só pode ser combatido com a sua melhor arma, — a indústria máquinofatureira que é uma fôrça de imperialismo pacífico.

No Japão de hoje e de ha cincoenta anos podemos ir buscar estímulo para o nosso porvir industrial, para o combate que teremos de fazer aos inúmeros imperia-
lismos que nos ameaçam...

País que não possui matérias primas nem combustíveis abundantes e puros, fácilmente exploráveis, como os das regiões hulheiras do vale do Rêno, do Sul dos Grandes Lagos norte-americanos ou da Grã-Bretanha, o Japão, entretanto, colocado em situação muito mais precária do que o Brasil para se industrializar, valendo-se do ARTIFICIALISMO, — pondo em prática as sábias palavras de Alberto Torres, quando afirmava que “as nações modernas não se formam expontaneamente, mas são obra de arte política”, os japoneses, apoiando-se na técnica moderna, na produção em massa e no braço barato, — *mesmo importando matérias primas* e dependendo do mercado externo para consumir os seus manufaturados, repetem no Oriente, o artificialismo industrial inglês, conseguindo implantar em suas

ilhas vulcânicas uma colossal indústria de máquinas e ferramentas.

Para nós brasileiros, que ainda discutimos si devemos exportar minérios ou produzir em aço no país apenas 5% dos minérios exportados, — em vez de termos mãos á obra de erguimento da grande siderurgia nacional, — sirva-nos de belo exemplo, social e moral a ser seguido, o exemplo japonês.

Do relatório de um dos membros da Missão econômica brasileira que, em 1937, visitou o Império do Sol Nascente extraímos o seguinte:

“Com escassas reservas de minério de ferro, o Japão se vê obrigado a buscar no exterior *três quartas partes* dessa matéria prima exigida por sua formidável indústria siderúrgica, além de uma considerável tonelagem de guza.

O consumo total de minério de ferro atingiu aproximadamente a 4.300.000 toneladas, das quais 1.000.000 são produzidas no Japão propriamente dito e Coréa; 2.000.000 na Península de Maláia e Filipinas; 1.000.000 na China; 300.000 toneladas na Austrália.

As usinas siderúrgicas de Yawata, sob a TUTELA GOVERNAMENTAL, pretendem aumentar as suas instalações e vão exigir cerca de 10.000.000 de toneladas de minério de ferro por ano. Para êsse total, a produção doméstica deve contribuir com 3.000.000 de toneladas e a IMPORTAÇÃO com os 7.000.000 restantes. Quando êste projeto tornar-se realidade, no decorrer de 1941, o Japão não terá mais necessidade de IMPORTAR guza.

Si houver facilidade de transporte marítimo especial para minérios, com fretes reduzidos, como acontece nas regiões de comércio intenso de produtos minerais, *é possível estabelecer-se a exportação de minérios de ferro do Brasil para os mercados japoneses*. Na viagem de retôrno os navios poderiam levar carvões coqueificantes de Manchukuo ou da Indo-China Francesa, dos

quais o Japão *também importa*, para as suas indústrias de ferro e aço, *cêrca de 5 milhões de toneladas*.

Mais uma vez lembremo-nos de que o Japão importa minérios de ferro para a sua grande indústria siderúrgica, (minérios estes que a "Missão Económica" lembrou vender ao Japão em vez de lembrar a sua redução no país como fazem os japoneses com os minérios e carvões importados) e, que para a sua formidável indústria o Japão também importa combustíveis no total de 5 milhões de toneladas, conforme foi acima referido.

Nós brasileiros, entretanto, apenas precisando cuidar do problema dos combustíveis para resolver o nosso problema siderúrgico, ainda permanecemos a fazer conjecturas e a discutir si devemos ou não sómente exportar minérios, *mesmo para o Japão*, em vez de fazermos o que fazem os japoneses que produzem o ferro e o aço *mesmo importando minérios e combustíveis!...*

Do relatório mencionado, da referida Missão Económica, destacamos mais o seguinte:

"Embora haja no Japão depósitos carboníferos paleozóicos, mesozóicos e cenozóicos, os últimos são muito mais importantes, formando extensas jazidas nas ilhas de Kyusky e Hokkaido.

O carvão terciário do Japão se assemelha bastante, pelo aspecto físico, alta percentagem de cinzas e poder calorífico, ao carvão permiano do Sul do Brasil. Com elevado teor em cinzas "in natura", êsse defeito fica muito diminuído pelo beneficiamento do carvão, assim como o enxofre, tendo produto resultante um poder calorífico médio de 6.000 a 7.000 calorías".

Já se vê que, em confronto com as condições do Brasil, não podiam ser mais ingratas as condições do Japão para a sua industrialização.

Entretanto, compreendendo o valor do ferro, dos combustíveis e da indústria maquinofatureira na civilização moderna, e notadamente na civilização ocidental,

o Japão pode, de 1848 a 1869, em 21 anos apenas, vencer séculos da sua história.

O ano de 1868 é, para o grande império asiático, o ano inicial de uma era nova: — a era do progresso que consistiu em implantar no país das “geishas” as instituições administrativas, militares, políticas, as ciências e as *indústrias fabris européias*.

Foram estas instituições, — sobressaindo a atividade industrial, que lhe permitiram o aumento formidável de sua expansão política no mundo, o crescer vertiginoso de sua população, de seu comércio, de seu poderio mercantil, econômico e bélico.

Foi graças á indústria de máquinasfaturas que o Japão conseguiu bater a China e a Rússia e tornar-se a “Inglaterra do Oriente”, — a terceira potência naval e comercial do mundo.

Falá-se hoje, tanto ou mais do que outróra, em superioridade ou inferioridade de raças, porém, — o que o Japão demonstra, — é que os fatores importantes ficando á margem, — a maior ou menor superioridade entre raças, entre povos, entre nações, está na sua maior ou menor organização, na sua instrução, na cultura e robustez física de seus filhos, — mas, de todos êsses fatores o motivo básico e fundamental da grandeza de um povo reside na sua organização e desenvolvimento industrial consequente ao desenvolvimento das forças motrizes do país.

Enquanto o Japão foi um país essencialmente agrícola, pequeno utilizador da força mecânica, o seu povo era considerado como entes inferiores, mas, como há cincoenta anos que veem se industrializando, como há meio século um esforço político bem orientado num meio homogêneo e num ambiente coêso veio encaminhando a atividade nipônica para a utilização das forças naturais contidas nos carvões, no petróleo e nas máquinas de ferro e aço; como os japoneses assim deixaram de utilizar apenas a força muscular que substitui-

ram pelas máquinas e pelos gentes motrizes modernos: — carvão, petróleo e eletricidade, — o conceito de inferioridade que se lhe atribuíam vai desaparecendo com o seu progresso industrial, técnico, econômico e militar.

O desenvolvimento de nações ou de circunscrições que integram um país também mostra que o progresso mais lento ou mais rápido só é produzido pela vida industrial. Enquanto agrícolas e apenas utilizadores do braço humano, os povos que hoje comandam posições de respeito não passaram de países satélites.

Antes, na era de sua vida agrícola, pacífica e “desmaquinada”, como em grande parte ainda o é o Brasil, os japoneses não ousariam reagir ante a esquadra de Perry; — agora, graças á sua possante indústria que lhes torna possível armarem-se o quanto quiserem, — ameaçam as maiores potências da terra...

E dizer-se que isto se operou em menos de três quartos de século!...

Diante do expandir assombroso do Japão em virtude de seu estonteante desenvolvimento energético e industrial, que futuro nos reservará o destino se nos tornarmos um país de grande indústria máquinofatu reira?!...

Tem sido fantástico o desenvolvimento industrial japonês e, isto porque êsse povo tendo firmado a sua vontade de tornar-se uma potência de primeira grandeza viu que o ÚNICO meio possível seria tornar-se primeiramente potência industrial.

Demais, os japões sabem perfeitamente que é destino manifesto dos povos que limitam a sua atividade a índices econômicos de atividades simplesmente agrícola serem o campo de expansão das forças imperialistas dos países industrializados.

“E’ por ser uma nação de indústria fabril já desenvolvida que, de 1932 em diante, se apresentou o Japão no tablado econômico latino-americano.

E o seu surto industrial já é tão sério que já se fala na eventualidade de uma coligação da maior parte dos povos europeus contra o seu espraiamento econômico comercial.

A Grã-Bretanha acaba, em maio de 1934, de dar o exemplo, restringindo a entrada de têxteis e outros artigos exportáveis nipônicos, em todos os domínios e possessões da Corôa, o que não impediu que o Japão uma vez que copiara os processos industriais ingleses e norte-americanos de produção uniforme e em massa, pela primeira vez na história ultrapassasse na produção têxtil a Inglaterra, deixando-a em segundo lugar no mundo.

E tanto mais notável é esse deslocamento inglês quando o número de fuzos das fábricas do Japão é muito menor que os da Inglaterra, aproximadamente um terço dos fuzos ingleses. Isto é uma consequência da melhor utilização das máquinas, do capital empregado e da mão de obra que fazem os nipônicos, assim conseguindo produção mais barata e portanto, capaz de competir com êxito nos mercados consumidores internacionais.

Muito embora mais distante dos nossos mercados do que os povos europeus, sem uma organização comercial sólida, em nosso Continente, como a estabeleceram os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a França e a Alemanha, — o Japão não se sentiu esmorecido em tentar a ofensiva para a conquista comercial dos países ibero-americanos.

Ele sabe que diversos dos países da América Latina ainda não cristalizaram uma sólida consciência industrial e acreditam nas virtudes utópicas do livre cambismo e do agrarianismo exclusivista.

Por isso acredita-se o “país das chaminés” — no seio de nações econômicas e politicamente imaturas, isto é, de povos cuja função única atribuem ser a de preparar a matéria prima para as suas indústrias, a de serem enfim, “O GRANDE ARMAZEM”, o campo de cultura agrícola, o fazendeiro do Império asiático.

As estatísticas mais recentes sôbre as suas vendas em nosso Continente dizem que êle não se enganara.

A América Latina terá de abrir oportunidade para outro concorrente, o que equivale a dizer: — instalará em seu próprio organismo, mais uma outra fôrça alienígena, — *contrário ao seu industrialismo*, o que significaria maior passo á sua emancipação econômica.

As exportações nipônicas para a América do Sul são ascencionais e o seu ritmo muito prometedor.

Convém estarmos atentos a êsse fenômeno. Êle denota que os povos industriais, ousados, empreendedores, capazes, de vontade coletiva e dêsse “apetite de poderío”, qualidades que são exatamente as opostas das nações que se petrificam em sua fase intransigentemente agrária e pastoril”. (1)

Os grandes progressos na captação das fôrças naturais, das fontes de energia, utilizando-as para movimentar a crescente indústria mecânica do Império Nipônico e seus objetivos assim foram sumarizados, em 1928, pelo Dr. Masawo Kano, presidente da Sociedade de Engenheiros Mecânicos do Japão.

“Os engenheiros japoneses estão em vésperas de encaminhar o Mundo para novas descobertas, no *reino da fôrça mecânica*.

Os últimos cincoenta anos, — isto é, desde que a engenharia mecânica moderna se tornou conhecida no Japão, têm sido empregados para colocar êste país no mesmo nível que os demais países de grande desenvolvimento industrial, — grandes utilizadores dos combustíveis, da energia elétrica, das máquinas que multiplícam e suavizam o trabalho humano.

Todos os esforços de seus engenheiros teem sido empregados na eletrificação do país, na construção de estradas de ferro, em extrair carvão de pedra, na cons-

(1) Artigo do “Estado de Minas”, n.º 1831 de 1934.

trução de uma marinha de guerra, de estações rádio-telegráficas, de armamentos para a defesa nacional e em instalações para a indústria em geral.

Não lhes tem sobrado tempo para fazer experiências ou procurar novos princípios econômicos.

Recentemente, entretanto, a indústria japonesa, — que já se pode equiparar á das OUTRAS GRANDES NAÇÕES, — porque pode suprir a procura local e ir em demanda dos centros consumidores internacionais, — têm dispensado alguma atenção ao estudo dos ramos superiores da ciência mecânica.

Fundaram-se vários núcleos para os trabalhos de pesquisas.

Dessa atividade resultou certo número de inventos novos e de aparelhos engenhosos, — especialmente de aparelhos de precisão e inventos para aplicação nas indústrias maquinofatureiras.

Esperamos que, dentro em breve, a competência mecânica nipônica poderá contribuir para o desenvolvimento da civilização Ocidental que hoje também é do Japão.

Os engenheiros e cientistas japoneses estão trabalhando nesse sentido com o intuito de retribuir os benefícios enormes que receberam, — no passado, da engenharia do Ocidente”.

Hoje o Japão é uma potência de primeira classe, caminhando com firmeza para uma posição de maior destaque entre as nações industriais do mundo.

Esta mudança deve-se, em grande parte, — sinão exclusivamente, á utilização dos recursos naturais e da força motriz do país, — isto é: — á sua industrialização e á sua engenharia.

Embora o Japão conte com a agricultura como das suas máximas atividades, — visto que 55% da sua população se ocupa nesse mister, — na engenharia e ocupações anexas trabalham nada menos de 21% dos habitantes do país, — sendo a totalidade dos recursos natu-

rais do Império Nipônico mobilizada em proveito do povo em geral.

“Fábricas, oficinas, portos, estaleiros, edifícios públicos e 92% das habitações do Japão possuem instalações para o serviço de fôrça, calor e luz elétrica.

Sistemas modernos para o fornecimento de água substituíram os antigos poços, melhorando as condições higiênicas e as comodidades do público.

Estradas de ferro encurtam as distâncias entre as principais cidades japonesas, de dias para horas.

O transporte aéreo, das cidades maiores para as ilhas e para o Continente Asiático, reduziu distâncias enormes a um salto.

O telefone o telégrafo, sem falar no rádio, reduziram a segundos um processo que dantes levava uma semana ou um mês”.

Esses fatos são comuns a todos os países civilizados, — maximé os grandes povos industriais e, são apenas mencionados para fazer sobressair o contraste do Japão de hoje com o de ha cincoenta anos.

O cenário mudou-se quasi com a rapidez da mudança de um cenário de teatro graças á engenharia, á indústria técnica e máquinofatureira.

Sirva-nos assim, o Japão, de norte e de estímulo afim de mudarmos o cenário da vida nacional, fazendo com que daqui a cincoenta anos, sejamos, mais do que o Japão de hoje, graças á utilização da energia elétrica do país e ao grande progresso da indústria mecânica, e, não como o somos ainda, um país politicamente livre, com todos os requisitos e atributos de soberania interna e externa, porém, com o seu futuro ameaçado perante os fatos da sua economia e da vida nacional que põem em equação o problema do nosso futuro.

Utilizemos a maior quantidade possível de fôrça motriz para maior eficiência do trabalho humano e industrializemos a nossa Pátria para nosso próprio benefício, para defesa de nossos interesses, e para não ser-

mos eternamente, fáceis prêsas das potências cujo poderío deriva-se da fôrça motriz que utilizam, do uso que fazem intensamente do carvão, do petróleo, dos minerais e das máquinas que multiplicam a sua produtividade, poderío e riqueza.

Façamos o nosso país uma grande potência industrial, si quisermos ser independentes, prósperos, felizes e cultos.

NA ERA DA ELETRICIDADE

A futura situação do Brasil

“A escravidão de uns tem sido a condição de bem estar dos outros, mas com as máquinas, — os **escravos de ferro**, — é possível o bem estar de todos”.

Carlos Marx.

E' visível o desenvolvimento intenso do uso da força mecânica em muitas partes do mundo e, é importante observarmos que êle, está em relação direta com as condições econômicas locais. E' isto o que ainda não viram e não compreenderam a maioria dos povos, e, como ver e compreenderem si o espírito humano ainda não aprendeu as lições da história?!...

Por isso também, não podia tirar a lição dos fatos econômicos que veem se sucedendo e, ainda não percebeu que só intensificando o consumo de energia elétrica, o desenvolvimento das fontes de energia e utilização dos recursos de combustíveis e do potencial hidráulico que dispõe um povo, — ampliando o uso da força mecânica, — melhorará as suas condições econômicas, facilitará o seu viver e dos seus habitantes.

E' desta incompreensão que resulta, — mesmo para o Brasil, ainda não ter cuidado com mais carinho do desenvolvimento de suas fontes de energia hidro-elétricas e da implantação mais intensa da indústria fabril em seu território.

A situação econômica de um país pode ser grandemente melhorada pelo desenvolvimento intenso dos recursos em energias hidráulicas de que êle dispõe, e pelo uso da força hidráulica ou mecânica que nêle poderá ser utilizada.

Foi esta a conclusão dos engenheiros britânicos enviados em missão especial aos Estados Unidos da América afim de pesquisar as causas da superioridade industrial norte-americana. Estas, os técnicos referidos resumiram em uma dúzia e se referem, sobretudo, ao conforto que desfrutam os operários, ás boas relações entre estes e os industriais; — á intensificação dos esforços de trabalho e de propaganda.

Sumarizando a preocupação inglesa com o movimento assustador de erguimento e pujança industrial dos Estados Unidos, temos estas palavras de Lloyd George, extraídas do seu — “Coal and Power Report”: — *the essence of the problem confronting Great Britain is how to increase wages and thus bring prosperity to every one.*

Diz-nos mais o relatório mencionado que isto só seria conseguido intensificando a eletrificação industrial e centralizando a produção e distribuição da energia elétrica na Grã-Bretanha.

Não obstante existirem muitos outros fatores que poderosamente influenciam as condições industriais e econômicas de um povo, mencionaremos um dos mais importantes, isto é, — o maior ou menor uso da força mecânica, do carvão, do petróleo e das quedas d'água que utiliza êsse povo.

A superioridade industrial norte-americana e alemã, — que tanto preocupa e assusta á Inglaterra e a França, resulta de que o operário norte-americano e alemão utiliza-se, por meio de sua indústria, mais força mecânica por operário do que a indústria francesa ou inglesa, e que, com o aumento do uso da força mecânica

“por operário”, aumentam os salários, melhorando o padrão de vida e as condições econômicas gerais.

*
**

A máquina a vapor, ha um século estava ainda na sua infância; todavia, naquela época já apreciavam o fato de que, si o homem pudesse usar mais vapor, a produção aumentaria e o trabalho seria beneficiado.

Em 1827, o engenheiro John Farey (1) no seu trabalho “A Máquina a Vapor”, fez uma apreciação da importância econômica e social da energia a vapor, limitada como era o seu uso. Essa apreciação, apesar da época que fôra realizada, foi confirmada pelo progresso verificado no período sucessivo de cem anos.

*
**

Ha mais de um século, quando fôra publicado o livro dêsse engenheiro inglês, havia em Londres, cerca de 290 máquinas a vapor, desenvolvendo um total de 5.460 cavalos vapor; em Manchester, cerca de 240, fornecendo 4.760 cavalos, e em outras localidades na Inglaterra também se encontravam fábricas a vapor, muitas das quais em período de construção. E com êsse escasso fundamento êsse engenheiro escreveu:

“A produtividade do trabalho tem sido grandemente aumentada com êstes gigantescos auxiliares e com o melhoramento dos sistemas de manufatura e comércio aos quais deram origem, de modo que aquelas condições e conveniências de vida e de riqueza antigamente consideradas como sendo uma das maiores distinções de uma classe privilegiada da comunidade, — são agora extensivas também á classe intermediária, á qual poder-se-á dizer que consiste de operários, que utilizam

(1) Treatise on the steam Engine. London, 1827.

a inteligência em lugar das mãos numa indústria vantajosa.

De ha um século um progresso verdadeiramente assombroso tem se manifestado no emprêgo da fôrça mecânica, e a riqueza nacional da Inglaterra, dos Estados Unidos da América e dos povos industriais, em geral, tem sido proporcional ao aumento da fôrça motriz utilizada nesses países.

A riqueza média "per capita", na Inglaterra e nos Estados Unidos crescera da seguinte forma :

Anos	Inglaterra	Estados Unidos
1830	\$800	\$380
1840	\$820	\$380
1850	\$900	\$380
1860	\$1.100	\$420
1870	\$1.180	\$620
1880	\$1.220	\$800
1890	\$1.350	\$1.000
1900	\$1.400	\$1.200
1910	\$1.500	\$1.800
1920	\$1.800	\$3.000

A riqueza média da Inglaterra excedia de muito a dos Estados Unidos da América, em 1850 e veio superando-a até cerca de 1906, quando o índice "per capita" dos anglo-americanos tornou-se igual ao dos ingleses e, de aumento em aumento, tornou-se muito maior, depois de 1910.

Um exame das causas relativas ao crescer da riqueza na Inglaterra e nos Estados Unidos, demonstrará que o aumento da riqueza média dos norte-americanos, superando a dos ingleses, foi consequência do emprêgo da fôrça mecânica, por operário, instalada na indústria.

E' isto o que demonstram os seguintes dados relativos ao crescer da riqueza e da potência em "cavalos vapor" instalada, por operário, nos Estados Unidos da América :

Anos	Riqueza média "per cápita"	Potência Instalada em C. Vapor, "por operário"
1840 . . .	380
1850 . . .	880
1860 . . .	480
1870 . . .	620 . . .	1,25
1880 . . .	800 . . .	1,30
1890 . . .	1.000 . . .	1,50
1900 . . .	1.200 . . .	1,50
1910 . . .	1.800 . . .	3,00
1920 . . .	3.000 . . .	3,75

Já em 1890 com o advento do uso intenso da força motriz na indústria, houve um rápido aumento no "cavalo vapor", instalado "por operário" e, — em 1905, — isto é, — 15 anos depois, notava-se o mesmo aumento no índice da riqueza média.

Desde 1905 a riqueza média aumentou na proporção do "cavalo vapor" instalado "per cápita".

Em 1905 o cavalo vapor instalado "por operário" era de cerca de 2,5 e a riqueza "per cápita" cerca de 1.400 dólares, mas já em 1920, o cavalo vapor teve seu índice elevado a 3,7 e a riqueza "per cápita" atingia a 3.000 dólares.

*
**

Existe também uma relação entre a produção de trabalho "por operário" e os salários pagos. As taxas comparativas dos salários e a percentagem da força mecânica produzida por dado salário nas indústrias mecânicas, em dezembro de 1924, foram mencionadas pelo "Departamento Industrial da Liga das Nações", juntamente com uma tabela demonstrando o desenvolvimento comparativo do trabalho "por operário" em vários países; dos quais destacamos:

Nação	Salário comparativo por operário hábil	Fôrça produzida comparativamente	Rendimento comparativo do trabalho operário
Estados Unidos	100	100	100
Inglaterra	48	46	60
França	31	43	28
Alemanha	30	33	53

Esta tabela demonstra que, no caso de duas nações: — Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, — o rendimento do trabalho operário anglo-americano era de quasi o dôbro do operário inglês, — e que nos Estados Unidos da América os salários pagos foram igualmente, mais ou menos, o duplo dos salários na Inglaterra e, que a produção de energia mecânica fôra proporcional a êsses salários.

O rendimento do trabalho individual nos Estados Unidos era, aproximadamente duas vezes maior do que na Inglaterra, pelo fato de que a energia mecânica e hidráulica disponível na América do Norte lhe era duas vezes superior.

Não conseguimos dados para avaliarmos o crescimento da riqueza brasileira, mas, F. Contreiras Rodrigues, avaliando o capital e a renda, em milhões de contos de réis ouro, antes da guerra de 1914, nos dá o quociente por habitante como referência do índice de riqueza do Brasil, em confronto com outros países, expressos nos seguintes números:

Países	Riqueza total	“Per cápita”	Renda	“Per cápita”
Est. Unidos	326	3:325\$000	65	630\$000
Alemanha	154	2:310\$000	19	280\$000
Inglaterra	140	3:150\$000	19	437\$000
França	98	2:450\$000	11	315\$000
Itália	35	1:015\$000	4	122\$000
Bélgica	15	2:240\$000	1,7	245\$000
BRASIL	36	1:000\$000	3,6	100\$000

Por estas cifras vê-se como é inferior o lugar que ocupa o nosso país na escala financeira e quanto a riqueza do universo, pôsto que de 1914 para cá, quanto a riqueza real não ha de ser muito diversa a posição que ocupamos na proporção acima.

Considerando-se as quantidades relativas do esforço energético, em “cavalos vapor” produzidos pela força humana, pelas máquinas térmicas a carvão, a petróleo e pelos motores hidráulicos nos países acima referidos, e também na China, podemos observar um fato significativo, — isto é, — que o equivalente energético em operários, ou a capacidade de produção de um país depende mais da energia mecânica que êle utiliza do que de sua população.

Ainda que a China seja um país cujo número de habitantes é 4 vezes maior que o dos Estados Unidos da América, o equivalente energético, — o número de “operários efetivos”, dos Estados Unidos, — é muito maior do que o existente na China, que se utiliza de uma pequena cifra de “energia mecânica” para intensificar o seu trabalho e produção. Os Estados Unidos podem ser considerado como o país em que o seu trabalho é equivalente ao que poderá ser feito por uma população dez vezes maior á sua.

Resulta disto que, embora a média do salário seja elevada, o custo médio de vida nos Estados Unidos é baixo. *Esta situação mostra-nos a vantagem de se colocar os operários de um país num nível econômico elevado.*

Qual é, em comparação, a situação econômica do Brasil?

O melhor meio de se fazer um confronto é baseando-se na quantidade de energia produzida “per capita”. Os dados seguintes expressam em milhões de “Kilowatts Hora”, a energia produzida, em 1927, pelas usinas geradoras das seguintes nações:

Estados Unidos	66.000
Alemanha	22.000
Inglaterra	11.000
França	9.000
Itália	7.500
Japão	7.000
BRASIL	800

Isto indica que em 1927, a produção de energia elétrica nos Estados Unidos foi 80 vezes maior que no Brasil.

Todavia examinemos êstes dados em relação a cada pessoa nos países acima referidos e mais alguns outros. Os números seguintes exprimem a quantidade de energia elétrica produzida “per cápita” durante maio de 1925 a 1927 nas seguintes nações:

	1925	K.W.H.	1927	K.W.H.
Estados Unidos	436	„	580	„
Suécia	398	„	300	„
Alemanha	233	„	220	„
Bélgica	233	„	220	„
Austrália	153	„	180	„
Inglaterra	143	„	80	„
França	„	22	„
Itália	„		
Japão	„		
BRASIL	„		

E' assim, evidente, que em 1927 a disponibilidade individual de energia elétrica nos Estados Unidos, era de aproximadamente 26 vezes que a de cada individuo no Brasil.

Isto ocasiona uma produção maior “per cápita” e, por conseguinte, maior prosperidade para o país. O Brasil tem grande disponibilidade de recursos hidro-elétricos em suas quedas d'água que, uma vez exploradas contribuirão eficazmente para elevar o regimem econômico e cultural de seu povo.

O aumento do uso da energia elétrica representará um papel de capital importância no desenvolvimen-

to econômico, social e político do Brasil, e será o início de nosso erguimento industrial, de nosso poderio, de nossa prosperidade e expansão.

Nenhum brasileiro, cujos interesses não ultrapassem os acanhados limites da ambição pessoal, bem intencionadamente, deverá querer retardar o desenvolvimento industrial que apenas se esboça no Brasil.

Muito propositalmente dissemos retardar, porque impedir que o Brasil venha a ser um país industrial e grande nação máquinofatureira não é possível, — porque tendo todos os elementos para se tornar forte nação industrial, — não é habitado por um povo que deseje conservar-se escravizado ao exportador estrangeiro.

Quanto mais próspero, mais rico, mais civilizado é um país, maior é a utilização que faz de suas fontes de energia motriz. Na Inglaterra, utilizando-se do carvão fóssil, o povo inglês pode tornar-se industrial, elevar o seu padrão de vida, consolidar o poderio nacional, se expandir no mundo e constituir o seu grandioso Império.

Assim, também na Alemanha e nos Estados Unidos aonde se completam e se aliam o carvão, o petróleo e a hulha branca.

Quanto mais força mecânica utilizar um povo, maior é o seu poderio econômico e bélico. No sentido de *desenvolver-se a utilização dos recursos naturais* do Brasil e de *nacionalizá-los, deve ser a meta da política econômica nacional.*

O potencial energético utilizado por um povo, o número de cavalos vapor, de calorías ou de “kilowatts” que êle dispõe e utiliza anualmente, as facilidades de comunicações de que dispõe, caracterizam a sua atividade, a sua prosperidade e, — mais do que isso, — a sua civilização.

Realmente, o considerarmos com os números acima que, em 1925, o total de “kilowatts hora” gerados nos Estados Unidos foi de 536, na Suécia de 397, na

França de 153, na Bélgica de 233, na Austrália de 233, e no Japão de 143 “per cápita”, não será difícil concluir-se que o uso da energia elétrica, — sinão de toda e qualquer energia que substitue o esforço muscular, é, uma medida da prosperidade e atividade, — ou mesmo da civilização de um povo.

De fato, todos os países acima referidos, são mais prósperos ou mais fortes ou mais bem governados, conforme o maior ou menor uso que fazem das fontes naturais de energia disponíveis; — excetuando-se casos especiais, dependentes de fatores vários: — área, população, posição geográfica e riqueza geológica do sólo. Entretanto, si num confronto com as cifras acima referentes á energia gerada “per cápita” em várias nações, tentassemos fazer um quadro estimativo do uso das fontes de energia e de consumo de combustíveis feitos pelos países agrícolas em confronto ás nações industriais, — isto apenas serviria para diminuir ainda mais o Brasil diante da posição mesquinha que, nesse aspecto, êle ocupa no concôrto internacional.

Convençamo-nos de que para o nosso progresso precisamos realizar, sem perda de tempo, a substituição do esforço humano, — brasileiro ou existente no Brasil, — sem eficiência, — infelizmente ainda tão generalizado em nossa agricultura rotineira e, em nossa incipiente indústria de transformação, — pelo esforço mais moderno, eficiente, civilizador, humano e construtor, que é o esforço mecânico, que significa o trabalho desenvolvido pelos agentes naturais e pelos combustíveis e transformado pelos maquinismos.

E’ imperiosa a necessidade dessa substituição porque, os maquinismos depois de gastos podem ser substituído, enquanto que o esforço animal ou humano, dispendido sem resultados vantajosos, — exgotando o homem, exgotando a nação, — ainda tem como consequência a diminuição do prazer da existência do indi-

víduo, a fracionamento do resultado de sua atividade e o fatal decréscimo da longevidade humana.

SI CONSIDERAMOS QUE UM MOTOR DE POTÊNCIA DE UM CAVALO PRODUZ EM UMA HORA DE TRABALHO CONTÍNUO O ESFORÇO MECÂNICO QUE PODERIAM DESENVOLVER DEZ HOMENS robustos e fortes, — em mesmo lapso de tempo, — poderemos avaliar o quanto significa a aquisição e o aumento do consumo de petróleo e de carvão para o Brasil, — o que representa em esforço energético a utilização em mais alto grau das forças hidro-elétricas do país, — o que equivale a dizer que é de máxima importância nacional a industrialização do Brasil e radicação de uma pujante indústria em nosso território. Demais, poderemos ainda avaliar o que uma pujante indústria nacional significa para o Brasil e o que será o nosso país si, nós brasileiros, dirigirmos a nossa atividade e atenção para a indústria fabril e para a agricultura, — considerando ambas rodadas conjugadas e harmônicas de uma só máquina nacional.

Gênios de várias nacionalidades já mostraram ao mundo o papel que os agentes motrizes naturais: petróleo, carvão e quedas d'água, acionando uma intensa e possante indústria fabril desempenham como fatores de prosperidade, de poderio e de bem estar individual e nacional, — principalmente para as nações de amplitude vasta, em formação, cheias de possibilidades e recursos naturais, — qual o Brasil.

Aos grandes estadistas, — pertençam á Rússia Soviética, á Itália fascista, á França liberal ou á Inglaterra conservadora, não escapou o papel das fontes naturais de energia, — principalmente do carvão e do petróleo, — e mais recentemente da energia elétrica, — sínteses de poderios e de grande capacidade industrial na paz, na guerra, nas relações diplomáticas, na políti-

ca interna e externa, nos congressos internacionais, no despertar o civismo e no acatamento internacional.

Referindo-se ao poderío gigantesco, á riqueza desmedida, ao confôrto excessivo que gozam os norte-americanos, á prosperidade e ao progresso á passos de gigante dos Estados Unidos da América, já o atribuíram ao fato de cada individuo, dentro das fronteiras estadunidenses, — possuir na atualidade, trabalhando para si, continuamente, cerca de CINCOENTA ESCRAVOS, os quais são o equivalente em esforço humano do trabalho desenvolvido pelas máquinas, em maioria: as máquinas elétricas, — amplamente utilizadas na grande república da Norte América. Teremos uma compreensão nitida do que representa a potência em cavalos vapor para uma cidade, para um país ou para uma aglomeração humana qualquer, lembrando-nos que a potência das suas usinas é função de sua indústria e prosperidade. E mais, que, com o auxílio das máquinas, com a utilização das fontes de energia, dos combustíveis, dos agentes motrizes, o labor de um povo é centuplicado.

A propósito, recordemos que, em 1925, a rainha da Rumania visitando a América do Norte, ao inaugurar uma usina elétrica em Chicago, pôs em funcionamento um turbo-gerador de 70.000 cavalos, — ou seja duas vezes a potência de TODAS AS USINAS de seu Reino e, que essa unidade motriz era parte de uma usina que, ao ser completa terá um total de 380.000 cavalos produzidos em seus turbo-geradores.

Façamos uma ligeira digressão para dar relêvo ao fato da centralização das fontes de energia e, consequentemente da indústria que vem se intensificando cada vez mais em alguns países, em poucas regiões, em alguns lugares, em detrimento do mundo em geral.

Não foi apenas um gênio russo, que no dizer de Lord Rothermere se perturbava com o pequeno uso da força motriz que utilizava o seu país, inferiorizando-o no conceito universal e quanto á capacidade de produ-

ção “per cápita”, porque, êsse mesmo Lord, que fôra aos Estados Unidos em caráter oficial, como representante da Comissão de Finanças no Parlamento Inglês, estudar os métodos e condições industriais norte-americanas, assim se expressou em relatório ao govêrno e ao povo inglês, expondo as causas da atual supremacia norte-americana nos mercados outrôra abastecidos pelos britânicos:

“O bem estar econômico dos Estados Unidos da América, acima de tudo baseia-se no fato de que êsse País, em 1929, já dispunha de 29.000.000 de cavalos vapor, utilizados para movimentar a sua possante indústria.

Esta fôrça, calcula-se, como o equivalente á fôrça muscular de cêrca de 290.000.000 de trabalhadores”.

Lord Rothermere, não foi o primeiro a se utilizar das cifras referentes á energia mecânica disponível por um país, utilizada por um povo, como demonstração do seu índice de poder, prosperidade e grandeza, ao exemplificar que enquanto os Estados Unidos, ao todo, o uso “per cápita” de energia elétrica é de, aproximadamente 536 K. W. H., na Inglaterra de cêrca de 100 K. W. H., na Rússia, a capacidade de consumo “per cápita”, antes do plano de industrialização não chegava nem mesmo a UM K. W. H., o que explica categoricamente, a preocupação do govêrno moscovita sôbre êste assunto, revelada no empenho com que pretende transformar a Rússia em um país industrial, “no intuito de tirá-la da situação inferior de apêndice agrário dos países industriais”, conforme propagam.

O Brasil sendo, infelizmente, apenas um país rudimentarmente agrícola, somos, como em geral todos os outros povos agrários, desorganizados e não possuímos estatísticas certas sôbre tão importantes assuntos.

Podemos prever, contudo, que nem mesmo a meio “kilowatt hora” de energia utilizamos ainda “per capita” e, imagine-se o que diria Lord Rothermere si nos

visitasse, sôbre o nosso valor na balança internacional, diante do minúsculo uso que fazemos da fôrça mecânica...

A idéia de que poder mecânico ou poder industrial significa progresso, alfabetização, civilização, independência e bem estar nacional, — é concebida por todos, — ou quasi todos estadistas mundiais.

Quer sejam sociólogos, historiadores, comerciantes, engenheiros, comunistas, industriais, — todos estão acordes na necessidade da indústria de manufaturas para que um povo se erga a um alto nível de cultura, de civilização e de riqueza.

A Karl Max, líder socialista, não escapou esta observação justa e humana que, “a escravidão de uns tem sido a condição de bem estar dos outros, mas que, com as máquinas, *“os escravos de ferro”, é possível o bem estar de todos*”.

Ainda que partida de um gênio radical esta afirmação contém uma dose de verdade, de suma importância para nós brasileiros e para o mundo.

Somos um povo em formação e, não prosseguindo a velha política européia da exploração absurda e rotineira do homem como tem sido feita em toda a evolução histórica da humanidade, exploremos as máquinas, — o carvão, o petróleo, as quedas d'água, os motores elétricos, — escravos mais obedientes e mais produtivos, em nosso benefício, em benefício da humanidade. Poucando o homem e utilizando-nos das máquinas, façamos como tem feito, em parte, os Estados Unidos e não como a Europa, como bem disse André Siegfried: — *L'Europe gaspille les hommes et épargne les choses, l'Amerique gaspille les choses mais épargne les hommes*”.

O nosso destino de povo americano e independente e a época em que vivemos, exige que, utilizemos da maior quantidade de fôrça mecânica, que saibamos pôr

judiciosamente em atividade, as nossas possibilidades e riquezas naturais.

Daí a oportunidade do movimento, que brasileiros ilustres veem empreendendo pela utilização dos combustíveis nacionais, pela pesquisa do petróleo, pela mistura do carvão nacional ao carvão importado, pela adição do álcool-motor á gasolina importada: — daí a necessidade de empreendermos novas cruzadas pelo aumento de fôrça motriz do país, pela utilização dos recursos hidro-elétricos nacionais, pela *industrialização* do Brasil.

Mais um exemplo, talvez, não fosse desnecessário para convencermo-nos da importância da “fôrça mecânica” e do índice energético, na vida individual, na operosidade nacional e, que em proporção a potência mecânica disponível por um país depende o seu poderio militar e econômico.

A história prova amplamente e com evidência que as condições materiais de existência da maioria do povo, onde quer que êle esteja, independente da sua forma de governo; depende, em grande parte, do uso da fôrça mecânica que êle dispõe, — mais do que qualquer outro factor, — muito mais do que o saber ler e escrever . . .

Pouco ou nenhum melhoramento nas condições materiais de existência da grande maioria do povo ocorreu, durante os milhões de anos até o século XIX, não obstante o fato de que várias tentativas de formas de governo e programas os mais variados e ousados tiveram experiência.

Lloyd George, em relatório apresentado ao governo inglês, sob o título: — “Coal and Politics”, comparando as dificuldades, a falta de trabalho e as crises que solapavam a sua Pátria, em contraste com a expansão norte-americana no domínio comercial, na produção industrial, no crescer das exportações e, em tudo o que os Estados Unidos vão superando a Grã-Bretanha, afirma isto ser devido ao desenvolvimento energético e,

principalmente, elétrico, que se operou na América do Norte. Salientando a inferioridade do Reino Unido ante os Estados Unidos da América, menciona o fato de que a produção elétrica de Chicago, em maio de 1924, era de 700 “kilowatts” “per cápita”, enquanto que em Manchester, — isto é, na parte da Inglaterra industrialmente mais desenvolvida, esta se aproximava a 325 “kilowatts”.

Mencionava com relêvo também o fato de que, nos Estados Unidos, o operário trabalha, em média, com o duplo do esforço mecânico ou da energia elétrica disponível para o operário britânico.

Quem diz ser necessário a utilização em grande escala dos combustíveis e da eletricidade no Brasil para maior intensidade de sua *industrialização*, para seu progredir e prosperidade mais intensa, naturalmente imagina e prevê que, para implantarmos e desenvolvermos a indústria fabril em nossa Terra teremos que ir desenvolvendo, primeiro e paulatinamente, os recursos disponíveis de força motriz para a movimentar. — *Daí a necessidade urgente de furarmos o chão para obtermos petróleo, de mineirarmos carvão, de reorganizarmos os nossos transportes ferroviários, rodoviários e marítimos e captarmos os desníveis dos rios do Brasil para obtenção de energia elétrica em abundância e a preços baratos.*

Como ainda não extraímos petróleo ou o substituímos por outro qualquer combustível para alimentar economicamente, — e em face da luta na concorrência internacional, — a máquina industrial que vamos construindo; — para ampliá-la, ao par da utilização dos fracos recursos carboníferos do Brasil, temos que importar os combustíveis ou intensificarmos a exploração de nosso sub-sólo e a utilização e captação dos nossos mananciais de energia hidro-elétrica que, sob estado potencial, o Brasil possui em abundância.

Dissemos que o Brasil possui, em vez de “possuímos” porque, infelizmente, como acontece com todos os

países agrícolas, as cachoeiras do Brasil, os seus terrenos potencialmente petrolíferos, auríferos, diamantinos e as suas jazidas de manganês, bem como qualquer outra fonte de riqueza, de poderio e de vitalidade, aqui existente, quasi ou já não nos pertencem, — o que, em futuro, talvez impeça, mais do que hoje, o nosso desenvolvimento industrial, pois, é sabido que os estrangeiros que *as possuem* só visam o que é mais lucrativo e, por isso, preferem exportar minérios em vez de aqui os transformar; preferem fornecer energia elétrica sob a forma de luz e calor, — a energia destinada as indústrias que aqui pretendesemos desenvolver e aperfeiçoar.

Aquêles que ainda duvidarem da possibilidade de nos tornarmos uma grande potência industrial, convém lembrar-lhes que hoje a nossa situação, e do mundo em geral, é muito diversa de outróra, quando o carvão de pedra era a base de toda a indústria metalúrgica e maquinofatureira do Universo.

Então, a concentração industrial em poucos países resultava da abundância de suas jazidas de combustível, — sobretudo da hulha e do petróleo, — o que constituiu quasi um monopólio, — um privilégio natural, — quanto a detenção da indústria fabril pelos povos do vale do Rêno, da Grã-Bretanha e da região hulheira e das jazidas ferruginosas do Sul dos Grandes Lagos Norte-Americanos.

Como a indústria fabril significa poderio e prosperidade, êste fator geológico dava-lhes grande responsabilidade nos destinos humanos, o que hoje não acontece mais, — porque a situação mundial se modificou ou se modifica dia a dia, com a captação das fontes de energia elétrica utilizáveis ou possíveis de utilização econômica e, **A CORÔA QUE OUTRÓRA ENCIMAVA A FRONTE DO REI CARVÃO, hoje também pode ORNAR A CABEÇA DO REI PETRÓLEO OU DA RAINHA "HULHA BRANCA".**

E' isto o que os dados estatísticos mais recentes demonstram.

Baseando-se no desenvolvimento que ora se opéra nos Estados Unidos da América, — país rico em carvão, petróleo e quedas d'água, — vê-se que a tendência moderna é: — TUDO ELETRIFICAR, — tomando a electricidade a dianteira sôbre todos os outros meios de utilização da energia á disposição do homem e, como esta pode e é atualmente obtida mais economicamente com o binário: "hulha branca - electricidade", segue-se que para o nosso país o seu futuro industrial é bem risonho, — e depende, precipuamente, da solução que dermos á utilização das "nossas" quedas d'água e ao desenvolvimento da indústria siderúrgica, — mesmo ligada ao carvão mineral importado.

Quanto ao problema da utilização da energia contida nos desníveis dos rios do Brasil, não o temos encarado com a atenção que êle merece e, por uma lamentável falta de visão vamos permitindo que os estrangeiros monopolizem a produção e a distribuição de energia elétrica no País, — o que significa dar-lhes o direito de dirigirem, — no futuro, o nosso destino econômico e político e fazerem de nossa Pátria, uma florescente nacionalidade ou méra feitoria de exploração colonial.

Todo o nosso esforço para fazermos do Brasil um país próspero, progressista e poderoso deve visar incrementar a utilização de nossas fontes de energia para aperfeiçoamento ou erguimento de nossa aparelhagem industrial, afim de que as nossas indústrias nascentes progridam paralelamente á nossa agricultura e pecuária.

São inúmeros os fatores que nos impediram ser hoje, no campo econômico e industrial, uma potência de primeira grandeza.

A' escassês de população, á mingua de mercados, á ausência de capitais, á falta de técnicos, á inexistência ou não descobrimento e utilização de boas fontes de

energia ou de agentes motrizes ou de combustíveis próximas às nossas regiões de maior aglomeração, — tem sido algumas das causas e principais razões apontadas porque ainda somos industrialmente fracos e, si bem que, dadas as condições peculiares de nossa evolução, — impossível nos era durante o Brasil-Colônia, — em plena fase de expansão territorial; — durante o Brasil-Império, — em plena fase de organização, — sermos hoje um povo industrial de relêvo, também forçoso é reconhecermos que o problema dos combustíveis e das fontes de energia do país, — elementos básicos para a sua INDUSTRIALIZAÇÃO, aumento de produtividade, poderío e riqueza, tanto no passado como no presente, — não nos tem preocupado como devia.

Realmente, sem combustíveis, economicamente obtidos, não é possível haver indústrias de maquinofaturas prósperas.

Temos vivido dentro de um círculo vicioso e, por isso, não tínhamos, como ainda não temos, inúmeras indústrias, — maximé a grande indústria metalúrgica, a indústria pesada, porque a nossa população, — então mais do que hoje, — disseminava-se por uma vasta área e não se adensava em núcleos demograficamente mais cheios como já ostentam em algumas regiões do País

Atualmente, apesar de possuírmos população centralizada, mercado amplo e minérios ricos, ainda nos escasseiam capital, iniciativas e fontes de energia *economicamente utilizáveis* ou os *combustíveis econômicos* juntos á técnica, — principais fatores de todo o poderío industrial e civilização atual de um povo. Daí a razão de ainda produzirmos caro e estarmos atrasados quanto ás atividades máquinofatureiras.

Numa época em que a posse das jazidas hulheiras, dos lençóis petrolíferos e o domínio dos minérios e dos mananciais susceptíveis de captação para utilizá-los nas atividades de paz ou nos campos de batalha constitue preocupação máxima dos povos imperialistas, — pois

que representam as armas de combate do hodierno imperialismo, — E' ENTRISTECEDOR E NOTÓRIO, o descaso, a inabilidade com que temos tratado os máximos problemas do País e, dentre estes, de nenhum temos descuidado tanto como do estimular a utilização das fontes de energia elétrica e a exploração dos combustíveis e minérios que o sólo brasileiro contém.

Não obstante os preços elevados e constantemente em ascendência do carvão mineral e do petróleo, que despertam em todos os povos a necessidade de aproveitar a fôrça hidráulica armazenada nas cachoeiras e nos desníveis dos seus rios, — o nosso país, que possui carvão em diminuta escala, e não extrai petróleo, não o procura e não estuda o seu sub-sólo como devia e precisamos, já devia ter promovido com mais intensidade o estudo e a utilização dos seus recursos hidro-elétricos.

Prova flagrante do descuido que estamos dando a êsse problema é o fato de que, apesar de dispormos de mais de cincoenta milhões de cavalos de fôrça, em estado potencial, — só ainda utilizámos em 31-12-1934, 834.612 cavalos, os quais, infelizmente, estão concentrados em mãos de emprêsas estrangeiras: — "The Rio de Janeiro Tranway Light and Power Co. Ltd.; The S. Paulo Tranway Light and Power Co. Ltd. e The Electric Bond and Share Co. Ltd., — proprietários que são de mais de 90% (noventa por cento) do total da potência elétrica (H. P.) das usinas do Brasil.

Uma sábia política hidro-elétrica e industrial fizera da Itália, nação pobre de combustíveis minerais e paupérrima de minérios de ferro, um país industrialmente forte, capaz de concorrer com a Inglaterra e com o mundo industrial de hoje na construção de vasos de guerra, de armas, de munições, de aviões, de automóveis, de motores, de material elétrico e de maquinismos em geral

Foi ainda essa política de aproveitamento dos recursos naturais do país, do aproveitamento das fôrças hidro-elétricas e do incremento da industrialização na-

cional, adotada por um povo quasi tão pobre em combustíveis quanto a Itália e de menores recursos naturais do que nós: — o Japão, que o colocou em poderio naval em terceiro lugar como potência armada mundial, e em posição de destaque, quanto à indústria manufatureira, comércio e frota mercante, entre as principais nações.

Ignorando os motivos da evolução que se operava no organismo nacional, com pessimismo injustificável ou por desconhecer os fatores históricos, econômicos e o desenvolvimento científico que se opéra no mundo; — e por não ter compreendido que vivemos na ÉRA ELÉTRICA, — vendo supersticiosamente, ora o motivo racial, ora o fator climatérico, ora sómente o fator histórico ou o alfabeto, ora só o motivo geológico ou geográfico impedindo o desenvolvimento social, cultural e industrial dos povos, — brasileiros dos mais cultos viram também, unilateralmente, sem aprofundar nos fatos e na história econômica e imperialista do mundo, os motivos do atraso geral e industrial do Brasil, os motivos de nosso progredir lento, — sem observar o pequeno índice de força mecânica que dispunhamos em confronto a outros povos.

Pensando ter localizado os motivos do progredir lento do Brasil apenas no fator geológico, na falta de combustíveis minerais, em nosso sólo, não vendo a prioridade que tiveram outras nações na indústria, no acúmulo de capital, de técnica e de meios de comunicações que lhes davam um monopólio de fato e de verdade na exploração dos outros povos em seu benefício; — assim, com êsse ponto de vista restrito em assunto vital para o país, é que não quiseram vêr no Brasil os motivos reais do desenvolvimento geral e industrial dos Estados Unidos, da Alemanha, da Itália e do Japão, — aonde uma política objetiva atuou no sentido de utilizar com mais amplitude e rapidez os recursos naturais e as fontes energéticas disponíveis.

Sem concordarmos, ao todo, com pensadores vários, para quem no Brasil, no Chile, na Itália, na França, na Inglaterra ou em qualquer outro lugar, tem o homem aproveitado a sua terra conforme as condições do ambiente, conforme os impecilhos que se lhe tem apresentado ao seu progredir, — conforme as condições da ECONOMIA UNIVERSAL, — devido á grande série de fatores que modificam a ação humana, — desejamos acrescentar que estas condições são, em parte ou ao todo, modificadas por outras condições morais e materiais, naturais e artificiais, que se lhes impõem os países mais ricos, mais fortes, mais bem dotados de carvão de pedra, de petróleo ou de quedas d'água em utilização, possuidores de indústrias fabris mais intensas que, graças á sua indústria já desenvolvida com a forte proteção industrial que tiveram inicialmente; graças ao avanço da fôrça e da ciência, tudo farão afim de monopolizar o predomínio do mundo.

Ao contrariarmos as idéias e os argumentos de todos os que combatem o surto industrial do Brasil, lembremos a muitos, que êles mesmos viram crescer, — está aos seus olhos e de todos, como cresce e crescerá em São Paulo, — o maior parque industrial da América do Sul, — não obstante a quasi não utilização de combustíveis minerais e serem as indústrias paulistas acionadas, — em maioria, tendo a eletricidade como fôrça motriz.

As usinas elétricas creadas pela ação do homem brasileiro que abastecem a incipiente, mas futura indústria nacional, — são uma afirmação categórica que só não seremos um povo de grandes indústrias, um povo grande utilizador dos agentes motrizes naturais, si não o quisermos.

Em vista da economia que podemos realizar evitando, pelo menos grande parte do carvão importado, com a utilização dos “nossos” recursos hidro-elétricos, precisamos fazer no Brasil, onde as possibilidades são

muito maiores do que na Itália, Suécia, Noruega e Japão, o que tem feito êsses países quanto á utilização dos seus recursos hidro-elétricos, utilizando-os em substituição aos combustíveis minerais.

Nada justifica que estando o nosso país em segundo lugar quanto a posse dos recursos hidro-elétricos disponíveis no mundo, estejamos a ocupar hoje o II.º lugar na escala dos países utilizadores da electricidade.

*
**

Ferdinando Laboriau Filho, espírito sonhador e sábio, — cêdo arrancado do nosso convívio, prevera, como ninguém, o que será amanhã a eletrificação do mundo e, visualizando o que será o futuro elétrico para o Brasil, faço minhas também essas suas palavras: "ANO 2.000 — A população do Brasil atingiu 200 milhões de indivíduos fortes, seletos, higienizados e cultos. Duzentos milhões de pessoas a precisarem de energia para as suas múltiplas atividades: compreende-se como essa necessidade levou ao aproveitamento das forças hidráulicas. Lentamente a princípio, essa utilização de energia se foi, depois, aos poucos acelerando.

No ano 2.000 já estão longe os tempos em que ainda se importavam carvão e petróleo! Êsses recursos primitivos, considerados pelo progresso da técnica, foram desaparecendo, passando a constituir apenas uma recordação histórica.

Os 50 milhões de cavalos vapor de energia hidro-elétrica, utilizados no Brasil, no ano 2.000, equivalendo ao trabalho mecânico de 600 milhões de homens, — a população brasileira, do ponto de vista energético, é então computável em 800 milhões. Nessas condições, não admira que sejam em parte e convenientemente resolvidos os problemas da produção.

As questões nacionais são então estudadas por gente competente, tendo acabado ha muito, a influência dos

políticos profissionais. A luta do homem para o progresso passou a ser traçada especialmente nos laboratórios de pesquisas.

Aí é que se perscrutam, pacientemente, os segredos da natureza, daí é que saem os processos, cada vez mais aperfeiçoados, de domínio da energia econômica. Como estamos longe dos tempos em que não havia Universidades no Brasil, a não ser umas instituições de fachada formadas por escolas exclusivamente para ensino profissional e onde a pesquisa científica não se podia fazer! Todas as atividades industriais foram avassaladas pela energia elétrica. São as indústrias eletro-químicas num desdobramento maravilhoso; é a eletro-metalurgia: é, ainda, a energia para tudo.

As distâncias desapareceram por assim dizer, desde que se resolveu o problema da irradiação da energia.

O problema da distribuição da energia passou, desde então a ser uma questão definitivamente resolvida. Transformara-se, com isto a vida que Nietzsche afirmou ser, essencialmente, uma aspiração á maior soma de poder, numa vontade que permanece, íntima e profunda, em todo ser vivo.

A luta pela existência, pelo poder, pela preponderância, com a nova forma de distribuição de energia, passava a ser uma luta pela posse da energia elétrica. *A importância dos povos se alterara, sendo regida a sua classificação pelo valor das reservas em forças hidráulicas.*

Cabia agora o domínio dos povos que dispunham, além de outros fatores, de maior soma de energia hidro-elétrica. Passara o tempo do imperialismo do carvão e do petróleo, e chegara a era da energia elétrica.

Os 445 milhões de cavalos vapor, em que se orçava a energia total, das forças hidráulicas da Terra, passaram a regular decididamente a importância das cinco partes do mundo,

Ainda ha, no ano 2.000, filósofos a indagarem si o progresso existe, afirmando que o que interessa não é poder ser enviado o pensamento á volta da Terra, em alguns segundos, mas sim, saber si êsse pensamento é o melhor, mais profundamente humano, mais justo. A vida em todo o caso, mudou completamente. Melhor? Piór? E' difícil sabê-lo. Mas, seguramente, é diferente. *E' a éra da eletricidade.*

A diferença entre a vida de então e a dos tempos anteriores é alguma coisa como a diferença hoje existente entre a vida das grandes cidades e a do campo. Cada vez o homem se afasta mais da natureza. Primeiro liberta-se do dia e da noite. A luz artificial permite a vida noturna absolutamente igual a do dia; — a luz solar não é mais reguladora dos hábitos quotidianos.

A vida em grandes aglomerações, vai aos poucos, deixando em todos os hábitos a sua marca. As facilidades aumentam para tudo e os múltiplos atos da vida, si vão, lentamente, mas constantemente, adaptando, á nova ordem das coisas. O tempo se distribue de outro modo, e os afazeres são outros. Outros são, também, os divertimentos.

Insensivelmente as diferenças se vão acentuando.

As viagens e os próprios passeios diminuiram muito, desde que, sem sair de casa, pode-se vêr o que ha em qualquer parte da Terra; — a televisão, juntada á telefonia, modificou radicalmente os hábitos. Não ha necessidade de viajar, para ver terras longínquas. E' só ligar o receptor, e visita-se, comodamente, qualquer museu ou qualquer país.

Sómente os objetos devem ser transportados.

A éra da eletricidade se caracteriza, essencialmente, pelo emprêgo da eletricidade em todas as formas de energia. Energia luminosa: tudo se ilumina eletricamente. Energia química: tudo deriva da eletricidade. Energia térmica: tudo se aquece ou se resfria pela eletricidade",

Pensamento luminoso de um sonhador, visão de estéta e de cientista, previsão radiante para nosso futuro.

Mas, qual é o reverso da medalha? Tudo hoje nos indica que só o estrangeiro é que prevê o papel que a eletricidade já *desempenha* ou *desempenhará* no mundo, — como substituto dos combustíveis: — carvão e petróleo, — dado a intensidade que, por todos os meios, procuram adquirir o domínio das nossas fontes de energia elétrica, das rêdes de comunicações, dos serviços telefônicos, telegráficos e rádio-telegráficos.

Como bons previsores ou compradores do futuro, preparam-se para continuar com o seu predomínio amanhã, — para tanto ajudados, com os inventos, com as fontes de energia natural dos países que dominam ou pretendem dominar e; — com o auxílio da minoria dos próprios nacionais, — não mudarão a face da Terra, — sob o ponto de vista favorável ao seu Imperialismo geral, luta pela vida, classes, aristocracia, etc., si outros fatores não intervirem na evolução elétrica que se anuncia no mundo.

Diante do papel que virão desempenhar os combustíveis e fontes de energia térmica e motriz e, especialmente a energia elétrica, no futuro da humanidade, não se compreende o erro em que incide o Brasil, avaliando mal ou quasi desconhecendo o poder decisivo do combustível, — maximé do carvão e do petróleo, ou das fontes de energia motriz, — na economia universal, no poderío, na prosperidade nacional, — erro êsse que não é apanágio dos homens da geração atual mas, secularmente histórico, — pagando a nossa geração apenas o tributo da herança de nossos antepassados.

Sendo os combustíveis e fontes de energia intimamente ligadas ao nosso futuro industrial, — "... o desinteresse do brasileiro em pleno século XX, — avaliando pela rama, apenas, sem uma noção do verdadeiro valor do que representa na economia dos povos o CAR-

VÃO, o PETRÓLEO, o FERRO e a ELETRICIDADE, — é um pêso morto, hereditário, secularmente histórico.

Faz-se mistér, portanto, uma reação conciente e decisiva das elites brasileiras, procurando corrigir essa falha lamentável de nosso sub-conciente.

Creemos haver no fundo do fenômeno, — disse illustre pensador, — “uma correspondência interessante entre o carvão e o petróleo armazenados no sub-sólo da Terra como propriedade de seus habitantes, e a noção da utilidade dêsse mesmo produto conservada hereditariamente no reservatório psíquico das imagens e dos pensamentos do homem dêste país”.

Consequência disso, como maior ou menor exemplo a invocar, é o alheamento do poder público pelos problemas magnos de nossa economia: — Ferro, Combustível e Eletricidade, — mesmo quando em programas governamentais são consignadas algumas referências á necessidade de encaminhamento de tais soluções.

A falta de continuidade na atenção dispensada pelo govêrno Federal ou estadoais, aos problemas do carvão, do petróleo, do ferro, e da energia hidro-elétrica, — continua em relação a cada um dêles, apesar das palavras em contrário de plataformas e mensagens e, — esta falha constitue, inegavelmente, um dos sintomas mais dolorosos das falhas graves de *cultura econômica* dos nossos homens públicos.

Tendo o desenvolvimento industrial dos povos surgido, ora por estímulo natural, ora pelas migrações de artífices, obreiros e operários técnicos, ora pela concentração de capitais junto aos artífices, ora pelo estímulo das guerras, ora pela riqueza natural do sólo, pelas proximidades de mercados consumidores de grande remuneração, pelas facilidades de comunicações e de comércio internacional, pelas garantias políticas e sociais de determinado Estado; pelo estímulo político imperialista ou expansionista de governos bem avisados ou ambicio-

sos: — por obra de arte política, ou de artifício econômico ou de orientação mercantilista bem delineada, para êsse progresso, entretanto, nenhuma forma de governo teve preferência para estimulá-lo.

A maior ou menor intensidade de desenvolvimento registrou-se devido a fatores econômicos que, vieram consolidar o desenvolvimento industrial de vários países, após o seu incremento estimulado por sábias leis.

Si é verdade que, a evolução de várias Nações se operou sem se levar em conta a forma de governo que adotaram, nem mesmo esperou que uma série de reformas e atos moralisadores dos costumes fossem levados a efeito para que progredissem ou se tornassem industriais, também é verdade que muito contribuiu para a implantação das indústrias fabris, para o progresso econômico em várias nações, e seu consequente desenvolvimento, — o estímulo que lhe deram os poderes públicos, sob as mais variadas formas: — creando, mesmo artificialmente, as indústrias que, com o correr do tempo, tornar-se-iam nacionais, fontes de renda e, capazes de concorrência em qualquer terreno com as de outros países, devido a inúmeros fatores de ordem política, econômica, técnica, comercial e financeira.

Da lentidão com que cuidamos dos problemas mais imperativos da nacionalidade, como exemplificamos com o descaso pelo problema da energia e dos combustíveis, — provém o lento progredir material e econômico do Brasil, — reflexo do seu insignificante progresso industrial.

“País que se acha nas mesmas condições nossa, — a Itália, — obrigada a importar imensas quantidades de carvão e petróleo, — pagas em ouro ao estrangeiro, — devido a uma política previdente de desenvolvimento hidro-elétrico, conseguiu elevar a 3.000.000 cavalos a potência utilizada das usinas do país, poupando-lhe importar anualmente cêrca de doze milhões de toneladas de carvão,

Entre os países da Europa, a Itália tem desenvolvido notavelmente a indústria elétrica.

Possuindo em 1920, 76 estações hidro-elétricas com uma potência de 925.000 "kilowatts" e 85 estações térmicas com 291.000 "kilowatts", as elevou em 1926, a 710 estações hidro-elétricas, com 2.116.932 "kilowatts" e 162 estações térmicas com 585.268 "kilowatts".

Aliás, já esse desenvolvimento do potencial hidro-elétrico na Itália, fôra registrado em 1925. Então, já existia um total de 1.533.000 cavalos instalados nas usinas italianas, sendo destes 661.000 produzidos por 466 usinas hidro-elétricas, das quais 50% eram de 300 a 1.000 cavalos e 30% de mais de 10.000 cavalos.

Com as pequenas usinas, em 1925, a potência já atingira a 2.500.000 cavalos e, em fins desse mesmo ano a 3.000.000 de cavalos, assim distribuídos:

Norte da Itália	77%	Com. 10%	para luz
Centro da Itália	28%	„ 10%	para tração
Sul e Ilhas . .	5%	„ 8%	para força

Consumo em "quilowatts-hora"

Em 1923	Em 1925
2.000.000.000	6.000.000.000
Energia potencial existente: 8.000.000 de cavalos.	

A parte mais rica e industrial da Itália, a que a torna uma potência de larga projeção internacional é o norte, é onde existe mais energia mecânica utilizada, enquanto o sul, a zona agrícola, é pouco desenvolvida, apesar de densamente povoada, e é onde existe ou utilizam menos força mecânica.

Em nosso país não há o menor traço de equivalência entre os estados de nossa federação, sob qualquer ponto de vista que os confrontarmos. Há mesmo, contrastes flagrantes, comparando-se, por exemplo, o valor econômico e a capacidade de produção entre São Paulo e o Pará; entre Minas e Goiás, entre Baía e Piauí.

Podemos mesmo vêr com São Paulo tendo em suas usinas, em 1930, uma potência de 328.786 cavalos, ao lado do Pará com 6.800 cavalos; com o Distrito Federal possuindo 30.000 cavalos ao lado do Maranhão com apenas 370 cavalos; com Minas Gerais registrando em suas usinas 68.866 cavalos, ao lado de Mato Grosso com 1.316; com o Rio Grande do Sul com 14.855 cavalos em suas usinas, ao lado de Goiás com 382 cavalos, a importância do potencial mecânico utilizado, por um povo como barômetro de toda a sua vida, de sua produtividade, progresso, poderio e civilização. Nem outro motivo sinão o maior ou menor uso de energia mecânica explica porque ha municípios brasileiros que rendem, anualmente, mais do que muitos Estados. A cidade de São Paulo, por exemplo, arrecada mais do que todos os estados brasileiros excluidos apenas o Estado do mesmo nome, o Rio Grande do Sul, Minas e o Distrito Federal, emparelhando-se com o da Baía.

Pôrto Alegre só fica abaixo dêsses e de Pernambuco, Santos, que nem capital é, tem arrecadação maior que onze estados: Ceará, Pará, Paraíba, Alagoas, Maranhão, Rio Grande do Norte, Amazonas, Sergipe, Mato Grosso, Goiás e Piauí.

Campinas e Pelotas têm rendas mais altas que estes dois últimos.

Poderemos ter explicação dessa equivalência analisando a potência elétrica das usinas dêsses Estados ao lado das usinas dessas cidades, pois si não procurarmos uma razão mais sólida para justificação dessas diferenças, elas parecerão verdadeiros absurdos.

Aliás, eis o que nos mostra o seguinte quadro:

Potência das usinas das cidades de:

Porto Alegre	H. P.	5.000
Campinas	„	12.000
Santos	„	22.500

Potência das usinas dos Estados de:

Goiás	H. P.	382
Mato Grosso	„	1.316
Pará	„	6.800
Amazonas	„	2.382

Renda Municipal em 1930, de:

Santos	mais de 17.000 contos
Campinas	mais de 5.000 contos

Renda estadual em 1929 dos Estados de:

Amazonas	10.247:000\$000
Piauí	4.964:000\$000

Deduz-se do confronto do potencial elétrico utilizado em cada município ou Estado do Brasil, comparativamente entre si, a importância que o fator energético tem para exprimir o grau de produtividade, conforto e civilização de um povo.

A cidade de Cuiabá, por exemplo, em 1926, só possuía uma usina de 112 H. P., enquanto que essa energia não dá para utilização em muitas fazendas do Estado de São Paulo e, é em quantidade inferior às necessidades de um único dos grandes edifícios da Paulicéia, ou do Rio de Janeiro.

Corroborando, ainda que de maneira enfática, com a nossa afirmação, temos os Estados Unidos da América que, em 1926, produziram mais energia elétrica do que qualquer outro país do Globo, — demonstrando assim, que, prosperidade e progresso é consequência da maior ou menor utilização das fontes de energia naturais que dispõe um povo e, conseqüentemente, da indústria fabril e de manufaturas desse povo e da energia que êle dispõe para a movimentar.

E' imperiosa a necessidade de realizarmos sem perda de tempo a utilização dos recursos naturais do Brasil em benefício do progresso e defesa nacional.

A' todos os grandes homens de visão não escapou o papel que as fontes de energia: carvão, petróleo, quedas d'água e eletricidade virão desempenhar no futuro mundial, principalmente esta última.

Já essas fontes de energia, — juntas ao ferro, são as colunas mestras que suportam a nossa atual civilização “ferrada” e “eletrificada”.

Devido a maioria do trabalho dos brasileiros ser apenas para o sustento individual, — não ser coisa que se converta em grande quantidade de ouro, não ser um *trabalho auxiliado e multiplicado por maquinismos* e por vias e meios de comunicações rápidas, não sendo um trabalho industrializado e racionalizado, como o trabalho europeu ou norte-americano, — êste não aparece e não proporciona riqueza e progresso uniforme no país.

A diferença, entre o progredir de São Paulo e o de outras unidades da comunhão brasileira, a partir de 1889, ilustra como o progresso moderno acompanha o crescer da utilização da força mecânica e do aumento da potência das usinas que se instalam. O progredir paulista, nesse período, podemos expressá-lo na seguinte equação:

Agricultura, mais policultura, mais trabalho industrial intensificado pela maior quantidade de força mecânica utilizada, mais fertilidade do sólo, mais comércio ativo, é igual a Prosperidade, Progresso, Bem-estar e Cultura Geral.

De outra maneira, si utilizássemos para medir o progresso de um povo, do ÍNDICE MECÂNICO, motor ou energético, como fazem os norte-americanos, poderíamos invocar o número de cavalos vapor utilizados nos vários Estados do Brasil para expressar a diferença de progresso material entre êles. Em 1931, conforme dados oficiais era esta a quantidade de energia elétrica no país:

Estados	Fôrça elétrica utilizada em C. V.	% do total	Renda Federal do Imposto do consumo sobre eletricidade K.W.H. fôrça e luz.
Território do Acre . . .	195	0,03	12:618\$743
Amazonas	2.382	0,35	23:000\$711
Pará	6.800	1,01	—
Maranhão	370	0,05	2:970\$765
Piauí	810	0,12	523\$753
Ceará	220	0,03	38:060\$801
Rio Grande do Norte . . .	1.803	0,28	10:780\$502
Paraíba	1.873	0,28	20:498\$672
Pernambuco	15.764	2,34	101:135\$281
Alagoas	1.740	0,26	48:684\$588
Sergipe	1.229	0,18	10:641\$474
Baía	24.343	3,61	79:585\$834
Espírito Santo	8.095	1,20	34:789\$568
Rio de Janeiro	149.187	22,13	156:855\$641
Distrito Federal	30.000	4,45	1.043:246\$504
São Paulo	328.786	48,77	2.480:503\$285
Paraná	6.851	1,02	63:111\$207
Santa Catarina	8.326	1,23	79:882\$152
Rio Grande do Sul	14.855	2,20	108:013\$238
Mato Grosso	1.316	0,19	18:875\$851
Goiás	382	0,06	22:604\$477
Minas Gerais	68.866	10,21	384:705\$031
Totais	674.193	100,00	4.741:088\$078

Mostrando o efeito da preponderância econômica de São Paulo na Federação Brasileira, podemos assim resumir os dados acima:

Potência utilizada em S. Paulo	H. P.	328.786
Em todo o resto do Brasil	H. P.	345.407

Total 674.193

Renda do imposto sobre eletricidade:

Em São Paulo	2.480:503\$285
Em todo o resto do Brasil	2.260:584\$793

Total 4.741:088\$078

Si outros fatores além da riqueza natural do sólo, do clima, da oportunidade da cultura cafeeira em face do consumo mundial; da concentração de capitais nacionais e estrangeiros; da centralização progressiva de grande massa humana em pequenas zonas, ou mesmo formando núcleos relativamente densos: São Paulo (Capital), Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba, Jaú, Baurú, etc., a centralização de maior número de indivíduos: — os imigrantes, nacionais e estrangeiros, elementos êsses mais arrojados e de mais eugenismo, não bastassem para explicar porque São Paulo é um Estado dentro do Estado do Brasil, as cifras acima, exprimindo a quantidade de energia utilizada pelos paulistas nos mostrariam a razão da grandeza e progresso do Estado bandeirante. Poderíamos mesmo, exprimirmos o seu índice de progresso com a seguinte fórmula:

Maior ou menor Progresso, Instrução, Riqueza e Prosperidade de um Estado de nossa Federação, — em confronto com outro Estado brasileiro, — é igual ao maior ou menor número de cavalos vapor utilizados em suas fábricas, em suas cidades, por seus habitantes.

São Paulo produz mais do que qualquer outra unidade de nossa Federação porque trabalha com um número maior de cavalos vapor do que as suas irmãs federadas; — porque os paulistas possuem o auxílio de quasi 500.000 cavalos, computando-se as suas usinas de várias sortes, aproximadamente a metade do Brasil, — o que corresponde a um exército de escravos de 6.000.000 de homens, — conforme fórmulas estabelecidas, enquanto que os demais Estados do Brasil, quasi que exclusivamente se utilizam do braço humano, a força muscular, mais cara e menos produtora do mundo!

Foi possuindo uma concepção exata do significado para um País da grande indústria fabril, da posse de jazidas de petróleo e de hulha em florescente exploração, principalmente quando êsses combustíveis se destinam a acionar uma grande indústria metalúrgica e si-

derúrgica, — que a França, ansiosa de domínio e de hegemonia no Continente europeu, procurou, invadindo o Ruhr e o Sarre, — desorganizar a vida industrial alemã, no intuito errôneo e satânico de abater o prestígio guerreiro e comercial que os teutos possuirão enquanto dispôrem de grande organização industrial, — consequência de sua riqueza carbonífera e de seus minérios ferríferos.

Realmente, “a Alemanha privada de cêrca de quatro quintos dos seus minérios de ferro e despojada da Alta Silésia, conservava ainda no Ruhr o carvão suficiente para manter a sua grande indústria, — base de sua riqueza, — embora adquirindo minérios na Espanha, na Suécia ou na Áustria”.

Querendo impedir que o Reich mantivesse o alto prestígio a que faz jús, a França ao formular o pacto de Versalhes, — sedenta de ambição imperialista, de caso pensado, precisava desorganizar a produção de carvão ou toda a produção industrial alemã e, daí a ocupação que faz da Renania — o pivot da indústria alemã.

Não conseguindo o seu intento, pois que teve de desocupar a região renana, mais cêdo do que esperava, — propôz pela voz de um de seus membros á Comissão de Desarmamento da Liga das Nações que: — *As nações fossem permitido armarem-se em proporção inversa ao seu poderio industrial*, — (si é que é possível algum poderio duradouro sem a arma industrial), — uma vez que as potências industriais, além de vastos recursos bélicos de que são possuidoras, estão perenemente e potencialmente armadas com as suas fábricas que podem, em pouco tempo, transformar a sua produção de aparelhos industriais para a produção de material bélico.

Sendo a indústria fabril, — cuja base apoia-se nos combustíveis, principalmente no carvão e no petróleo e mais recentemente na energia hidro-elétrica, uma pode-

rosa arma de guerra, em periodos de paz, como fator econômico, de harmonia e de equilíbrio na sociedade tem importância excepcional.

*
**

O regimem industrial que utiliza as forças contidas nos agentes motrizes naturais, podemos defini-lo como a força mecânica em serviço do homem, — em oposição ao regimem agrário, — utilizador do esforço muscular, rotineiro e empírico, como o temos praticado, que traduz a escravidão, em benefício de determinada casta ou de individuos “astutos” da espécie humana.

O regimem e a atividade de um povo que se utiliza dos recursos da natureza é o regimem que intensifica o trabalho, em oposição ao que se utiliza do esforço humano, que o exaure, o aniquila e o escraviza.

Não foi sem razão que Mihail Manoilescu, ilustre economista rumeno, acentuou que o predomínio dos países industriais, super-capitalizados, sobre os países agrícolas e devedores, decorria do fato de que, eles “permutam o produto do trabalho de UM de seus operários pelo produto do trabalho de DEZ operários dos países agrícolas”.

E aduzamos que, essas trocas são possíveis, simplesmente, porque os países industriais utilizando-se dos combustíveis e dos agentes motrizes melhor valorizam os seus produtos e o seu trabalho.

Que nós, brasileiros, na era da electricidade, habitantes de um país agrícola, aprendamos a lição...

O CARVÃO E O FERRO — PRINCIPAIS FATORES DETERMINANTES DA SUPER- INDUSTRIALIZAÇÃO DA INGLATERRA

(A' margem do artificialismo industrial da Inglaterra)

“O ferro e o carvão, êsses nervos da indústria dão às nossas manufaturas, grandes vantagens sôbre as dos nossos rivais”.

Robert Peel

As nações modernas, de vasta área e ampla base física habitável, como o Brasil, tem necessidade de se tornarem industriais, — ainda que artificialmente, — no início.

A' luz das ciências conhecidas e dos acontecimentos históricos que veem se sucedendo ha mais de dois séculos, em benefício do progresso e da civilização do Mundo, — podemos também afirmar que a atividade manufatureira não é privilégio racial de povo algum e que a Terra não fôra dividida, — ainda que ao acaso, — em zonas privilegiadas para as atividades dêste ou daquêle povo, desta ou daquela raça eleita.

Aliás, basta observarmos a geografia da indústria manufatora ou o seu deslocamento para vários recantos do Globo, e volvermos um olhar retrospectivo ás páginas da história industrial e politica das principais nações, para nos deleitarmos em saber que, onde vive o homem poderá existir a indústria manufatureira em lar-

gas proporções si, condições políticas, geológicas, sociais e econômicas, permitirem a sua existência; tanto assim que, onde até ha pouco supunham impossível ou anti-econômico uma fábrica, hoje lá a encontraremos...

No Brasil ou na China, na Austrália, na África do Sul ou no Alasca, a indústria de máquinofaturas prospera contanto que haja possibilidades de lá o homem prosperar ou, que os fatores econômicos, políticos, sociais e internacionais a justifiquem ou não lhe sejam desfavoráveis, — os quais são impessoais, sem pátria, sem tradições, sem bandeira.

Nós brasileiros devemos nos sentir humilhados quando, fazendo nossa uma frase caracteristicamente francesa, nos dizem que o Brasil deve ser um país “essencialmente agrícola”, pois, essa afirmação é uma afronta á nossa capacidade, á nossa iniciativa e á nossa inteligência.

Aquêles que afirmam que não podemos produzir instrumentos, maquinismos e manufaturas iguais e pelos mesmos preços que os provenientes do exterior, ou desdenham da força das organizações, das leis econômicas, da tenacidade e capacidade de luta de nosso povo, ou não conhecem história, geografia, economia política ou são emissários do imperialismo estrangeiro, ou duvidam de nossa operosidade e iniciativa, tantas e diversas vezes já demonstrada.

Os conceitos errôneos referentes á nossa pseudo incapacidade industrial eram-nos impostos ou pelos importadores que, ainda hoje, são estrangeiros, em maioria, e que predominam no comércio do Brasil, com grande dano para a economia nacional, — ou o ditavam-nos êsses comerciantes, comparsas daquêles, ou mesmo brasileiros interesseiros e anti-patriotas.

Felizmente, razões várias, diretas ou indiretas, orientadas pelos nossos governantes do Império á República, ou surgidas do acaso, consequência do progresso mundial, o fato é que a nossa situação industrial é

hoje bem melhor e, com tendências seguras para um futuro brilhante.

Pelo menos é o que se pode prever se operará em todo o nosso País com o exemplo que lhe dá o Distrito Federal e São Paulo, com os seus arrojados empreendimentos industriais.

O conceito de que algumas nações teem naturalmente que ser agrícolas e outras industriais é empírico, é errôneo, é falho e, tanto assim é que nesta Terra empíricamente aproveitada ainda ha iniciativas brilhantes e gigantescas que não se contentando em que o Brasil seja, — como todos os países agrários, — uma pobre vítima de seu próprio esforço, eternamente uma feitoria agrícola e colônia das potências industriais, suportam atribulações e dificuldades tremendas no desenvolver a indústria brasileira, com a mesma perseverança, tenacidade e audácia que outróra desbravavam os nossos sertões e já implantaram em algumas regiões uma florescente indústria de manufaturas que se irradia para todo o país.

Não é simplesmente por motivos geológicos que a indústria fabril se centraliza em pequenas porções da Terra. Outros fatores fizeram ou determinaram a ocorrência dêsse fenômeno. E' do fato de que 90% da população do mundo se dedica á agricultura, atividade a menos remuneradora, que se origina a pobreza, os vícios e diferenças do padrão de vida e civilização das nações.

Si a história e a ciência provam não ser a indústria fabril privilégio de povo algum; podemos afirmar, apoiados em fatos positivos, que a cultura, a civilização, os conhecimentos científicos, não são também privilégios de nenhum único povo, e, que é errado o conceito de muitos considerando o homem eternamente igual, — uma espécie de substância química, sofrendo os mesmos efeitos e reações quando submetidos a ação de certos agentes, como a raça, o ambiente geográfico,

a fatalidade histórica, o clima, a alimentação, etc., porque o homem, traz em si qualquer coisa que não é, e nada tem que vêr com as substâncias químicas: — o espírito. A indústria fabril como a civilização, não podem ser compreendidas como privilégios na Terra, unilinear, determinado de antemão pela vontade dos homens. Assim, o encarar-se o domínio absoluto da cultura sôbre a evolução da História é uma quimera.

Sendo um êrro o considerar-se inextinguíveis moléstias como a lepra, a tuberculose, a sífilis, etc., simplesmente porque tais flagelos existem desde tempos imemoriais, ou mesmo com o aparecimento do homem na Terra, si não as combatermos eficientemente, também revela ignorância dos fenômenos históricos, sociais, humanos, internacionais, climatéricos, geológicos, geográficos e, mesmo catastróficos, supôr-se que os Países agrícolas de hoje serão ou permanecerão agrícolas amanhã, e que as Potências industriais da atualidade assim o continuarão a ser. Aliás, o revolver que se opéra nesse setor da ação humana tudo indica que as transformações e modificações que se operarão terão um cunho muito mais acentuado e realista do que se supõe.

Como nós, todos os habitantes do continente Sul-Americano precisamos importar os bons costumes, característicos e conhecimentos científicos que nos veem da Europa ou dos Estados Unidos, mas, não devemos trazer da Europa ou da Norte-América, nem da Ásia, os seus erros sociais, políticos, técnicos, raciais e culturais.

“Nós, povos da América, devíamos ter desta verdade uma noção clara, generalizada por todas as classes, por todos os países no Novo Mundo, para evitar a explosão dos intermináveis conflitos europeus, — o que se dará, — fatalmente, — si continuarmos a importar sem seleccionar, — a cultura a granel, e si não tivermos fôrças espirituais suficientes para construir uma nova

cultura nesta parte do globo mais de acôrdo com a vida que aqui flue agigantadamente". (1)

A Europa nos contamina. Nós, povos dêste hemisfério, precisamos pensar com os olhos no futuro afim de não transladarmos para uma terra virgem os erros, as superstições, as falhas morais, como temos feito, desgraçadamente, até com os vícios e os vermes que corróem a civilização de outros povos. Mesmo quanto aos trabalhos materiais e ao gôso da vida, outra devia ser a nossa orientação e senso de utilidades.

Não gastemos os homens no esfôrço vão de tirar ouro e diamante das entranhas da Terra, valorizando o que só convencionalmente vale.

Apliquemos o nosso trabalho, — ao contrário da Europa, — só em atividades verdadeiramente produtivas e que concorram para melhoria de nossa vida normal na Terra. Não quer isto dizer que reconheçamos no homem americano o dom de dominar a história e levá-la por onde mais lhe apraz. Também, não vamos ao extremo de esquecer todo o benefício que desfrutamos da civilização ocidental e que o europeu nos trouxe, proclamando como o Inca, Huaima Capac, no poema de Olmêdo, aos vencedores da noite de Junin, escarne-cendo os desbravadores da América:

"Devemos-lhes por acaso um bem? Luzes, costumes ou leis, religião?"

Não. Nada! Êle era ignorante, cheio de vícios, fe roz, supersticioso!

Sua fé, blasfêmia atroz, não é a de Cristo. Sangue, chumbo, ferros, eis seus mais santos, seus mais caros sacramentos". Não vamos a êsses extremos...

Apenas acreditamos, que uma nova cultura homogênea e sã, que não entre em conflito com a realidade da vida universal, tal como ela se apresenta aos nossos sentidos, contribue para formar o homem um pouco

(1) Raul de Polilo, "A Bancarrota da Sociologia Européia". "Diario da Noite", 1926.

mais conciente da sua posição no conjunto do Cósmos, evitando antes de tudo, os erros morais, místicos e políticos do Ocidente, o que sem dúvida alguma e por lógica consequência, apagará, em parte, as veleidades de domínio, os conflitos interiores entre as necessidades do intellecto e as do instinto, as explosões do ódio entre indivíduos de tendências contrárias, as divergências entre povo e povo, entre nação e nação e, por fim, a probabilidade de uma conflagração americana, que, paralelamente a européia, assinale o início do crepúsculo da civilização que ora aqui apenas se está esboçando.

*
**

“Na América, a razão principal da inexistência de uma afinidade espiritual e de ideais políticos, é determinada pela nenhuma independência intellectual de seus homens de cultura, os quais, á exceção de rarissimas cerebrações privilegiadas, nada mais fizeram até hoje, do que transplantar para o terreno fecundo da América, princípios e doutrinas que na Europa, ha muito tempo, estão agonizando.

A América, neste delicado período que atravessa, pois ainda se acha na fase de formação das unidades políticas que a constituem, bem necessita de que o esforço das mentalidades mais eminentes seja dispendido em benefício de todos, tendo por ponto de partida uma base única, orientada no sentido de conciliar os espiritos.

A geografia industrial do Universo tem sofrido ultimamente grandes modificações. No Brasil, na China, na África do Sul, na Austrália ou mesmo no Alasca, ou onde se encontrem capitais, técnica, organizadores e matérias primas e haja mercado e meios de acionamento econômico das máquinas, aí encontraremos indústrias já prósperas ou o ambiente capaz para fazer prosperar a indústria fabril,

No Brasil republicano é forte, — e maior o era no Brasil imperial, o preconceito contra o desenvolvimento das indústrias de transformação e de manufaturas em nosso meio.

Nos primórdios da República o ambiente para o desenvolvimento industrial do Brasil não podia ser mais ingrato.

Não obstante os progressos que temos realizado em matéria industrial, às vezes essa rudeza de meio para a eclosão do progresso nacional é ainda hoje manifesta. Mas, o temor á industrialização do país, a qual nunca fôra vista com bons olhos pelos nossos dirigentes no Império, — excetuados dois ou três dos grandes estadistas de então, atingira o auge da reação, quando Joaquim Murтинho ocupou a pasta da Fazenda.

Melhor do que quaisquer outras citações e exemplos, as suas palavras provam á saciedade, como encrava êsse ministro, — ou melhor os nossos dirigentes de então, — a política de industrialização do País, vendo-a de maneira errônea e com ingenuidade.

Disse Murтинho: — ... "*Subordinemos pacientemente, corajosamente, a nossa expansão industrial á pequenês dos nossos recursos econômicos, e limitemos a ação governamental ao que ela pode oferecer de mais útil e de mais salutar ao desenvolvimento industrial de nossa pátria: — a ordem por meio da liberdade, mantendo a paz a todo o transe e fazendo desaparecer todas as peças regulamentares, que entorpecem os movimentos da atividade individual.*

Depois, devemos refletir, que o proteccionismo contribuiria talvez para o *desenvolvimento exagerado de grandes fortunas*, que, entre nós, poderiam crear uma espécie de aristocracia do dinheiro.

E como, no maior número dos casos, as *empresas industriais produtoras de grandes fortunas só se poderiam manter á custa da proteção pelas tarifas, as lutas partidárias*, entre nós, poderiam ser dominadas pelos

interesses dos industriais poderosos e não pelas idéias políticas.

A supremacia do industrialismo poderia trazer-nos grandes males sociais deixando-nos talvez a forma, mas fazendo-nos perder com certeza a substância de nossa liberdade. (?)

NÃO PODEMOS COMO MUITOS ASPIRAM, tomar os Estados Unidos da América do Norte como tipo para o nosso desenvolvimento industrial, PORQUE NÃO TEMOS APTIDÕES SUPERIORES DE SUA RAÇA, fôrça que representa o papel principal, no progresso industrial dêsse grande país”.

Relatório de Joaquim Murtinho enviado ao Governo em 1897”.

E’ lamentável que um homem de govêrno tenha dito tanta incoerência, tenha cometido tantos erros palmares, tenha afirmado tantos abusões em tão poucas palavras. Evidentemente, si Murtinho, com essas palavras, não defendia CONCIENTEMENTE os interesses britânicos, si assim agiu porque visava crear nos meios de Londres um ambiente favorável á execução de “SEU” “plano financeiro” com o auxílio inglês: si assim falava cheio de convicções em suas afirmativas, — é LAMENTÁVEL que um homem de estado, em tão poucas linhas, ainda que involuntariamente, tenha maculado todo o nosso esforço, tenha negado toda a nossa tenacidade e esquecido a história, a sociologia, a antropologia e o glorioso passado de nossa raça, sejam os lusos ou os bandeirantes.

Felizmente, hoje, temos pouquíssimos Murtinhos a escrever e prégar contra o desenvolvimento industrial e contra a nossa raça e a operosidade dos brasileiros.

A todos os que se interessam pelo estudo do fenómeno do enriquecimento e progresso vertiginoso dos Estados Unidos da América não é sêgrêdo que êsse progredir tem como alicerce a sua indústria metalúrgica, escudada na sua indústria carbonifera, uma vez que

esta depende daquela e que ambas tiveram o seu surto, — exclusivamente devido ás condições naturais do país.

O fato geológico de haver as maiores formações de camadas hulheiras ao lado de grandes depósitos de bom minério de ferro, explica só por si, o progresso industrial norte-americano ou de qualquer país — sem ser preciso que se vá descobrir nas raças, como quisera Murтинho, o papel principal do seu progresso industrial.

Muito diversas dos Estados Unidos e de outros países de desenvolvimento industrial intenso, foram e são as condições naturais do Brasil.

Quando não bastassem os fatores naturais e econômicos a impedir os brasileiros no período colonial de se tornarem um povo de indústrias manufatureiras florescentes, vinha-lhes dificultar êsse desenvolvimento, a legislação restritiva da metrópole portuguesa.

Esta, em seu benefício agia e legislava para o Brasil-Colônia e intervinha nas suas atividades de maneira assás brutal, — de acôrdo com as idéias reinantes da época.

Assim, proibiu e mandou fechar as oficinas de ourives, as tipografias, os teares e tantas outras atividades econômicas, destinadas as ordens a manter mais firme o jugo sôbre a colônia que começava a demonstrar “suas veleidades de progresso”, — sendo esta circunstância, ou o resultado dêsse proceder, a explicação do nosso atrazo industrial e profissional em confronto com outros países.

Si bem que o regimen imperial como o republicano deram plena liberdade de ação neste sentido a todo o mundo, traços indeléveis dêsses atos BRUTAIS da metrópole portuguesa ficaram no caráter nacional.

Mas, rememoremos essa pressão metropolitana citando apenas o que ela fôra como impedilho sôbre a indústria fabril do Brasil colonial.

“A’ proporção que a indústria mineira declinava, recorreu-se á indústria fabril e fundaram-se fábricas de fiação e tecelagem.

Mas, o alvará de 5 de janeiro de 1785, sob penas rigorosíssimas, MANDOU DESTRUIR todas as fábricas, manufaturas, teares e fuzos que existiam em todo o Brasil!!!...

Destruindo, — como o fizeram, — a nascente e promissora indústria genuinamente brasileira que na Capitania de Minas Gerais já se desenvolvia lisongeiramente, em muitos ramos fabris, o governo Português visava reerguer a indústria de mineração que tão fartos recursos lhe proporcionava e fazer com o Brasil o mais odioso monopólio mercantil e industrial, — obrigando-o a recorrer exclusivamente á Metrópole para o suprimento de inúmeros gêneros que já produzia em quantidade e qualidade superior aos importados de Lisboa”.

Só em 1808, foi revogado êsse alvará que tantas desgraças trouxe á terra brasileira, permitindo-se de então em diante, toda e qualquer indústria ou fábrica no Brasil.

O desenvolvimento industrial do país que tanto almejamos hoje era impossível e nem sequer o podíamos vislumbrar então, porque, durante o Brasil colonial as ordens régias importavam em dispersas e impossibilitar por toda a maneira o trabalho produtivo da nação.

“Para que pudesse alguém estabelecer-se com fábricas, armações de pesca, alambiques e engenhos, exigiam-se tamanhos requisitos e formalidades tão dispendiosas que tais iniciativas muita vez feneciam antes de serem postas em prática”.

Já se vê que ontem, — mais do que hoje, era ingrato o ambiente brasileiro para o estabelecimento das atividades industriais, dos meios de produção que se utilizam dos agentes motrizes, que economizam o trabalho humano e multiplicam a produtividade e a riqueza de um povo.

As grandes nações industriais e seus estadistas estão mais do que crentes de que “as nações modernas não se formaram expontaneamente, — mas são obra de arte política”, e que, o desenvolvimento industrial das nações em franco expansionismo não surgiu de modo expontâneo: — é obra de arte política, de ação, de previsão, de causas que favoreceram o seu erguimento, de catástrofes econômicas ou guerreiras, ou de fatores vários que encontraram clima propício em determinado lugar e lá pudera se erguer e se desenvolver; — pois, dadas as condições de luta entre as nações, entre a diversidade de preparo que possuem para lutar, para viver, — os povos teem necessidade de construir a sua indústria, — AINDA QUE ARTIFICIALMENTE, no início.

E' isto o que teem feito todos os grandes povos que, dispondo de elementos para se tornarem industrialmente fortes, conseguiram fixar, permanentemente, em seu território, uma indústria, a princípio, de estufa.

Com o desmoronar do reinado de sua Majestade, — o carvão de pedra, — abalou-se o poderio inglês. Lord Asquith tinha razão quando afirmara no Parlamento que, “sem carvão a Inglaterra não existiria”. *“No Coal — No England”*.

Consequente a utilização de outros agentes motrizes por parte das várias nações que surgiram progressivamente no mundo industrial, cresceu o seu poder econômico e estacionou-se ou decrescera o prestígio industrial e econômico da Inglaterra, tanto assim que, por mais esforços que ela tenha feito, ainda não retomou o seu antigo papel de supremo credor, — de Metrópole Comercial ou parte do mundo sugadora, — com importações lucrativas ou utilíssimas em excesso, e com excessivos lucros de negócios, de empréstimos, de capitais e rendas no exterior.

Dos rendimentos totais do mundo, tinha antes de 1914 uns 50%: — hoje não tem 40%.

Só a Inglaterra tinha, e parece que ainda tem, uns quatro bilhões de libras a render fora, isto é, uns 250 a 500 milhões de nossos CONTOS atuais, (passante cem vezes nosso dinheiro em circulação).

Os rendimentos em libras, dessa enorme quantia, além de outros, (ágios, fretes, seguros, comissões, etc.), valem por um grande excesso de exportações ou por três e mesmo quatro vezes a exportação brasileira dos bons tempos de libra a 30\$000 e a 40\$000.

Para melhor avaliarmos como as nações grandes utilizadoras dos combustíveis, dos agentes motrizes, do ferro e do aço tornaram-se excessivamente ricas podemos dizer, com as palavras de J. Pires do Rio, referindo-se ás nações credoras e devedoras: — “No panorama financeiro do mundo, vemos raras culminâncias e muitos vales e planícies.

Para seis credores ha cincoenta devedores. Entre os primeiros a Inglaterra sobressái riquíssima e de velha tradição bancária com seus quatro bilhões de esterlinos (4.000.000.000) empregados em todas as nações civilizadas; — mais nas colónias do seu Império, menos em outras nações: — mais no Canadá, na Austrália, na Índia, na Argentina, do que no Brasil, no Chile, na Rumania.

Em segundo lugar, figura como nação credora no mundo, — os Estados Unidos da América, opulentos, mas sem tradição bancária, com seus três bilhões de esterlinos (£ 3.000.000.000), distribuidos no mundo civilizado.

A França, mais admirável do que rica, empregou no exterior dois bilhões de esterlinos (£ 2.000.000.000), de preferencia na Rússia, a léste da Alemanha, talvez influenciada pela recordação de Sedan.

Depois das três grandes nações credoras do Atlântico Norte, seguem bem distanciadas as pequenas regiões do Baixo Rêno, a Holanda e a Bélgica, aquela com ...

£ 500.000.000, (quinhentos milhões de esterlinos) e esta com metade, igual ao que tem a Suíça no exterior.

Em face dessa meia dúzia de nações credoras, a multidão das nações devedoras.

A guerra pôz entre elas a opulenta Alemanha, que deve tanto quanto a França e empregou no exterior cerca de dois bilhões de esterlinos.

Nesse panorama financeiro do mundo civilizado, onde vemos meia dúzia de nações credoras para cinco dúzias de devedoras, — o imperativo das condições mesológicas determina o rumo econômico das nações.

As credoras são as industriais e estas são as visinhas das fontes de energia elétrica.

Eis o mapa econômico a resultar do mapa geológico da terra.

Eis a humanidade a produzir conforme as condições mesológicas em que trabalha”.

Eis indicado o rumo que temos de seguir, orientando o país numa política industrial, numa política de utilização dos agentes motrizes e dos substitutos dos combustíveis: — carvão e petróleo, — afim de enriquecermos o nosso país e passarmos de nação devedora a nação credora, de nação satélite a nação líder.

Como pode a Inglaterra, os Estados Unidos da América, a França ou qualquer outro país de vastas reservas metálicas adquiri-las, — enquanto a maioria das nações permanecem, como o Brasil, na miséria?

Industrializando-se e utilizando-se no mais alto grau possível do carvão e do ferro.

Recordemos, resumidamente, para melhor entendermos a rápida transformação industrial da Inglaterra, que foi a passagem da época do “instrumento” para a época da “máquina”, — e que se chamou de revolução industrial”, bem como o progresso da Inglaterra, conseqüente a utilização do carvão de pedra e do coque na siderurgia, trazendo-lhe o domínio dos mares, o domínio financeiro e o domínio comercial do mundo.

“A crescente marinha mercante e de guerra da Grã-Bretanha exigia estaleiros navais em que o consumo de madeira e de ferro aumentavam sempre, acarretando o sacrificio das florestas fornecedoras do combustível aos fornos siderúrgicos.

Afim de restringir as devastações das matas, — reservatório indispensável de madeira de construção naval, tomaram-se medidas no sentido de proibir o fabrico do carvão vegetal, proibindo-se até o funcionamento dos fornos de fusão de ferro nos Condados de mais escassas florestas.

Por êsse tempo chegou a Inglaterra a importar ferro da Rússia, da Espanha, da Suécia, países de abundantes floresta virgens e ricos de minérios de bôa qualidade.

Debatia-se, então, a indústria de ferro inglesa numa crise que parecia irremediável quando Abrahan Derby, lembrando-se de distilar a hulha betuminosa antes de empregá-la no alto forno resolveu o problema econômico fundamental da siderurgia britânica; — nunca mais faltou excelente e abundante combustível, — pois nenhum outro país possui, mais do que a Grã-Bretanha, vastas jazidas de hulha que produz incomparável coque metalúrgico, — matéria prima de todas as metalurgias.

Entrou a Inglaterra na segunda metade do século XVIII, em plena prosperidade da indústria do ferro, vencendo facilmente na concorrência Universal, os países cuja siderurgia usava o carvão de madeira.

A substituição do carvão vegetal pelo combustível mineral, — fato culminante da história da siderurgia, acarretou modificação radical da geografia da indústria do ferro, forçando lentamente, no correr da primeira parte do século XIX.º, a concentração da indústria nas regiões hulheiras”.

Aí temos, dentre outros fatores, a explicação porque retardara tanto o desenvolvimento da siderurgia no

Brasil, — país então quasi deserto e pobre de combustíveis no século que passou.

“Das exigências da exploração das minas de hulha surgiu a bomba de condensação e, mais tarde a máquina a vapor dita de James Watt.

Creada para as minas de carvão, — a máquina a vapor teve, entretanto, destino industrial cujas consequências o gênio mecânico de seu inventor jamais poderia ter avaliado.

James Watt poudo ver o invento que vulgarisou movendo fábricas de tecidos de algodão; chegou a vê-lo empregado nos navios e morreu pouco antes de poder vê-lo na locomotiva de Stephenson.

Uma consequência indireta da utilização do carvão, da invenção da máquina motriz, foi, naturalmente, a excitação do espírito inventivo de todos os que lidavam com os aparelhos manuais nas diversas indústrias, e logo apareceram as invenções de máquinas operatrizes, para fiação e tecelagem, — primeiro de algodão, depois de lã, do linho e da sêda.

Si bem que, no momento, só nos interessa o estudo da evolução industrial inglesa no seu período áureo, — a partir do século XIX.º, é oportuno lembrarmos uma fase do ambiente que precedeu a essa evolução, desde 1348, quando aquêlê terrível flagelo: — “a morte negra”, — assolou a Inglaterra roubando-lhe ... 2.000.000 da sua população que era então de 4.000.000 de almas.

Nesse transe doloroso, mais uma vez as leis econômicas fizeram valer os seus efeitos e, nem o Imperante, nem o Parlamento, nem a execução de rebeldes, nem a legislação trabalhista poudo impedir a ação das leis econômicas e, nos anos que se sucederam a essa calamidade, como nem todos os camponeses da Inglaterra bastassem a trabalhar a área cultivável do país, — ainda que involuntariamente, — modifica-se a atividade e o evoluir do povo inglês, — que vai se dedicar a outros

afazeres, quando até então, predominantemente, se dedicava á Agricultura.

Durante os dois séculos seguintes, a criação de carneiros para lã, tomou grande impulso, atividade essa que necessitava de relativamente pequeno número de obreiros e, constantemente tornou-se lucrativa com o desenvolvimento das manufaturas que, vinham substituir a agricultura como fonte de renda nacional.

Até á metade do século XIV toda a safra de lã da Grã-Bretanha ia ser manufaturada em Flandres, onde em Buges, Ghent, Lille e Ipres, 40.000 teares trabalhavam ativamente convertendo-a em artigos manufaturados que remetiam á Inglaterra para venda.

Eduardo III notando que isto era economicamente um desperdício determinou medidas afim de induzir peritos tecelões flamengos a emigrarem para a Inglaterra, ao mesmo tempo que restringia a importação de lã manufaturada e seus produtos e impedia a exportação de lã em bruto, — assim protegendo e iniciando a indústria de tecelagem inglesa.

Ainda como medida mais importante, êle estimulou a criação da marinha mercante britânica, afim de destruir o monopólio que até então gozava a Liga Hanseática.

Como consequência dessas medidas e resultado indireto do desenvolvimento das manufaturas na Inglaterra e intensificação de seu comércio, foi uma radical transformação no padrão de vida de seus habitantes que se tornou luxuoso, a ponto de serem decretadas leis limitando o "fausto" com que cada classe podia se trajar e vestir.

Assim, "com sagacidade e alta visão política, a Inglaterra, velha creadora de ovelhas de bôa lã, — que prosperavam no seu clima fresco, aprendeu fácilmente na Flandres a indústria, cuja matéria prima exportava longo tempo.

Dominadora do comércio do Oriente, poudo importar o algodão, — de fiação e tecelagem mais fácil do que a lã; — possuidora da máquina a vapor ocupou-se na invenção das máquinas acessórias e operatrizes de fiação e tecelagem e, conseguiu, na primeira metade do século XIX, concentrar na sua ilha uma indústria de tecidos abastecedora de todo o mundo.

Possuidora dos elementos naturais, e notadamente dos combustíveis, — que constituíam a base da indústria do ferro, a Inglaterra desenvolveu a fabricação de máquinas operatrizes e acessórias de toda a espécie, — principalmente, as que servem na fábrica de tecidos de algodão e lã movidas á vapor; — indústria de que conservou absoluto predomínio na concorrência universal durante o século passado ou, mesmo até 1914.

As duas indústrias principais da civilização moderna, — a do ferro e a de tecidos, — apoiadas em condições geológicas excepcionais favoráveis, — servidas por marinha mercante sem rival, — fizeram da Inglaterra, na primeira parte do século XIX o centro industrial do mundo, — com as suas fábricas e os seus bancos, — TUDO A PROSPERAR SEM CONCORRÊNCIA DE MONTA.

O fornecimento de carvão e de ferro, de tecidos de algodão e de lã, de máquinas motrizes e operatrizes, bem como o transporte marítimo em todas as regiões do Globo, tudo era um monopólio de fato dos industriais, dos comerciantes e dos banqueiros ingleses, — durante a maior parte do século passado, que bem se denominaria de SÉCULO DA INGLATERRA.

Durante cem anos as correntes dominantes do comércio marítimo poder-se-iam definir com simplicidade desta maneira: CONVERGENTES SÔBRE A INGLATERRA DE TODOS OS OUTROS PAÍSES E DIVERGENTES DA INGLATERRA PARA OS OUTROS PAÍSES”.

Enquanto a França com rios de sangue nas ruas de Paris, eliminava um rei absoluto para cair nas mãos de um imperador despótico que levou a guerra a todos os povos do Continente, a Grã-Bretanha, — utilizando-se do poder do carvão e do ferro, — construindo a máquina a vapor e as máquinas operatrizes e acessórias na fabricação de tecidos, máquinas essas alimentadas pelo combustível mineral de seu sólo e, aplicando-as ás suas fábricas, á tração ferroviária e aos navios, realizava uma revolução econômica, de influência mundial: — ampliava o seu poder marítimo de comércio e de guerra e, se transformava em poder monopolizador, em centro industrial, político e financeiro do mundo.

Foi utilizando-se dos fatores que tendem a fazer perdurar as indústrias demasiado artificiais: atividades políticas, capital, crédito, organização bancária, “dumping”, “trusts”, “carteis”, super-industrialização, racionalização da produção, capacidade técnica acumulada, instrução belicosa, posse de colônias de povoamento ou de exploração, facilidades de comunicações, matérias primas baratas, energia motriz fácil, mercados lucrativos e já tutelados, — que a Inglaterra continua ainda a manter artificialmente o seu poderio industrial e comercial e, com êle o Império Britânico, fortemente abalado com a conflagração européia. Tanto é artificial a constituição política e econômica do Império Britânico que, “por toda a parte êle apresenta sintomas de decomposição.

Os dominios, o Canadá, a África do Sul, a Austrália, a Nova Zelândia requereram completa independência; já agora, quasi só um tênue liame político que é quasi apenas espiritual, os liga á pátria de origem. A Irlanda, depois de tanta luta, se destacou, e por sua vez se tornou um dominio de todo independente. A Índia inteira anda agitada por correntes xenofobas e sobretudo anglofobas. A Birmânia, principalmente, entrou em revolta com selvagem violência. As populações mussul-

manas do Egito e da Ásia Menor estão eivadas de pruridos anglofobos.

Teóricamente, o império inglês ocupa mais ou menos a quarta parte da superfície do globo e compreende cêrca de um quarto da população do mundo. Mas êsse império é agora em grande parte apenas uma aparência e amanhã poderá ser em muitos sítios campo de terríveis lutas”.

*
**

Analisando-se a constituição geológica, social, militar, política e industrial do Reino Unido, em face das condições econômicas e das possibilidades industriais e financeiras do mundo, forçoso é concluir-se que foi utilizando-se dos fatores enumerados que o cérebro inglês conseguiu, — por obra de artifícios, — fazer o seu país grande e próspero, cheio de brilho, pompa e aparência de uma solidez indestrutível.

Que a pujança, o poderío e a prosperidade da Inglaterra é, desde o seu início uma criação artificial dos seus grandes homens e estadistas, atestam-nos os fatos e a história econômica e política da expansão inglesa no mundo.

Artificial é a super-população do Reino Unido, tanto que, em 1925, para o seu sustento êle importava 35% dos alimentos que consumia.

*
**

Segundo cálculos feitos por autoridades estatísticas, a Grã-Bretanha, como país que tivesse necessidade de viver do regimen agrário, — apesar dos processos modernos de agricultura, — não poderia alimentar uma população superior a 20.000.000 de indivíduos, com o padrão de vida dos atuais; entretanto, com o regimen

industrial presente alimenta 52.000.000 de almas que lá vivem e aumentam sempre e, dêsse número sáem o suficiente para dilatar o Império, dirigir e governar outros povos, tripular as suas naves de guerra e os seus navios mercantes em todos os oceanos.

Artificial é o poderiõ inglêz, porque, com o seu declínio industrial em marcha diminuirá o seu comércio internacional, aumentará o seu desprestígio nos seus domínios, colónias e possessões, e apressará o desmoroamento do grande império.

Já é visível o decréscimo do comércio britânico no mundo.

Em 1913 a exportação britânica era de 1.403 milhões de esterlinos; depois da guerra desceu a 863 milhões; em 1924 a 793 milhões, em 1925 a 661 milhões, em 1930 e em 1931 revelou uma decadência ainda maior.

O "deficit" da balança comercial, isto é, a diferença entre as importações e as exportações, que era de 195 milhões em 1923, subiu a 392 milhões em 1930 e 407 milhões em 1931.

E' evidente o sofrimento intenso da Inglaterra, consequente a situação artificial em que se constituiu e á situação do mundo que se transformara depois de 1914.

Mas, sofre também, e não menos, a sua orgulhosa confiança, em virtude da qual, após uma série de êxitos devidos a circunstâncias históricas efêmeras, acreditou que o seu poder e superioridade fossem uma condição permanente de segurança. A éra vitoriana foi na verdade a época da grandeza e do poderio.

Nada mais interessante dô que reler agora os discursos e os escritos dos maiores homens da Inglaterra naquele período de grandeza.

O mais insigne dos políticos ingleses do século XIX, — Peel, num célebre discurso pronunciado em 1846, entoara um hino ao poderiõ ilimitado da Inglaterra, nestas palavras que resumiam a situação:

“Uma extensão de costas maior, proporcionalmente ao nosso sólo, do que a de nenhuma outra nação, nos garante a superioridade marítima.

O ferro e o carvão, esses nervos da indústria, dão ás nossas manufaturas grandes vantagens sôbre ás dos nossos rivais. Nosso capital ultrapassa o de que estes podem dispôr. Em invenções, em energias, em habilidade, ninguém nos vence; nosso carácter nacional, as instituições livres sob que vivemos, nossa liberdade de pensamento e de ação, uma imprensa sem freios, que difunde as descobertas e os adiantamentos, todas estas circunstâncias nos colocam á testa das Nações que se desenvolvem naturalmente mediante a livre permuta dos seus produtos”.

*
**

Era o orgulhoso hino da vitória.

E não era apenas Peel quem usava tão grandilôqua linguagem. Mesmo os mais célebres economistas, habituados ás pesquisas econômicas, patenteavam a mesma tranquilidade. Stanley Jevons, que foi dos mais profundos economistas ingleses, exprimia-se mais ou menos do mesmo modo:

Atualmente, dizia êle: “as cinco partes do mundo são nossas expontâneas tributárias. As províncias da América do Norte, a Rússia, eis os nossos campos de cereais; Chicago, Odessa, são os nossos celeiros; o Canadá e os países bálticos, as nossas florestas; a Austrália contém os nossos rebanhos ovinos; a América o nosso gado bovino; o Perú nos envia a sua prata, a Califônia e a Austrália o seu ouro; os chineses cultivam para nós o chá, e das Índias Orientais afluem aos nossos portos o café, o açúcar, as especiarias; a França e a Espanha são os nossos vinhedos; o Mediterrâneo é o nosso pomar, e tomamos o algodão dos Estados Unidos, como de outras partes do mundo!..”

Era a idéia da imensa superioridade da Inglaterra considerada como centro do mundo. Dominadora dos mares, nada poderia temer dos adversários e concorrentes; árbitro do mercado bancário e senhora das grandes indústrias da navegação, do carvão, do ferro, do algodão, etc., facilmente impunha a sua vontade.

Depois tudo mudou. Militarmente, a Inglaterra já nenhuma superioridade tem. A sua grande esquadra não goza mais situação única.

Teve que aceitar a paridade com os Estados Unidos, isto é, uma inferioridade; visto que a nação americana é, um único território compacto e produz quasi tudo quanto é necessário a sua existência e a Inglaterra tem hoje interesses a defender em todas as cinco partes do mundo.

Surgiram novos meios de acionamento das indústrias, novas vias de comunicação e imprevistos meios de guerra: a aviação, os submarinos, a guerra química, que para um país insular constituem um verdadeiro perigo.

Bem longe está a Inglaterra de poder impôr a sua vontade como outróra... Mas, enormes são também as transformações no campo econômico que se operaram no mundo e no Reino Unido. Nada adormece tanto a atividade como a riqueza e esta é muito mais fácil de conquistar que de conservar.

Nos últimos 50 anos os progressos técnicos dos Estados Unidos, da França, e sobretudo da Alemanha e do Japão, foram em quasi todas as indústrias muito superiores aos da Inglaterra. Esta, que se habituara a exportar quasi sem concorrência os produtos das suas minas e indústrias veio encontrar-se diante de competidores formidáveis. Dantes, ela construía o navio e continuava a o alimentar com o seu carvão. Durante muitos anos quasi nenhum grande navio foi construído fora da Inglaterra. Agora os navios se constróem em todos os países industriais e não raro mais baratos.

O carvão já não é a única fonte de energia térmica e motriz: outros meios, o petróleo, a nafta e principalmente as máquinas hidráulicas, a eletricidade, se impuzeram. Mesmo no carvão perdeu o Reino Unido o seu predomínio: os Estados Unidos produzem quasi o dôbro da Inglaterra, e a Alemanha mais da metade, e si se levar em conta a produção de linhite, — o consumo térmico do alemão, é pelo menos igual, sinão maior ao inglês. Mesmo a sua maior indústria, o algodão, a única em que produzia mais que todos os outros países, está fortemente ameaçada, e os Estados Unidos, a Alemanha, a França, o Japão, a própria Índia, etc., tem estabelecimentos formidáveis e não raro tecnicamente melhores.

Londres já não é o único mercado de dinheiro.

Sofre, portanto, a Inglaterra em seu poderio e em sua prosperidade.

Ainda mais, com a Rússia em guarda e armando-se; com a Índia tumultuosa e nacionalista; com a China sangrenta, o Egito subjugado, o Canadá dominado economicamente e, gravitando para a anexação aos Estados Unidos; com a África do Sul agitada com o ideal Republicano e a Austrália ameaçada pelos asiáticos e preocupada em preservar o seu território para a expansão da raça branca, não é muito sólida, atualmente, a situação do maior Império do mundo.

Ainda, artificial é a indústria textil inglesa, que vive do algodão do Egito, precisa dos mercados mundiais para consumir a sua produção e depende dêsse mercado na proporção de 64% para lhe fornecer as matérias primas indispensáveis a ativar as suas indústrias máquinofatureiras.

Na indústrias textil é dependente dos mercados mundiais na proporção de 90% para escoamento de sua produção, pois, apenas 10% desta é suficiente para o consumo no mercado interno.

Na indústria textil o declínio britânico tem sido assustador. Depois de terem chegado a monopolizar 2/3 do mercado mundial de tecidos os ingleses hoje apenas exportam 2/3 do que exportavam em 1910-1913.

Artificial é todo o comércio transoceânico britânico que vive de uma indústria artificial: — a reexportação. Só quanto a parte dêsse comércio que vive como intermediário de terceiros, — na reexportação, — esta representava 17% do comércio exportador inglês, em 1913, enquanto que, para os Estados Unidos, — êste comércio duplamente parasitário não existe, — si retirarmos o açúcar, que é o único artigo que os norte-americanos vendem ao mundo como intermediários e que, — mesmo assim, só representava, em 1925, 1,9% das vendas dos Estados Unidos ao exterior.

Ainda, artificial é o comércio bancário do Reino Unido que vive a explorar o mundo. Artificial é a sua indústria de beneficiamento da sêda; — e o é também a sua indústria de pneumáticos para automóveis e artefatos de borracha, — porquanto, plantar seringueiras na Ásia, extrair a borracha, transportá-la até Liverpool, lá fabricar pneus e artefatos de goma elástica para vendê-los ao mundo, — é mais do que um absurdo econômico, — é um abuso da política imperialista e capitalista ao serviço dos imperialismos econômicos internacionais.

E' ativar uma indústria que só existe graças a fatores vários que não possuem os países novos para desenvolver em seu sólo indústrias de transformação e máquinofatureiras.

Artificial é a sua indústria de estradas de ferro no mundo, que vem do apriorismo inglês em desenvolvimento ferroviário e siderúrgico.

Si o comércio intenso traduz poderío econômico e êste poderío é artificial nas ilhas britânicas, também artificial lá o é a indústria de transportes marítimos de pôrto para pôrto dos cinco Continentes.

Artificial é, enfim, o comércio financeiro e a indústria britânica no século que passa á luz da ciência, da geografia econômica, da engenharia, da moderna economia política, da nova geografia industrial ou da localização das indústrias fabris e exploração técnica e racional da terra.

País sem matérias primas, inteiramente dependente dos povos atrasados com relação á sua importação, a Inglaterra com uma política expansionista e imperialista bem orientada e protegida, consegue ainda manter o seu prestígio internacional e uma indústria "NACIONALIZADA" — mais artificial, em seu território europeu, do que as que se pretende implantar no Brasil.

E' por isso que o desenvolvimento industrial que se opéra no mundo apavora os estadistas de Londres e, o pensarem na Índia ou na China industrializadas, — com a consequente diminuição do prestígio inglês na Ásia, — preocupa profundamente a Inglaterra, — porque, o nacionalismo chinês ou indú, — procurando transformar em produtos máquinofaturados, com o auxílio ou o trabalho dos próprios nativos, a matéria prima que enviam á Inglaterra, — para transformação em manufaturas, — constitue maior ameaça aos ingleses do que mesmo a vitória alemã.

A preocupação inglesa, pelo desenvolvimento industrial dos povos, ainda mais se amplia depois da formidável expansão industrial que se opéra na Rússia, após a elaboração e execução do plano quinquenal de Staline, — cuja face saliente é que êsse plano visa a transformação das repúblicas Soviéticas e Socialistas numa grande potência industrial, máquinofatureira e agrícola.

A preocupação dos estadistas de Londres é portanto razoável, pois toda a perturbação nas relações de intercâmbio entre os vários povos fere a Inglaterra muito mais do que a qualquer outro país, precisamente pelo fato de se tratar de uma grande nação que tem limitadíssima autonomia econômica e que vive de permutas.

“Os vastos movimentos de xenofobia na Ásia, a depressão da Europa Central, as revoltas na China, o isolamento da Rússia bolchevista, a agitação nacionalista e religiosa nas Índias ferem fortemente às indústrias inglesas mais fundamentais: — marinha mercante, construções navais, carvão, ferro e algodão em proporções assáz graves, tanto assim que, a Inglaterra foi o primeiro país da Europa ferido pela desocupação”. (Francisco Nitti)

As exportações britânicas já eram em 1921, apenas 50% das de 1913; — depois subiram, — mas a média mensal, que era de 66,7 milhões de esterlinos, em 1924, desceu a 47,5 milhões, em 1930. A produção industrial do mundo, em 1932, se achava reduzida a 60% do nível de 1928.

Analisando-se as cifras relativas a produção de carvão na Inglaterra evidencia-se no poder do combustível os motivos da crise que solapa, abala e fere o prestígio comercial, industrial e político dos ingleses no mundo.

E' evidente que a Inglaterra vem sofrendo nos mercados internacionais a competição vitoriosa de diversas outras nações industriais, — como os Estados Unidos da América, a França, a Alemanha, a Itália e o Japão.

Dia a dia êsses países veem deslocando o poderío comercial inglês, impedindo a sua expansão em diversas partes do Globo, notadamente na Europa, no extremo Oriente e na América Latina.

“São múltiplas e complexas as causas que veem cerceando o desenvolvimento do comércio internacional, — e especialmente do comércio britânico, podendo-se destacar os altos salários da mão de obra, o valor da libra em relação às divisas monetárias de seus antigos clientes e as *crises sociais* que *teem perturbado* a produção industrial.

A utilização de outros combustíveis como o petróleo e o mazut, bem como o *aproveitamento de energia*

elétrica, prejudicam o consumo de carvão, de que a Inglaterra detinha o "record" da exportação.

Outrossim, durante a guerra, muitos países que se abasteciam na Grã-Bretanha criaram indústrias novas, indústrias próprias, defendidas por altas barreiras aduaneiras.

A greve negra (que teve início em 1.º de maio de 1926) veio agravar sériamente a situação, já de si precária, das indústrias inglesas.

Muitos industriais foram levados a fechar suas fábricas em CONSEQUÊNCIA DA CARESTIA DO COMBUSTÍVEL, cujo preço, onerando demasiado os artigos manufaturados na Inglaterra, os tornaram inaptos para a competição comercial nos mercados consumidores. (Que sirvam-nos a lição, agora que a *energia* tornou-se ainda mais cara no Brasil em consequência á entrega dos serviços elétricos do país a entidades estrangeiras).

Em consequência da situação difícil que pesou sobre a produção inglesa, — APENAS SEIS ALTOS FORNOS, na indústria metalúrgica, ficaram então em atividade, 134 OUTROS tiveram que apagar seus fogos.

A produção mensal desses fornos que ERA DE 500.000 toneladas, baixou a 13.000.

Também as indústrias textis foram sériamente atingidas pela greve dos carvoeiros. A produção normal de carvão das minas da Inglaterra, que era antes de 5.000.000 de toneladas por semana, caiu a 500.000.

Durante os "cinco meses" de greve, a produção de carvão no Reino Unido foi somente de 10.500.000 toneladas. De 1.º de maio a 31 de outubro de 1926, desembarcaram NOS PORTOS DA GRÃ-BRETANHA, 15.400.000 TONELADAS de carvão estrangeiro, necessario á alimentação de suas usinas elétricas, indústrias manufatureiras e emprêsas de transportes". Bandeira de Melo, em "Política Comercial do Brasil".

A nós que precisamos nos industrializar, sirva-nos a lição inglesa, quanto a intensificação dos substitutos do carvão que é a energia que dispomos em abundância: — a energia hidro-elétrica.

A crise que assoberba às grandes nações industriais deve ter para nós brasileiros significação máxima e constituir fonte esplêndida de ensinamento.

E' que elas são um motivo a impelir o Brasil á sua industrialização, — a bastar-se a si mesmo, — pois, não nos devemos esquecer de que em face da interdependência econômica do mundo, que os imperialismos mantêm os países agrícolas e pastoris, — como o Brasil, estreitamente subordinados á prosperidade das nações industriais que são seus clientes como consumidores e transformadores das matérias primas de que são produtores.

Demais, “por diversas razões, — notadamente de ordem econômica, histórica e política, — nós brasílianos não podemos e não devemos ser indiferentes á crise que ora infelicita os principais países europeus, notadamente á Grã-Bretanha, que sempre fôra o nosso banqueiro e agiota”.

Que a Inglaterra é um país artificial, diz-nos um grande historiador de sua raça, no seguinte relato sôbre a atuação, em 1900, das potências imperialistas na China: — . . . “The influence of Rússia in Manchuria was greatly dreaded by the others powers because Russia claims *exclusive trade rights* within the territory she controls.

Great Britain because *she subsists not by production* but by manufacturing and trafficking in the products of other nations, champions the policy of the open door in the East, that is, she insists that the people of *all Nations* shall have equal facilities for commerce”. — Quando a Inglaterra era a primeira potência industrial, maquinofatureira e marítima, sua política significava o

seu maior proveito, como hoje é, si bem que em menor escala.

Realmente, a dependência dos ingleses do comércio internacional é um fato de todos conhecido. Mas, ouçamos Lloyd George:

“A Grã-Bretanha depende mais de seu comércio internacional que nenhum outro país. Estabeleceu-se que, entre 30 e 40% de sua população a vida é ganha nos diversos ramos do comércio internacional: — navegação, seguros, etc.

Não ha nenhum outro país que possa ser comparado á Grã-Bretanha, na proporção do seu comércio industrial e de suas atividades financeiras. .

Tenho repetidamente chamado a atenção para o fato surpreendente de que 1/3 da população da Inglaterra reside na cidade, e o grosso do povo na Costa.

Isto dará uma indicação do grau do comércio britânico. Seu objetivo entende-se principalmente através dos mares. Em consequência, a sua volta ao vigor e á normalidade depende da extensão da recaptura dos seus negócios com o estrangeiro”.

Sinceramente, não podemos compartilhar com aqueles que, cheios de esperanças e de otimismo, prevêm, para breve, melhoria e recuperação das atividades industriais, aumento de intercâmbio comercial e aumento de produção entre as nações e á volta do equilíbrio industrial, econômico e financeiro do mundo.

Pensamos, sem otimismo, encarando a realidade, por mais sombria que ela apareça, com os olhos da verdade, que não *poderá* SER RESTABELECIDO o equilíbrio que existiu até ha poucos anos no mundo.

E, isto decorre, preliminarmente, da substituição do carvão como agente motriz, — como agente do poder industrial, marítimo e financeiro, e, das consequências que a substituição dêsse combustível pelo petróleo e pela energia hidro-elétrica trouxeram ao comércio, á indústria e á movimentação do trabalho e do ouro em

vários países. Acreditamos, mesmo, com o Dr. Paulo Frederico de Magalhães que, “desde a guerra européia, o mundo vem sofrendo uma profunda transformação econômica, industrial, comercial, social e política, — de caráter estrutural, — cujo ritmo se acelerou fortemente a partir do surto da crise”.

As nações não industriais, — as nações não utilizadoras em alto grau do ferro, do carvão, e da eletricidade, — que são as nações devedoras, viram-se obrigadas a adoptar uma política de defensiva que se resume na política do NACIONALISMO ECONÔMICO que corresponde a uma nova estrutura mundial, a uma “IGUALDADE ECONÔMICA RELATIVA” das nações.

A experiência dêsse sistema por parte de diversos países, demonstrou, que êle corresponde a uma necessidade orgânica da atual fase evolutiva dos países novos que começaram a dar os mais claros sinais de seu propósito de superar a fase do “semi-colonato” econômico em que viviam.

NÃO PODERA' MAIS SER RECONSTRUIDA A ANTIGA ESTRUTURA ECONÔMICA DO MUNDO, já que essa advinha do poderío industrial, — consequente a maior utilização dos agentes motrizes, expressos nos combustíveis e no ferro, por parte de várias nações, que assim tinham a sua produção, o seu comércio e o seu desenvolvimento acelerados, — o que assegurava o predomínio dos países super-capitalizados, super-industrializados, — grandes utilizadores das forças do vapor, da expansão dos gases do petróleo e da energia hidro-elétrica, — principalmente através dos empréstimos internacionais, das inversões de capital no exterior, do comércio de combustíveis, de maquinismos, de seguros e do funcionamento do mecanismo do *padrão ouro* que lhes era em tudo favorável e que para os países não industriais era, em verdade, um “Pão Ouro”.

E' até certo ponto natural que uma parte das classes dirigentes dos países novos, desconhecendo as transcendentais diferenças de estrutura entre países credores e devedores, — entre nações industriais de mercado interno predominante e nações de economia exportadora; — entre nações de vida industrial intensa e nações de vida agrícola predominante, intensiva ou rudimentar, — endeusassem o padrão ouro, — síntese do poderio industrial e econômico; instrumento de domínio e de lucros dos países super-industriais e super-capitalizados.

Entretanto, força é convir, que, não obstante as suas falhas, suas injustiças, , o padrão ouro foi um sistema que se adaptou á mentalidade dominante na sua época, caracterizada pelo princípio de DESIGUALDADE ECONÔMICA ENTRE AS NAÇÕES, com o predomínio dos países industriais, das nações grandes utilizadoras das forças naturais, dos países super-capitalizados que, como acentuou Mihail Manoilescu, permutavam o produto do trabalho de UM de seus operários pelo produto do trabalho de DEZ operários dos países agrícolas.

Não nos admira que os dirigentes dos países novos, notadamente dos países de vida agrária, como o Brasil, ainda não tenham compreendido o SUBSTRATUM do processo de transformação estrutural do mundo.

Sob o domínio sub-conciente de uma mentalidade de membros de povos que até ha pouco eram economicamente semi-coloniais, muitos homens públicos e economistas dos países devedores, ainda raciocinam na base da antiga estrutura do mundo e por isso ainda acreditam em *livre cambismo*, em privilégios industriais devido a condições geográficas e geológicas, em *padrão ouro*, na liberdade cambial, na superioridade industrial de certos povos devido a pseudo aptidões raciais e, em outras instituições, sistemas, superstições e velharias que

só podem convir aos países que as apregoam como vantajosas: — os países super-industriais, super-capitalizados e nunca aos países devedores, aos países em fase de evolução econômica e industrial e detentores dos recursos naturais e perspectivas de progresso como o Brasil.

Estamos em 1937, mas, infelizmente, ainda ha quem continue a ser homens de 1920”.

Si encararmos a dependência em que estão os países mais industriais: a Inglaterra, a Alemanha, a Bélgica e o Japão, quanto a importação de matérias primas, veremos, sem muito esforço, que nessas nações, e não no Brasil, é que a indústria manufatureira de várias espécies é artificial e mantida por fatores fortuitos.

Tomando-se o caso especial da Inglaterra, dos produtos em que ela é apenas nação intermediária, — que os compra para beneficiá-los e revendê-los, como: algodão, sêda, petróleo, borracha e lã, e depois entregando-os manufaturados a preços remunerativos ao mundo, êste já não precisa de sua interferência.

*
**

De uma análise da situação econômica e financeira de nosso país, forçoso é concluirmos que a politica que temos a seguir é a que nos indica a realidade do passado, ampliada e transformada para a hora presente, ante-endo-se o futuro e, esta deve ter como meta, a industrialização do país.

Diz-nos toda a história das nações industriais de hoje que elas se utilizaram, inicialmente, de estufas e da ação política para desenvolver a sua indústria manufatureira.

A Inglaterra através de severas proibições, culminadas com o seu “navigation act”, protegeu a sua indústria naval, a sua indústria máquinofatureira e seu

comércio, e, cedo, iniciara o colosso de seu atual organismo industrial e financeiro.

Os Estados Unidos da América, mesmo antes de sua emancipação, contrariando a legislação protecionista da Metrópole e depois seguindo até os nossos dias, uma sábia política protecionista, — auxiliados pela sua excelsa riqueza natural, — principalmente, — *demine-rais e combustíveis*, — tornaram-se a maior nação industrial da Terra.

Também, com a política d o“zollverein” se industrializara a Alemanha, e todos os demais países industriais se fizeram, a princípio, com uma política aduaneira, depois consolidaram a sua posição com os monopólios, os “trusts”, *dumpings, carteis*, etc.

Precisamos ser um país agrícola, industrial e comercial, ainda que de início o construámos, — ao todo como obra de arte política e de estufa.

A agricultura é uma atividade verdadeiramente nobre, — a única que, os antigos romanos admitiam como digna de ser exercida pelo digno e áustero cidadão de todos os tempos, e a qual, no dizer de Tavares Bastos, é a aspiração da maioria dos brasileiros: — “O BRASILEIRO QUE PODE E’ AGRICULTOR: VAI EXERCER A ÚNICA VERDADEIRAMENTE NOBRE PROFISSÃO DA TERRA”.

Entretanto, dadas as condições artificiais de vida e de civilização do mundo; em virtude dos inúmeros imperialismos que nos circundam e ameaçam, o Brasil precisa cuidar de desenvolver a sua indústria metalúrgica e manufatureira em geral e o seu comércio, ainda que, a princípio, ARTIFICIALMENTE, pois — “os portugueses não foram nunca um povo industrial e, os brasileiros, em maioria, possuindo uma tradição que detesta a indústria fabril e o comércio, — tendo sôbre si uma herança de mais de quatro séculos de vida rural, faustosa, nobre, improdutiva, ociosa e orgulhosa, não

puderam ainda crear no país um ambiente propício ao desenvolvimento industrial nacional.

Como não tivemos um passado de labôr, de organização, de intensificação da vida urbana, de dedicação científica e ás atividades técnicas: — não possuindo “queda” para a mecânica e para as ciências, para a indústria fabril — como homens tropicais, sem orientação objetiva, sem cultura técnica sólida, dotados do idealismo utópico próprio dos habitantes das zonas tórridas, em maior gráu, é que ainda não ingressamos resolutamente na atividade máquinofatureira. A indústria e a época em que vivemos não quer sonhadores de quimeras e nem admite sonhos irrealizáveis. Quer homens de visão e ação, de energia construtora e, estes temô-los ainda no Brasil.

Para sermos industriais precisamos desde já firmarmos uma política que demonstre a nossa vontade firme e intenção segura de implantar, desenvolver e proteger a indústria nacional, — ou melhor, de aproveitar, racional e cientificamente, os recursos naturais da terra brasileira.

E’ verdade que temos muitos sonhadores utópicos, mas nem por isso faltou-nos energia, visão, tenacidade e capacidade organizadora para empreendermos uma obra inegalável no mundo: — as “Bandeiras”.

Estas só poderiam ser realizadas como o foram: — por brasileiros e com brasileiros, — sobretudo o produto do cruzamento de nossas três raças básicas.

Si ontem, aos nossos antepassados coube a tarefa de levar gente, ordem, disciplina, lei, — “civilização”, — aos longínquos rincões que fazem parte do vasto Brasil de hoje, tarefa não inferior nós precisamos realizar na atualidade, trabalhando para fazer do Brasil uma verdadeira potência, pelo erguimento de sua indústria máquinofatureira.

O que já fizemos pelo Brasil deve encher-nos de orgulho mas, não nos esqueçámos o que temos e preci-

samos fazer no campo industrial para não relegarmos ou adiar as nossas obrigações deixando de garantir o futuro e pleno desenvolvimento nacional.

Ontem, os “bandeirantes” nos deram terras e riquezas, — hoje precisamos completar a sua obra portentosa consolidando a nossa independência, o que jamais conseguiremos sem o nosso erguimento industrial.

E’ errôneo o conceito da interdependência entre as nações e nós, precisamos olvidar todas as teorias industriais e comerciais que não visem tornar o Brasil uma nação capaz de auto-subsistência.

Precisamos mais, selecionar tudo o que importamos da Europa e dos Estados Unidos, aclimatando as idéias, fatos e práticas que até aqui nos chegarem, afim de não incidirmos nos seus erros, — tanto culturais, morais, materiais e, principalmente, industriais.

Si, em toda a vida nacional, os problemas financeiros viveram á mercê de interesses estrangeiros e não cogitamos de delinear uma política de trabalho, monetária, social, agrícola, bancária e industrial de acôrdo com o interesse nacional, — imagine-se o quanto nos resta estudar e trabalhar para a verdadeira grandeza e felicidade do Brasil.

Si bem que a desorganização seja um fato mundial, nem por isso justifiquemos nossos erros passados e do presente para irmos incidir nos mesmos erros no futuro.

Demonstremos, pelo menos, termos raciocínio forte e, procuremos implantar nas Terras virgens da América uma civilização, sinão nova, pelo menos mais humana, racional e científica.

Seja qual for a situação geográfica e climatérica que atribuem ao Brasil, com os recursos de que dispomos, tivéssemos cêdo organizado e seguido, em continuidade, um Plano Geral de industrialização do País, de utilização de suas fontes de energia motriz e de seus recur-

sos naturais, de desenvolvimento e civilização de seu povo, e, certamente, já seríamos uma potência mundial, um grande país de civilização mais requintada, rico e próspero, possuidor de uma indústria manufatureira bem desenvolvida.

A SUPERSTIÇÃO RACIAL ANIQUILADA NO
SÉCULO DA MÁQUINA A VAPOR, DO ALTO
FORNO, DO PETRÓLEO, DA ELETRICIDADE
E DAS QUEDAS D'ÁGUA...

“Basta que não haja coincidência de fatores geológicos e econômicos com circunstâncias históricas favoráveis, para que se estabeleça o equilíbrio e todos os povos se pareçam e se igualem na sua franqueza”.

Gilberto Amado

Teve adeptos no Brasil, a superstição de que os países latino-americanos não podiam ser industriais, por lhes faltarem aptidões de raça e, que a atividade industrial maquinofatureira era, — de preferência, — privilégio dos povos anglo-saxões e dos habitantes das regiões frias do Planeta.

Mesmo um Joaquim Murтинho, — que tanto brilho dera á pasta da Fazenda, iludiu-se quando atribuia ao fator étnico um suposto fracasso de política protecionista no Brasil, dizendo: — ... “não podemos, — como muitos pensam, tomar os Estados Unidos da América do Norte como tipo para nosso desenvolvimento industrial porque *não temos as aptidões superiores de sua raça*, fôrça que representa o *papel principal* no progresso industrial dêsse grande país”.

Evidentemente, Murтинho esquecia-se das lições da História, do glorioso passado dos lusos e dos franceses,

e, de que é do registro da História a mudança das atividades de vários povos em ambientes diversos.

Também, o citado ministro errou esquecendo-se de que por maior que seja o valor de um povo, êste nada poderá ser em ambiente adverso, ingrato e sáfaro.

Esquecia-se de que “os ingleses contemporâneos da rainha Elizabeth eram, segundo o testemunho de escritores daquela raça, preguiçosos, avessos ao comércio, desrespeitadores dos direitos individuais e muito pouco obedientes á lei. Diz Carlos Pearson que “na Europa não havia homens tão parceidos como os ingleses e espanhóis; — uns e outros igualmente insensíveis ás maiores fadigas durante as aventuras do cõrso; — uns e outros incapazes de uma arrancada séria nas *lides pacificas da indústria*”.

“E como está hoje banhado de luz êste quadro tão triste! Como estão mudados hoje, em consequência dos respectivos ambientes físicos, geográficos e político, êsses dois povos”.



Os japoneses, que até o meado de 1800 passavam por um povo dos mais adstritos á própria tradição, mais ferozmente adversos a qualquer conquista da cultura ocidental, transportaram para as suas cidades e os seus campos, para as suas usinas e para as suas docas, aos seus hospitais e ás suas escolas, os mais perfeitos métodos de trabalho dos latinos e dos anglo-saxões.

Pesam sôbre os negros os mais duros anátemas dos sociólogos de pele branca. Muito “filósofo” inglês levantou os ombros e sorriu desdenhoso, ante as primeiras manifestações da inteligência e da atividade dos pretos da Jamáica.

Pois bem, estes não são apenas ali uma grande fôrça útil ao progresso da ilha. Formam uma admirável fonte irradiadora de cultura, de que se beneficia um largo pedaço da América Central.

Resumamos: — não ha povos portadores de caracteres inalteráveis.

O branco europeu que foi colonizar as terras doadas, em 1666, ás companhias de Londres e de Plymouth, não era melhor, nem mais ousado, nem mais tenaz, nem mais inteligente, nem mais culto, nem mais religioso, do que aquêle que fez incorporar-se á cristandade a imensa conquista de D. Manoel”.

E’ a diversidade dos meios físicos e a dissemelhança dos recursos naturais de cada um que aceleraram ou retardaram o progredir do povo que os habita.

Ao lado de Murtinho, os que tentaram explicar unilateralmente, — ou em síntese, o atrazo, progredir ou civilização dos povos e, especialmente a evolução do Brasil, fizeram-na de várias maneiras e, atribuíram-na a vários fatores.

Procurando explicar a razão de nosso caminhar mais lento, principalmente, em confronto de nossa evolução com a dos Estados Unidos, analisando e comentando a nossa pobreza de combustíveis, viram com impressionada evidência, também, só no motivo da máquina a vapor e no combustível que a alimentava, a causa do nosso atrazo, em relação ao progredir de outros povos.

Outros, não menos ilustres, atribuem ás condições geológicas e climatéricas de nosso país o não termos progredido mais; — o não sermos presentemente uma grande nação máquinofatureira e não termos ainda maior projeção internacional.

Assim, para justificar o nosso atrazo e os nossos males atuais, alguns culpam apenas ao clima, outros viram só o motivo geológico, — a pobreza ou riqueza do sólo, — outros viram a evolução industrial que se operou no mundo, no século que passou, e, ainda, ha quem veja o motivo étnico e as condições universais, antes e após a guerra de 1914, como causadoras de nossa realidade presente.

Nós, porém, vemos todos esses motivos aliados aos fatores geológicos, aos agentes motrizes e térmicos, às possibilidades naturais da terra brasileira, aos motivos econômicos e políticos, à falta de cultura, a ausência de ambiente propício para a eclosão das indústrias manufatureiras em nossa terra e, no imperialismo mundial, as razões do nosso atraso, quando nos confrontamos com a evolução das principais nações. Por não termos estudado com objetivismo a nossa evolução, — o nosso passado, e nem orientado o nosso futuro com previsão, nacionalismo, saber e bom senso é que, ainda somos uma potência de segunda grandeza.

E nem se argumente com o norte da França industrial e o sul agrícola, — com o ocidente da Alemanha industrial e o oriente agrícola; — com a Irlanda agrícola, atribuindo a sua pobreza apenas a ausência de combustíveis, de fontes de energia e minérios em seu território, — mesmo situada ao lado da maior nação industrial da Terra, no século que passou; — e, nem com a Holanda, também agrícola mas, relativamente próspera devido ao seu comércio e às suas colônias, — vizinha da Bélgica industrial, concluindo que, o fator geológico, o fator político ou o clima é que tem impedido a essas nações de dedicar grande parte de sua atividade nas indústrias manufatureiras.

A' pobreza da Holanda e da Irlanda, o fato dessas nações não serem potências industriais, si bem que o fator geológico desempenhou ali parte importante como agente não industrial, é secularmente responsável a Inglaterra com a sua política de impedir todo e qualquer desenvolvimento industrial irlandês e de tolher toda e qualquer expansão holandesa fora de seu território baixo. A História registra as guerras tremendas entre a Holanda e a Inglaterra motivadas por esse imperialismo industrial e comercial, e as crises de fome na Irlanda consequente á política inglesa em não querer vê-la sinão como país agrário.

Si o Canadá cuida mais da agricultura não é por lhe faltar o combustível que alimenta a grande indústria moderna, mas por minguar-lhe o fator densidade demográfica; por estar nas proximidades e dentro do raio de ação comercial de uma das mais possantes indústrias do Planeta e por não ter ingressado, mais intensamente, numa política protecionista com direitos aduaneiros, base de todo o desenvolvimento industrial moderno.

Não obstante, com a captação das suas grandes cataratas, notadamente a do Niagara, o seu poderio industrial também já vai se firmando; apesar de que, a maior parte da energia gerada nas usinas do Canadá é *vendida ás indústrias norte-americanas*.

Aquêles que atribuem só ao motivo moral, racial, geológico ou climatérico a razão de nossa precária civilização, esquecem-se de que “a indústria como as nações modernas não se formam espontaneamente mas, em grande parte, são obra de arte política”. Esquecem-se os brasileiros, e dos mais dignos, que só veem no fator racial a causa de nosso relativo progredir lento, que a superstição da inferioridade da raça latina, — “fruto de méra confusão de causa e efeito”, surgiu depois da revolução da máquina a vapor, — posteriormente á guerra franco-alemã, meio século após a glória de Napoleão em cujos dias ninguém se lembrava de qualquer inferioridade da França, cujo espírito, em todos os aspectos, tem brilho incomparável, muito embora a sua pobreza industrial, — *consequência de sua pobreza de combustíveis e agentes de força motriz econômicos*, a deixe em lugar secundário na época da máquina a vapor, do alto forno, do *petróleo* e da *eletricidade*.

Os povos mais práticos do mundo: o inglês, o anglo-americano e o alemão, compreenderam cedo que o desenvolvimento inteligente das forças naturais, das indústrias manufatureiras e de transformação, das ciências e artes técnicas, seria a política mais racional e

patriótica a seguirem, — como a seguiram, — para mudança de costumes, enriquecimento, renovação e transformação moral, intelectual e política da sociedade .

Esqueçiam os adeptos da doutrina da inferioridade racial, o exemplo da extraordinária capacidade industrial do povo japonês, mais afastado dos anglo-saxões do que os latinos; tão grande se afigura a capacidade industrial do Japão que, o seu trabalho moderno, servido pelos modernos agentes motrizes que êle transplantou do Ocidente, inquieta os que observam o seu imperialismo no extremo Oriente, receiosos de que, no século atual, represente o Japão na Ásia, o papel da Inglaterra na Europa. “A raça é de todos os elementos da nacionalidade, talvez o menos ativo, e ousamos afirmar que o maior ou menor desenvolvimento industrial de um povo, a civilização que êle cria, não provém de sua raça.

No dizer expressivo e empolgante de Paulo Prado, “a questão da desigualdade das raças que foi o cavalo de batalha de Gobineau e ainda hoje é a tese favorita de Madison Grant, proclamando a superioridade Nórdica, é questão que a ciência vai resolvendo no sentido negativo.”

Até o momento presente não se conhece um argumento que prove a superioridade de determinada raça. A superioridade racial é um mito e, um mito é também a tão falada capacidade ou superioridade industrial de um povo, quando por isso se subentendem suas qualidades inatas para a atividade industrial, agrícola, comercial ou pastoril. O ambiente e as condições do momento em geral, sobretudo as condições econômicas, é que modelam o indivíduo, dotando-o dessa suposta superioridade. A falacia da superioridade racial teve vida curta, e mais curta vida teve a suposta superioridade industrial proclamada em seu favor por certos povos que assim denominavam o conjunto de privilégios, — naturais ou artificiais, — que a natureza, a geologia, o es-

fôrço humano, a diplomacia, a geografia, o poderio bélico, a astúcia, a superioridade numérica e de conhecimentos acumulados lhes davam. Esses erros, em certo tempo, tinham cunho de rigor, pois eram alimentados pelas tendências imperialistas de muitas nações, das quais a Alemanha foi a mais fervorosa campã.

Dissipado o mito da superioridade das raças, conclue-se a falsidade da afirmativa da incapacidade ou capacidade de um povo que habita certa região para tornar-se industrial, — si possúe elementos naturais e materiais para crear a indústria fabril. E' nos fatores culturais, nos fatores geológicos, principalmente, que devemos ir descobrir ou ativar a superioridade de um povo, isto é, a sua capacidade de se organizar, de trabalhar, de produzir, de se defender e expandir.

“Todas as raças parecem iguais em capacidade mental e adaptação á civilização.

Nos centros primitivos da vida africana, o negro é um povo sadio, de iniciativa pessoal, de grande poder imaginativo, organizador, laborioso.

A sua relativa inferioridade social nas aglomerações humanas, “ditas civilizadas”, é motivada, sem dúvida, pelo seu menor desenvolvimento cultural e *pela falta de oportunidades* para a revelação de atributos superiores.

“*Diferenças quantitativas e não qualitativas*; o ambiente, os caracteres ancestrais, determinando o procedimento dos indivíduos mais do que a filiação racial”.

A inferioridade da raça negra perante a história recente do mundo é inegável, mas o seu longo martírio não nos permite ver o que ela poderia ser noutras condições. Os fenômenos humanos não se encadeiam com a rigidez das observações matemáticas.

“Os povos que atingem altas finalidades históricas, são os que propõem elevados móveis coletivos, os que teem a orientá-los e guiá-los um programa nitido e bem definido de construção social.

Nós brasileiros, para atingirmos uma alta finalidade histórica, para alcançarmos o nível em que se encontram as maiores potências atuais do mundo, precisamos conceber claramente em que consiste o progresso, procurar os meios de acelerá-lo e adotarmos meios eficientes para atingi-lo.

Diante do que temos apresentado neste trabalho vemos que, adquirir eficiência, utilizar em alta escala o carvão de pedra, o petróleo, o ferro e a energia elétrica, são os meios adotados pelas máximas potências para atingir o apogeu em que se encontram.

Convençamo-nos que os países colocados á testa da civilização não atingiram o nível em que se encontram por milagres ou processos misteriosos ou cabalísticos. Desenvolveram-se e civilizaram-se, engrandeceram-se e opulentaram-se, graças a meios positivos, a processos práticos de ação e orientação que nós também podemos executar e pôr em prática.

Tornando-nos um país industrial, deixando o Brasil de ser um imenso território desaproveitado, povoará o seu sólo, educará o seu povo, tornar-se-á civilizado, forte e poderoso, um povo em franco desenvolvimento agrícola e industrial, como o são os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha e o Japão.

O primeiro século de existência nacional foram cem anos de politicagem, de incultura, de ociosidade ou de exploração do trabalho escravo, de progresso lento e de exploração da Terra por processos rotineiros e bárbaros.

O segundo século de nossa existência precisa ser antes, o século da indústria mecânica no Brasil para poder ser o século da instrução; — pois, só a prosperidade que a indústria dá a um povo o permitirá cuidar da sua cultura.

A' luz da ciência, “não ha raças superiores; — ha, sim, povos bem educados e povos mal educados”, — povos que utilizam o esforço dos combustíveis, — no-

tadamente do carvão e do petróleo; — povos que utilizam a energia hidro-elétrica em grande escala, — povos que permutam o trabalho eficiente de suas indústrias pelo trabalho penoso, rotineiro e não remunerador da atividade agrária. E' por isso que os primeiros, os povos utilizadores da indústria e das fontes de energia ao alcance do homem, são os fortes, os prósperos, os de agricultura intensa e de intenso desenvolvimento industrial e "líderes" em todas as atividades humanas; — os segundos, os povos utilizadores quasi só do esforço muscular, são os povos fracos, os povos pobres, ignorantes e, virtualmente feitorias de outros povos e, daí a conclusão que os povos não educados e não "mecanizados" e "energizados", como o brasileiro, não têm outra coisa sinão a fazer: educar-se e adquirir eficiência e fôrça energética para sua felicidade e grandeza, conjuntamente á da pátria comum.

"As chamadas raças inferiores, no fundo, não passam de povos dominados, explorados ou aniquilados pelos povos industriais e... "civilizados".

Para dominá-los, explorá-los ou aniquilá-los, os povos imperialistas muitas vezes não os eliminam visivelmente: á baioneta ou á bala, mas, "cream nos países submetidos e conquistados uma ordem de coisas em que as raças ditas inferiores, — as que não teem aptidão para a civilização, não se podem manter. Prestam serviços como bestas de carga enquanto se formam as cidades, os canais, as estradas, os portos, a drenagem do sólo, as linhas telegráficas, as ferrovias, — porém, depois, não se cruzam, definham e morrem".

Digamos, portanto, com Alberto Torres, ao se referir á capacidade específica das diversas raças: — "a idéia que nos cumpre assentar e consolidar, em lugar da noção inconciente e pueril em voga, — tal a que ha povos com capacidade industrial inata e melhores adaptados á civilização ocidental moderna, — é a desta profunda e grave sentença de Ratzel: "A diferença de

civilização entre dois grupos da humanidade, não tem relação com a diferença de seus dotes”.

No conflito dos caracteres étnicos com os fatores mesológicos e sociais que operam sobre os diversos tipos humanos, a vitória cabe á última dessas influências.

O homem moderno resulta, muito mais diretamente do meio que habita e, principalmente, da sociedade que o cerca que dos conjuntos da sua estirpe.

“O índio civilizado, — ontem selvagem antropófago, — hoje cristão e morigerado”, — ilustra bem a nossa afirmação.

Também o preto, — bárbaro e inculto outróra na África e atualmente em várias regiões culto e civilizado, — vem em auxílio da tese que defendemos.

No preto, encontramos, dentre várias razões de seu atraso, como elemento predominante, o ambiente no qual viveu. E' que tendo sido de fato, e ainda é hoje, — si bem que mais disfarçadamente ou em menor escala, — um dos escravos dos tempos modernos, — êle recebeu ainda sobre os ombros, toda a carga e os labeus da escravidão.

Daí a necessidade de formarmos ambiente essencial ao nosso progresso coletivo, ao nosso progresso industrial afim de termos indústrias de manufaturas econômicas e fixas no país.

Somos dos que não admitem que o nosso país retardou em seu progresso material devido á raça que o constitue.

As causas principais do atraso brasileiro, além dos fatores naturais: — Terra e Clima; — são a evolução mundial que se operou, — deixando-nos á margem da história; — a falta de capacidade organizadora e industrial dos nossos antepassados; — a inexistência de cultura técnica e especializada, — todos êsses fatores aliados á desorientação política e objetiva dos elementos que nos teem dirigido.

Não culpemos ás raças de que somos oriundos, — nem a mestiçagem, — caracterizadas pela sua incultura, — a causa do atrazo nacional confrontado com o progredir de outros povos e, — melhor será reconhecermos que, devido nos ter faltado ambiente propício, — notadamente os combustíveis e a fôrça motriz para aumentar a nossa produtividade e riqueza, é que não conseguimos implantar uma indústria de manufaturas intensa no Brasil, — sem a qual não conseguiremos fixar e aqui aperfeiçoar uma civilização material mais requintada.

Aliás, um dos nossos grandes antropologistas, e um dos maiores críticos brasileiros, já assim se expressaram: — “A antropologia prova que o homem do Brasil precisa ser educado e não substituído.

A raça de que descendemos é em maioria, constituída de um povo serenamente equilibrado, docemente alegre e expansivo, apaziguado, brando de índole, avesso a tiranias e crueldades, — mas, no que se pode observar, não são os seus indivíduos muito inventivos e empreendedores.

Assim, algumas notas puras e finas que a nossa alma popular canta, bem como algum tanto da nossa falta de ousadia para os grandes empreendimentos industriais modernos, nos provieram dêles. Bem o sabemos que, culturalmente, da África nada nos veio sinão o braço escravo e, “das matas da América, recebemos a preguiça do índio, sua rebeldia, sua inaptidão política, a anarquia e a imprevidência que lhe é peculiar”. Mas, para provar as excelentes qualidades da nossa ascendência, — si, a América tem nas veias o sangue, a inteligência, — pelo menos da sua elite, — e a riqueza dos seus antepassados, a sua civilização e esplendor não proveio dos *apaches*, dos guaraníes ou dos africanos, — mas, dos ingleses e dos íberos, dos saxônios e dos latinos, cuja substância vivente, cujas tradições, cujas idéias nos educaram, nos opulentaram, até sermos o que hoje somos”.

Si, não bastasse o fato de que a componente mais favorável de todas as forças de nossa vida agrária, social, política, racial, religiosa e moral — que, — por si só, vale por 3/4 da resultante de todas as nossas forças históricas, — procede do sólo sagrado das Espanhas, onde os embates da raça forte dos visigodos desbarata-ram as legiões de Roma, as hordas fanáticas do islamismo, preparando o advento da nação Portuguesa, de cuja seiva provieram as instituições políticas e a árvore genealógica do Brasil; — si não bastasse o espírito de expansão e de conquista e o assombroso gênio colonizador lusitano, — tanto mais que “o nauta português não era um aventureiro, — havia ascendido á altura augusta das almas a serviço de idéias”; si ignorássemos o fato de que foi o gênio audaz e investigador dos portugueses que ensinaram a Europa a navegar e a colonizar; — si, não pudessemos ver a nobreza de nossa ascendência no desenvolvimento das conquistas e das descobertas provocadas pela evolução da politica forjada na Escola de Sagres, — fundada e inspirada pelo gênio do Infante D. Henrique, para a projeção, — no teatro do mundo, — de um Portugal maior e poderoso, irradiando pelo *mar tenebroso* a alma da Nação Portuguesa, com as caravelas que iam desvendando lendas, dissipando espantalhos e descobrindo, para a civilização, os caminhos marítimos entre os Continentes; — si, ainda, não bastassem, todos êsses feitos gloriosos, — o fato de que Portugal, — nas vésperas de sua máxima expansão era, pelo seu território e pela sua população, uma província da Europa, acantonada na banda ocidental da Ibéria, e que Lisbôa e o arrabalde continham apenas 50.000 moradores, e isto equilibrava-se com o 1.100.000 de todô o Reino; — si, depois de todas essas citações, si não bastasse o ter sido Portugal uma Potência de tão gloriosas tradições e todos os feitos da lusa gente, — os quais provam com abundância, que somos oriundos de uma das raças mais ativas, era bastante lembrarmos

que, mesmo ainda ontem, — os “Bandeirantes”, — tipos excepcionais na história expansionista dos povos, — eram produto de cruzamento em que entrou exuberantemente o sangue português e, é ainda com esse mesmo sangue que hoje, os cearenses, — ou melhor os nordestinos, — repetem a grande bravata nos pantanais palustres da Amazonia, ocupando-a e civilizando-a.

O povoar, o habitar e organizar a vida em um país como o Brasil exigiu sofrimento, resignação, esforço árduo, coragem, bravura e tenacidade que representam bem o valor de nossos antepassados e, um povo inferior seria incapaz de realizar o que já fizemos.

A história é que nos diz: — Registra tropelias de vários povos, mas a ação continuada e a constituição de uma ou de novas pátrias de civilização florescente só é obra de raças excepcionais e dotadas de grandes e belas qualidades, — como a de que descendemos.

Mas, porque fizemos tanto, porque aproximamos do esgotamento isto não quer dizer que não nos esforcemos para mais fazer. Aliás, para não nos envaidecermos, — lembraremos que ainda será em vão que procuraremos no campo das ciências filosóficas, químicas, físicas, na medicina, na pedagogia, na música, na arte, na ciência pura do século passado, um nome de primeira grandeza em português.

Não vai nisso nenhum desmerecimento racial e a leitura dêste trabalho desfaz todas as increpações nesse sentido.

Da ausência de nomes portugueses, como dos de qualquer outro povo assolado pelas condições naturais, econômicas e do acervo de fatores que lhes impede progredir e expandir, é que justifica áqueles que endeuzam a supremacia dos anglo-saxônios, dizerem: — “Para nós, que acreditamos na supremacia dos nórdicos, a ausência no campo científico dos nomes portugueses e de outras raças *inferiores*, está como devia ser”.

Mas, será a supremacia anglo-saxônia admitida pelo resto do mundo? Certo que não. A afirmação da superioridade nórdica já está amplamente desmentida e, a ciência, a história e os próprios fatos são os primeiros a destruir a ilusão de uma raça permanentemente superior, responsável por uma cultura superior.

A imprudência de qualquer teoria em defesa da superioridade de raças torna-se aparente quando as consideramos á luz da história da civilização.

Aí, encontramos, primeiramente, que diversas raças ou nações estão em diversas épocas na vanguarda de um desenvolvimento cultural. Assim, no século 15 o padrão de civilização da China é muito superior ao da Europa Ocidental.

Em meu pensamento bem cedo se firmou a improcedência das razões de se classificar as raças e superiores e inferiores. Quando muito, poderia eu admitir que se classificassem os indivíduos componentes de todas as raças, — sem exceção, de inferiores ou superiores, — conforme a sua aptidão física, a cultura, a tradição, o gráu de riqueza, os conhecimentos acumulados e os meios de vida e de hábitos que levam.

Cêdo, aprendi a verdade lendo e estudando a distribuição das raças no mundo, nos vários climas, estudando os seus habitáculos, suas condições de vida, seus métodos de trabalho, sua cultura, sua religião, sua evolução.

Em busca da causa primacial do progredir lento ou acelerado de vários países, confrontando povos, religiões, áreas, raças, climas, riqueza e cultura de inúmeras nações, — pude cedo concluir que o seu progresso era devido á coincidência de certos fatores econômicos ou circunstâncias favoráveis; — e que êsses fatores ou circunstâncias são responsáveis pelo progresso, estagnação ou decadência de certos povos, nações ou continentes.

Em si tratando do Brasil pude mesmo aprender essa verdade que Roquete Pinto, — cientista de que o nosso

país pode se orgulhar, — soube tão incisivamente se expressar nestas palavras:

“O processo geral da adaptação das raças aos diferentes meios brasileiros segue de acôrdo com o que a ciência pode desejar.

A antropologia do Brasil desmente e desmoraliza os pessimistas”.

Para aquêles que não olham o presente só pelo que veem ao redor de si e buscam no passado a razão da atualidade, para prever o futuro e melhorar ou corrigir os defeitos do passado, — não será difícil observar que antes de se terem formado as raças hodiernamente chamadas “superiores”, os países progressistas e de mais florecente civilização eram habitados por amarelos ou pretos.

E’ do registro da história que, outróra, como hoje os anglo-saxões dominam o mundo, mais intensamente o dominaram, — dadas as circunstâncias da época, — os chineses, os árabes, os persas, os egipcianos e os indús.

Antes da superstição da superioridade de raças tomar incremento para auxiliar, promover e justificar o imperialismo teutônico; — para manter o prestígio imperial da Inglaterra, ou fazer dos Estados Unidos da América a primeira dentre as grandes potências, a “Grécia morena dominou o mundo; alemães, ingleses e outros povos brancos que agora alardeam pureza de sangue ou superioridade racial, foram escravos de Roma mestiça.

Portugal trigueiro senhoreou os mares antes da loura Albion; a Espanha “colorada” subjugou as alvas populações flamengas, — que lhe ficaram devendo o calor do sangue que refloriu nas telas de Rubens”.

Durante a Renascença, a Europa Ocidental supera o Ocidente, mas a civilização “ferrada e eletrificada”, a civilização baseada nos combustíveis, nas quedas d’água e no aço, a civilização ocidental foi adotada e em vá-

rios pontos aperfeiçoada pelos japoneses durante a existência da longevidade média dos homens.

E' claro que o desenvolvimento cultural, como todos os outros, sintetizando o que chamamos de "civilização", — é um fenômeno inexplicável; — é uma combinação fortuita e acidental, do pensamento exato, no tempo e no ambiente próprio.

"A expansão da cultura com o derrubar das velhas muralhas e a ampliação da vida é sempre o resultado do relampejar de um gênio nos depósitos de pólvora das condições políticas e econômicas vigente em dada época e lugar.

Si falta o "líder" ou o gênio; ou a época e o ambiente são importunos, a massa estagna, seja ela branca, preta, vermelha ou amarela, "disse José Ingenieros.

Ainda que nada possa explicar a elevação e continuação da cultura, nos povos primitivos, — vemos que depois de um certo tempo, de um certo estágio de civilização de um povo que a sua civilização é o incremento de todas as outras culturas. Isso não podia ter melhor ilustração do que no evoluir da civilização ocidental. O primeiro passo para elevação das raças "nórdicas" das condições primitivas da idade da pedra lascada para a era mais elevada seria impossível sem o auxilio das raças morenas do Sul da Europa, porque o estanho, — metal indispensável ás ligas de bronze, — não existia na península escandinava, como para nós não tem havido o carvão fóssil, — agente principal para o erguimento e evolução industrial de um povo no século que passou.

Seja esta ou outra qualquer a causa do atrazo de seu desenvolvimento, o certo é que "os povos do norte Europeu permaneceram em estado bárbaro por milhares de anos e, foram precisamente as raças que os "históricos" antropologistas" consideram hoje decadentes e inferiores" — as quais excluem agora da formação dos Estados Unidos da América, do Canadá, da Austrália

e, mesmo da negra Africa do Sul, — com seus quatro quintos de população de côr, as que traçaram os alicerces de qualquer das civilizações que o mundo hoje desfruta e, que em numerosos exemplos, atingiram tão elevado gráu de civilização e cultura que os povos mais adiantados ainda não conseguiram superar, não obstante todo o auxílio precedente com o exemplo, a técnica, as máquinas e a cultura acumulada no passado.

*
**

A superstição da inferioridade de raças tomou seu grande surto no comêço do século XIX com o progredir industrial da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Alemanha. A coincidência da invenção da máquina a vapor com a descoberta do carvão, tornando possível o desenvolvimento prodigioso das indústrias britânicas e, depois dos Estados Unidos e da Alemanha, deu ao povo inglês tão pouco imaginativo, — como nos revela o seu próprio semblante, ou nos confirma a natureza em protesto, na explosão do gênio de seus poetas, — a impressão de que era um povo superior e, que nenhuma raça poderia comparar-se ao tronco de que êle provinha.

Igualmente, os alemães, tanto ou menos imaginativos do que os ingleses, apoderaram-se da superstição da superioridade da raça para justificar o seu imperialismo que a guerra malogrou em 1918.

Dessa superstição surgira uma doutrina que teve extraordinária repercussão: — “foi o cavalo de batalha” de um pedante e adulator “diplomata” francês, que perambulou pelo Rio de Janeiro, junto ao Segundo Império e, veio prevalecendo até os nossos dias, sendo ainda hoje a tese favorita de Madison Grant, e Lothrop Stoddard, — seus iniciadores e divulgadores nos Estados Unidos da América, — país que lhe deu consagração absoluta, tanto que “o Estado americano reconheceu, — oficialmente, — situação de privilégio de

raças do norte ocidental europeu, tal como as suas leis regulando a imigração e limitando os direitos políticos dos pretos nos Estados do Sul, e dos amarelos na Califórnia, estão a justificar.

Que os países pobres de combustíveis ou de energia elétrica são os que abrigam os povos hoje ditos inferiores e, que o problema econômico é o principal a ser resolvido para o progresso e civilização de um povo; — encarando-se o mundo no regime capitalista, — não é para se estranhar e, muito menos, que a inferioridade econômica dos países pobres em combustíveis, — emprestasse á doutrina da inferioridade de raças, nos Estados Unidos, ou alhures, aparência de realidade.

Os espíritos primários a adotaram e, por isso, procurando mostrar a realidade dos fatos, o erro em que incidem esses adeptos da pseudo sociologia, o fazemos porque este trabalho além de um estímulo para o desenvolvimento do Brasil em todos os seus aspectos, — sobretudo pelo seu desenvolvimento maquinofatureiro, é também um trabalho que constituirá para as gerações futuras, um desagravo da nossa situação atual como nação secundária no mundo; — situação feudal ou de feitoria, de exploração internacional; de vasto latifúndio sem dono e por todos os povos explorado; situação de estacionamento diante do progresso agigantado de outros povos.

Mostrando as razões em desagravo do atraso brasileiro, provando que retardámos em nosso progredir devido a razões históricas, geológicas, econômicas e imperialistas que se exerceram sobre nós, temos certeza de que, si de todo não logramos grande efeito no momento, pelo menos as gerações futuras terão o consolo de saber que o seu passado não foi tão negro como o teem retratado.

Combatendo com a razão, a lógica e os fatos, o embuste pseudo-científico da superioridade das raças o fizemos tendo em mente o alcance que poderia ter essa

doutrina, — fruto de preconceitos e de objetivos políticos inconfessáveis, — para o nosso país, com os seus maléficis resultados, não só impedindo a industrialização, o enriquecimento e o progresso do Brasil, como vindo criar uma mentalidade tímida, e apática do homem brasileiro diante do sólo, da terra, do clima, das máquinas, do trabalho e do mundo em geral.

Si bem que um mal não justifica outro, e não obstante ter havido mesmo alguns parlamentares brasileiros que acreditaram na superstição da desigualdade das raças, também incorreram nesse êrro, portugueses e espanhóis, tentando explicar o desmantêlo de seus impérios coloniais, esquecendo-se dos seus maiores heróis, — dos seus grandes feitos, todos êles suficientes para imortalizar e engrandecer uma raça e todo um povo.

Até mesmo os italianos, herdeiros da glória do Lácio, — descendentes da fúlgida prole mediterrânea, vendo e analisando as coisas pela rama, também acreditaram nessa doutrina de superstição de inferioridade racial, — confessando-se inferiores a ingleses e alemães, esquecendo o legado das raças morenas e de côr ao mundo: — da civilização chinesa, da civilização grêga, das artes, da religião, da jurisprudência romana, do desvendar os oceanos pelos portugueses, da cristianização dos bárbaros, — obras e feitos inegaláveis, realizados pelas raças morenas e de côr, — supostas por alguns espíritos irrefletidos, inferiores. . .

“O Império Britânico, no curso do século XIX, e no comêço do século XX, irradiando em pleno esplendor sôbre o mundo, confirmava, aparentemente, a pseudo sociologia dos Gobineaus.

A morgue inglesa, o “humour”, a fleugma britânica inspiravam entusiasmo em toda a parte. Em meio aos povos morenos, escritores cheios de gênio, — mas péssimos conhecedores da história, maus sociólogos e péssimos antropologistas, se compraziam nos seus romances, crônicas e ensaios em proclamar a preexcelên-

cia da raça inglesa, do tipo inglês, do individuo inglês, cuja pele, queixo, cabelo, cachimbo, polâinas, chapéu, hábitos e jogos tudo os deslumbravam!...

“Também aqui no Brasil, “ao brasileiro roubado e escravizado, depois de mais de um século de suposta vida autônoma, — brasileiros não se pejaram de o caluniar.

Não nos faltaram literatos que em busca de êxitos faceis, foram considerar o Brasileiro inerte e preguiçoso”.

Na península Ibérica só nos lembramos de um homem de letras, — Unamuno, — que teve orgulho de sua gente e não se deixou iludir pela superstição da raça “nórdica”.

Hoje, porém, diante dos fatos que se desenrolam na Grã-Bretanha, diante da prova econômica a que está sendo submetida, a “raça gloriosa” e privilegiada, parece não ter mais o sôpro divino.

“O “rule Britânia” já não clangora como dantes. Os versos de Kipling soam vãos na sua ênfase admirável. Murchou dentro dêles o conteúdo imenso. O Império Britânico, êsse bloco de mundos, desmorona; — a Índia “boicota” os produtos ingleses e favorece a indústria nipônica; o Egito convulsiona-se; a China agita-se de armas em punho contra todos os estrangeiros; a África do Sul dorme sonhando uma vasta república no continente Negro, ainda que á custa também de Portugal; o Canadá americaniza-se; o comércio alemão, japonês, americano tomam a dianteira ao comércio inglês e a ânsia de liberdade política e econômica paira por toda a parte.

O Sol já quer se pôr bem perto do palácio de Buckingham.

Indústria, economia, comércio, finanças, trabalho, tudo padece na Inglaterra, definha, mingúa e se abate.

Quebra-se o padrão ouro. A libra esterlina vacila no seu valor como qualquer moeda de país "atrazado" e precisa para sustentar-se do apóio de outras moedas.

Uma negralhada terrível, fervilhante, aos milhões, nas vastidões da Índia exprime, através da voz de seu Mahatma, perentórios desejos; a Inglaterra gravebunda e nobre procura por todos os meios conciliar as graças dessa negralhada, na expressão do negro desdentado e de óculos: — Ghandi.

As damas lhe sorriem, todo o povo acorre para vê-lo e admirá-lo, no fundo, para pedir-lhe que não complique as coisas.

Quem havia de dizer que mais tarde maravilhas sucederiam tão cedo?

Em meio a tantos desastres, lá se vai a lenda da superioridade da raça.

Basta que não haja coincidência de fatores econômicos com circunstâncias históricas favoráveis, para que se estabeleça o equilíbrio e todos os povos se pareçam e se igualem na sua fraqueza.

Quão longe estamos das "ocupações" sumárias, dos desembarques bruscos, das conquistas "civilizadoras", do deslombramento da era Vitoriana!

Quo Vadis Inglaterra! Daqui ha cem anos o que serás?

A Espanha não foi uma colônia moura? A Grécia não foi uma colônia turca?

Que dias estamos vivendo! Que reviravoltas! Que turbilhão". — Gilberto Amado.

Como nos referimos á capacidade industrial das raças, falemos também sôbre as raças de civilização mais florescente na hora atual, notando com relêvo, que as chamadas raças latinas estão, — em confronto com os países industriais e alourados, — quanto ao nível atual de civilização material, sinão em declínio, pelo menos em plano secundário,

E' importante observarmos que, incontestavelmente, neste século de ciência, de invenções que tornam mais suave e mais complicada a vida humana; de utilização das fontes de energia da natureza em benefício da humanidade; — neste século dos maquinismos, de prestígio econômico, de imperialismo visíveis e disfarçados, — que as nações chamadas do Grupo Latino: — a França, a Itália, o Brasil, a Argentina, a Rumania e as suas outras irmãs do velho e do novo mundo, não são as de maior prestígio econômico, científico e militar do Universo.

Quer seja no campo das ciências, das indústrias, das invenções, no campo comercial e econômico, as nações pertencentes ao "grupo anglo-saxônio", é que dominam o mundo de fato e de verdade .

Incontestavelmente, todo o movimento científico, industrial, comercial e agrícola do mundo é hoje regulado pelas nações anglo-saxônicas: — Inglaterra e seus Domínios, Estados Unidos da América, Alemanha, Povos do Báltico, Holanda e Dinamarca. Como êsses povos estão em pleno estágio de atividade, de vigor e de desenvolvimento intenso e muito mais enérgico do que os povos do grupo latino, já pretenderam ser essa atividade e êsse vigor das nações anglo-saxônicas afirmando que assim é porque nelas se trabalha mais intensa e energicamente.

Entretanto, êsse maior prestígio e desenvolvimento é devido ao fato único e exclusivo de que o trabalho nesses países é secundado pelo esforço mecânico que o centuplica.

O prestígio mundial de agora dos povos anglo-saxões, ao contrário do que pensam os espíritos apressados e imitativos, — não é só uma consequência de determinismos geológicos ou geográficos. — mas, também, é a resultante de um esforço objetivo, de uma cultura política bem orientada no sentido de seu desenvolvimento econômico, técnico, científico e industrial para uma vida melhor, mais humana e mais fácil.

Não nos esqueçamos que é um dos característicos da atividade industrial disciplinar, enriquecer e organizar as nações; — disciplinando, enriquecendo, opulenteando e organizando os seus filhos.

E' a atividade industrial que, amplia a riqueza, aumentando as produções com o fruto das invenções e do trabalho humano, intensificado e multiplicado pelos agentes motrizes e mecânicos.

Por terem se descuidado muito da indústria fabril, — da utilização das fontes naturais de energia, da ciência, do estudo dos fatores econômicos e cuidado mais das artes, das letras, da literatura, da poesia, de escultura, da música, — eis as razões do declínio econômico e do poder material dos povos "latinos"!...

Eis porque a desorganização impera nos governos dos países agrícolas; — mesmo na França, — que é a nação latina mais industrial e de mais requintada civilização, tanto assim que podemos inclui-la entre os países em que as dependências do Estado se caracterizam por um abandono lamentável e constante e onde a desordem administrativa é um mal endêmico de extirpação difícilíssima.

Eis a razão porque impressiona o ver hoje a vida miserável e rude que levam as populações portuguesas, no seu habitáculo, ou as populações do Brasil sertanejo. Eis a razão do declínio da nação que descendemos, — outróra grande entre as maiores, — terra grandiosa dos descobridores e dos navegadores mais ousados que o mundo conheceu durante séculos!...

Diante da ambição, da ânsia de poderio, da vontade de predomínio e expansão que anima as maiores potências mundiais; — pode-se mesmo afirmar que as potências de primeira grandeza são as nações industriais, — as nações "ferradas" e "eletrificadas", e as de segunda categoria, as de atividades agrícolas, "desmaquinadas" e "descarbonizadas".

De fato, a China e a Rússia, — são países que possuem elementos para serem potências industriais, capazes de viverem de per si, e só não o são porque teem vivido a extrair produtos do sólo, sem se dedicarem á indústria máquinofatureira, que, apesar de não ser a fonte de atividade mais louvável para um povo, -- SOB O PONTO DE VISTA HUMANO, DA CIVILIZAÇÃO EM GERAL, — é a que maior soma de benefícios materiais e utilidades poderá lhes proporcionar na época em que vivemos.

A China, a Índia, a Austrália, como o Brasil, — só serão nações poderosas si tornarem-se industriais, — si tornarem-se grandes produtoras e utilizadoras das fôrças do carvão, do petróleo ou da eletricidade. No caso contrário, si continuarem a permitir que o trabalho de 15 de seus operários seja permutado pelo trabalho de UM único operário dos países industriais, — permanecerão eternamente nações satélites. — como será todo povo que, tendo elementos para se tornar grande nação industrial, permaneça eternamente a saquear o seu sólo arrancando-lhe produtos extrativos para vender aos povos industriais, — como temos feito em toda a nossa vida de povo colonial ou de feitoria internacional.

Não atribuamos á raça de que descendemos o fato de não sermos ainda um país de mais apurada civilização, de grande desenvolvimento industrial e científico, de intensa agricultura, de grande experiência técnica, de ponderável projeção internacional e de indústria fabril próspera.

A fala inferioridade racial é um mito que chegou quasi a ter cunho científico, dada a sua utilidade para os povos imperialistas e ansiosos por dominarem nações incultas e para justificarem a sua rapinagem.

A' mingua de ferro, de carvão, de aço, de petróleo e de eletricidade, em suma, — sem a atividade industrial intensa ou sem o auxílio dos fatores: -- clima,

terra, concorrência mundial, que nos tivessem permitido enriquecer para podermos tornar-nos cultos é que, como em geral acontece a todos os povos agrários e, consequentemente pobres, — fomos nós, povos de mestiços, — incluídos entre as chamadas “raças inferiores” habitantes de uma terra partilhável no pensamento de muitos “racistas” e “sonhadores”.

Surgindo, porém, a era dos combustíveis, a era da máquina, a era do petróleo e da eletricidade, a superstição racial esboroou-se em todo o mundo, — e os argumentos que invocavam não puderam resistir às forças da expansão do vapor, dos gases e da eletrotécnica.

A DISFARÇADA SUBORDINAÇÃO DO BRASIL AO ESTRANGEIRO NASCEU COM A NACIONALIDADE

“Livres de Portugal, em 1822, não nos libertamos da metrópole comercial inglesa senão lá para 1834, pois até essa data duraram os efeitos do tratado preferencial.

E passamos a um jugo peor: — fomos transformados em colônia da casa bancária judáica Rothschild, em colônia do super capitalismo internacional que não tem pátria e como que obedece a leis secretas de aniquilamento de todos os povos”.

Gustavo Barroso

Sacudindo em 1822 o jugo político lusitano, tornamo-nos, em 1825, — colônia financeira da Grã-Bretanha.

Já, anteriormente, como parte integrante do Reino Português, eramos colônia da Inglaterra. “Esta, na alvorada do século XVIII, (o tratado de Methwen é de 1703), — fizera a conquista econômica do reino luso, como ainda, nos começos do século XIX, pelos tratados de 1810, veio fazer a conquista econômica do Brasil”. (1)

(1) Bazílio de Magalhães, “Expansão Geográfica do Brasil Colonial”, 1925.

Emancipando-nos de Portugal, na ilusão de plena liberdade, fomos, porém, nos escravizar á Inglaterra, — que reduzira o Brasil ás condições dos povos do Oriente, — onde os súditos ingleses são governados pelas leis inglesas, pelos cônsules e “juizes conservadores da nação inglesa”.

E essa escravidão vinha de longe...

“Para se manter independente, quando em 1648, em virtude da paz de Westphalia, a Espanha e a Holanda se congraçaram, houve Portugal de tolerar o condomínio da Holanda, reconhecendo as conquistas holandesas no Brasil feitas até o tratado de 12 de junho.

Após 10 anos quando pelo tratado Pirineus, a França e a Espanha se reconciliaram, ainda pior se tornou a situação de Portugal no Continente Europeu. Fraco, depois de tantas lutas, para se manter independente, fez-se tributário da França, pelo ódio que tinha a Castela.

Porém, á Inglaterra deu mais e, pelo tratado de 1642, *se obrigára a consumir as manufacturas inglesas, a preferir os navios ingleses de frete, a não gravar as mercadorias inglesas em mais de 25%, — de modo que a industria nacional portuguesa, rudimentar, cedia o terreno á forasteira, e perdeu o reino a vocação fabril.* — razão da sua decadência no século XVIII, e da incapacidade em que se achou para aproveitar o ouro brasileiro”.

Não obstante êsses favores e êsse enfeudamento de Portugal á tutela Britânica, a Inglaterra não abandonou, jamais, o cliente de inexgotaveis recursos: — ao tratado de 1642 devia seguir-se o de 1703; garantiu a paz com a Espanha, em 1688; levara já, de dote da princesa portuguesa Catarina, que se casou com Carlos II, Tanger e Bombaim; ficara na balança internacional como a aliada necessária...

Em 1703, as condições de Portugal eram ainda mais propícias á invasão dos industriais ingleses. Luis XIV disputava o trôno vago de Espanha para seu neto,

o que foi Felipe V; e a Áustria, apoiada á Inglaterra e á Holanda, se opunha. Portugal aderiu a essa coalisção, porém o enviado britânico, Sir John Methwen, obteve, *a sua inteira sujeição econômica*, abrindo-o á exportação dos lanifícios, em troca de uma pauta favorável á entrada dos vinhos portugueses”. (1)

De fato, a metrópole se reduziu, no grande negócio inglês que era o fornecimento das manufaturas ás colónias de Portugal, a uma função de entreposto, que pouco a pouco nada reteve das somas colossais que via transitar: — empobrecia-se enquanto se opulentavam os tecelões britânicos, e em breve sentiria que os milhões das suas minas lhe foram inúteis... estava arruinado o reino...

Livre de Portugal, na ilusão de plena independência, tivemos a “conservatória” inglesa e, brasileiros foram julgados pelos tribunais ingleses por “crimes” cometidos em nosso próprio país!...

Quando campeava pela Europa o “condotieri”, — Napoleão Bonaparte, e a França e a Inglaterra, empenharam-se em luta mortal pelo domínio do mundo, mais uma vez a Inglaterra, — como todas as nações poderosas e, egoistas por temperamento e necessidade, — veio subjugar o reino lusitano e, — ao acudir a Portugal, seu velho e fidelíssimo aliado contra a invasão francesa, — não o fazia pelas generosas inspirações da compaixão política e sim porque tinha gravíssimos interesses a defender.

Tantos eram estes que não os ocultou e, em mensagem de 2 de maio de 1762 á Câmara dos Comuns, — sua Majestade George III dizia... “que o soberano tomara na mais séria consideração o perigo iminente de que o rei de Portugal, — antigo e natural aliado da corôa, estava ameaçado pelas potências então em guerra

(1) Pandiá Calogeras, “Política Exterior do Império”.

aberta contra o rei da Inglaterra, — e QUE ERA DA MÁXIMA IMPORTÂNCIA PARA OS INTERESSES COMERCIAIS DO SEU PAÍS A CONSERVAÇÃO DE PORTUGAL”.

Certo, os ingleses ao salvarem a corôa portuguesa, transportando-a, em 1808, para o Brasil, não o fizeram sem um programa pre-estabelecido: êsse, se resumia em dois artigos. *A liberdade de comércio e uma tarifa alfandegária elaborada pelos industriais ingleses de tecidos.*

Em 1808 aquela *liberdade?* foi decretada, e o tratado da tarifa surgiu em 1808-1810.

A esquadra luso-inglesa, que trazia D. João VI aportou á Baía a 28 de Janeiro de 1808, onde D. João decretou a abertura dos portos do Brasil ás nações amigas. ÊSSE ATO SINGELO REALIZAVA A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL; a sua subordinação á Portugal passara então a ser meramente política; — a verdadeira Metrópole econômica, primeiramente pela presença da Côrte, depois pelo intensivo comércio inglês, — era agora a Grã-Bretanha, — CAIXA E SUZERANA.

Em 1808 e 1809 a importação britânica sobrepujou a portuguesa, a navegação particular britânica ultrapassou a portuguesa, as praças de Londres e Liverpool receberam mais mercadorias brasileiras do que as praças portuguesas, e enquanto enlanguescia Portugal, arruinado, o Brasil modificava rapidamente a fisionomia das suas cidades, a educação da sua burguezia...

Mas, não esqueçamos os fatos. *Mudávamos de Metrópole apenas...*

Em vez de Portugal, agora era a Inglaterra que tutelava e dominava...

Pela abertura dos portos da América “a todas as nações do mundo”, Lisbôa deixou de ser o empório das mercadorias do Brasil, e por isso os estrangeiros aban-

donaram o grande pôrto lusitano a novo rumo da América.

“Em 1808 inicia-se a completa *anglicanização* do comércio brasileiro.

O alvará de 1 de abril de 1808 revoga o de 5 de janeiro de 1785: — permite todas as indústrias. O tratado de 21 de fevereiro de 1809 CONSUMA A USURPAÇÃO, pelo comércio inglês, da economia nacional.

A pauta para os direitos sôbre as lãs vem de Liverpool.

As mercadorias britânicas passam a pagar uas alfândegas 15%, — menos um por cento do que as procedentes de Portugal e 1% menos que as demais estrangeiras, assim repelidas dos nossos portos.

Foi quando deixamos de comprar os panos das fábricas do Rato e Estamparia de Torres Novas, substituídos PELOS DE MANCHESTER.

O Rio de Janeiro, visitado em 1807 por 90 navios, no ano seguinte recebia 420. O pôrto da Baía, segundo Martius, acolhia 2.000, em 1818” (1)

Diante desses fatos não é para se estranhar que a Inglaterra nos tutelasse, política e economicamente, — como fazia á nossa Mãe Pátria e, tanto assim é, que a nossa história diplomática nos primórdios de nossa independência política nos revela que, si ela nos favoreceu contra os interesses de Portugal na luta pela nossa emancipação política, *não foi sinão visando o seu interesse imperialista presente e futuro.*

Por exemplo: — no dizer de Oliveira Lima, “a Inglaterra chegou a opôr-se a todo projeto de instalação de dinastias tradicionais, nas ex-colônias espanholas, — mesmo depois da restauração dos Bourbons, — *porquanto mais lhe agradavam simples repúblicas vigiadas pelos seus gabinetes e protegidas pelas suas es-*

(1) “História da Civilização Brasileira”. — Pedro Calmon,

quadras, do que monarquias dependentes de casas reais do continente europeu.

Abria-se uma exceção para a casa de Bragança por causa da aliança anglo-portuguesa, — verdadeiro PROTETORADO da potência mais forte sobre a mais fraca. O Governo Britânico do tempo tinha estabelecido uma espécie de “doutrina de Monroe” em seu benefício com relação á América Latina e especialmente para com o rebento que se desligava de Portugal para melhor satisfazer aos seus interesses econômicos e industriais.

Entre Portugal e o Brasil foi a Inglaterra a medianeira, como também a madrinha política das novas repúblicas espano-americanas e, mesmo Bolivar, o emancipador das Américas — pensou sempre, como meio exclusivo de assegurar a sua “obra” e salvar sua glória, numa monarquia “criola”, disfarçada ou declarada de baixo do protetorado inglês. (1)

Quanto ao Brasil é desnecessário reafirmarmos que a nossa independência de Portugal conseguimos-la, em 1822, porque assim queria a Inglaterra e Portugal não podia evitá-la porque era um feudo inglês.

Quando nos reportamos ás condições políticas, sociais e econômicas do recém-nascido Império do Brasil, damos logo de cheio que, TUDO AQUI NESTA TERRA dependia dos ingleses. Não foi sem fundamento que o viajante inglês, emissário maçônico, observador ou espião, Henry Koster, em 1818, depois de nos ter visitado demoradamente e *observado*, escrevia que o Brasil *mudara de* Metrópole. cessando de depender de Portugal para se tornar colônia da Grã-Bretanha”. (1)

O conceito era pesado, mas justo, disse-nos Gustavo Barroso.

(1) “América Inglesa e América Latina” — Oliveira Lima.

(1) Henry Koster — “Travels in Brazil”,

E Koster acrescentou outro, bebido no que ouvira, durante a sua estadia, — “... o de que em nosso país, então, só os ingleses podiam viver bem.

Conceitos quasi semelhantes, mais tarde, foram emitidos e citados por Oliveira Lima, Latino Coelho e Vicente Licínio Cardoso.

“O inglês reinava mercantilmente sôbre a inépcia portuguesa, afirmou Oliveira Martins, — em a “História de Portugal”, — reinaria, portanto, consequentemente, sôbre a então melhor colônia do Reino.

Esse domínio vinha de longe, — do tratado de Methwen, de 1703, como o reconhecia o próprio Marquês de Pombal em nota diplomática que, em 1759, transmitira ao ministro Britânico.

Mal passara uma semana que se abrigara no Brasil o príncipe regente, D. João abria os portos do país ao comércio das nações amigas, isto é, A INGLATERRA, — única capaz de executá-lo.

Em 1809, os seus emporocratas exigiam mais e por isso se iniciaram as negociações de que resultou o tratado preferencial de comércio, assinado a 10 de fevereiro de 1810. Por êle os navios ingleses podiam ser reparados nos portos brasileiros, concediam-se foro e jurisdição especial aos súditos britânicos, favoreciam-se nas alfândegas as mercadorias da Albion com direitos aduaneiros menores do que os incidentes sôbre as mercadorias de qualquer outra nação, *menores mesmo do que os que pagavam a própria Metrôpole...*

Era um verdadeiro monopólio comercial que afetou profundamente as relações mercantis do Brasil mesmo para com Portugal e fez baixar as exportações portuguesas para o Brasil de mais de 50%.

Koster, espião e emissário de lojas clandestinas, estava certamente, ao par de tudo isso e o seu conceito, portanto “era pesado mas justissimo”...

Sôbre a ingerência da Inglaterra nos negócios do Brasil, antecipadamente á sua independência política, ou

melhor anteriormente ao se descartar de Portugal, Oliveira Lima, em sequência de pacientes pesquisas nos arquivos ingleses nos dá provas dessa ingerência ativa exercida então pela diplomacia, *muitas vezes por tras dos bastidores* (como dizia Disraeli), por intermédio de seus ministros, no Rio ou em Lisbôa, na medida dos interesses da própria política britânica.

Com ministros ativos no Rio e em Lisbôa, e fazendo do Tejo um ancoradouro inglês, era completa a dependência de Portugal á Inglaterra por volta de 1822. O estudo referente a vinda de D. João VI para o Brasil, a fuga dêste de Portugal, vindo protegido pela esquadra inglesa, o fato de ter Portugal ficado entregue a ingleses até a expulsão dos franceses de seu território é uma página que escurece a história gloriosa de nossa Mãe Pátria, tal o cativo em que ficou á política britânica.

Estudando os antecedentes de nossa independência política, dados referentes ao Brasil emancipado de Portugal mas tutelado pela Inglaterra, já haviam feito Vicente Licínio Cardoso afirmar que... “a independência política de 1822 trouxe como consequência a subordinação econômica do Brasil á Inglaterra e, em 1837, as estatísticas publicadas por Stutz no “A Review of the Empire of Brazil”, — são de fato interessantes pelo vigor em números das afirmações relativas áquela subordinação.

Razões, portanto, existem de sobra, positivando como a nossa ex-Metrópole, — tão grandiosa, empreendedora e comercial outróra, — tinha se enfudado aos ingleses, pouco antes da época de nossa independência política.

Assim, “livres de Portugal, em 1822, não nos libertamos da metrópole comercial inglesa sinão lá para 1834, pois até essa data duraram os efeitos do tratado preferencial. E passamos a um jugo peor; — fomos transformados em colônia da casa bancária judaica Rô-

thschild, em colônia do super-capitalismo internacional que não tem pátria e como que obedece a leis secretas de aniquilamento de todos os povos”.

Realmente, a Inglaterra ao permitir a separação do Brasil de Portugal exigia que “comprássemos” a nossa independência. E foi por isso que, no primeiro empréstimo que contraímos para efetivar a nossa separação política gravamos até hoje o futuro do país.

Tendo o Brasil tomado emprestado a Londres £ 3.000.000 no alvorecer de sua separação de Portugal, um século depois, ao comemorar esta independência (?), em 1922, devia \$ 1.119.000.000^{oo}.

Desde o primeiro empréstimo o nosso país enfeudou-se, ou melhor, tornou a enfeudar-se pelos termos do contrato, até os dias de hoje, aos banqueiros ingleses, franceses, americanos. (1)

Mas, sem nos referirmos a outros detalhes que mais positivamente ter a nossa separação de Portugal sido feita pela Inglaterra, bastaria o relato dos nomes dos oficiais que primeiro comandaram as nossas esquadras, cobrindo o pavilhão brasileiro de vitórias, para se evidenciar que os ingleses em seu benefício forjaram nos bastidores da política e da intriga, a independência do Brasil e, depois, com os Cochrâne impediram a reconquista da Colônia e a formação do império luso-brasileiro.

Mas, si no campo bancário nos escravizamos até os dias de hoje á Inglaterra, vejamos como, paralelamente, o nosso comércio foi se escravizando também:

Analisando os antecedentes das nossas relações de comércio com a Grã-Bretanha nos certificaremos como evoluiu a nossa dependência dos britânicos:

“As nossas relações comerciais com a Inglaterra datam dos alôres da *nossa suposta e ainda não conseguida*, — emancipação econômica da tutela internacio-

(1) Vide “Brasil, — Colônia de Banqueiros” — Gustavo Barroso,

nal, — isto é, do decreto de janeiro de 1808, abrindo os portos do Brasil ao comércio e á navegação de outros povos.

Já anteriormente a Grã-Bretanha usufruia indirectamente o monopólio do comércio do Brasil, — do qual Lisboa e Pôrto eram antes entrepostos.

Com a abertura dos nossos portos a Inglaterra não realizou desde logo os lucros que esperava e sómente com a assinatura, em 1810, do tratado de comércio anglo-português conseguiu para si o monopólio que durante TRÊS SÉCULOS Portugal pretendia reservar para o seu povo.

Efetivamente, as condições do tratado eram clamorosamente contrárias aos interesses de Portugal e do Brasil. Assim, as mercadorias procedentes da Inglaterra pagavam 15% *ad valorem*, ao passo que as originárias de Portugal ficavam sujeitas a 16% *ad valorem* e as dos demais países a 24% *ad valorem*, — o que equivale a dizer que, *praticamente, o comércio do Brasil ficou reservado á Grã-Bretanha.*

O espírito da carta de 28 de janeiro, abrindo os portos do Brasil ao comércio livre, foi *assim sacrificado em favor* da Inglaterra.

Mesmo em nossas atuais relações mercantis com o Reino Unido, como remanescente dessa tutela que cêdo os britânicos nos impuzeram, ainda não pudemos nos libertar de todo.

E' ainda, a Inglaterra, a nação que melhores e maiores vantagens usufrue de nosso comércio e, talvez, o país que mais hostiliza os produtos brasileiros.

Em 1824 contraímos, em Londres, o primeiro empréstimo afim de selarmos o nosso reconhecimento como nação soberana e o fizemos hipotecando, penhorando, vendendo e sacrificando o futuro do Brasil num contrato leonino que até hoje ainda está em vigor. (1)

(1) Vide "Histórico da Dívida Federal", Jacob Ca-
valcanti,

Tutelados política e economicamente, passaríamos dos dois Impérios a república velha e chegaríamos á *república nova* dependendo dos ingleses em todas as fases e atividades da vida nacional.

Mesmo ainda ontem, tivemos exemplos de como a ingerência dos britânicos nas finanças nacionais relembram os primórdios de nossa separação de Portugal. Vejamos como se passaram as coisas por ocasião de efetuarmos o "funding loan", de 1898: Deixemos que um historiador insuspeito, que chega mesmo até a elogiar o tratado anglo-português de 1810, faça o relato das negociações que se entabularam.

Diz-nos o autor de "A Política Geral do Brasil": Manoel Vitorino diz no seu manifesto que, em novembro de 1897, os *telegramas de nossos grandes credores* da City já haviam passado da advertência paternal á insistência impertinente!

O contrato, nos primeiros dias de junho de 1898, já estava completamente estabelecido, em todos os seus termos. Mas, os banqueiros Rothschild esperavam tanto da nossa fidelidade ás novas obrigações assumidas, que, no dia 9 daquêlê mês, — seis dias antes da assinatura final no Rio de Janeiro, exigiram ainda de Campos Sales um compromisso pessoal escrito, *pele efetivo e real cumprimento do negociado*.

O presidente eleito submeteu-se, dizendo ainda na sua resposta, que recebera a carta na qual aquêla exigência lhe foi entregue, — "*avec la plus grande satisfaction*...

Não é pois sem razão que o Visconde de Ouro Preto, na Década Republicana, assim se refere a essa intromissão dos banqueiros alienígenas na vida nacional: "não satisfeitos com a responsabilidade legal do Governo do Brasil, exarada em documento solene e autêntico, firmado por mandatário competente, nem tão pouco com a responsabilidade moral e tácita de s. excia. resultante até da aludida colaboração, exigiram-lhe êsses

credores documento escrito, e o fizeram em termos desagradáveis aos poderes públicos do Brasil, — aconselharam ao futuro presidente da República *que tivesse juízo e cumprisse a palavra*, quando assumisse o governo, — no que foram galhardamente atendidos, com a mais perfeita cortezia, — pôsto que em francês de má qualidade”.

Todos nós sabemos o que foi para o Brasil o quadriênio Campos Sales.

Um verdadeiro cataclismo tributário, sem o mínimo critério econômico, sem uma só consideração dos elevados interesses brasileiros, sem visão de nenhum motivo político ou econômico, sem atender a uma só das reações que resultaria a mais completa rede fiscal que o país jamais conheceu ou experimentara estendida sobre todos os recantos da sua economia.

Então, Campos Sales, tratou apenas, — FOSSE COMO FOSSE, — de arranjar dinheiro... para os banqueiros de Londres!...

O resultado dessa política desejada pelos banqueiros e caterva e recebida pelo presidente “*avec la plus grande satisfaction*” foi um imenso “crack”; o comércio do Brasil entrava logo, de alto a baixo, num fragoroso período de liquidações. As mais velhas casas, as mais sólidas fortunas comerciais das nossas praças entraram em concordatas de fome ou desapareceram simplesmente. OS BANCOS NACIONAIS FALIRAM QUASI TODOS. (Como ficaram satisfeitos os ingleses!...) O próprio Banco da República, o Banco do Estado, que tinha no governo federal o seu primeiro acionista e o eleitor obrigatório de diretorias, também fechou as portas.

E’ que o presidente Campos Sales, na exclusiva preocupação financeira do seu governo depois de forrar-se das obrigações imediatas da dívida externa pelo “funding”, mandara suspender completamente as obras públicas e restringir os serviços do Estado ao mínimo

possível. Tudo cedeu lugar às conveniências imediatas da tesouraria federal, com absoluto abandono de quaisquer outros interesses administrativos e sociais que não fossem os da arrecadação. Nesse verdadeiro campo raso, a tributação excessiva não podia deixar de produzir saldos. Incinerado o papel-moeda dêsses saldos, para o fim de reduzir o meio circulante às exíguas proporções da nossa precária e renascente vida comercial, o suprimento da exportação trazido pela borracha tinha necessariamente de traduzir-se numa progressiva elevação da nossa moeda no câmbio internacional. Da exígua taxa inferior de 5 pence, o presidente Campos Sales ponde ver o câmbio monetário atingir o limite máximo de 18, no fim de seu govêrno. Proclamou-se, então, com extremos de eloquência, que as finanças nacionais estavam salvas...” mas a realidade é que se acentuava o empobrecimento da nação e as agruras de vida da grande massa nacional. Mas, o que isto importava? A política do govêrno assim satisfazia aos judeus de Londres. Era portanto a política que lhes convinha, ainda que, em detrimento nacional. Eis porque “os banqueiros Rotschild, a contrastar com as ásperas observações que se permitiram ao tempo de Prudente de Moraes e de Manoel Vitorino, haviam-se despedido de Campos Sales, no penúltimo dia do seu govêrno, com um etogioso telegrama de feição desusadamente paternal, no qual diziam: — “... devido a vossa deliberação de restaurar o equilíbrio das finanças, o crédito de vosso país resurgiu e a *felicidade geral da nação bastante aumentou... Desejamos ardentemente que o vosso sucessor adira á sábia política que com tanto êxito iniciastes...*

Mas, não ficou até aí a *intervenção inglesa*, mais uma vez patente nas finanças brasileiras, mesmo em dias que não vão longe. Em 1925 as nossas finanças foram vistoriadas por Sir Otto Niemeyer e, idêntica vistoria fizeram pouco antes de assinarmos o terceiro funding...-



Bem cedo, no alvorecer de nossa independência política, já tivemos ocasiões várias de sentir diretamente o efeito da política imperialista e de expansão territorial, econômica e comercial da Inglaterra.

Sentinô-la e dela nos utilizamos para nos libertarmos da Metrópole, pois, os nossos maiores, — os forjadores da independência do Brasil, manobrando um príncipe ardoroso, isolado e irrequieto, e aguçando o apetite expansionista e comercial dos ingleses, — que ansiavam, ter á custa de Portugal, — uma vasta colônia, — sinão de povoamento, — pelo menos de exploração comercial, na América do Sul, fizeram com que a Inglaterra, pelo seu “Foreign Office” traíndo a sua secular aliança com Portugal, fôsse o fator decisivo de nossa emancipação da Metrópole Lusitana; a “madrinha” política do império do Brasil, que, descartando-se de Portugal começou a viver sob a tutela, proteção e guarda financeira dos ingleses.

Pouco depois, colidindo a política do império recém-fundado com os interesses britânicos, — logo após a alvorada de nossa emancipação política, — novamente tivemos ocasião de sentir a pressão da política imperialista, ambiciosa e de expansionismo no mundo, na questão que tivemos com as Províncias Reunidas do Prata, sobre a nossa ex-província Cisplatina, conforme se pode deduzir dos relatos da época. Prosseguindo sempre, a velha política expansionista inglesa é que os mediadores britânicos eram parciais contra os interesses do Império do Brasil.

Segundo a opinião de Gameiro Pessôa, nosso agente em Londres, naquela época, “esta manifesta parcialidade do Governo Britânico por “Buenos Aires”, — que nos queria usurpar a província do extremo sul, anexando-a mediante indenização pecuniária, era motivada pela importância que êle dá ao comércio desta na-

ção com aquêlê estado, talvez por se persuadir de que a cidade de Buenos Aires, continuará a ser o entreposto dos produtos das ricas Províncias do Alto Perú”.

Era preciso, portanto, acabar com as hostilidades, suspendendo-se o bloqueio dos portos platinos, que *tantas perdas causava ao comércio inglês*. Daí a pressão que nos faziam...

Também, seguindo o seu velho lema: — dividir para imperar”, convinha-lhes, já que almejavam em fazerem do Brasil uma colônia econômica, que o Império nascente não se fortalecesse mais com aquela aquisição de direito”.

Com essa intuição sempre objetivista, é curioso verificar-se como não varia nesse particular a política britânica. Todos os seus representantes, servindo como mediadores junto ao Império, “que teimava de não ceder a Província cubiçada”, — pois a sua conservação era condição “sine qua non” para qualquer negociação, — encarnavam, — com maestria naquêlê momento, as tradições da política externa da Grã-Bretanha.

Não cediam em absoluto, diante ao contendor. Quando êste esperava uma pequena concessão, depois de alinhar toda sorte de razões, encontrava o interlocutor no mesmo lugar, na mesma posição primitiva, defendida com finura dobrada e pertinácia irresistível.

*
**

Ainda é ponto para ser estudado, e dos mais interessantes, a transição de nossa evolução de colônia portuguesa á Nação independente...

Seria obra de grande valor histórico a reunião de vários dados esparsos existentes sôbre o assunto e uma grande contribuição á *verdadeira história* do Brasil, — em maioria, toda ainda por ser escrita.

A pressão da tradicional política imperialista da Inglaterra, — tivemos-la mais abertamente, — *porque*

ela nunca deixou de existir veladamente, — ainda, em 1853, — quando os nossos políticos de então, “degladiavam-se no tablado político do Império, — movimentados pela mão oculta dos ingleses, — intervindo e exigindo a supressão do tráfico africano, fizeram-no cessar”, — para satisfazer a Londres, — ou melhor, para *satisfazer ás forças econômicas, exigindo as suas necessidades.*

No fundo, porém, o que havia, é que a nossa civilização e prosperidade se baseavam no infame comércio da carne humana, — “civilização que vinha d’África forçada pelos negreiros, — comércio que alimentava o brilho e a riqueza do Império com a posse do escravo e seu trabalho que, “*mesmo defeituoso e tísnado*”, mantinha o progresso do país “*essencialmente agrícola*”, o que não convinha á Inglaterra.

Dai o sentirmos desde o início da formação nacional, as suas garras aduncas.

Ao mesmo tempo que faziam do vicio e da escravidão um comércio, os ingleses pretextando piedade, propunham a abolição do tráfico escravo para o Brasil, — *afim de arruinar a nossa agricultura*, que, então, fazia concorrência á de suas colónias.

Teremos uma visão de como se desenvolvia, de maneira rápida, o comércio do Brasil, lembrando que “o pôrto da Baía, em 1818, foi visitado por cêrca de 200 náus mercantes e que neste mesmo ano a Baía exportou 40.000 fardos de algodão e aproximadamente 30.000 caixas de açúcar”.

Ainda, durante o período colonial o progresso geral do Brasil era um fato e, as exportações e importações cresciam sem parar.

“Em 1796, 1800 e 1806, foram as primeiras respectivamente de 11.600 contos, de 12.600 e de 14.200, na antiga moeda portuguesa.

Nas mesmas datas, as importações tinha variado de 7.000 contos, a 15.800 e 8.500 contos.

Em 1822, as exportações eram, em pêso, de 24.318.304 libras de café, 45.644.800 libras de açúcar, e 5.203.000 libras de algodão”.

Quando assim prosperávamos, nossos gêneros faziam concorrência aos “indianos” que a Inglaterra vendia ao mundo e, mesmo nos queria vender e fazer-nos seus súditos comerciais, — o que chegamos a ser, pois, — mesmo nos dias de hoje ainda não nos livramos da tutela britânica...

O trabalho escravo, assim, não convinha á Inglaterra “LIVRE E COMERCIAL”, — si bem que, mesmo nos dias de hoje, ela não se peja de utilizar e manter o braço escravizado na Índia ou nas plantações de seringueira da Polinésia.

Entretanto, ela teve piedade de nossos escravos...

“Desde 1807, ao preparar o *lesivo*, o *enormemente lesivo* tratado de 1810, — falou-se na abolição do tráfico. Era o melhor meio de arruinar a concorrência do Brasil aos estabelecimentos ingleses contra essa concorrência.

Felizmente, já em 1827, estadistas patriotas não se podiam conformar com êsse monopólio dos ingleses e franceses, que obtinham tudo sem nada conceder.

Não quiseram renovar os tratados monopolizados. Daí a *humanidade* que levou a Inglaterra a nos atacar nos mares, e forçou nosso Imperante a obedecer de pronto ás direções de povos estranhos.

Nosso povo, então, mal educado, davase bem com o comércio negro, mas, a fôrça inglesa era mais eficiente e a vergonha de suas desabusadas intervenções nos manchava o rosto com vergões infamatórios”.

A humana índole da Inglaterra então se acordava bem com o monopólio seu e com o nosso comércio africano, — humanidade esta tal qual hoje é praticada com relação á China, na qual são os ingleses os principais fornecedores de ópio e entorpecentes.

E' interessante a *humanidade* da Inglaterra, que a levou a aprisionar os navios negreiros do Brasil Imperial e a nos impôr a abolição do tráfico, porque, em 1839, esquecendo-se de seus deveres humanitários e que o mundo a espreitava, — mais uma vez dentre muitas, ontem como hoje, — mancha a sua história de maneira indelevel, declarando guerra á China para obrigá-la, — pela fôrça das armas, — que permitisse continuar os súditos britânicos a vender ópio nos principais portos chineses, quando o govêrno de Pequim, no mais louvável gesto de humanidade e de administração, queria impedir êsse infame comércio que os britânicos faziam em território chinês.

Surgiu, assim, de uma louvável e malograda iniciativa do govêrno chin, a guerra do ópio, através da qual a Inglaterra fâcilmente vitoriosa, em 1842, exigiu que Hong-Kong lhe fôsse cedida como possessão e impôs ao govêrno chinês a indenização de £ 4.500.000 e outros pesados ônus, que lhe valeram a tutela completa á Inglaterra. Esta tutela prolongou-se até hoje, tanto assim que os produtos estrangeiros não pagam direitos aduaneiros, na China, nem são atingidos pelos novos impostos...

O que ontem sofremos com a abolição do tráfico, — quando chegámos a perder a nossa soberania e a Inglaterra fôra até a dar busca em navios brasileiros dentro da Baía do Rio de Janeiro, — e o desfêcho da guerra do ópio que avassalara a China, — dentre outros exemplos, — serve para mostrar-nos que as nações para terem prestígio e serem respeitadas precisam apoiar o seu direito, o bem e a justiça, na ponta das baionetas, nos canhões dos encouraçados, nos torpêdos dos submarinos e nas granadas e metralhadoras dos seus aviões



E' interessante lembrarmos êsse episódio e confrontá-lo com os fatos desenrolados ultimamente nos

Estados Unidos da América, onde as autoridades norte-americanas, — irreverentemente, — dão busca em todos os navios ingleses suspeitos de contrabandistas de bebidas alcoólicas e, entretanto, — tal é a evolução da mentalidade inglesa, — ou o decréscimo de seu poderio bélico, — que o *Foreign Office* não achara mais hoje ser isto um insulto “ao governo de Sua Majestade” e motivo bastante para mandar uma frota de guerra com um “ultimatum” a Nova York...

*
**

Poderíamos citar outros fatos, — mostrando com o testemunho da História, dos fatos que trabalharam para a emancipação dos escravos no Brasil, — como sempre os interesses materiais decidiram os problemas que, aparentemente, a piedade parecia solvê-los.

Assim, “enquanto o comércio escravo lhe foi lucrativo, enquanto obteve o monopólio para fornecer escravos africanos para as colônias espanholas da América, a Inglaterra não exitou em ir até a uma quasi declaração de guerra para continuar desfrutando êsse monopólio; — porém, uma vez que tinha se convencido da possibilidade de suprimir o tráfico africano; — uma vez que julgara não ser êle mais necessário para o desenvolvimento de suas colônias, entendeu que toda a Europa devia acompanhá-la de pronto, — sem maior exame das exigências econômicas ou das conveniências nacionais de cada país”.

Não é de se estranhar, portanto, que em 1817, os ingleses pretextando piedade queriam a abolição do tráfico escravo no Brasil, — esquecendo que, — em 1713, — no tratado de Utrech, o trofeu inglês de guerra, além de Gibraltar, Minórca e Nova Escóssia, foi o ganho dos tratados de comércio com a Espanha e com a França, — sendo que pelo tratado denominado “Asiento” a In-

glaterra teve o monopólio de fornecer escravos africanos para as plantações espanholas da América e se obrigara a suprir 4.800 negros, anualmente, às colônias espanholas, durante 30 anos.

Esquecia ainda a piedade inglesa que em 1743, como terminasse o prazo da concessão feita á Inglaterra e a Espanha não estivesse disposta a renová-la, quasi houve declaração de guerra”...

Citamos êsses fatos apenas para mostrar como sempre temos sido governados por outros povos e, esquecido de que, na frase de Disraeli... “*o mundo é governado, por personagens muito diferentes daqueles que imaginam os olhos que não penetram atrás dos bastidores*” e, para focalizarmos como os interesses nacionais tem sido relegados em favor dos de povos mais fortes, mais astutos e melhor armados.

“Conquanto a independência do Brasil — escreve Castro Carreira (“História Financeira e Orçamentária do Império do Brasil desde a Sua Fundação”) — não fôsse conseguida á custa de grandes sacrificios de vida e dinheiro, todavia se aumentaram em muito os seus compromissos, que, juntos aos novos encargos naturalmente creados, como se verá no desenvolvimento de suas despêsas, fizeram o país principiar sua vida lutando com as dificuldades dos “deficits” e do recurso aos empréstimos, no que se tem mantido”.

Em 1922, escrevendo sôbre o centenário de nossos empréstimos, o sr. Jacob Cavalcanti disse: — “O mau estado das finanças do Brasil-Colônia, nos dias próximos á sua independência, retratava a desordem financeira da metrópole; de sorte que o Brasil, *tornado independente*, entrava logo no regimen dos déficits orçamentários e caminhava a passos largos para a SUBORDINAÇÃO AO CRÉDITO ESTRANGEIRO”. Tornava-se independente para ficar subordinado...

Infelizmente é esta a realidade brasileira. Nascermos dependentes e dependentes ainda estamos.

Que estas palavras sirvam de estímulo e de encorajamento á aquisição da verdadeira independência nacional, tal o interesse e a certeza de que serão assim compreendidas pela geração atual, que não exito em afirmar, que dentro de 25 anos, o Brasil será livre, inteiramente livre, — servindo esses fatos, apenas para lembrar o muito que fizemos e as qualidades que, nós brasileiros, possuímos.

OS POVOS INDUSTRIAIS, OS QUE MAIS
UTILIZAM OS COMBUSTÍVEIS, AS QUEDAS
D'ÁGUA E O FERRO, DOMINAM E DIRIGEM O
MUNDO!...

“A Terra pertence às duas grandes nações anglo-saxônicas”.

Josias Spurr

Dia a dia os povos se convencem de que a guerra mais conveniente, a que trás melhores resultados, a que aniquila tornando para sempre derrotado o inimigo, a que vence sem carnificinas, — é a guerra comercial, é a guerra pela posse das riquezas, das fontes de matérias primas e de energia do mundo.

Daí o termos compreendido, — si bem que tardiamente, após a guerra européia de 1914, uma verdade econômica que tornou evidente depois do conflito, — tal a importância capital que a posse dos minerais, dos combustíveis e das quedas d'água, tem para as nações em nossa atual civilização.

Os grandes povos de visão e de ideais imperialistas estão se aparelhando ou já se aparelharam para ganhar a batalha industrial e comercial que se trava no Universo e, da qual é visada, como ponto inicial, a posse dos agentes e meios de aquisição de fôrça motriz, das riquezas minerais e extrativas da Terra!

Contam os representantes máximos dos ideais expansionistas, com as indústrias fabrís, a técnica, o acúmulo científico, o capital longamente acumulado e uma

política astuta e agressiva, — as melhores e mais modernas armas para o domínio dos povos ainda não de todo independentes, — como o Brasil.

Não erramos, por certo, afirmando que na era atual, — de maquinismos e vontade de expandir, — que a maioria das grandes desinteligências entre os povos resultam mais da ambição pela posse das fontes de riqueza: das cataratas, dos terrenos algodoeiros, dos seringais, dos poços de petróleo, dos terrenos auríferos e das jazidas minerais em geral, — especialmente do carvão, potassa, ferro e manganês, — do que de questões de sentimentalismo nacional.

Os desentendimentos do México com os Estados Unidos, — da Alemanha com a Polónia, — do Chile com o Perú, — do Paraguai com a Bolívia, da Alemanha com a França e da Inglaterra com o mundo inteiro, — sobretudo com as suas colónias da Índia e do Egipto, — procedem mais da ocorrência do petróleo, do ferro, do chumbo, dos sais de potassa, — cujas jazidas estão situadas nesses territórios ou nas faixas litigiosas destes, que também abrigam as vezes as matérias primas tropicais, — do que por questões de sentimentalismo romântico...

O que pretendem os povos imperialistas, e como representantes destes são todos os povos industriais, — é o domínio político ou territorial, — sinão modernamente o domínio econômico, — das jazidas, das fontes de riquezas, dos depósitos de combustíveis, — sobretudo o carvão e o petróleo, das quedas d'água, das jazidas minerais, das terras que produzem o algodão, a cana de açúcar e, assim, possam se garantir da posse ou domínio dos minerais indispensáveis ao seu consumo, á sua indústria maquinofatureira, á sua prosperidade, ao seu domínio no mundo.

O domínio das fontes de riqueza, dos terrenos auríferos e diamantinos, dos minerais e matérias extrativas indispensáveis á indústria fabril, — como o al-

godão para a indústria de fiação e tecelagem de Manchester e de Osaca, — a borracha, para as fábricas de Akron e de Liverpool; — o petróleo para a indústria automobilística de Detroit; — o carvão para toda a indústria inglesa e de vários outros países; — quando a natureza não colocou no território de um país os minerais e matérias primas de que êle vem a necessitar, — têm sido obtidos pela força, por meio de conquistas e de usurpações de territórios que os encerram, pela guerra desencadeada sob outros pretextos, — quando não fica bem ás potências expressar os seus intuitos e objetivos reais.

Foi por êsse motivo que o estado do Transvaal foi incorporado ao império britânico. Também, a guerra de 1870 teve como móvel, não declarado, a posse das jazidas de ferro e potassa, pertencentes á França.

O estabelecimento do Império alemão foi uma consequência necessária ao usufruto, por toda uma comunidade conquistadora, daquela riqueza indivisível sob qualquer outra forma.

Recentemente, a política francesa de ocupação de territórios alemães, depois de 1918, do Sarre e da Renânia, — não teve outro objetivo sinão adquirir territórios onde existem minérios e carvão e ampliar o seu poderío industrial no continente europeu.

Também, as recentes incorporações do Manchuko ao Japão e da Etiópia á Itália, não fôram movidas sinão pela fome de matérias primas e de combustíveis, principalmente o algodão e o petróleo.

Foi movido pela fome de matérias primas e premido pela necessidade de adquirir riquezas minerais, que os Estados Unidos da América se expandiram para o Oeste e para o Sul, apropriando-se dos ricos territórios espanhóis, franceses, ingleses, mexicanos e, ainda crearam o seu império de além-mar, — em Cuba, Pôrto Rico e Filipinas, — regiões capazes de supri-los de produtos tropicais. Foi em busca de riquezas que também

êles se dilataram, ainda mesmo até ás proximidades do polo norte, — á custa da Rússia, adquirindo *por compra* o território do Alasca, em busca de ouro e de peles...

Foi, por motivos econômicos que o Império Britânico plantou os seus padrões na Índia, no Egito e, em toda a sua vastíssima área colonial.

Tal é a verdade, sem fantasias, sem ilusões e sem rebuços.

Longe de se atenuar, dia a dia torna-se patente a ânsia de todos os grandes povos por se expandirem, para o que agora já não encobrem mais nem mesmo os seus apetites pouco escrupulosos, justificando-os por outro móvel que não seja a pura guerra de conquista.

Novamente, encontramos as nações imperialistas da atualidade, em pura fase de guerras bárbaras e, os recentes territórios adquiridos pelo Japão, pela Itália e pela Alemanha provam que ainda não é demasiado tarde para as conquistas "*a ferro e a fogo*".

Os Estados Unidos, administrados por um povo sagaz e sensato, não podendo ou não lhes convindo, na éra atual, anexar territórios e fazer a conquista militar do sólo onde se encontram as jazidas minerais, as matérias primas e os produtos indispensáveis á sua indústria, — como ousada e cinicamente fazem o Japão, a Alemanha e a Itália, — conseguem o domínio comercial das jazidas e fontes de riquezas, dos combustíveis e fontes de produção, pertencentes a outros países, FINANCIANDO-AS OU COMPRANDO-AS, por intermédio de seus próprios cidadãos ou respectivas emprêsas, no intuito de servirem ás suas indústrias e á sua finança.

E' o que fizeram com a aquisição das jazidas de petróleo no México, na Venezuela e na Colômbia, onde as emprêsas norte-americanas monopolizaram a produção de petróleo; — é o que vimos com a aquisição que os "ianquis" fizeram de nossos serviços de força e luz. de telefones, de tração; com a compra das jazidas de manganês do Brasil; é o que fizeram com as minas de

cobre da Bolívia; com as salitreras do Chile; com as jazidas de petróleo da Rumania; com a borracha e a Fordlândia no Amazonas; com as plantações de cana de açúcar de Cuba; de abacaxis de Havai e de bananas na América Central.

Essa orientação de política econômica imperialista justifica-se em parte, porque o cobre, o manganês, a juta, o estanho, o cimento, a borracha, o algodão, os transportes marítimos internacionais e, até mesmo a circulação metálica internacional, — são fatores dos quais dependem toda a atividade e mesmo a vida de um povo.

O combate pelo predomínio político e econômico que se irá travar entre as nações principais do Globo, na arena comercial, será belo, será majestoso e só resistirá o mais capaz, só este sobreviverá.

Em nossa terra essa luta comercial já se travou, infelizmente, apenas entre os representantes de várias nações comerciais e industriais que nos exploram...

A América do Sul e, principalmente o Brasil, — é, está sendo, vai ser um dos principais campos de batalha econômica entre os povos imperialistas, — como já o é entre o velho imperialismo britânico e o imperialismo norte-americano, em aurora. Com os dados referentes ao total mundial quanto ao número de automóveis, aos telefones, à quilometragem das estradas de ferro, à tonelagem e número de unidades da marinha mercante; com as cifras que registram o poderio das forças aeronáuticas e bélicas de terra e mar; com os índices da produção industrial: de ferro, de aço, de cimento e, tendo-se em observação o número de patentes de invenções que se registram no mundo, anualmente, — com as cifras de produção e utilização da energia elétrica, com os dados da produção de petróleo e carvão no mundo, — podemos adicionar à proclamação, de que a Terra pertence às duas grandes nações anglo-saxônicas, feita por ilustre economista e geólogo, esta nossa afirmação:

— *A terra é hoje explorada, dirigida e administrada, — direta ou indiretamente, por anglo-saxões, — em proveito de anglo-saxões e para anglo-saxões, — em detrimento de todos os povos fracos, imbéles, agrários, coloniais, nômades, bárbaros, dependentes e pseudos livres politicamente.*

A luta pelo domínio político ou comercial do mundo é de morte e, — mesmo, já está se travando entre os dois maiores impérios, — o Britânico, — velho e sagaz, e o norte-americano, — novo e audaz.

Quando dois ou mais imperialismos formidáveis se defrontam numa luta de vida ou de morte; — da qual depende a sua sorte e poderío, — como por exemplo o que ora põe em campo ou em guarda, os Estados Unidos da América, a Inglaterra, o Japão, a Alemanha, a França, a Itália e a Rússia, — é de pasmar, que ainda continuemos no Brasil com a nossa velha, anárquica e rotineira política interna e externa, — sem valorizar e auxiliar o homem brasileiro com a instrução técnica, o crédito fácil e a ajuda de maquinismos; — sem ativar-nos a exploração eficiente de nossa terra; — sem valorizá-las; — sem extrairmos as nossas riquezas naturais latentes; — sem produzirmos e sem pesquisarmos o sólo Pátrio. (1)

E' desanimador, que, enquanto outros povos mais avisados vão se preparando para a grande luta que se trava no domínio econômico, entre todos os grandes povos, nós não preparamos o país para a sua defesa econômica e militar; — não cogitamos de sua organização e do incremento de sua produção, do desenvolvimento de sua fonte de energia motriz, de sua indústria fabril e de seu comércio; não prevendo e não nos apercebendo de que a borrasca se aproxima, que os horizontes internacionais se escurecem...

(1) Escrevimos em 1936.

E', portanto, oportuno, vermos como forças várias, representativas do pensamento dos responsáveis pela direção do Mundo, — estão tramando contra nós.

A propósito da "Doutrina de Monroe", no dizer de J. Spurr: "entre profissionais e técnicos da indústria mineira na América do Norte surgiu, depois de 1914, uma corrente que advoga calorosamente o desenvolvimento de uma política imperial de expansão e de domínio comercial no tocante ás disponibilidades mundiais de minérios e de matérias primas.

Essa corrente de pensadores propúgna fortemente pelo abandono da política de isolamento, — até então seguida pelos Estados Unidos e clama pela interferência oficial de proteção aos interesses norte-americanos nos países estrangeiros, principalmente na América Latina.

Atribuem o isolamento politico oficial norte-americano na Íbero-América á "Doutrina de Monroe" e a consideram maléfica para os Estados Unidos.

As seguintes palavras de Josias Spurr traduzem bem êsse pensamento :

"Our Monroe Doctrine as originated is a part that theory we wanted the world to leave all the american, otherwise, a selfish and one side position.

The maner in which we cling to this doctrine is stupid and ineffective; while we have conceived of it only applying to military or political encroachment, we have overlooked the modern phase of commercial conquest.

Thereby we gain the suspection of our Latin American neighbors, who accordingly welcome more gladly European or Japanese rather than American capital; and thus we encorage the very encroachments we have thought to prevent.

We should either abandon the Monroe Doctrine entirely, or define it as in terms of political control".

Esta política de aumentar o acêrvo de suas riquezas minerais, bem como das fontes de abastecimento de matérias primas para a sua indústria, quer tirando-as de seu próprio território ou adquirindo-as dos países estrangeiros, — seguida pelos norte-americanos, sem dúvida, é um meio cômodo, sagaz e legal que não viola as regras do comércio internacional e que as mais das vezes traz certo benefício e concurso á Nação convertida em feitoria internacional, valorizando-lhe algumas de suas fontes de riqueza.

Tal maneira de agir, — sempre acariciada pelas nações de indústrias máquinofatureiras florescentes, baseia-se e obedece ao princípio econômico da interdependência dos povos, mas, em realidade, só é útil aos povos industriais, que justificam êsse princípio econômico pré-gando que “os povos teem que trocar entre si as sobras de seus vários produtos para o equitativo suprimento das recíprocas necessidades, e que, dessa troca, é que se constitue a base do comércio internacional”.

No Brasil o combate que se está travando na arena comercial e para o predomínio em nosso mercado tomam parte quasi todos os grandes povos europeus, o norte-americano e o japonês e, — mesmo assim ainda vivemos em um constante estado de alheamento aos problemas que absorvem o mundo inteiro enquanto as grandes potências disputam entre si, palmo a palmo, as regiões pelo mundo que ainda sobram — em cujo sólo ainda jazem o minério precioso, o carvão, o ferro, o petróleo, a potassa ou onde brotam os grandes produtos essenciais á economia, á indústria e ao consumo dos povos, como o algodão, a borracha, o açúcar, a juta, a sêda, o cacáu, o trigo e a castanha.

E' 'tamanho a luta entre os Imperialismos que disputam o mundo, e tal o êxito a que chegaram nesse particular os povos anglo-saxões que, um balanço dado em 1920, sôbre as disponibilidades minerais no mundo, feito por um técnico, de fama e citado em várias esta-

tísticas e em tratados de economia política: — Josias E. Spurr, — economista e geólogo norte-americano, com o fim de discriminar os domínios políticos e comerciais das jazidas minerais do Globo, resultou o seguinte quadro:

Natureza das já-zidas minerais essenciais exploradas no mundo.	“Domínio Político”	Os Estados Unidos e a Inglaterra exercem conjuntamente “Domínio comercial”
Ferro	48 %	49%
Carvão	75 %	59%
Petróleo	69 %	81%
Cobre	69 %	82%
Zinco	38 %	38%
Chumbo	58 %	66%
Ouro	83 %	85%
Prata	53 %	85%
Níquel	85 %	90%
Estanho	50 %	57%
Manganês	30 %	35%
Amianto	87 %	88%
Enxôfre	65 %	66%
Tungténio	51 %	90%

Êstes algarismos devem ser interpretados do seguinte modo: — Os que estão abaixo da coluna — “Domínio Político”, — representam a produção das minas dos dois países em percentagem da produção mundial; — os que estão abaixo da coluna: — “Domínio Comercial”, representam a produção das minas pertencentes ás emprêsas ou aos cidadãos dos dois países existentes em território estrangeiros, em percentagem da produção total de todos êsses países estrangeiros.

O desdobramento desta tabela mostraria que os Estados Unidos da América do Norte possuem maior “domínio político e comercial” do que a Inglaterra.

Mas, esta possui um magnífico segundo lugar na lista completa de todas as Nações.

A' vista dêsse quadro, podemos exclaimar, com J. Spurr: a terra pertence aos Estados Unidos e á Inglaterra!

Os povos que utilizam mais intensamente os combustíveis, os agentes motrizes e o ferro, são os senhores do mundo.

A afirmação de Josias Spurr é positiva e evidente si lembrarmos que, sem os minerais, sem as matérias prima se, sobretudo, sem os combustíveis em abundância, não é possível nenhum poderio econômico e militar duradouro.

Si a Inglaterra e os Estados Unidos podem manter uma poderosa frota de guerra é porque possuem os combustíveis para a alimentar e os estaleiros para as construir.

Deveras, poucas, — pouquíssimas pessoas, capacitam da potência mecânica, da quantidade de carvão ou de petróleo, — que consome uma esquadra de guerra ou uma frota aérea. Mas, si mencionarmos que um só dos dezenove cruzadores da marinha de guerra italiana, do tipo dos navios "Giuseppe Garibaldi", deslocando 7.874 toneladas tem a fôrça de CEM MIL CAVALOS para desenvolverem a velocidade de 35 nós; — e, si ponderarmos que essa potência de um único dêsses navios é superior á energia elétrica existente em qualquer das grandes cidades do Brasil, exceto o Rio de Janeiro e S. Paulo, — então fácil será aquilatar-se o quanto um só navio do tipo do "Saratoga", porta-avião norte-americano, gasta mais do que muitas cidades, ao lembrarmos de que, em 1930 a marinha de guerra inglesa possúe 379 navios de guerra em serviço com 1.310.000 toneladas; a marinha norte-americana 549 navios com ... 1.300.000 toneladas e que o Japão, a França, a Alemanha e a Itália, em conjunto, igualam as fôrças reunidas em tonelagem dêsses dois países, — então será fácil aquilatarmos que, milhões de toneladas de carvão, de petróleo ou o seu equivalente, em "kilowatts", são

requeridos para que uma única nação tenha real poderio econômico e bélico.

Não é de se estranhar, portanto, que para aumentar a eficiência dos modernos navios de guerra êsses vão sendo eletrificados, tanto mais que, ao permanecerem fora do serviço ativo devem ficar ao longo do cáis, de fogos apagados e receber da terra a energia elétrica para as suas máquinas auxiliares, assim economizando grande quantidade de carvão e de petróleo.

E' diante dessa caudal de carvão e de petróleo que exigem as esquadras de guerra modernas, que os países pobres de combustíveis, — como a Itália e o Japão, — procuram apoiar o seu poderio bélico nas hélices dos aviões e nos canhões dos submarinos ligeiros e de grande raio de ação, — armas mais eficientes, mais baratas, de construção mais rápida e de custeio menor, — só utilizando os combustíveis quando em serviço ativo.

A LUTA PELA POSSE DAS JAZIDAS MINERAIS DO MUNDO

...“O Brasil possúe, talvez, ainda, muitas riquezas, mas estas ou não são de fácil exploração ou a sua exploração não corresponde, atualmente, aos interesses da nacionalidade”.

Alberto Torres.

A luta pela posse das jazidas minerais do mundo já se estendeu até ás nossas plagas.

Monteiro Lobato prefaciando o livro: — “A Luta Pelo Petróleo”, já focalizou admiravelmente e com intenso patriotismo o quanto o nosso futuro vai sendo comprometido, como é intensa a luta pelo domínio mundial, entre os magnatas do petróleo e como essa luta estende-se do abastecimento dos grandes centros consumidores de petróleo até ao acaparamento dos terrenos potencialmente petrolíferos; — mostrando com clareza meridiana, como os “trusts” petrolíferos, no Brasil, têm procurado e logrado êxito em sua política de não explorar o petróleo brasileiro e também não o permitirem que outros o explorem!...

A coligação dos interessados, — que se resumem em Rockfeller, em Deterding e nos Soviets para escravização do Brasil ao petróleo importado, as subvenções que êsses “trusts” pagam para não perfurarem no Brasil á procura de petróleo e, até mesmo o “Código das Minas”, — lei com visos patrióticos mas que, possível-

mente, sem intenções malévolas, contribue para perpetuar a tutela dos "trusts" alienígenas sôbre nós, — não permitindo que os nacionais explorem o sub-sólo do seu país, — provam, sobejamente, como o Brasil vai sendo talhado pelas lutas entre os imperialismos que nos circundam e agridem.

Si fossemos pesquisar de modo idêntico ao que succede com o petróleo, encontraríamos que o acaparamento de nossas jazidas de manganês também já é um fato de longa data, e, si ainda não fôra combatido como precisa e devia, é porque, os azares da sorte ou da fortuna nacional não encontrou um êmulo de Monteiro Lobato que soubesse ou tivesse capacidade para abrir os olhos aos nacionais.

Antes de passarmos a relatar a "posse" das jazidas de manganês do Brasil, ou melhor, "no Brasil", — façamos um ligeiro esboço da política norte-americana no tocante ao assunto.

"O fato dominante da indústria norte-americana do manganês, e que constitue a base de toda a política dos Estados Unidos da América, concernente a êsse assunto, é ser essa Nação grande produtora de aço e, portanto, grande consumidora de minérios e ligas de manganês e, — ao mesmo tempo pobre em jazidas dêsse metal.

Dos dezoito produtos minerais naturais considerados de maior necessidade á América do Norte, tais como: o ferro, o carvão, o petróleo, o cobre, o zinco, o chumbo, o ouro, a prata, o níquel, o estanho, o manganês, o amianto, o enxôfre, o tungstênio, a potassa, a platina, o alumínio, o cobalto, em 1920 a América do Norte possuía em seu próprio território onze dêles e, dos sete restantes exercia o domínio comercial sôbre mais três.

Assim, nessa data, só faltava a êsse país o domínio político ou comercial sôbre quatro dos produtos mi-

nerais que lhe eram essenciais: — o estanho, o manganês, a potassa e a platina.

Dêsses, o mais importante para a indústria norte-americana é o manganês, — porque sem êle não poderá ser mantida a poderosa indústria do ferro e do aço da Norte América.

O valor dessa indústria pode ser avaliado considerando-se que da produção total mundial do ferro e do aço, — avaliada em 155.580.000 toneladas para 1927, — os Estados Unidos produziram 81.500.000 toneladas ou mais de 52%, e tiveram que importar 622.000 toneladas de minério de manganês de teor elevado.

Garantindo-se como têm feito com o suprimento do manganês, e da potassa, nação alguma, — nem mesmo a Inglaterra, pode hoje competir com os Estados Unidos da América, quanto ás fontes supridoras de sua poderosa indústria de metais e minerais comuns, — assegurados pela riqueza natural do seu território e pela sua prudente política comercial.

Enquanto disputam as nações a posse e o domínio dos materiais básicos do imperialismo moderno, — os Estados Unidos aumentam o domínio comercial extenso ás jazidas de manganês em consequência da guerra de 1914.

Em 1919, a “United States Steel Co.”, entabou negociações, que foram penosamente arrastadas por algum tempo, para aquisição da mina do *Urucun*, em Mato Grosso.

A negociação não se realizou porque pode ela adquirir o *Morro da Mina*, em Queluz, Minas, pertencente ao grupo Rocha Miranda, — o maior depósito de manganês do estado.

Essa propriedade continua a ser explorada até hoje pela *Companhia Meridional de Mineiração*, — organizada pela U. S. Steel Co. em satisfação ás leis brasileiras.

A êsse tempo já os norte-americanos, — pelos seus “trusts”, dominavam as jazidas da Índia e de Cuba.

Em 1925 houve um aumento considerável na produção de aço e, portanto, acrescidas as necessidades do minério manganésífero.

Foi quando o grupo norte-americano, chefiado por Hardiman, depois de árduas negociações entabuladas na Rússia, chegou a um acôrdo com a U. R. S. S. e celebrou, em 12 de junho de 1928, um contrato que lhe outorga o monopólio das minas de Tchiatury, mediante condições bastante onerosas.

Para essa negociação Hardiman entrou em negociações e em combinação com outros “consumidores” pela seguinte forma:

Norte-americanos	55%
Inglezes	20%
Alemães e outros	25%

Com a grande baixa do ferro manganês na América do Norte, provocada pela produção da Bethlem Steel Co., coincidou a aquisição feita pelos ingleses, na Índia, de minas pertencentes aos nativos e que davam uma produção de 50% (cincoenta por cento) da produção total indiana.

Êste fato estimulou as três maiores corporações do aço na América, á aquisição de maiores reservas. Para isso foram entabuladas negociações para a aquisição das jazidas de Portmarburg, descobertas por essa época na Colônia do Cabo. Mas, nesse ano as minas de Tchiatury já se achavam equipadas.

Contudo, a Hardiman Georgan Manganese Co, não conseguira realizar a produção fixada no contrato dos “Soviets” e portanto parecia abalada a concessão.

Hardiman teve de entrar em novas “negociações” e a U. R. S. S. acabou declarando-se satisfeita com a execução do contrato e, em 1927, estava acordada a re-

forma do mesmo, que foi celebrada nos primeiros dias de 1925.

Nessa data já os norte-americanos haviam se desinteressado do negócio de Portmaburg por ocasião da South African Manganese Co.

Dessa considerável atividade dos grupos financeiros norte-americanos resultou um considerável aumento de seu domínio comercial em relação às jazidas de manganês.



Quanto a potassa, o próprio govêrno norte-americano tomou a iniciativa de solucionar o problema de seu desenvolvimento, ordenando ao "Bureau de Minas" e á "Geological Survey" pesquisas e sondagens, — coroadas de sucesso, no Texas e no Novo México.

A potassa norte-americana é fornecida, presentemente, por duas poderosas companhias, a *U. S. Potash Chemical Co.*, de Troma, e a *U. S. Industrial Co.*, de Baltimore, mas ela é extraída das águas salgadas do lago Searles, ou então de um sub-produto da fabricação do álcool.

As pesquisas realizadas confirmaram a existência de jazidas de minerais de constituição stratigráfica semelhantes ao da Alsácia e que estarão em exploração em breves anos.

Essa politica de cada nação tornar-se independente, quer seja procurando tirar o melhor partido das matérias primas e das jazidas minerais que estão contidas em seu próprio território, ou quer a elas juntando pelo domínio comercial as existentes em outros países, desenvolveu-se consideravelmente, depois da guerra de 1914, entre os norte-americanos.

Essa tendência é mundial e nos dá a melhor explicação para o grande interesse com que vários Estados encaram presentemente a posse do misterioso continen-

te antártico, diante das possibilidades entrevistas da posse das jazidas minerais.

Enquanto isto, em que na hora atual os norte-americanos já se apoderaram de todas as fontes de riqueza lucrativa de nosso país, de olhos vendados, estamos correndo para o abismo de uma suzerania econômica estrangeira mais intensa, pois já a temô-la da Inglaterra desde 1822, ainda que disfarçadamente.

Todas as nossas jazidas de manganês, — as melhores, as mais lucrativas e de maior possibilidade de exploração são hoje de propriedade de estrangeiros, — conforme o seguinte relato que, em vez de ter, — ANTES DE TUDO, — chamado a atenção dos que nos governam, foram DESPERTAR “curiosidade” a uma revista norte-americana: THE MINERAL INDUSTRY, que, já em 1918, publicava o seguinte sobre:

A POSSE DA JAZIDAS BRASILEIRAS DE MANGANÊS

“A seguir damos a lista das companhias que, consta, são as mais importantes proprietárias de jazidas de minério, no Brasil:

1.º — ITABIRA IRON ORE COMPANY, sociedade inglesa, com escritórios em Londres.

Esta empresa tem em suas mãos a E. F. Vitória a Minas. Seus depósitos situados em Itabira de Mato Dentro, são avaliados em 99.000.000 de metros cúbicos e capazes de produzir 286 milhões de toneladas.

2.º — BRASILIAN IRON & STEEL COMPANY, sindicato norte-americano, que adquiriu também — em Itabira de Mato Dentro, duas jazidas que tem 33.000.000 de metros cúbicos ou mais, com 132 milhões de toneladas e duas outras, situadas no município de Santa Rita Durão, que se consideram capazes de produzir 10 milhões de toneladas.

A mesma sociedade possui uma concessão para construir uma estrada de ferro entre as minas de Santa Rita e São José da Lagôa.

3.º — THE MINAS GERAIS IRON SYNDICATE, companhia norte-americana, que comprou os depósitos de Paracatú e Bananal, situados em Catas Altas e Santa Bárbara.

4.º — SOCIÉTÉ FRANCO-BRESILIEUNE E BERNARD GOULDCHAUX & Co. (presumivelmente franceses), adquiriram os depósitos de *Candongá*, em São Miguel dos Guanhães, avaliados em 10 milhões de toneladas.

5.º — DEUTSCH LUXEMBURGISH BERGWERKS UND HUTTEN AKTLENGESELLSCHAFT, companhia alemã, que comprou a jazida do Córrego do Feijão, situada em Piedade do Paraopeba, município de Vila de Nova Lima.

6.º — SOCIÉTÉ CIVILE DES MINES DE FER DE JANGADE, companhia francesa, que comprou as minas de Jangada, no município de Vila Nova de Lima, com uma capacidade de 15 milhões de toneladas.

7.º — A. Thun, que comprou a mina de Casa da Pedra, em Congonhas do Campo, comarca de Ouro Preto, com 500.000 metros cúbicos e capaz de produzir 2.000.000 de toneladas.

8.º — BRACUF FALLS COMPANY, sociedade organizada nos Estados Unidos, comprou duas jazidas situadas em Congonhas, (Ouro Preto) com depósitos calculados em 8.000.000 de metros cúbicos, capaz de produzir 29.000.000 de toneladas.

A mesma companhia comprou uma jazida situada em Paraopeba (Bonfim).

9.º — CARLOS WIGG, do Rio de Janeiro, comprou três depósitos situados na Serra da Moeda (Ouro Preto), capazes de produzir 10 milhões de toneladas.

10.º — TRAJANO DE MEDEIROS, um engenheiro brasileiro, comprou também três depósitos situados na Serra da Moeda, (Ouro Preto), capazes de produzir 12 milhões de toneladas.

11.º — Um sindicato alemão, comprou a jazida Córrego do Meio, situada em Sabará.

12.º — COMPANHIA METALÚRGICA BRASILEIRA, com escritório no Rio de Janeiro, ligada à Companhia Morro da Mina, interessada em jazidas de manganês, comprou oito depósitos, todos no Estado de Minas, e que representam uma reserva total de 100 milhões de toneladas.

13.º — COMPANHIA DE MINERAÇÃO E METALURGIA DO BRASIL, organizada em setembro de 1917, no Rio de Janeiro, ficou com as minas pertencentes a Antônio da Costa Lage, que é um dos incorporadores e maiores acionistas. . .

14.º — CANADIAN METALLURGIC COMPANY, que consta estar organizando projeto de uma usina elétrica para fundição de ferro na Ilha do Governador, na Baía do Rio de Janeiro, capaz de produzir 500 toneladas de aço por dia, comprou uma jazida de manganês em São João del Rei e também alguns depósitos de minérios de ferro.

15.º — COMPANHIA SIDERÚRGICA MINEIRA, com escritório central em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, fundada em 1917, para o fim de explorar a indústria do ferro, adquiriu importantes jazidas de minério que se está trabalhando. (Hoje esta empresa é a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira).

16.º — A firma Queiroz Junior & Co., possuidora da *Usina Esperança*, é concessionária da Usina Wigg, possui depósitos extensos de minério de ferro, situados em Itabira de Mato Dentro, matéria de excelente qualidade.

Não é muito diversa a situação das propriedades de minérios de ferro, hoje, no Brasil.

Vejamos: A publicação BRASIL, 1936, — do Ministério das Relações Exteriores, ás páginas 53 e seguintes assim descreve as montanhas de ferro de Minas Gerais e seus proprietários:

“Em diversos Estados do Brasil é o ferro encontrado em abundância e em condições de fácil exploração. Uma série de circunstâncias de ordem econômica tem impedido o desenvolvimento que era de esperar de tão importante indústria extrativa.

Presentemente, é no Estado de Minas onde estão concentrados os trabalhos das usinas siderúrgicas do Brasil. Suas jazidas são as mais importantes do mundo COM RESERVAS AINDA INCALCULÁVEIS, distribuídas por cinco cordilheiras.

SO' UMA DESTAS CORDILHEIRAS ENCERRA MAIS FERRO DO QUE TODAS AS DA EUROPA REUNIDAS, atendendo não sómente á sua extensão e possança como á RIQUEZA DO minério.

A primeira cordilheira, a léste, principia perto de Sacramento do Município de Santa Bárbara, freguezia do Prata, passa em São Domingos, atravessa o Piracicaba e atinge o ribeirão de Cocais Grande.

Comprimento: 72 quilômetros. A segunda cordilheira aponta perto de Piracicaba, acompanha a margem esquerda do rio e forma o pico do “Morro Agudo”.

Tem a extensão de 60 quilômetros. A terceira cordilheira aparece no Capão, ao sul de Ouro Preto, segue em direção ao *Caraça* desaparecendo adiante da lavra do capitão-mór Inocêncio. Extensão: 70 quilômetros.

A quarta segue na ponta meridional da serra da *Mãe dos Homens*, próximo da povoação de Capanema, segue para Gongo, Cocais e Itabira onde forma o pico elevado da cidade. A quinta e última, a oeste, têm a sua origem no sul do pico de Itabira do Campo, o qual é inteiramente formado de ferro oxidado, atravessa o rio das Velhas em Sabará e prolonga-se até perto de Caeté.

Extensão: 108 quilômetros”.

Pela discriminação que *Brasil 1936* dá da locação das jazidas, seu volume, proprietário, vê-se como, já em 1918, *The Mineral Industry* estava bem informada de quem *possúe* as jazidas do Brasil.

Continuemos a citar a referida publicação oficial.

Principais jazidas de Ferro, no Estado de Minas Gerais.

JAZIDAS DE BONFIM— situadas no município de Bonfim. Foram adquiridas pela “Bracuhy Falls Company”, constituída no país.

JAZIDA DA FAZENDA DA VARGEM, MARINHO e ROCINHA — Situadas no município de Bonfim, na Serra da Moeda. Capacidade: 10.000.000 toneladas.

Adquiridas pelo snr. Carlos Wigg, industrial no Rio de Janeiro.

JAZIDAS DE S. JOÃO BATISTA — Situadas no município de Bom Sucesso. São de magnetita e parecem conter grande quantidade de minério relativamente puro.

Adquiridas em 1924, PELO INDUSTRIAL ALEMÃO Dr. Herman Haese.

JAZIDAS DA CONCEIÇÃO E ESMERIL — Situadas no município de Itabira.

Cubam 90.000.000 de metros. Capacidade: 396.000.000 toneladas. Propriedade da “ITABIRA IRON ORE COMPANY”, companhia inglesa, com sede em Londres.

INCORPORADA PELOS SNRS. ROTSCCHILD, BARRING BROTHERS e E. SASSEL, a qual tem o *domínio e contrôle* da Estrada de Ferro Vitória a Minas.

Foram adquiridas por 2.400:000\$000.

JAZIDAS DA CANDONGA — Situadas no município de Guanhões.

Capacidade: 10.000.000 toneladas. Adquiridas pela "Société Franco-Brésilienne" e "BERNARD GONDENHAUX & CIA".

JAZIDAS DE CAUÊ e SANTANA — Situadas no município de Itabira. A de Cauê, cuba 33.000.000 metros. Capacidade: 132.000.000 toneladas. Uma das jazidas, a de Santana, cuba 150.000.000 toneladas. Adquiridas por 300.000.000 pela "Brazilian Iron STEEL COMPANY, sociedade *norte-americana* que se fundiu com a "ITABIRA IRON ORE COMPANY".

JAZIDAS DE ALEGRIA E CORTA — Situadas no município de Mariana. Produzirão 10.000.000 de toneladas. Adquiridas pela Brazilian Steel Company, que tem a concessão de uma estrada de ferro ligando as jazidas de S. José da Lagôa, no município de Itabira.

JAZIDAS DE ÁGUAS CLARAS — Situadas no município de Nova Lima. Contém 20.000.000 de toneladas de minério rolado, com o teor de 50%, existindo também muitos minérios de 65% de ferro e pequena proporção de fósforos.

Pertence á companhia inglesa de Morro Velho. The St. John del Rey Mining Co. Ltd.

JAZIDAS DE PARACATU' — Situadas no município do mesmo nome, propriedade da "Minas Gerais Iron Syndicate".

JAZIDAS DA JANGADAS — Situadas no município de Nova Lima. Capacidade: 15.000.000 de toneladas. Pertencem á "Société Civile des Mines de Fer de Jangades". Prospectada pelo professor Hetayer. Está situada no distrito de Piedade de Paraopeba.

JAZIDAS DO CÓRREGO DE FEIÇÃO — Situadas no município de Nova Lima. Adquiridas pela "Deutsch Luxemburgish Berwerks Atkiengesellschaft", companhia alemã, tendo sido prospectada pelo engenheiro Westermann.

Situadas no distrito de Piedade de Paraopeba.

JAZIDA DA SERRA DO MASCATE E MENDONÇA — Situadas no município de Ouro Preto. Estas jazidas cubam 8.000.000 metros. Adquiridas pela "Braculhy Falls Company", constituída no país. Prospectadas pelo engenheiro Joaquim de Almeida.

JAZIDAS DE ANTÔNIO PEREIRA — Situadas no município de Ouro Preto. Capacidade: 31.000.000 toneladas. Propriedade da firma "A. Thum & Cia."

JAZIDAS DE TRIPUÍ — Situadas no município de Queluz. Cubam 500.000 metros. Capacidade: 2.000.000 toneladas. Adquiridas pelo sr. A. Thum.

Situadas no distrito de Congonhas do Campo. Iniciados os estudos preliminares não só para a exploração do ferro como para a construção de uma linha aférrica que ligam a jazida á Central do Brasil.

JAZIDAS DA SERRA DOS PINTOS, MATAS, PAULISTA E BATATEIROS — Situadas no município de Queluz. Depósitos localizados no distrito de Congonhas do Campo. Capacidade: 670.000.000 toneladas. Propriedade de "A. Thum & Cia."

JAZIDAS DE MONLEVADE — Situadas no município do rio Piracicaba. Adquiridas em 1921 pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

JAZIDAS DE MORRO AGUDO — Situadas no município do rio Piracicaba. Propriedade da "The Brazilian Iron and Steel Company".

JAZIDAS DO CÔRREGO DO MEIO — Situadas no município de Sabará. Adquiridas por um sindicato alemão".

Por êsses dados, extraídos de *publicação oficial*, vemos o quanto estamos com o nosso futuro comprometido. Todas as jazidas conhecidas de minérios de ferro no Brasil, estão assim em mãos de estrangeiros. Si dos minérios de ferro passarmos ao ouro, aos diamantes, ao níquel, torna-se ainda mais patente como o Bra-

sil NÃO E' E NÃO PERTENCE AOS BRASILEIROS...

E' interessante observarmos como Minas Gerais, o estado que é mais brasileiro nas tradições tem, entretanto, todo o seu sólo repartido discrecionariamente por outros povos que, a julgarmos pelos nomes dos proprietários das suas jazidas de minérios de ferro, dividiram-no entre *ingleses, alemães, norte-americanos e franceses...*

Enquanto disputam as nações a posse e o domínio dos materiais básicos do imperialismo moderno, enquanto os Estados Unidos mesmo possuindo jazidas importantes de minérios de ferro em seu território, aumentam o domínio comercial extensivo ás companhias de manganês, — domínio êsse que cresceu sensivelmente depois da grande guerra e vem se dilatando até atingir a Rússia, a África do Sul e o Brasil, — nós ainda continuamos cegos diante dos imperialismos que nos envolvem e ameaçam.

Si a posse de quasi todas, sinão todas jazidas de minérios de ferro do nosso país estavam antes de 1914 em mãos de entidades estrangeiras e de poucos brasileiros que as representavam como "testas de ferro", ainda permaneciam em mãos de nacionais as quedas d'água, que hoje já não mais nos pertencem...

Diante do significado que expressa a lista da posse das jazidas minerais do Brasil, — no que se refere ao ferro, — pois a mesma coisa ocorreria si fôssemos organizar a lista dos proprietários dos terrenos auríferos e diamantinos, não é exagerada a afirmação sintética e positiva de Josias Spurr:

"A TERRA PERTENCE ÀS DUAS GRANDES NAÇÕES ANGLO-SAXÔNIAS: — AMÉRICA DO NORTE E INGLATERRA".

Pelo menos o Brasil não pertence ainda aos brasileiros e, é disto o que precisamos não olvidar, para não sacrificarmos mais o futuro da Pátria.

Nem outra razão sinão o termos todas as nossas fontes de riqueza, todas as nossas fontes de renda, de energia e força motriz em mãos de alienígenas, é o motivo porque a situação do país, de 1889 para cá, se agravou numa caída vertiginosa. A proporção que nos esforçamos para nos emancipar sofremos a pressão do poderío oculto que nos explora e por isso a nossa moeda, só no curto espaço de um quadriênio, desvalorizou-se de 60%, para atingir em 1931, as beiras do abismo.

Dominando o capitalismo estrangeiro a nossa principal produção agrícola, a nossa pecuária, os nossos meios de transportes, a “nossa” hulha branca, — *substituto dos combustíveis minerais*: — petróleo e carvão que não temos ainda ou não os extraímos para alicerçar o nosso poderío econômico e desenvolvimento industrial: — dominando o alienígena os meios de comunicações rápidas do país, as “nossas” jazidas de minérios, o nosso sistema bancário, — nenhuma fonte de renda, nenhuma indústria lhe escapará e nenhuma outra atividade profícua que crearmos subsistirá como “nossa” enquanto não lhe aprover matá-la, seja pela concorrência esmagadora ou conquistando-a pela compressão do ouro.

Nada, portanto, resistirá, ou antes, restar-nos-ão “por enquanto”, os palácios e os automóveis de grande luxo, e depois as migalhas, ninguém sabe até quando...

Não temos tido, nunca o tivemos e não — teremos o capital estrangeiro a tonificar-nos; — tivemos, o temos e tê-lo-emos a saturar-nos, subjugando-nos e desnacionalizando-nos, como é patente no que concerne a desnacionalização de nossas atividades, como prova a aquisição de nossas jazidas de manganês, em satisfação às garras do imperialismo moderno.

Nem tudo, porém, estará perdido si orientarmos a nossa política noutros rumos: numa política de eficiência, política de produção, política de utilização dos recursos naturais de nossa terra, eficientemente, politi-

ca objetiva, racional e científica, em anteposição á política empírica e balôfa que temos seguido em todo o nosso passado.

Foi essa política de trabalho e de eficiência no aproveitamento das forças motrizes naturais do país que fez os Estados Unidos da América, de nação paupérrima que era outróra e temente de entrar em lutas e complicações internacionais, — a potência mais rica do universo e, de temente que era, tornou-se temida hoje, pelo arrôjo e ambição de seus filhos.

O combate gigantesco pela posse das regiões petrolíferas do mundo, pela posse das jazidas minerais, das quedas d'água, dos depósitos e regiões carboníferas é justificável, porque: — OLEO, CARVÃO, ENERGIA ELÉTRICA E FERRO, — elementos que significam prestígio, prosperidade, poderío, indústria ativa, — *são, foram e serão* as causas que determinam as guerras, — como fôra o triângulo: *óleo, carvão e ferro*, — a trindade principal causadora da conflagração européia de 1914, porque, simbolizando êsses três elementos o conforto, a riqueza e o prestígio nacional, — quando explorados e utilizados eficientemente, — dão a um país meios de expansão no mundo! . . .

No que concerne a nossa "hulha branca", ás nossas quedas d'água, como aos interesses de nossa metalurgia, qualquer que seja a atitude que decidirmos a tomar, é oportuno ainda não nos esquecermos das sábias palavras de Alberto Torres, referindo-se á desvalia atual de nossas riquezas naturais para o presente: "pertence ao número das mais perigosas ilusões da nossa imaginação, a da riqueza de nosso país. O Brasil, possui, talvez, ainda muitas riquezas mas, estas ou não são de fácil exploração ou a sua exploração não corresponde atualmente aos interesses políticos da nacionalidade, tendendo algumas, como a da metalurgia, a perpetuar a aplicação de atividades e capitais, muito provavelmente estrangeiros, em indústrias impróprias á

consolidação da economia nacional, ou não corresponderá também, em breve, tão intensamente como até hoje, pelo menos, — o que sucederá provavelmente, dentro em pouco, á própria metalurgia, — aos interesses e necessidades de nossa éra.

E será que iremos continuar a viver “mussulmanicamente” enquanto outros povos acaparam as nossas jazidas, fontes de energia motriz e nossas atividades mais rendosas?

A IMPORTÂNCIA DOS COMBUSTÍVEIS E DAS
FONTES DE ENERGIA HIDRO-ELÉTRICA
PARA O BRASIL E PARA A ECONOMIA
UNIVERSAL

“Sem um carburante nacional, não
pode existir independência nacional”.

General Henriques

Cotejando-se as cifras que expressam as importações de combustíveis, no Brasil, é evidente o seu crescer, tanto em pêso como em valor, — o que põe em relêvo, a importância não só do combustível na vida moderna do Brasil e do mundo, mas, também a sangria que sofre a nação, com as remessas, em ouro, que faz constantemente, para pagamento da sua crescente importação de carvão, petróleo e seus sub-produtos.

Mas, não é sómente quanto ao aspecto econômico que o problema dos combustíveis, dos carburantes e dos lubrificantes precisa ser encarado. E' preciso que se aprecie, também, e de importância máxima que se encare o aspecto político e militar da questão. Já vimos que, “o caminho seguido por todas as nações para se enriquecer, para adquirir poderío econômico e militar”, foi construir máquinas, — escravos mais obedientes, indolores e mais eficientes.

Contudo, não basta que se constrúa as máquinas. E' preciso que se as façam trabalhar e, para isso é necessário também que se obtenha ou se possúa os meios

de acionar as máquinas, — notadamente: o carvão, o petróleo, as quedas d'água, o álcool e o vento.

Tal é a importância que os combustíveis, os carburantes, os lubrificantes e a electricidade assumem na vida moderna que, todos os povos anseiam pela posse da maior quantidade desses agentes do poder.

E, nem podia ser de outra forma. Por isso, ao mesmo tempo que Lord Curzon afirma que "*um país sem carvão é sempre vassalo e nunca será soberano*", illustre general do exército português, — batendo na mesma tecla, conclamando os seus compatriotas para o incremento e utilização dos combustíveis coloniais, — afirma que, "sem um carburante nacional, não pode haver independência nacional".

Para nós brasileiros, a frase de Lord Curzon, ou o apêlo do General Henriques, tem um sentido mordaz, porque temos carvão e não o exploramos racionalmente com a técnica e o interesse que as necessidades do país exigem, o que é peor do que si não o tivessemos.

Enquanto apenas iniciamos a produção industrial do álcool e o utilizamos com a gasolina importada; enquanto apenas "decretamos" que o carvão nacional deve ser misturado ao carvão importado; — sem encararmos resolutamente o problema ou os problemas do abastecimento nacional de combustíveis, indo diretamente em suas fontes iniciais de produção, de venda e de consumo, outros povos mais avisados, vão conquistando as nossas jazidas de minérios, de combustíveis, os mananciais de força hidráulica e acaparando os terrenos potencialmente petrolíferos. Ficamos á espera, talvez, que outros façam, o que de ha muito, devíamos ter feito, enquanto vamos exportando para o estrangeiro caudaia de ouro, nababescamente, em troca de mercadorias que possuímos mas não utilizamos.

Quanto ao petróleo, não o pesquisamos ainda com intuito de encontrá-lo. (1)

(1) Escreviamos em 1937.

Quanto ao álcool importamos “motores construídos” para utilização eficiente de outros combustíveis, — especialmente da gasolina, — o que não satisfaz e não se interessa o nacional na verdadeira solução do problema da aplicação do álcool aos motores á explosão.

O carvão nacional vive “protegido”, apenas, em plataformas de govêrno, tanto assim que, as vias-férrreas federais e estaduais não o preferem e, pelo contrário o repelem; os problemas acessórios á sua utilização e mineração, — mesmo os mais rudimentares até ás vias de comunicações, carga, descarga, portos de embarque, etc., ou mesmo vontade de o utilizar em navios, estradas e usinas nacionais ainda não existe por parte dos governos que, a pretextos fúteis, vão abastecer no exterior até os navios da própria esquadra, o que obteriam com mais vantagem direta, sinão indireta para o país, dentro do seu próprio território.

Si aproveitássemos os exemplos que tivemos durante a grande guerra, quando ficamos privados de comezinhos artefatos, de máquinas rudimentares, de armamentos e de combustíveis; — si vissemos que a Inglaterra procura distilar a sua hulha afim de obter petróleo para acionamento de seus navios e veículos autopropulsores; — si recordarmos que a Itália procurou o nosso carvão quando se viu bloqueada pelas “sanções” durante a guerra Italo-Etíope; — si tivéssemos em mente o esforço que faz a Alemanha para utilizar os seus linhitos, os resíduos e sub-produtos de seus carvões de baixo teor calorífico, afim de se libertar dos combustíveis importados, certamente, o problema do petróleo, o problema da produção do álcool-motor, o problema do carvão nacional e, — principalmente o substituto desses combustíveis na maioria dos casos: — a ENERGIA HIDRO-ELÉTRICA, estariam merecendo interesse maior por parte dos nossos governantes.

Para mais avaliarmos a importância dos combustíveis, dos carburantes, dos lubrificantes e da “hulha

branca” na economia universal, convém atentar um instante no que representa para o mundo moderno o problema da força motriz, das fontes de energia térmica e motriz que o Brasil dispõe. .

Tal é a importância do carvão, do petróleo e da energia hidro-elétrica para as nações modernas que, periodicamente, se reúnem congressos internacionais, onde técnicos de nomeada, juristas de real valor, sociólogos e estadistas discutem questões atinentes á quantidade, á exploração, á utilização, ás formas de nacionalização das jazidas de combustíveis, dos minerais essenciais á grande indústria, das quedas d’água e, também surge, cada vez mais palpante, o problema da melhor utilização, exploração e medidas defensivas dos interesses gerais em face de interesses restritos, no que concerne ás fontes de energia que o mundo possui.

Teremos em mente a importância que tem para o Brasil o problema da utilização das “suas” quedas d’água, — o agente motriz mais fácil e mais rendoso que temos e podemos utilizar no momento, — si lembrarmos que o gigante na movimentação do mundo industrial moderno: — a energia hidro-elétrica é perene e, jamais se exgotará, o que não acontece com o petróleo, que os cientistas já predizem o exgotamento das suas reservas mundiais dentro de 60 anos, si bem que, nós brasileiros, nem aos menos iniciamos a sua exploração.

“Quanto ao carvão, os prognósticos são os mais favoráveis possíveis e, avalia-se que seu exgotamento no mundo só se dará dentre de mais um milênio.

Entretanto, certos países, atualmente, grandes produtores de carvão, verão suas reservas exgotadas dentro de um período muito menor.

Essas considerações nos levam a concluir que o progresso industrial do Brasil surge em condições muito mais vantajosa do que o de outras nações cujos agentes motrizes dependem do carvão e do petróleo.

Toda a industrialização do Brasil vai se operando na utilização crescente da energia hidro-elétrica do país.

Com a mobilidade que a eletricidade veio trazer á energia hidráulica e com o aproveitamento cada vez maior dos processos de transmissão de energia elétrica a grandes distâncias, — torna-se cada vez mais preponderante o valor da força hidráulica como fator basilar no desenvolvimento das indústrias no mundo e, maximé, no Brasil.

Analísada, rápidamente a importância do problema da energia para a humanidade e para o Brasil, vejamos qual a situação em que se encontra o nosso país :

“Relativamente ao carvão diz o Dr. Euzébio de Oliveira, diretor do Serviço Geológico e Mineralógico” em seu trabalho: — *Fontes de Energia do Brasil*: — 1928:

“A reserva potencial dos carvões das jazidas do sul do Brasil avaliada pelo Serviço Geológico é de . . . 5.000.000.000 de toneladas. Mais adiante, faz notar que, mesmo considerando-se que êsse carvão pudesse ser utilizado tal como sai das minas, não daria para o consumo dos Estados Unidos em um decênio”.

Acresce ainda, que os nossos carvões exigem beneficiamento para utilização comercial, de maneiras que, si bem que não devemos deixar de intensificar a sua utilização e beneficiamento, — não podemos contar com êle para um desenvolvimento intenso das indústrias do país.

Quanto ao petróleo, só recentemente iniciamos as suas pesquisas com intuitos de descobri-lo e explorá-lo comercialmente.

E', portanto, esta a situação atual do Brasil.

Em 1923 importamos, segundo a Diretoria de Estatística e Publicidade do Ministério da Agricultura:

CARVÃO
1.206.887 toneladas

Valor em mil réis
83.157:756\$000

PETRÓLEO, sob diversas formas, gasolina, querosene e óleos combustíveis:

759.273 toneladas

168.667:000\$000

Enquanto estamos assim na dependência dos combustíveis para o nosso desenvolvimento industrial a produção dos Estados Unidos, só no que concerne ao petróleo, foi, em 1927, de 1.700 bilhões de litros, no valor de 21 bilhões de dólares (cêrca de 400 milhões de contos ao câmbio atual).

Acresce ainda que, o desdobramento do petróleo e seus vários sub-produtos renderam no mesmo tempo aos Estados Unidos, país maior produtor e consumidor de petróleo, o triplo do valor do petróleo bruto extraído.

Também, enquanto nós não perfuramos o nosso sólo em busca de petróleo, — fator máximo do enriquecimento e do progredir vertiginoso norte-americano, a Venezuela, só em 1920 e 1929, produziu 243 milhões de barris de petróleo no valor de quatro milhões de contos, ao passo que o Brasil não exportou com todos os seus produtos essa soma e comprou, no mesmo período, entre óleos lubrificantes, óleo combustível, querosene e gasolina mais de um milhão de contos ao câmbio de então.

Para nos certificarmos como todas as nações prèyidentes estão empenhadas em obter a maior soma possível de combustíveis para movimentar a sua vida intensa, como exige a época em que vivemos, temos o exemplo da Argentina que já está produzindo aproximadamente 10 milhões de barris de petróleo, anualmente, isto é, *mais do que o nosso consumo*.

O Perú quasi iguala hoje a produção oArgentina e a Colômbia já a supera.

Enquanto outros povos já entraram na arena em busca da maior soma de poder, de ação, de trabalho e de poderío, com a extração em seu território de combustíveis necessários na paz e na guerra, nós, relativa-

mente ao carvão nacional e ao petróleo, não sabemos quando nos será possível dependermos deles para o nosso desenvolvimento industrial.



Outras fontes de energia, como o vento, também não podemos contar, atualmente, para um desenvolvimento vultuoso. Será, portanto, na ENERGIA HIDRAULICA, nessa fonte de energia que agora já está toda ela DOMINADA PELOS TRUSTS ESTRANGEIROS, que o Brasil terá que contar para o seu progredir e independência econômica.

Ainda bem que, graças a conformação oro-hidrográfica brasileira, o nosso país é dos mais bem dotados em relação á energia hidráulica.

Avalia-se em 50.000.000 o potencial hidráulico que o Brasil poderá dispôr, si bem que, os resultados conhecidos dêem ao país 15.678.117 cavalos vapor, dos quais, apenas, 834.612 cavalos estavam utilizados até 31 de dezembro de 1934.

Si considerarmos apenas a utilização da energia elétrica no Brasil para movimentação das ferrovias nacionais, chegar-se-á a conclusão de que, poderemos dispensar, sinão totalmente, pelo menos a maior parte do carvão e do petróleo que estas consomem, o que ressalta dos seguintes dados comparativos :

159 litros de óleo ou seja um barril norte-americano equivalem a 80 "kilowatts hora" nos terminais de baixa tensão ou fornecidos ao condutor para supri-la ás locomotivas elétricas.

Também, evidencia-se a preponderância que a electricidade tem sôbre o carvão no acionamento dos trens, nas ferrovias, por mais êsses dados comparativos: tomados de estudos referentes a eletrificação de ferrovias do país;

1 kilowatt-hora é igual a 6,66 libras de carvão de pedra, que é igual a 0,02 m³ de lenha, que equivale a 2 litros de óleo, — todos êsses valores em igualdade de condições; — isto é, os combustíveis no tender da locomotiva e a energia elétrica nos terminais de baixa tensão.

Ora, para se tornar patente a economia que realizar-se-á com a eletricidade como agente motriz máximo impulsionador do progresso nacional, façamos a comparação quanto ao CUSTO dos combustíveis e da ENERGIA ELÉTRICA para a movimentação ferroviária:

1 K. W. hora nos terminais de baixa tensão ou corrente contínua 60 réis.

6,66 libras de carvão no tender da locomotiva custam 396 réis.

0,03 m³ de lenha no tender da locomotiva custam 300 réis.

2 litros de óleo no tender da locomotiva custam 1\$840 réis.

Os preços acima foram calculados de acôrdo com os dados seguintes fornecidos pela São Paulo Railway, em 1928:

Carvão: 22 réis por libra ao câmbio de 16 dinheiros.

60 réis por libra ao câmbio de então, estabilizado, dólar a 8\$500.

Óleo: 340 réis por litro ao câmbio de 16 dinheiros.

600 réis por litro ao câmbio de então estabilizado, dólar a 8\$500.

Lenha: 10\$000 por metro cúbico.

Assim, calculando-se em cerca de 400.000 “kilowatts-hora” a energia equivalente às 1.206.887 toneladas de carvão importadas pelo Brasil, em 1933, chega-se á conclusão de que si instalássemos usinas hidroelétricas que produzissem cerca de 50.000 k. w. hs. estas equivaleriam a energia contida no carvão que então importamos,

Em face da produção mundial de hulha, que foi, em 1923, de 1.330.000.000 toneladas, vê-se que os 50.000.000 de cavalos vapor que o Brasil utilizará em futuro correspondem a uma produção anual de carvão de pedra de mais de quarenta vezes a produção mundial de 1923!...

Compreende-se, diante dos números acima, porque a Itália, devido a uma política previdente de desenvolvimento hidro-elétrico, conseguiu elevar a 3.000.000 de cavalos a potência de suas usinas hidro-elétricas, — poupando-lhe importar ANUALMENTE CÊRCA DE DOZE MILHÕES DE TONELADAS DE CARVÃO, que seriam pagas em OURO.

Ora, nós brasileiros temos 50.000.000 de cavalos vapor, — energia hidro-elétrica em potencial, — enquanto a Itália sómente possui 8.000.000 de cavalos em potencial em seus rios e lagos, dos quais 3.000.000 já utilizados, — enquanto o Brasil sómente utiliza ... 834.612 h. p. do tota lde seu potencial hidro-elétrico.

Comparativamente a Itália, nós si utilizássemos apenas 10.000.000 de cavalos de nosso potencial hidro-elétrico, poderíamos economizar anualmente uma importância correspondente a necessária á importação de 40.000.000 toneladas de carvão ou cêrca de 2.600.000 contos de réis si tomássemos os preços que vigoraram em 1935.

Fica assim patente, — em vista do fato de que a eletricidade tende a substituir o carvão e o petróleo, a importância que as quedas d'água, que a "*hulha branca*" virá desempenhar no futuro industrial e político do Brasil.

Daí a intenção, a inquietude e o interesse de outros povos, notadamente dos povos de maiores indústrias, em monopolizar as fontes de energia elétrica no Brasil.

Os dados referentes a importação nacional de combustíveis mostram-nos que, pelo menos, somos agora, já umas vinte ou mais vezes mais pobres do que nos

julgamos; — porquanto, as nossas importações de carvão e de petróleo e seus sub-produtos, — não perfazem e não refletem as necessidades reais, políticas e económicas do País.

Diante do fato de que a Itália deixa de importar anualmente 12.000.000 de toneladas de carvão, — conseqüente á utilização de 3.000.000 de cavalos vapor produzidos em suas usinas hidro-elétricas, a importação de carvão que fez o Brasil em 1929, no total de 2.067.347 toneladas, corresponde a mais de 600.000 cavalos que poderiam ser supridos pelas usinas hidro-elétricas do País.

Economizariamos 110.904 contos de réis, deixando de importar as 2.067.347 toneladas de carvão de pedra que, em 1928, fomos adquirir no exterior, apenas utilizando aproximadamente os recursos perenes de que dispõe o Brasil em energia hidráulica numa proporção insignificante, — possivelmente, menos de 10% do total do País.

E não nos esqueçamos, — que não obstante as opiniões em contrário, a Itália tornou-se uma potência industrial de relêvo no Continente Europeu — com uma indústria toda ela tendo como base a energia hidro-elétrica.

Assim, apesar de não possuir condições propícias para o desenvolvimento industrial textil, a Itália, país de população igual á do Brasil, possuía uma indústria de tecidos de algodão, em 1935, com 6.000.000 de fuzos.

A importância da indústria textil italiana, pode ser avaliada ao considerar-se que 50% de todos os operários industriais da Itália se ocupam dessa indústria; que é ela a indústria mais importante da exportação italiana, ou melhor a sua mais poderosa indústria de artigos fabricados.

Evidenciam o progresso textil italiano, conseqüente a utilização da energia hidro-elétrica do país, os seguintes algarismos:

Em 1871 já existiam na Itália 746.000 fuzos e 27.000 teares.

Em 1880 a indústria textil da Península cobria a maior parte do consumo interno e, progredindo sempre atingira os 6.000.000 de fuzos já citados.

Mediremos o valor da indústria textil italiana comparando-a aos 2.531.822 fuzos que possuímos, em 1935 em todas as fábricas de tecidos do Brasil, que consomem apenas 500.000 fardos de algodão, ou seja apenas um terço da nossa atual produção.

Esses fatos mostram que, incrementar, proteger, defender e utilizar a “hulha branca” do Brasil é obra de são patriotismo!...

Diante da importância que tem para o Brasil o problema da utilização da energia hidráulica de seus rios, transformando-a em energia hidro-elétrica, é lamentável que a utilização da energia elétrica no Brasil não tenha merecido maior atenção do Governo ou dos Governos.

E' verdade que, em 1934, surgiu o “Código das Águas”, dito que com o intuito de resguardar a utilização da energia hidráulica do Brasil contra os maus aproveitadores, contra os maus aproveitamentos e contra os açambarcadores? Mas, a realidade parece ter sido muito outra ou tornou-se muito diferente...

O “Código de Águas”, em vez de estimular e intensificar a utilização da energia hidráulica do País PELOS BRASILEIROS, o que veio fazer foi tornar ainda e cada vez mais fácil a escravidão e exploração do Brasil pelos grandes “conjuntos” que dominam quasi toda a energia elétrica produzida no país, tal qual o “Código de Minas” que, si bem surgido com o intuito de defender o sub-sólo nacional, veio impedir que os nacionais o pudessem explorar, deixando o campo livre aos negociastas e interessados de toda a sorte.

O DOMÍNIO NORTE-AMERICANO DAS FONTES DE ENERGIA ELÉTRICA NO BRASIL E O NÓVEL IMPÉRIO ELÉTRICO DE "TIO SAM" NA AMÉRICA LATINA

"A História da expansão norte americana no seu "Império Elétrico na América Latina" é a última, e em muitos modos, a mais dramática das conquistas norte-americanas no campo econômico".

Paul Blansard

As combinações internacionais de ha muito porfiam entre si a partilha dos tesouros, jazidas, combustiveis, matérias primas e, mesmo, territórios produtores do Universo.

E' bastante conhecida e descrita por autores notáveis a ação dos grandes "trusts" internacionais para o domínio da produção e distribuição da carne, do trigo, do petróleo, do algodão, do fósforo, das lâmpadas elétricas, do ferro, do cimento, da potassa, do cobre, da borracha, da sêda e de muitos outros produtos naturais ou maquinofaturados indispensáveis ou necessários ás populações densas e ás nações sedentas de expansão, na paz ou na guerra.

A luta pelo petróleo, o embate entre o imperialismo inglês e norte-americano para o domínio da produção e do comércio da borracha, a guerra secreta que todas as grandes nações industriais empreendem para a posse e suprimimento do algodão, já teve brilhantes historiado-

res mas, a atuação dos grupos internacionais para a conquista e domínio da "hulha branca" no Brasil e no mundo, ainda é assunto que aguarda o seu historiador.

Sucintamente, vamos esboçar essa luta pelo domínio da energia elétrica pelos grupos internacionais, no Brasil e nas Américas.

A relação que segue, cujos dados extraídos do Boletim n.º 1, "Utilização de Energia Elétrica no Brasil" — publicação do Serviço de Aguas, do Ministério da Agricultura, vem mostrar como é intensa a luta pelo domínio das fontes de energia elétrica no Brasil e, como nos vamos escravizando aos povos estrangeiros, que, são de fato, quem domina e administra atualmente, o Brasil, sob o prisma econômico e financeiro, ainda que isso só apareça veladamente.

Em 31 de dezembro de 1934, segundo o referido Boletim, eram a seguir, as cidades, vilas e povoados do Brasil cujos serviços de energia elétrica já estão sob o domínio estrangeiro, destacando-se, entretanto, dentre as entidades alienígenas que monopolizam o suprimento da energia elétrica em nosso país a "The Electric Bond and Share Co.", de Nova York, e a "The Canadian Brazilian Traction Co.", de Toronto, ambas filiadas á American and Foreign Power Co., que administra a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co. Ltd. e a The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd. e as "Empresas Elétricas Brasileiras", rótulo pomposo que esconde o nome do grande "trust" norte-americano.

CIDADES DO BRASIL, CUJOS SERVIÇOS DE SUPRIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA ESTÃO EM MÃOS DE EMPRESAS ESTRANGEIRAS:

- 1) AMAZONAS: — MANÁUS, — The Manaus Tramways and Light Company, sociedade inglesa.

Com exceção da capital amazonense, todas as outras cidades do Amazonas teem o fornecimento de energia elétrica feito pelas Municipalidades ou pela Madeira-Mamoré.

Do total de 3.522 H. P., potência dos motores primários instalados no Estado do Amazonas, 95% dessa potência acha-se em mãos de estrangeiros ou instalada sómente na cidade de Manáus.

- 2) PARA': — BELÉM, — "The Pará Electric Railways and Lighting Company Ltd., sociedade inglesa.
- 3) Vila de Pinheiros — idem.

O Govêrno Municipal predomina no fornecimento de energia ás pequenas cidades do interior Estado.

Do total de 15.995 H. P. instalados no Estado do Pará só a "The Pará Electric Co." possui uma usina com o total de 10.500 H. P.

No que se refere a Manáus e a Belém do Pará, cumpre notar que nos Estados do Amazonas e do Pará as *únicas* cidades que teem população concentrada é possuem *perspectivas* de expansão estão com os seus serviços de abastecimento de energia elétrica em mãos de entidades estrangeiras.

- 4) MARANHÃO: — SÃO LUIZ, — "Ulem Management Company". Entidade norte-americana. Possivelmente, 95% do total de cavalos vapor do Estado concentra-se na Capital que é servida por essa companhia estrangeira. Tal é o máu serviço que essa emprêsa vem prestando a êsse Estado que o govêrno Maranhense cogita de encampá-la.
- 5) CEARA': — FORTALEZA, — "The Ceará Tramway, Light and Power Company Ltd., companhia inglesa.
- 6) RIO GRANDE DO NORTE: — NATAL, — Companhia Fôrça e Luz Nordêste do Brasil", em-

prêsa rotulada de nacional, porém administrada e tutelada pelas “Emprêsas Elétricas Brasileiras”, filiada ao “trust” norte-americano de força elétrica.

- 7) PERNAMBUCO: — RECIFE, — “The Pernambuco Tramways and Power Company Ltd.”. Inicialmente era uma emprêsa inglesa, porém, fôra adquirida em 1929 pelo “grupo” norte-americano, passando a ser orientada e administrada pelas “Emprêsas Elétricas Brasileiras”.

De um total de 29.287 H. P. instalados em todo o Estado de Pernambuco, sómente a usina da “Pernambuco Tramways”, em Recife, possuía ... 18.700 H. P. ou mais de 60% da potência mecânica instalada em todo êsse Estado.

- 8) ALAGÔAS: — MACEIO, — “Companhia Fôrça e Luz Nordêste do Brasil” administrada e tutelada pelas Emprêsas Elétricas Brasileiras.
- 9) BAÍA: — CIDADE DO SALVADOR, — “Companhia de Energia Elétrica da Baía”, sob a tutela e administração das Emprêsas Elétricas Brasileiras, “trust” norte-americano.
- 10) Conceição da Feira, idem.
- 11) Feira, idem.
- 12) CACHOEIRA, idem.
- 13) Santo Amaro, idem.
- 14) SÃO FELIX, idem.
- 15) São Gonçalo, idem.

De um total de 31.118 H. P. instalados no Estado da Baía, sómente a grande usina de Bananeiras, do “trust” norte-americano, que a adquirira antes de ser concluída da emprêsa nacional, fundada e administrada por brasileiros, possui 15.600 H. P. ou mais da metade da potência instalada no Estado da Baía.

Adicionando-se a êsse total o número de 7.707 H. P. que as três principais fábricas baianas de

fiação e tecidos tem instalados terrenos que mais de 85% da energia elétrica produzida na Baía está em mãos do grupo norte-americano que monopoliza os serviços de suprimento de energia elétrica no Brasil.

- 16) ESPÍRITO SANTO: — VITÓRIA, — “Companhia Central Brasileira de Fôrça Elétrica”, sob a administração e tutela do grupo norte-americano.
- 17) Matilde, idem.
- 18) CACHOEIRA DO ITAPEMIRIM, idem.
- 19) Condurú, idem.
- 20) Guiomar, idem.
- 21) São Felipe, idem.
- 22) Vargem Alta, idem.
- 23) Virgínia, idem.
- 24) Barra do Itabapoama, idem.
- 25) Marataies, idem.
- 26) Palmeiras, idem.
- 27) Cariacica, idem.
- 28) Itaguari, idem.
- 29) Castelo, idem.
- 30) Santo André, idem.
- 31) Campinho, idem.
- 32) Araguáia, idem.
- 33) ITAPEMIRIM, idem.
- 34) Viana, idem.
- 35) Argolas, idem.
- 36) Jucú, idem.
- 37) Vila Velha, idem.

Diante do exposto podemos afirmar que mais de 90% da energia elétrica gerada no Estado do Espírito Santo está sob o domínio do “grupo” norte-americano que tem a seu talante o poder de fazer progredir ou estacionar o desenvolvimento industrial capichaba.

Adicione-se a êste fato que o contrato celebrado entre o govêrno do Estado de Espírito Santo e a em-

prêsa norte-americana que explora os serviços de suprimento de energia elétrica em Vitória e imediações foi taxado na Câmara Federal de um dos mais *imorais* que já se realizou no Brasil e, veremos como é pouco promissor o futuro industrial do Estado do Espírito Santo.

RIO DE JANEIRO :

- 38) Barra Mansa, "The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd.", grupo inglês, séde, Toronto, Canadá.
- 39) Floriano, *idem*.
- 40) Quatis, *idem*.
- 41) BARRA DO PIRAI, *idem*
- 42) Mendes, *idem*.
- 43) Nova Iguassú, *idem*.
- 44) Itaguaí, *idem*.
- 45) Pais Leme, *idem*.
- 46) Paraíba do Sul, *idem*.
- 47) Pitaí, *idem*.
- 48) S. João Marcos, *idem*.
- 49) VALENÇA, *idem*.
- 50) VASSOURAS, *idem*.
- 51) Sertão, *idem*.
- 52) Paracambi, *idem*.
- 53) S. Sebastião do Ferreiro, *idem*.
- 54) Bonfim, *idem*.
- 55) Morro Azul, *idem*.
- 56) Governador Portela, *idem*.

Como vemos, o Estado do Rio de Janeiro não fica atrás ao Espírito Santo na escravidão de seus serviços de suprimento de fôrça elétrica e, também o grupo norte-americano abastece mais as seguintes localidades fluminenses :

"Companhia Brasileira de Energia Elétrica, grupo norte-americano, emprêsa rotulada de nacional e fiscalizada pelas Emprêsas Elétricas Brasileiras :

- 57) Magé
- 58) Corrêas
- 59) NITERÓI
- 60) Cascatinha
- 61) Itaipava
- 62) Areal
- 63) São Gonçalo.

DISTRITO FEDERAL:

- 64) São Sebastião do Rio de Janeiro. E' abastecida pela "The Rio de Janeiro Tramways, Light and Power Co. Ltd., sob a tutela e administração da "Canadian and Brazilian Tractions Co., grupo inglês, com séde em Toronto.

Tem o monopólio de suprimento de energia elétrica em todo o território do Districto Federal, incluindo as povoações do Distrito, subúrbios e ilhas.

Convém lembrarmos que, do total de 1.010.546 H. P., hidráulicos e térmicos, instalados em todo o Brasil, em 31-12-1934, sómente o Distrito Federal absorve 205.995 h. p., ou seja, aproximadamente, 20% (vinte) da energia total do País numa única cidade!...

Juntamente á cidade de São Paulo o Distrito Federal, com as emprêsas estrangeiras que as abastecem, de energia elétrica, formam o total de . . . 436.993 h. p. ou seja, quasi 43% do total da fôrça mecânica produzida no Brasil e armazenada em suas duas principais cidades!...

- 65) PARANA: — CURITIBA — E' abastecida pela "Companhia Fôrça e Luz do Paraná", sob o domínio e tutela das "Emprêsas Elétricas Brasileiras, grupo norte-americano".
- 66) Paranaguá — Emprêsa Melhoramentos Urbanos de Paranaguá, sob o domínio também das "Emprêsas Elétricas Brasileiras".

De um total de 22.112 h. p. instalados no Estado do Paraná, sómente a usina da Chaminé, do "trust" norte-americano que abastece Curitiba, produzia 11.110 h. p., o que demonstra que mais de 50% da energia elétrica produzida no Paraná está em poder dos monopolizadores norte-americanos. Em outras palavras, o progredir do promissor Estado sulino já depende das *bôas graças* de outros povos...

SÃO PAULO: — Em tudo no Brasil S. Paulo é grande. O seu progredir estonteante, a ousadia industrial dos seus habitantes, o espírito de empreendimento dos paulistas, desapontando os espíritos pessimistas, fizera com que em menos de 50 anos, o Estado bandeirante, se tornasse o maior centro industrial da América do Sul. Isto, certamente, não convém aos países industriais que pretendem continuar a exercer sôbre nós o domínio econômico e financeiro, ainda que disfarçado e, daí a "ofensiva" que fizeram os grandes monopólios internacionais, a partir de 1929, adquirindo os principais serviços e fontes de suprimento de energia elétrica no grande Estado e, mesmo em todo o Brasil.

Com isto, visam, sem dúvida, os agentes do imperialismo que nos aniquila, fazer de São Paulo, que tem a hegemonia industrial brasileira, uma entidade tutelada, tolhida e explorada.

Com a "ofensiva" que os norte-americanos e ingleses fizeram, adquirindo, de 1928 a 1929, quasi todas as emprêsas de eletricidade do Estado de São Paulo, deixaram de ser brasileiras as seguintes entidades concessionárias de serviços de suprimento de força elétrica nas localidades a seguir:

Sob o domínio norte-americano, com o rótulo nacionalizado de **EMPRESAS ELÉTRICAS BRASILEIRAS**, encontram-se, em São Paulo, no que se refe-

re ao abastecimento de fôrça e luz, as seguintes localidades e emprêsas:

- Empreza Elétrica do Amparo:** Amparo, Monte Alegre, Coqueiros, Entre Montes, Serra Negra, Alferes Rodrigues, Brumado, Tres Pontes.
- Empreza de Electricidade de Araraquara:** Araraquara, Gavião Peixoto, Itaquerê, Ribeirão Bonito, Motúca, Guarapiranga, Rincão, Ferraz Sales, Santa Lúcia, Nova Paulicéa.
- Companhia de Electricidade de Taquaritinga:** Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Guaríoba, Jurema, Santa Ernestina, Jacúna, Santa Adélia, Icoarama, Pindorama.
- Companhia Paulista de Fôrça e Luz:** Avai, Guaricanga, Avanhandava, Baurú, Nogueira, Birigui, Bocalúva, Presidente Tibiriçá, Guatandú, Botucatu, Agudos, Araçatuba, Espírito Santo do Rio Pardo, Garças, Prata, Vitória, Coroados, Dois Corregos, São Manoel, Areópolis, Igaratú, Cafelandia, Itatinga, Mineiros, Aparecida d'água Rosa, Glicério.
- Companhia Douradense de Electricidade:** Bariri, Itajú, Ibitinga, Itápolis, Tabatinga, Nova Europa.
- Empreza Orion de Barretos:** Barretos, Laranjeiras, Itambé, Cajobi, Colina, Jaborandi, Olimpia, Marcondésia, Guaraci, Monte Verde.
- Companhia Melhoramentos de Batatais:** Batatais.
- Empreza Elétrica de Bebedouro:** Bebedouro, Botafogo, Turvínea, Andes, Granada, Monte Azul.
- Empreza Fôrça e Luz do Jaú:** Bica de Pedras, Boa Esperança, Barra Bonita, Bocaina, Jaú, Ribeiro, Matão, Dobrada, S. Lourenço do Turvo, Silvânia.
- Companhia Fôrça e Luz de Brotas:** Brotas, Santa Maria, Dourado, Santa Clara, Iacanga, Torrinha.
- Companhia Campineira de Tração, Luz e Fôrça:** Arraial de Souza, Cosmópolis, Rebouças, Valinhos, Cabras, Carlos Gomes, Joaquim Egídio, Tanquinho, José Paulino, Itatiba, Morungaba, Monte Mór, Elias Fausto.
- Empreza Fôrça e Luz de Capivari:** Capivari, Raffard.
- Empreza de Electricidade de Rio Preto:** Cedraí, Mirasol, Bálsamo, Potirendaba, Monte Aprazível, Nova Granada, Rio Preto, Engenheiro Schmidt, Ribeirão Claro, Tanabi, Barra Dourada, Ibirá, Ventura.
- Empreza Fôrça e Luz de Ribeirão Preto:** Cravinhos, Brodowski, Serrinha, Arantes, Guaira, Guará, Igarapa-

- va, Buritis, São Joaquim, Sertãozinho, Aramina, Canindé, Jaci, Inácio Uchôa, Ituverava, Jadinópolis, Pontal, Sarandí, Orlândia, Monte Agudo, Nuporanga, Pedregulho, Rifaina, Igaçaba, Sales Oliveira, Santana, Santa Ana dos Olhos d'água, Pradópolis, S. C. das Posses.
- Companhia Mogiana de Fôrça e Luz:** Espírito Santo do Pinhal, Santo Antonio de Jardim, Ribeirão Preto, Bonfim, Guatapar, S. Cruz do Jaques. Mota Pais, Itapira, Andrade, Eleutério, Ponte Nova.
- Companhia Francana de Eletricidade:** Franca, Cristais, Restinga, Ribeirão Corrente, São José da Bela Vista, Cvas, Altinópolis, Patrocínio do Sapucaí, Ibirapuan.
- Companhia Fôrça e Luz de Jaboticabal:** Jaboticabal Corrego Rico, Irup, Pirang, Talaça, Paluva, Novais, Luzitânia, Guariba, Monte Alto, Aparecida de Monte Alto, Fernando Prestes, Vista Alegre, Ibitirama, Pitangueiras, Ibitiúva, Taquaral, Viradouro, Terra Roxa.
- Companhia Paulista de Fôrça e Luz:** Guaicara, Marília, Vra Cruz, Mineiros, Penápolis, Pereiras, Piraj, Guarantan, Cincinato Braga, Presidente Alves, Promissão, Piratininga, São José da Bocaina.
- Companhia Fôrça e Luz de Caroba:** Santa Bárbara, Vila Americana, Caroba, Nova Odessa.
- S. A. Central Elétrica de Icem:** Icem, Luis Barreto.

Sob o domínio inglês, com o rótulo nacionalizado estão as seguintes emprêsas e as localidades que abastecem:

- Companhia Fôrça e Luz de Guaratinguetá:** Aparecida.
- Companhia Fôrça e Luz Norte de S. Paulo:** Caçapava.
- Companhia Hidro Elétrica Serra da Bocina:** Cachoeira, Cruzeiro.
- The S. Paulo Tramway Light & Power Co. Ltd.:** Caraguatuba, Santa Branca, Cot, Parnaíba, Guarulhos, Pirapra, Itapecerica, Santo Amaro, Mog da Cruzes, S. Bernardo.
- Companhia Fôrça e Luz Jacareí-Guararema:** Guararema, Jacareí, Bom Joss.
- Companhia Fôrça e Luz de Guaratinguetá:** Guaratinguetá.
- Empreza Fôrça e Luz de Jundiá:** Jundituba.

- Companhia Fôrça e Luz Norte de S. Paulo:** Jambelro, Salesópolis, Pindamonhangaba.
- Empresa de Electricidade S. Paulo-Rio:** Lorena, Taubaté, Tremembé, Quilririm.
- “The Southern Brazil Electric Company”:** Piracicaba, Xarqueada, Rio das Pedras, Saltinho, Recreio, São Pedro.
- Empresa de Melhoramentos de Porto Feliz:** Porto Feliz.
- Companhia Ituana de Fôrça e Luz:** Salto, Itú.
- The São Paulo Electric Co.:** São Roque, Mairinque, Rodvalho, São Sebastião, Sorocaba, Campo Largo de Sorocaba, Una.
- The S. Paulo T. Light & Power Co. Ltd.:** São Paulo, São José dos Campos.

Na cidade de S. Paulo achavam-se instalados . . . 231.000 H. P., (térmicos e elétricos) em 31-12-1934, ou seja quasi 45% da potência total em cavalos vapor instalados no Estado bandeirante (417.968 H. P.), o que representava 23% do total de cavalos vapor instalados no Brasil.

Total de localidades servidas de fôrça e luz elétrica no

Estado de São Paulo	232
Prefeituras autônomas	1
Vilas, sédes de distritos	132
Povoados e distritos	87

Total 452

Pelos dados acima vê-se que as emprêsas em mãos do “grupo”, The Electric Bond And Share Co., rotulado “Emprêsas Elétricas Brasileiras”, sómente no Estado de S. Paulo, servem o total de 212 (duzentas e doze) localidades das mais IMPORTANTES do Estado.

Juntamente as 43 (quarenta e três) localidades servidas pelo “grupo” inglês, dirigido pela “The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd.” no Brasil, temos em S. Paulo o total de 255 (duzentas e cincoenta e cinco) localidades, das maiores, mais ricas e mais produtoras do país, cujos serviços de suprimento de fôrça e

luz dependem dêsses dois “grupos” financeiros e industriais.

A população, receita, número de bancos, produção de algodão, número de cafeeiros, movimento de exportação das cidades servidas por êsses “trusts” nos dariam uma visão segura da sua máxima importância para a economia de S. Paulo e quiçá do Brasil.

Cumprê ainda notar-se que, todas as emprêsas que hoje passaram a ser propriedade dêsses dois “grupos”, quer tenham nomes nacionais de origem, revelando terem sido iniciadas por brasileiros, quer tenham nomes ingleses e mudaram de donos, depois de 1928, assim o fizeram quando os dois “trusts” decidiram partilha, entre si os serviços e “esfera de ação” quanto ao suprimento de energia elétrica às cidades do Brasil.

Deduz-se ainda, levando-se em conta que sendo o total de cavalos vapor instalados em 31-12-1934, em todo o Estado de São Paulo, de 402.343, que mais de 90%, (noventa por cento) da potência elétrica instalada em S. Paulo está em mãos dos dois “trusts” mencionados, porquanto, somando-se as dez maiores usinas existentes no Estado bandeirante temos o total de ... 275.500 H. P. em mãos de estrangeiros.

Sabendo-se que as usinas elétricas no Estado de S. Paulo atingem o total de 113 hidro-elétricas, 19 térmicas e 2 mixtas, podemos dizer que, nesse particular, praticamente, todo o Estado de S. Paulo é um domínio norte-americano e, que constitue a velha Piratininga, tão orgulhosa de seu braço, mais uma dependência do “Império Elétrico Norte-Americano” do que, uma propriedade de brasileiros, de seus filhos outróra altaneiros e audazes.

Uma das consequências da entrega dos serviços de eletricidade do país às companhias estrangeiras, — os quais constituem a chave do nosso progresso industrial, atirou-nos em mãos de quem não pode e não pretende favorecer-nos, como concorrentes que seremos de seus

países, — e procuram drenar, o mais possível, — os nossos dinheiros para onde se acham os interesses a que estão ligados, que, certamente, não estão em nosso país.

O que os fatos já veem demonstrando, relativamente ás concessões que se fez no Brasil ás companhias estrangeiras que aqui exploram os serviços de electricidade, é que elas outra coisa não fazem sinão drenar ouro do país, empobrecendo-o e atrofiando o seu progredir econômico e industrial.

E' vêso de alguns brasileiros incapazes, incultos ou ligados aos interesses que nos exploram, afirmarem que as companhias nacionais são más e que outro remédio não ha sinão entregar êsses serviços de utilidade pública aos estrangeiros, — como si não tivessem muito bons exemplos de emprêsas nacionais otimamente administradas; como si não tivessemos já inúmeras vezes demonstrado capacidade e visão administrativa mesmo superior aos estrangeiros em face de menores recursos de que dispomos.

O mal está em que os serviços que empreendemos em nossa terra não são devidamente distribuidos e por demais se atende ao proteccionismo político, o que é uma consequência da pobreza do país e de não termos ainda podido erguer no país uma indústria fabril vigorosa.

Evidencia-se êsse mal notando-se que por vezes, não sómente serviços pertencentes ao Estado, como o de companhias particulares nacionais se ressentem dêsse critério político, chegando-se ao disparate de vermos **um bacharel em direito encarregado de administrar uma coisa que só entende ou mesmo pode fazer um especialista engenheiro, ou mesmo ás vezes administrando coisas de que não entende e daí é certo o insucesso.**

Pode-se também attribuir á falta de capital nas mãos dos nacionais a impossibilidade de se organizarem companhias nossas, mas o mal é que os nossos patricios, sem direção industrial e sem garantias pela instabili-

dade de nossas leis e de nossos governos, sempre assustados pela probabilidade de uma medida governamental que venha perturbar as nossas indústrias, — como tem acontecido até hoje, — preferem empregar o seu dinheiro em apólices, de segurança muito maior e que lhes proporciona remuneração, poupando-lhes trabalhos e preocupações.

Mas, ainda que nos faltasse tradição administrativa, industrial e técnica, mesmo assim não se justificaria entregarmos todas as nossas atividades máximas e mais rendosas, — como é a indústria de eletricidade aos estrangeiros, — pois, si assim raciocinássemos, preferindo entregarmos a outros o que devemos cuidar, também poderíamos chegar á conclusão que deveríamos voltar a ser colónia de alguma nação para poupar-nos o encargo da administração!...

MAS, A VERDADE E' QUE EM TODA A NOSSA HISTÓRIA TEMOS DADO TUDO AO ESTRANGEIRO E AO NACIONAL TUDO SE TEM NEGADO E DIFICULTADO.

Conquistado o amplo território do Brasil pelo heroísmo, fé e tenacidade dos bandeirantes, — á cata do ouro, dos diamantes e á prêa dos índios; — creada e fixada a riqueza com os engenhos de açúcar, com as fazendas de gado grosso e, recentemente com as fazendas de café; — então, como as lavras diamantinas, os engenhos de açúcar, o ouro das Minas Gerais foram expropriadas ao nacional pelo estrangeiro ambicioso e astuto, assim também, agora, todas as nossas fontes de riqueza vão sendo subtraídas ao nacional pelos intrusos, pelos estrangeiros sem pátria, sem escrúpulos, sem dignidade.

O “avanço” no trabalho, na riqueza, no produto do esforço brasileiro, por “profiteurs” de todos os futuros da pátria vem de longa data.

Possivelmente, surgiram com a vinda da primeira leva de colonizadores á nossa Terra,

A expropriação do nacional em proveito do estrangeiro é fato que pode ser narrado e observado em toda a nossa história política e econômica.

Em toda a vida nacional o brasileiro tem sido o “bandeirante”, o pioneiro, o desbravador, o iniciador, o trabalhador rude, sóbrio, o “jéca” que derruba o jequitibá para plantar café, o seringueiro ousado e escravizado, enquanto sempre quem lucra com o esforço nacional, com o suor do brasileiro, é sempre o alienígena, estacionado nos palácios, nos portos, nas grandes cidades do Brasil, vivendo nababescamente sem nada produzir...

Como outróra com o ouro, com os diamantes, com os escravos, com os engenhos, ou mesmo recentemente, em todas as atividades, foi o nacional, foi o filho da terra dadivosa e boa quem iniciou os serviços de vias de comunicações e até ao suprimento de energia elétrica ao país. Agora ou depois que essas iniciativas passaram a dar lucros, que poderiam se desenvolver a virem a constituir entidades de fortuna no Brasil, o estrangeiro veio e as açambarcou, tal qual outróra açambarcara todo o trabalho nacional, quando descobriamos minas e os mascates nô-las arrebatavam; quando construíamos engenhos e o holandês nô-los roubavam e, quando tirávamos borracha que os ingleses nos enganaram...

A expansão do imperialismo norte-americano no Brasil e, especialmente, no Estado de São Paulo, a partir de 1928, — no que concerne ás fontes supridoras de energia elétrica, — registra uma nova fase que vamos passar na vida nacional; — vem mostrar-nos como a nossa “sorte” vai se decidindo longe, — fora de nossas fronteiras.

Ainda, o delinear dos limites das “esferas de influência”, — dividindo os territórios nacionais acórde os pontos de vista dos dois imperialismos, afim de que um não vá perturbar o outro, — faz-nos prever até que ponto os interesses do Brasil vão ser prejudicados,...

Sendo a população do Estado de S. Paulo de . . . 6.500.000 habitantes, em 1935, e como os municípios paulistas servidos pelo "grupo norte-americano" que nesses monopoliza o suprimento de energia elétrica são os mais ricos e cuja população é de aproximadamente 5.200.000 almas, — segue-se, que 80% da população de São Paulo, e talvez 90% da população paulista de maior poder aquisitivo, é suprida em seus serviços elétricos pelo "trust" norte-americano de energia elétrica no Brasil.

Ainda, sendo o Estado de S. Paulo dividido em 241 municípios até 31-12-1935, — destes, 74 estão sob o domínio econômico dos dois grupos supridores de energia elétrica, — só ficando os municípios pobres do litoral e alguns dos do centro, em mãos de empresas nacionais que ainda resistem á tentação de se venderem aos monopolizadores.

Pela incapacidade dos nossos dirigentes, — principalmente pelos homens que nos governaram de 1928-1930, repetiu-se no Brasil, — com as "Empresas Elétricas Brasileiras", o que estadistas de verdade evitaram em São Paulo, — quando o "trust" Farquahr queria monopolizar as nossas vias férreas de S. Paulo ao Rio Grande do Sul.

Não nos iludámos. Nunca foi praxe do capital estrangeiro vir para o Brasil afim de promover o desenvolvimento industrial nacional e, — pelo contrário, sempre o quis impedir e, quando êle aqui veio foi-nos emprestado a juros de judeus, sob penhora e hipoteca de nossos bens mais valiosos, ou então para ser aplicado em indústrias já florescentes, — fundadas por brasileiros com mil sacrifícios, aproveitando certos períodos de crise e o desamparo criminoso das atividades nacionais pelos poderes públicos.

E' esta a lição que os fatos demonstram: — ilustra o que afirmámos êsse trecho da mensagem ao legis-

lativo estadual, enviada pelo Snr. Altino Arantes, quando presidente de S. Paulo:

“O capital estrangeiro tem entrado aqui em busca de aplicação, mas em vez de se destinar a novas emprêsas no desenvolvimento da grande riqueza latente de nosso Estado, êle foi localizar-se em estradas de ferro já prósperas, cujas rendas e domínio estão em caminho de ser totalmente alienadas com grande prejuizo e sérias ameaças para o futuro de nosso Estado. . .

Seria, na verdade, imperdoável falta de visão permitir o que é nosso passar para as mãos estranhas, quando nós as creamos a custo dos nossos melhores esforços, constituindo assim o mais valioso exemplo de nossa iniciativa e energia”.

Assim pensavam e assim agiram quando o poderoso “trust” pretendia açambarcar todas as principais estradas de ferro do Sul do Brasil, — devido governar o Estado de S. Paulo, um verdadeiro estadista e patriota.

Infelizmente, porém, como mudara a situação de S. Paulo e do Brasil!

Tudo o que ha de mais rendoso em nosso país já passou ou vai passando para as mãos de estrangeiros como evidencia, a compra da quasi totalidade das emprêsas de fôrça e luz, de telefones e de tração elétrica por parte dos “trusts” alienígenas, ajudados pelos homens que nos governaram, e que no futuro escravizam o erguimento nacional.

È cumpre notar, acôrde os dizeres de Altino Arantes, que o capital estrangeiro para aqui não veio em busca de aplicação ou a se *destinar a novas emprêsas no desenvolvimento da grande riqueza latente do país*, — mas fôra localizar-se nas emprêsas elétricas já florescentes e prósperas, — cujas rendas e dominio foram totalmente alienadas, com grandes prejuizos e sérias ameaças para o futuro nacional.

De fato, o capital inglês e norte-americano que entrou no país indo monopolizar os nossos serviços de

abastecimento de energia elétrica, não veio ser pioneiro, — não se destinou e não veio criar novas empresas e atividades, — não se destinou a desenvolver pequenas usinas que realmente precisam e necessitam de amparo financeiro. Pelo contrário, — foi se localizar em empresas elétricas já florescentes, prósperas e rendosas, veio servir para centralizar as usinas e interligá-las numa exploração *mais intensiva com menor capital*, veio se destinar a empresas que suprem os grandes centros densamente povoados.

E' por isso que, nas unidades da Federação, como no Amazonas, no Pará, no Piauí, no Maranhão, em Mato Grosso, em Goiás e em Minas Gerais, os capitais, estrangeiros quando lá entraram para aplicação em serviços elétricos só se destinaram às Capitais e grandes cidades, — ficando a grande maioria de suas cidades, — que realmente precisam amparo e financiamento mais amplo, apenas contando e sendo supridas com os capitais nacionais.

E' por isso que no Amazonas, no Pará e em Minas Gerais, — exceto nas capitais, — quasi todas as outras cidades são deficientemente supridas em força e luz pelas próprias municipalidades, — á mingua de capitais nacionais.

E' por isso que em Minas Gerais e na Baía, — onde o capital precisa ser pioneiro para ser rendoso, lá não foram os capitais do "trust", sinão para Belo Horizonte e S. Salvador, — no sentido de obter lucros fáceis e rápidos.

Mais uma vez, isto prova que, ao nacional é que compete fazer o país progredir, porquanto o estrangeiro só virá depois, — na porfia de grandes lucros, na obra de açambarcamento, no intuito de lucros fáceis e rápidos e na ânsia de impedir a expansão industrial do Brasil, — não fornecendo á indústria nacional energia em abundância e a preços baratos.

E' por isso que, sendo o Estado de São Paulo a

unidade da Federação Brasileira de maior progresso industrial e econômico, — cumpria aos povos industriais, — cientes de que o comando da força mecânica traz o comando da produção industrial e das finanças, — ter em suas mãos os destinos dêsse grande pedaço do Brasil.

Eis porque, em 1924, iniciam-se as combinações tendentes á expansão norte-americana na América Latina, — expansão esta acalentada, calculada e seguida com maestria e precisão.

E' que São Paulo constitue, no expressar de Gustavo Barroso, — uma das glândulas da nacionalidade e, cumpria irem se localizar em S. Paulo, os que de lá pretendem dominar o Brasil!...

Cumprir notar mais, que o ambiente para crear uma situação de crise, de insegurança dos capitais nacionais nas emprêsas supridoras de energia elétrica do país, — notadamente em S. Paulo, — fôra adredemente preparado pelo "banqueirismo" internacional, coligado aos bancos estrangeiros que expandiram propositadamente o crédito ás emprêsas nacionais que julgavam "maduras" para a absorção.

Êsses imperialismos que vieram nos escravizar tiveram ainda como auxiliares eficazes as organizações comerciais estrangeiras existentes no país e uma corja de bachareis, de negociastas, de incorporadores de emprêsas e companhias de suprimento de energia elétrica, — todos auxiliados por uma imprensa "amarela" e assalariada...

Essa expansão do crédito com o intuito de crear um verdadeiro "ensilhamento" que não seria correspondido pela remuneração do capital empregado, — com o intuito de fazer os seus acionistas auxiliarem passar as ações de sua propriedade para mãos estrangeiras melhor financiadas teve modalidades várias.

Em algumas emprêsas *expandiram* o crédito facilitando a aquisição de maquinismos que, tecnicamente

mal calculados, não viriam satisfazer as necessidades crescentes do fornecimento de energia, determinando malquerença do público, dos poderes municipais e dos consumidores para com a empresa que, ou não podia atender aos seus clientes porque não tinha dinheiro acumulado a empregar em suas novas instalações e não poderiam contar com elementos que as pudessem “auxiliar”, — fora dos “trusts”, — ou porque as máquinas que compraram não deram resultados...

Já se vê que, uma “oferta” generosa, talvez, por parte de capitalistas melhor financiados resolveria o problema. E foi o que se passou em muitos lugares nesta boa terra de Santa Cruz.

Em outros casos, quando eram solidamente financiadas as empresas nacionais e estas pediam orçamentos para materiais, — sub-estações, linhas de transmissão, postes torres, etc., eram sempre oferecidos materiais outros que viessem onerá-las, sem dar a justa remuneração ao capital empregado, num câmbio posteriormente mais baixo, como torres de aço, trilhos, postes, cabos, etc., a prazos longos, — o que aceitando não supunham os nossos patrícios ser isto em vez de um auxílio, uma armadilha, porquanto, no futuro, o câmbio abaixando, — como de fato abaixou, — viria determinar um grande decréscimo nas reservas e nos dividendos, — o que estimularia os acionistas á venda de suas ações.

E foi o que ocorreu em muitos casos.

Quando as empresas pertenciam aos governos, então é que foi fácil insinuá-las ao desperdício, ao luxo, ao esbanjamento.

Em vez de construirem usinas de que careciam várias cidades do Brasil, governos vaidosos, ignorantes da economia política e não esclarecidos técnica e economicamente, construíram linhas de bondes para ermos e tornaram feérica e ornamental as iluminações de ruas e avenidas de cidades paupérrimas e mal traçadas, —

num intuito patológico de deixar os seus nomes ligados a grandes realizações que apareçam aos olhos do público, isto é, que ficassem nos postes e lampadários nas avenidas, — pois, a construção de obras mais úteis, como a edificação de grandes usinas, longe dos olhos das populações metropolitanas, as quais viriam estimular ou facilitar á grande indústria, seria coisa não visível e ficaria muito longe para ser lembrada continuamente pelo *grande animal*: o público.

Foi assim, primeiramente, inflacionando o crédito, dando-nos a impressão de prosperidade em três anos que antecederam a 1929, depois fazendo cair bruscamente o café; — fazendo o Brasil passar por uma crise preparada com intuitos premeditados, que foi possível a 45 emprêsas de eletricidade do Brasil, — até então de propriedade de brasileiros, — passarem todas para as mãos de dois “trusts”.

Poucos são aquêles que fazem o histórico de uma época, aliando o estudo dos fenômenos econômicos ás ocorrências políticas.

Antes de analisarmos a maneira como em três anos a “Electric Bond and Share Co.” adquiriu “*em massa*” es “emprêsas elétricas brasileiras”, convém focalizarmos os antecedentes econômicos que precederam a essa “entrada” em nosso país, — agora conquistado pelo referido “trust”, para sua exploração, aniquilamento industrial e vassalagem política indireta.

De 1926 a 1930, só uma preocupação dominava os homens que estavam no poder, sintetizados na pessoa do então presidente Washington Luis, cujo programa de govêrno se resumia em: — *estabilizar o milréis*.

- Desconhecedor dos princípios vivos, básicos e objetivos da economia política, o ex-presidente de S. Paulo e do Brasil fôra o mais precioso auxiliar indireto que tiveram os “judeus” de Nova York e de Londres para o êxito de seu plano já manifesto em 1924, de aquisição das fontes de energia elétrica do Brasil.

E' que, o então presidente da República, — ao contrário de outros que lhe antecederam, que não deixavam de ter veios de nacionalismo, — o Snr. Washington Luis, sacrificava e sacrificaria todos os interesses do país, — por mais ponderáveis que fôsem, no intuito, “dito” de “estabilizar” o milréis e “salvar” o país.

Pretendendo que o câmbio, isto é, o jôgo das taxas no mercado de câmbio deixasse de ser simples indicador de uma dada situação, *ou de uma dada jogatina ou intervenção por mãos ocultas para um fim determinado* nas troças de um país, o então presidente do Brasil querendo amarrar o câmbio, ou no seu expressar “estabilizá-lo”, sua senhoria pensava que, no câmbio residia o princípio e a causa de tudo na vida econômica do Brasil, que o câmbio era um sací que precisava ser acorrentado para salvação nacional.

Foi quando assim eramos administrados que o grupo da “Electric Bond and Share Co.”, certamente avisado pelos seus representantes que fazem praça nos grandes bancos, nas estradas de ferro, nas bolsas, nos grandes hotéis e no comércio de exportação do Brasil, — resolveu *agir*.

Primeiramente vimos a derrocada do café, derrocada essa que maior seria si o “trust” não mandasse “avultadas” somas para que o govêrno continuasse iludido e pudesse manter artificialmente a sua política balôfa de estabilização enquanto esta lhes convinha.

Ao par da derrocada do café, veio também a crise industrial, consequente a entrada do similar estrangeiro, o que é típico com a necessidade que teve o govêrno de “salvar” a indústria textil brasileira ameaçada de desaparecer diante do “dumping” inglês, — o que foi possível com o aumento das tarifas aduaneiras, não obstante o combate sistemático que a imprensa “assalariada” moveu a essa proteção ás indústrias nacionais.

Mas, como não bastassem tantos males, outros viam. Era necessário alterar a ordem dominante, pois

contratos precisavam ser revistos, ainda faltavam empresas a serem aniquiladas ou adquiridas e, daí, o apóio que deram á Revolução, — fornecendo-lhe armas, — ainda que indiretamente, si não diretamente, porquanto é sabido que os serviços públicos de algumas cidades do Brasil foram vendidos para que com o dinheiro dessa “venda” os governichos estaduais empreendessem a revolução de 1930. (1)

E’ evidente que o ouro com o qual os grandes “trusts” manobraram e serviram-se empregando na “aquisição” de “NOSSAS” empresas de electricidade, donde surgiram as “empresas elétricas brasileiras” já voltou todo ao seu ponto de partida, — consequente á política financeira e econômica premeditada que fizeram exercer sobre nós, — tanto assim que, — de 1930 para cá, — o nosso câmbio quasi desceu a ZERO, — o milréis melhor poderia denominar-se VIL RÉIS, — em face do dólar ou da libra, — aviltção essa ocorrida aliás, com a *cooperação mui leal e sincera* dos banqueiros estrangeiros que operam no Brasil, — êsses mesmos senhores que já tinham feito ao Govêrno brasileiro na pessoa do Snr. W. Luis o “acinte” de DESAMARRAR o câmbio para continuar a sua jogatina enquanto o nosso govêrno se debatia em graves dificuldades para não atirar o país ao abismo.

Mas, si de todo o dinheiro que empataram na “compra” das concessões e usinas elétricas no Brasil não tivesse voltado ás mãos dos agiotas que nos escravizam, a caudal de ouro que, mensalmente, vai agora para o exterior, — consequência da remessa de dividendos, juros, resgates, patentes, taxas de administração, aquisição de materiais que poderiam ser adquiridos similares do país, taxas de fiscalização, amortizações, salários nababescos, etc., que as empresas estrangeiras que nos exploram, — continuamente remetem para fora

(1) Vide “Outubro 1930”, Virgílio de Melo Franco.

do País, terão sempre influência nociva em nosso mercado de dinheiro, — virão sempre constituir e contribuir para o acúmulo de capitais em bancos estrangeiros, — impedindo a normal circulação fiduciária nacional, — já de si muito restrita e lenta, em país tão amplo e de sistema bancário inorganizado como o Brasil.

Cumpre notar ainda que a Constituição de 1934, cuidou de obrigar as emprêsas de serviços públicos que operam no Brasil de fazerem os “depósitos de garantia de fornecimentos nas “Caixas Econômicas”, porém, êsses “trusts”, até hoje, ainda não obedeceram a lei magna do país e, pelo andar das coisas não obedecerão, porquanto, o próprio Ministro da Fazenda, tem sido impotente, — sinão demasiado tolerante, para fazê-los cumprir a lei.

Com o cataclisma que desabou sôbre o Brasil, em 1930, o menor de todos os males decorrentes, foi, certamente, as perdas de vidas resultantes da revolução. Pelo menos, para alguma coisa serviu a luta armada: — veio trazer á tona, o quanto o Brasil tornou-se escravizado em dois anos apenas, com a venda aos consórcios estrangeiros de todas as suas importantes companhias de fôrça e luz, — únicas fontes rendosas de atividades no Brasil, cuja maioria ainda permaneciam nacionais! . . .

O que os brasileiros realizaram desde 1883, — quando instalaram a primeira usina elétrica no País, — em dois anos sómente saíram-lhe das mãos.

Poucas, pouquíssimas, fôram as emprêsas nacionais, como a S/A. Central Elétrica Rio Claro, a Cia. Docas de Santos, a Emprêsa Fôrça e Luz Cataguazes-Leopoldina, a Emprêsa Industrial Sul-Mineira, a Companhia Mineira de Eletricidade, que resistiram a tentação de passar para as mãos do “grupo” norte-americano.

Conta-nos Gustavo Barroso, em seu livro: “Brasil - Colônia de Banqueiros”, como a nossa Pátria ao

contrair o primeiro empréstimo em mãos de Rotschild, em 1824, escravizara-se ao banqueirismo internacional até os dias de hoje.

Agora, sem a posse das empresas de energia elétrica do País, — sem podermos dispôr do elemento que substitue o carvão e o petróleo como agentes de força motriz, — qual é a energia elétrica, — tendo que pagar pesados tributos a outros povos para movimentarmos a nossa indústria em *alvorecer e que por isso estacionará*, — quando será que iremos proclamar um novo 7 de setembro que traduza a nossa independência política e econômica?!

Dia virá em que, escrevendo-se a *história exata e não oculta e fantasiada do Brasil*, sem passarmos os fatos superficialmente, — ao historiar-nos o nosso desenvolvimento industrial, enumerando-se os fatores que o atrofiaram e o atrofiam, ao mencionar-se os imperialismos que impedem e dificultam a expansão nacional, — nomes serão focalizados, — hoje tidos como “estadistas” ou “beneméritos” da pátria que, amanhã merecerão asco e desprezo dos brasileiros concientes...

Mas, ainda não está completa a lista das propriedades da “Electric Bond and Share Co.” no Brasil. Vejamos o que ocorre em

SANTA CATARINA

São de propriedade do referido “trust”, por intermédio das “Empresas Elétricas Brasileiras”, o serviço de fornecimento de energia elétrica nas seguintes localidades:

Biguassú, FLORIANÓPOLIS, Palhoça, São José e Coqueiros, servidas pela Companhia Tração e Força de Florianópolis.

No Rio Grande do Sul, o referido “trust” tem o comando dos serviços de suprimento de energia elétrica nas seguintes localidades.

RIO GRANDE DO SUL

PELOTAS —The Rio Grandense Light and Power Syndicate Limited.

PORTO ALEGRE — Companhia Energia Elétrica Rio Grandense.

Como o Rio Grande do Sul não oferece possibilidades de *monopólio* para as emprêsas de energia elétrica que dispõem de ampla quantidade de eletricidade produzida por desníveis e quedas d'águas, — devido ter carvão em seu território, — é que vemos a ação do “trust” se circunscrever, por enquanto, — sómente ao litoral, onde havia possibilidades de desenvolvimento industrial mais amplo, — o que não convém aos povos já industrializados e que não querem transferir o seu poderío a outros povos.

De todos os Estados do Brasil, — realmente, o mais brasileiro, — é, notadamente, o Estado de Minas.

Foi por isso que no grande Estado central o grupo norte-americano não teve as facilidades que encontrou em outras regiões brasileiras, — notadamente no Espírito Santo, em São Paulo e na Baía para se expandir.

Mesmo a única aquisição que fez, a concessão para suprimento de energia elétrica a Belo Horizonte, só a conseguiu em período anormal, *em época de desgoverno integral*, com um contrato escandaloso e não homologado pelos poderes competentes. De fato, os mineiros relutaram sempre em admitir em seu território o referido “trust”, que lá só penetrou, na limiar do “avanço” de outubro de 1930!.. .

As localidades em Minas Gerais “abastecidas” pelas emprêsas elétricas estrangeiras são as seguintes:

BELO HORIZONTE, Santa Bárbara, São Gonçalo do Rio abaixo — Cia. Fôrça e Luz de Minas Gerais, “Emprêsas Elétricas Brasileiras”.

Brumadinho, Corinto, Curvêlo, Diamantina, Sete Lagoas — Sociedade Industrial Hulha Branca, sob a administração de alemães.

Nova Lima, Rapozos — The St. John del Rey Mining Co. Ltd., Cia. inglesa.

Da enumeração das emprêsas supridoras de electricidade no Brasil que estão em mãos de sindicatos e grupos estrangeiros conjugados em monopolizadores, dois fatos de máxima importância precisam ser destacados.

Primeiramente, que o total de 45 (quarenta e cinco) emprêsas rotuladas de nacionais, que pertenciam até o ano de 1930 a entidades brasileiras, passaram para as mãos da "Electric Bond and Share Co. Ltd." o grupo norte-americano e para o grupo inglês "Brazilian Traction Co., com séde em Toronto, Canadá. — Depois, essas 45 emprêsas que se desnacionalizaram abastecem o total de 331 (trezentos e trinta e uma) localidades das mais florescentes, quer seja sob o ponto de vista de possibilidades presentes e futuras no Brasil, estando incluído nessa cifra as principais capitais e centros industriais e portuários do país.

Além desses fatos, que por si só traduzem já estar todo o nosso progredir dependente do "visto" dos "trusts" que dominam o suprimento de energia elétrica no Brasil, — é de suma importância e gravidade o fato de que o território nacional já foi "talhado" em "esferas de influência" de cada um desses grupos estrangeiros.

E' verdade que não é sómente no que se refere ás fontes de energia elétrica que isto pode ser observado, porquanto, tanto no que concerne ás "nossas"? jazidas de minérios de ferro e de manganês, as jazidas auríferas e diamantíferas, as exportações de vários produtos agrícolas e extrativos também já foram objeto de acôrdos secretos entre vários alienígenas que nos exploram.

De um simples relancear de olhos em um mapa do

Brasil tornar-se-á patente que o “grupo inglês” que domina grande parte da energia elétrica nacional serve á cidade de São Paulo e suas circunvizinhanças num raio de ação que se estende até Sorocaba, Jundiaí, Santos e, margeando a estrada de ferro Central do Brasil, vai até a Capital do País.

E mais, é curioso notar-se que, juntamente ás aquisições do “grupo norte-americano”, o “grupo inglês” adquiriu as emprêsas supridoras de energia elétrica que se achavam em mãos de nacionais cujas localidades margeam a “Central do Brasil”.

Disso pode-se prevêr que os ingleses pretendem continuar a ter na “Central do Brasil” uma fonte de rendas e de remessas de ouro para Londres, porquanto, si hoje êles fazem os suprimentos de carvão a essa ferrovia, desejam continuar a ter essas remessas com o abastecimento da energia elétrica que pretendem fazer á “CENTRAL”.

Sob o guante de imperialismos inúmeros que nos exploram, tutelam e aniquilam, — sem visão segura dos acontecimentos que vão sucedendo no mundo e no qual tomamos parte sem ser chamados, convidados ou percebidos, — temos nos esquecido de que a Inglaterra monopolizou, o quanto isto lhe convinha, contrariando os interesses humanos, contra os interesses de todos os povos, notadamente os máximos interesses brasileiros, até 1888, a “fôrça motriz” de que dispunham os países tropicais, como o Brasil, cuja civilização, opulência e produtividade baseava-se no escravo, vinha da Costa d’África, de onde a Inglaterra nô-lo trazia, opulentando-se em nô-lo vender.

À proporção que êsse “esfôrço” crescia, aumentava-se a nossa produção agrícola e os nossos gêneros, produzidos por *fôrça motriz* abundante e baratíssima, qual era o esfôrço energético do escravo, — faziam concorrência ao das colônias inglesas. E’ por isso que, imediatamente, sofremos a pressão britânica e, muda-se

a atitude inglesa que, de monopolizadora do braço escravo tornou-se sua protetora, porque isto lhe convinha de então em diante.

De monopolizadora e grande preadora de negros que representavam a força motriz para os países de cultura tropical de outróra, quando as condições mundiais tornaram-se adversas, quando dispunha de abundante força mecânica, conseqüente a utilização do ferro e do carvão, a Inglaterra passou a monopolizar o suprimento mundial de força motriz mais eficiente ao mundo e tudo fez para aniquilar os seus concorrentes que ainda teimavam ou não podiam deixar de utilizar o esforço muscular humano, ainda que escravizado, sem gravísimos danos imediatos.

Hoje, quando o esforço motriz produzido pelo seu carvão é ameaçado pela energia hidro-elétrica, ela vai, com o mesmo ardor que combateu a nossa escravidão negra, para nos escravizar a todos á sua finança, monopolizar as fontes de produção e o suprimento de força motriz direto, da energia hidro-elétrica, ás nossas cidades, ás nossas ferrovias, ás nossas indústrias e assim, impedir, fiscalizar e atrofiar o nosso futuro industrial, como impediu a nossa concorrência aos produtos indianos, durante o Brasil Império, desorganizando a nossa então próspera agricultura, privando-a, extemporaneamente, de seu único e necessário esforço produtor.

A história se repete e, é pena que diante dos fatos que se vão sucedendo no mundo não aprendamos as lições que o livro da experiência nos apresenta.

A aquisição de todas as empresas elétricas nacionais que margeam a Estrada de Ferro Central do Brasil, de São Paulo, estação do Norte, até a Barra do Piraí, — já que a Capital Federal é suprida pela própria "Light", fôra feita com o intuito de que o monopólio do suprimento de ENERGIA á nossa principal via-férrea não saísse das mãos dos ingleses — porquanto, CARVÃO ou KILOWATT, o nome ou o tipo da

energia a ser suprida não importa, o que realmente tem importância é que os ingleses forneçam-nos a energia que utilizarmos — tanto mais que o principal é que eles continuem a ter rendas e o comando da força motriz que movimentam os trens da *Central* ou a indústria brasileira.

Realmente, os fatos que tem sucedido e vão sucedendo a respeito do contrato que o Governo Federal fez para a construção de uma usina hidro-elétrica própria, destinada ao abastecimento da parte eletrificada da *Central* do Brasil, demonstram o acerto dessas considerações.

A um povo frio e calculista como o inglês, certamente, não lhe escapará a lição que lhes foi dada pela greve dos seus carvoeiros durante cinco meses, em 1926, de onde ficou patente que, “a utilização de outros combustíveis, como o petróleo e o mazut, bem como o aproveitamento da energia hidro-elétrica no mundo, dia a dia vão substituindo o CARVÃO na movimentação das indústrias e prejudicando o comércio e às indústrias do Reino Unido, em benefício das de outros povos.

E’ por isso, diante desse deslocamento industrial que se opéra no mundo, — consequente ao combustível e aos agentes motrizes que vão aparecendo em substituição do carvão de pedra, que a Inglaterra pôs-se a campo, no sentido de evitar a “queda” rápida de seu prestígio industrial, vindo, ao lado dos Estados Unidos da América, adquirir as fontes perenes da energia do mundo, que estão contidas nas quedas d’água, — o que lhe garantirá continuar a auferir RENDA, seja nos fornecendo carvão ou a energia elétrica que o substituir, — como o “caso” da aquisição da força motriz para a *Central* e as “concessões” ao longo do leito da nossa maior via-férrea e, a própria negociação direta para o fornecimento de energia elétrica à *Central* do Brasil está a demonstrar.

Si a Estrada de Ferro *Central* do Brasil vier a adquirir energia elétrica para movimentar os seus trens

eletrificados da empresa canadense, positiva-se, mais uma vez, o domínio de estranhos sobre o nosso país e, como o futuro do Brasil está comprometido... Isto dizíamos em 1937!...

Também o fato da "The São Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd." ficar com a cidade de Jundiá para LIMITE de sua "Esfera de influência", no Estado de São Paulo, mostra que o suprimento de energia elétrica á Cia. Paulista de Estradas de Ferro deverá continuar a ser feito pelo "grupo inglês".

Quando os povos imperialistas já preveem o deslocamento do poder do carvão que vai sendo suplantado pela energia hidro-elétrica, como agente motriz de primeiro plano e procuram acompanhar o ritmo dessa evolução, — apropriando-se das fontes supridoras de energia elétrica que viriam deslocar as suas rendas e o seu poderio comercial, industrial e político, — é entristecedor que nós brasileiros, seja por falta de visão, por incapacidade ou imprevidência, — não saibamos tirar o melhor proveito que a técnica e as condições político-econômicas do Universo nos permitem colher...

A partir de Jundiá e de Sorocaba e fora o norte de S. Paulo que margêa a *Central do Brasil*, em todo o Estado bandeirante, num total de 212 das suas melhores cidades e vilas, o grupo norte-americano, a "Electric Bond and Share Co. Ltd." é soberana.

Ao enumerarmos êsses fatos, perguntamos: paulista, onde está o bandeirante afoito, tenáz e ousado que conquistou o Brasil e enxotou o intruso das missões, das *reduções* e foi levar o Brasil até quasi aos Andes? Para que servirá hoje a sua divisa ousada, Non Ducor, Duco?

Cumprê notar, já que a maioria das empresas adquiridas, de 1928 a 1929, pelos dois grupos financeiros eram de propriedade de nacionais, que os "trusts" alienígenas promoveram os meios e facilitaram ás nossas empresas tornarem-se "maduras" para virem ás suas

mãos, porquanto, os capitais estrangeiros, ao contrário do que supõem espíritos apressados ou nos apregoam interessados e jornalistas assalariados, jamais vieram ao Brasil para ser os pioneiros e sim, só aqui veem para aplicação em empresas já capazes de oferecer lucros seguros ou com o intuito de monopolizar a nossa produção e açambarcar o mercado em seu proveito, como vai acontecendo com o nosso algodão, combatido, açambarcado e prejudicado pelas manobras dos interessados estrangeiros em nos anular na concorrência internacional e nos manter eternamente em estado de país colônia, econômica e financeira tropical.

Foi assim em toda a nossa história, ainda que não queiram ver e lê-la os trombetas pagos pelos que nos exploram, atrofiam e esmagam.

Foi assim com as estradas de ferro, para onde os capitais só vieram com as mais solenes garantias de juros pelos governos Imperial, Federal, Provincial ou Municipal; foi assim que os banqueiros financiaram as construções de portos no Brasil. Sómente quando as nossas ferrovias estavam “maduras” para ser absorvidas é que os capitais estrangeiros nelas pretendiam entrar.

Mas, no que concerne o monopólio das fontes de energia hidráulica do Brasil, não obstante a aquisição das concessões de suprimento de energia elétrica nos maiores centros e nos lugares de melhores perspectivas de desenvolvimento do País, os norte-americanos passaram também a aspirar mais do que a “posse” do “Império Elétrico Brasileiro” e, procuraram fundar também um “Império Elétrico” na América Latina.

Diante do ocorrido no Brasil e, com a síntese que segue, teremos uma visão do que se passa em todo o Continente Americano.

“A história da expansão americana no seu “Império Elétrico” na Íbero América é a última, e em muitos modos, a mais dramática das conquistas norte-americanas no campo econômico. Na América Latina, o

predomínio norte-americano, hoje, é insofismável. Uma só companhia de Nova York é proprietária de metade dos telefones lá instalados. Outra companhia possui e administra, por intermédio de suas subsidiárias, mais da metade de todas as fontes de energia elétrica na América espanhola e portuguesa.

Com o domínio e posse das usinas vão os cabos submarinos, as linhas telegráficas e as estações rádio-transmissoras e comerciais.

Para se avaliar o crescer do "Império Elétrico" norte-americano na América Latina, basta mencionarmos que, no ano de 1928, o total das compras que os norte-americanos, ou melhor, os "trusts" norte-americanos, fizeram com a aquisição de companhias elétricas na Argentina, no Chile, no México, no Brasil, na Colômbia e em Costa Rica atingiu a \$177.000.000⁰⁰.

Mas, o valor dessa conquista será mais nítido si lembrarmos que, em 31 de dezembro de 1928, a AMERICAN & Foreign Power Co., é que fazia o suprimento de luz, fôrça em 637 (*seiscentos e trinta e sete*) localidades na América Latina, com uma expansão ainda acentuada.

Como o poder econômico e a posse de emprêsas elétricas conduz ao poder político, segue-se que o capitalista que explora êsses serviços utilizará os Governos como instrumento para auferir lucros, — como tem feito na América Latina e, no dizer de um jornalista norte-americano: "Si as emprêsas de energia elétrica derrotam, compram ou desorientam os dirigentes no Govêrno dos Estados Unidos da América, muito mais fácil lhes é manipular os governos da América Latina. Disse mais: — "The Latin American governments are weak and poor, it takes less money to buy theirs officials than is needed to purchase *college professors and editors in the Unted States*".

Em tradução livre: — "Os governos latino-americanos são fracos e pobres, é preciso menos dinheiro

para comprar os seus representantes do que é necessário á compra de professores e de editores nos Estados Unidos”.

Com a ilustração que é apresentada ter acontecido em Cuba, e com o que vimos no Brasil, não é de estranhar que surjam, ainda que em vão, disse mais o jornalista de “The Nation”, protestos contra os “trusts” privilegiados que escorcham os consumidores, atrofiam a indústria e depeçam o povo, jungido e escravizado a mãos estrangeiras que, de posse de nossas fontes de renda mais lucrativas e sólidas, de toda a energia hidro-elétrica do país, poderão dispôr de nosso futuro industrial, econômico e... político.

Já fora mesmo previsto por americanos do norte, que êsses protestos serão inúteis, porque então, — no dia em que toda a Ibero-América for um “Império elétrico norte-americano”, os 46 principais diários, 74 semanais e 19 ou mais revistas mensais que dirigem a opinião pública na América Latina serão provavelmente de propriedade da *bela* corporação que será de propriedade um sindicato nos Estados Unidos e que talvez venha a chamar-se “South American Peoples Press, Incorporated”.

Diante do que está sucedendo de 1928 para cá, tudo indica como certas as previsões acima e, porque será que não insurgimos contra essa catástrofe que nos ameaça?

Da mesma maneira que os Estados Unidos fizeram da América Latina o seu “Império Elétrico”, a Inglaterra, a Bélgica e mesmo o próprio Estados Unidos fizeram de Portugal, da Espanha, da Turquia e de vários outros países europeus, também suas colônias de exploração e, quanto ao desenvolvimento industrial dêsses países, — pobres de hulha, sem petróleo e com os seus recursos de energia hidro-elétrica em mãos de sindicatos estrangeiros, nunca poderão ser industriais e, jamais deixarão de ser colônias financeiras alienígenas.

No que concerne ao nosso Continente precisamos de uma reação oportuna para a nacionalização de nossos serviços de suprimento de força, luz, tração, telefones, (1) cabos e rêdes telegráficas.

Ou fazemos essa reação enquanto é tempo ou teremos o nosso futuro comprometido pela impossibilidade de qualquer empreendimento que dependa do uso da energia elétrica ou da força mecânica, — base de todo o progresso, de todo o esplendor da civilização do século que passa.

É convém acrescentar. Essa nacionalização exige mais do que pretendem com um simples “Código de Águas”.

E’ doloroso diante do que se passa no Brasil registrarmos que, não obstante os 50.000.000 de cavalos de energia, em potencial, que o país possui, ainda só utilizavamos, em 1934, 834.612 cavalos.

E mais, confrange aos brasileiros estudiosos da verdadeira situação econômica, política e social de sua pátria o saberem que o futuro industrial do Brasil está comprometido porque não possuímos energia elétrica em abundância e barata, — apesar de que PODERIAMOS tê-la aos menores preços do mundo. !. .

Infelizmente, já chegamos á realidade de que, a energia térmica e os motores a óleo Diesel, — combustível importado, — instalados no interior do país, — chegam a produzir a unidade de energia elétrica mais barata que os preços aos quais é fornecida a energia elétrica do País, produzida em usinas hidro-elétricas pequenas e grandes.

E’ o que lemos da seguinte Memória apresentada ao VI Congresso Nacional de Estradas de Rodagem:

(1) Uma única empresa a “American Telegraph and Telephone Co.” rotulada, “Companhia Telephonica Brasileira.” “possúe” os serviços de telefones no total de 923 localidades. Veja no catálogo da rêde de telefones interurbana a lista dessas localidades no Distrito Federal e nos Estados de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

“72 — Ha aqui dois casos diferentes a considerar: — o emprêgo de gazogênio ou do gaz pobre em motores fixos (como os Deutz-Otto) e o emprêgo do gazogênio em motores a gazolina adaptados.

73 — No primeiro caso, a economia bate, entre nós, a própria energia elétrica, *fornecida verdadeiramente em dólares ouro*”, haja visto um caso característico como o seguinte:

Depois de revisto e melhorado o contrato para fornecimento de energia elétrica para as oficinas de Sorocaba, em 1931, (oficinas da E. F. Sorocabana) mesmo assim, em setembro dêsse ano, o K. W. H. era vendido ao preço de \$276 num total de 134.400, ou sejam, cêrca de 37 contos de réis mensais.

Em Assis, numa instalação de 200 H. P. utilizados parcialmente, saía o K. W. H. na mesma época, numa instalação a gaz pobre, em 90 réis exclusive juros e amortizações e em cêrca de 180 réis com juros e amortização de toda a instalação.

Houve mesmo proposta para se pagar uma instalação em Sorocaba, em pouco tempo, só com a diferença de preço cobrado pela “Light” e o produzido pela instalação gaz-elétrica. Atualmente a questão deve estar em outro pé e o caso de fornecimento de energia elétrica á E. F. C. do Brasil é bastante típico para o Govêrno mandar estudar convenientemente em seus detalhes os problemas tratados na Conferência Mundial de Energia”.

Si a afirmação acima não bastasse para comprovar que a energia elétrica suprida aos industriais do Brasil pelas empresas concessionárias dêsses serviços é cara e não permite expansão industrial do país; — si o fato de que mesmo na Capital de S. Paulo, como em outros pontos do Brasil, ha indústrias que utilizam os conjuntos motores Diesel-elétricos e turbo-geradores conjugados a geradores elétricos alimentados á óleo, — por ficar o K. W. hora mais barato do que adquirido

da *Light* ou das “Empresas Elétricas Brasileiras”, mesmo quando as redes elétricas passam em frente a essas indústrias, o seguinte quadro comparativo que extraímos do referido trabalho apresentado ao VI Congresso Nacional de Estradas de Rodagem pelo engenheiro Milcíades Pereira da Silva, demonstra á saciedade que não é possível o Brasil se tornar grande nação industrial si tiver de adquirir energia para movimentar essa indústria em mãos dos que atualmente a monopolizam:

QUADRO COMPARATIVO DO CUSTO DO
COMBUSTIVEL

	Por Cavallo-Hora	Preço em réis
Designação		
1 — Motor a gasolina em automóvel		\$500
2 — Alcool (na proporção mínima de 80% e ao preço de \$600 o litro)		\$300
3 — Máquina a vapor:		
a) Locomotiva a vapor saturado, tipo antigo, carvão, 6,75 de taxa de vaporização e custando 130\$000 a toleda		\$250
b) Locomotiva a vapor super aquecido, moderna		\$150
4 — Motor Diesel, em auto-caminhões, na base de 200 grs. de oleo de \$500 o quilo		\$100
5 — Energia elétrica na E. F. C. Brasil K.W.H.		\$090
6 — Idem na E. F. Campos do Jordão K.W.H.		\$080*
7 — Gazogênio a carvão de madeira aplicado em auto caminhões, na base de 400 grs. de carvão vegetal a 120\$000 a tonelada		\$050
8 — Energia elétrica na Cia. Paulista (contrato antigo)		\$046*
9 — Gazogênios para instalações de bombas na E. F. Sorocabana		\$045
10 — Gazogênios a lenha, apáras e cascas de madeira, etc. na instalação gaz-elétrica, de Assís, E. F. Sorocabana		\$630

Quando ponderamos que o “Kilowatt-hora” de energia elétrica é vendido no Brasil, á razão de

(*) Admitindo-se, para facilitar o confronto que a perda até os motores de tração das locomotivas elétricas corresponda á diferença entre 1 K.W.H. e 1 H.P.H.

\$300 para “fôrça”, na maioria das cidades brasileiras, e que, conforme o quadro acima, o custo do “cavalo hora” com os motores Diesel pode ser de \$100, verifica-se como é cara a energia elétrica no Brasil, — *batida mesmo pelo combustível importado.*

E nem é outra razão, sinão o alto preço do “kilowatt”, no Brasil, o motivo porque as empresas que nos suprem de energia elétrica preferem ficar na dependência dos motores a óleo Diesel a fazerem novas instalações hidro-elétricas. E’ típico o caso de Belo Horizonte: A companhia que fornece energia elétrica á Capital Mineira, apesar de possuir usinas hidro-elétricas com um total de 11.420 k.wvs. e usinas termo-elétricas de “reservas com 1.544 k.w.s., não obstante ter tido em 1935 uma exigência máxima de energia de 7.425 kws., conforme relatou ao Prefeito de Belo Horizonte em 13 de novembro de 1935, (vide anais da Câmara Municipal de Belo Horizonte), disse que fez funcionar os motores Diesel e Gaz Pobre em dias do ano passado”, e que apelara para êsse recurso com o fim de aliviar o encargo da usina de Rio de Pedra, no desejo de realizar uma economia na provisão d’água, — dada a previsibilidade de uma estiagem prolongada, — **AINDA QUE A MEDIDA ADOTADA VIRIA ELEVAR O CUSTO DO SEU KILOWATT DE ENERGIA”.**

Houvesse realmente interesse em que a energia elétrica fôsse fornecida *economicamente* e a um mínimo que permita e estimule o desenvolvimento industrial do país e, sem dúvida, nenhuma medida que viesse elevar o custo dêsse “kilowatt” seria tomada, pois outras fontes de abastecimento hidro-elétrico deveriam ser captadas, o que não se faz porque não se quer baratear a energia elétrica no Brasil.

O que pretendem é obter o máximo de rendimento no menor prazo possível, para o que as instalações teem que ser de pequeno custo inicial, conforme convém aos grandes “trusts”.

Mas, ainda outros exemplos seriam prova evidente de que o preço da energia elétrica no Brasil é tão elevado que não permitirá expansão industrial nacional mais acentuada.

Já é do conhecimento de todos o que foi o prejuízo para a indústria de São Paulo a crise de energia elétrica na Paulicéa, em 1925. Mas, essa ao menos serviu para experiência.

Muitos industriais adquiriram máquinas para ficarem independentes da falta de força motriz e, verificaram que, mesmo adquirindo óleo cru para os motores ou caldeiras a vapor, ficaria o K. W. H. produzido mais baixo do que adquirido nas barras das sub-estações elétricas da "The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd".

E' que êsses industriais compreenderam que, as suas indústrias precisam ficar acobertas de eventuais crises de energia!...

Si é que podemos aprender as lições do passado, pelo menos não nos esqueçamos que, todo o nosso parque industrial deve apoiar-se tendo *energia* própria e que as fábricas devem ser instaladas independentes dos fornecedores estrangeiros de energia elétrica!...

Diante dos fatos que veem se sucedendo, no mundo e no Brasil, relativamente á luta pelo domínio das fontes de energia motriz, convençamo-nos que nenhuma política de amparo, de proteção e de desenvolvimento do potencial econômico e industrial do Brasil, dadas as nossas condições peculiares: — pobreza de combustíveis e abundância de recursos hidro-elétricos, — poderá ser levada a efeito sem que os dirigentes do país cogitem de tornar o PREÇO DA UNIDADE DE ENERGIA ELÉTRICA O MAIS BARATO POSSÍVEL, — ainda que para isso o Govêrno tenha que ir até ao monopólio do suprimento de energia elétrica ás indústrias nacionais.

OS IMPERIALISMOS E O CÓDIGO DE AGUAS ATROFIANDO A INDÚSTRIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA

“Os países de origem colonial teem por móvel psíquico de formação a cobiça desordenada de aventureiros”.

Alberto Torres.

Os problemas condizentes aos imperialismos que nos circundam e afligem, vão sendo focalizados pouco a pouco.

Ainda não ha muito, os aspectos da luta mundial pelo petróleo foram descritos com amplitude e vigor da inteligência sem par de brasileiros dos mais concientes em livros que deveriam ser lidos e meditados profundamente por aquêles que teem em suas mãos o cétro do poder e das responsabilidades.

Também, a guerra mundial pelo algodão, veio, ao lado da luta surda pela borracha, despertar os brasileiros para as variadas formas de imperialismos que nos ameaçam e rodeiam...

Inegavelmente, na atualidade, é o imperialismo econômico que vem sempre se sobressaindo, — si bem que, os casos recentes da conquista da Etiópia, pela Itália e do Manchuko-Kuo, pelo Japão, — também demonstram que o imperialismo guerreiro, — ainda que dormente, não está de todo extinto e aflora conforme as

conveniências e audácia de cada povo em desafiar interesses e convenções internacionais estipuladas.

Esses fatos os rememoramos, ao lembrarmos que, estando em 1923, em Pittsburgh, na sala de leitura do Westinghouse Club, folheando a revista "The Electrical World", ao vermos passar um trem da "Pennsylvania Railway", com 85 vagões lotados de carvão, fazíamos conjecturas sôbre o poderío do combustível na economia universal, relembrando o surto industrial inglês, belga, alemão e norte-americano, — consequência do desenvolvimento da máquina a vapor e do aproveitamento do carvão fóssil nos altos fornos, — quando, nas páginas de "The Electrical World" vimos a notícia, resumida, de que, "um grupo" de capitalistas norte-americanos iriam dispendêr \$150.000.000⁰⁰ na aquisição de emprêsas de serviços públicos na América Latina, — com o intuito, dito, de incrementar as exportações norte-americanas de material elétrico.

Bem longe estaríamos de supor que, outros motivos além do incremento das exportações de maquinismos elétricos norte-americanos que sofriam forte concorrência dos alemães em nosso mercado, — eram os móveis do plano que se esboçava e, não imaginaria também que, mais tarde, num ótimo ponto de observação, iríamos assistir o desenrolar dessa política que outra não era sinão uma fase do novo imperialismo que surgia no mundo, — estendendo os seus tentáculos sôbre a América Latina, — com as aquisições EM MASSA, que a organização então anunciada iria fazer, apropriando-se das principais emprêsas e concessões de exploração dos serviços de suprimento de energia elétrica do Brasil e da Ibero-América.

Quando presenciávamos as emprêsas nacionais de eletricidade, — organizações fundadas por brasileiros a custo de ingentes sacrifícios e por êles acalentadas e impulsionadas durante largos anos, serem vendidas, quasi em leilão, — a preços insignificantes, ao "grupo"

que hoje é SENHOR absoluto das fontes de energia elétrica no Brasil, foi que começamos a compreender que desabara sobre o Brasil um imperialismo e, “dos mais farpantes”...

Então, as aquisições do “trust” norte-americano não eram bem vistas pelo “trust” inglês que já imperava sobre nós e julgava-se com direitos adquiridos na exploração e tutela da “Brasília Terra” em seu benefício.

Como na luta mundial pelo petróleo, em que o imperialismo norte-americano geralmente se defronta com o imperialismo inglês, — assim também, na luta pela posse das fontes de energia elétrica do mundo, os interesses ingleses e norte-americanos se entrecrocaram e decidem da sorte dos povos que os suportam.

Quando os “trusts” norte-americanos pretendiam açambarcar o fornecimento de energia elétrica no Brasil trataram logo de preparar ambiente para a sua “entrada”.

De início, facilitaram, insuflaram e abriram mãos ao crédito às empresas nacionais que precisavam tornar “maduras” a fim de que, depois, elas se vissem em dificuldades e se lhes oferecesse tomar algumas ações, para pagamento de dívidas, juros e amortizações, — o que então os *bondosos* prestamistas acederiam com a condição de ficarem, pelo menos, com o total de 51% das ações em circulação!...

Assim, conseguiram o domínio das empresas que almejavam e também o AUXÍLIO dos antigos donos, seus directores e engenheiros que associavam, *em minoria*, já se vê, aos novos proprietários das empresas elétricas do Brasil, na ambicionada tarefa de exploração e domínio de nossa Pátria.

Quando esse processo falhou, entabolaram a compra direta, porém oferecendo preços irrisórios, pois, por uma propaganda adrede preparada, as empresas nacionais que haviam expandido além de suas possibi-

lidades não estavam em condições de ampliar, sinão lentamente, os seus serviços sem apelar para o crédito ou o aumento de tarifas, o que não era possível; — primeiramente, porque o nosso mercado monetário sofria a pressão dos bancos estrangeiros que nos exploram e porque o aumento de tarifas seria combatido *pela imprensa assalariada*, pelos políticos' municipais, estaduais e os banqueiros que desejavam associar-se ao novo consórcio para apanhar as migalhas. . .

Já se vê que só restava ás emprêsas nacionais se venderem, passarem para as mãos imperialistas que as almejavam possuir.

Ainda hoje, é interessante notar como os fatos, as nossas leis e os nossos dirigentes militam, auxiliam e colaboram para a expansão das emprêsas estrangeiras e contra as nacionais.

E' o que se pode notar do fato de que as Emprêsas estrangeiras que hoje operam 90% dos serviços de suprimento de energia elétrica no Brasil estão ou até ha pouco estavam garantidas em seus contratos contra as oscilações cambiais, muitas gozaram de isenção de direitos aduaneiros, outras possuíam tarifas móveis com a cláusula "ouro", para o que podiam aumentar os preços de energia de acôrdo com as oscilações cambiais.

Quando estas vantagens não julgaram suficientes, pleitearam e obtiveram, afim de precaverem-se contra futuros imprevistos, *que todõ e qualquer aumento de impostos e taxas recairiam no público, seus consumidores.*

Assim, o imposto de consumo, cobrado pela União é o público que paga e as emprêsas nada mais são do que coletoras do mesmo. Também a "quota de previdência" creada pelo nosso já famoso "ministério do descanço" vai recair não nas emprêsas que nos exploram mas sim nos consumidores.

E como si isto não bastasse, recentemente, passando o imposto de vendas mercantis da União para os Esta-

dos, êste as emprêsas estrangeiras não os paga, mas as nacionais, já tão prejudicadas, também o teem que pagar.

E' típico, como os estrangeiros se defendem contra os rigores do Fisco no Brasil, — o que os nacionais não podem fazer ou não teem meios de fazer por motivos vários que não convém enumerarmos. As seguintes cláusulas de um contrato celebrado entre uma emprêsa estrangeira fornecedora de energia elétrica entre um Estado do Brasil, para suprimento de sua bela capital, demonstra como os estrangeiros sabem se garantir.

“A Companhia, mediante verificação do govêrno do Estado, terá o direito de *elevantar* os seus preços *proporcionalmente*, a qualquer aumento ou criação de impostos, taxas, contribuições, onus e *outros encargos* estabelecidos pelos governos Federal e Municipal, que venham direta ou indiretamente sobrecarregá-la, e, também poderá *propôr ao Govêrno a revisão* dos preços estipulados neste contrato, quando *outras circunstâncias* assim o *aconselharem*, fazendo a Companhia a sua proposta de justificação escrita”.

Já se vê que, numa terra como o Brasil em que todo o mundo paga impostos, esta companhia, estrangeiras como outras suas congêneres passa todos os encargos para as costas do público. E dizermos que somos independentes! . . .

Á semelhança da nossa constituição de 1891 que era muito moderna, um modêlo de sabedoria jurídica, mas que garantia direitos aos estrangeiros maiores do que conferia ao nacional, assim, como na China que a maior desgraça que pesa sôbre um chinês é ter nascido chinês, — nós também vamos, por nossas próprias mãos, creando leis que nos prejudicam, nos inferiorizam e nos colocam em posição inferior ao estrangeiro na luta pelo domínio comercial dentro mesmo de nossa terra.

Ao par dêsses fatos, dos máus contratos, da impossibilidade de reformá-los pela “comedeira” quasi im-

possível de ser saciada e por empresas de parques recursos, — a falta de padronização dos serviços e de seu material empregado, — não permitindo interligação das redes de várias companhias, falta de financiamento, ausência de unidade de direção, — são outros fatores que atrofiam as nossas indústrias e notadamente atrofiaram a nossa indústria elétrica e facilitaram a sua transferência para mãos estrangeiras.

Ao par dessa política, de início, os compradores da “nossa” hulha branca faziam aquisições acessórias.

A Companhia Nacional de Artefatos de Cobre, podia em seu interesse expandir as usinas elétricas do Brasil e, por isso, um grupo do “trust” que nos espreitava fê-la passar para as mãos alienígenas.

Mas, objetivando melhores resultados, os monopolizadores das nossas forças hidro-elétricas também entraram diretamente na indústria de suprimento de energia elétrica no país, em grande escala, com o fim de apressar o premeditado domínio sobre nós.

Formaram a empresa Central Elétrica de Icem, que foi a entidade iniciadora do movimento que culminou na aquisição de todas as principais companhias de força e luz do Brasil pelos trusts anglo-americano.

Já se vê que ao lado do monopólio da hulha branca, no Brasil, vem o monopólio ou não existência da indústria elétrica nacional.

As poucas indústrias que se iniciaram foram aniquiladas.

Quando o “trust” norte-americano fazia a aquisição, em grosso, das empresas elétricas no Brasil é pena que não tivéssemos um Altino Arantes no governo de São Paulo ou no Catete, pois, quando eramos ameaçados pelo “trust” Farquahr que visava monopolizar os nossos transportes ferroviários em todo o sul do País, sua Excia. a isto o impedira.

No caso da aquisição das empresas supridoras de energia elétrica que foram *desnacionalizadas*, como a

prêsa era fácil e rendosa havia meios de se conciliar os interesses internacionais dos "trusts" inglês e norte-americano em jôgo, — principalmente porque, o fim de ambos era explorar o Brasil, IMPEDIR A SUA INDUSTRIALIZAÇÃO, impedir o seu enriquecimento pela produção máquinofatureira, — monopolizar as fontes de energia hidro-elétrica que, para um País que não possúe jazidas de combustíveis minerais em utilização e exploração intensa, significa tê-lo na paz e na guerra, sob tutela do país que dominar e tutelar as fontes de energia que substituem os combustíveis fósseis, sólidos ou líquidos.

Assim, impera sôbre nós, desde 1824, o imperialismo da agiotagem internacional, consequente a política dos empréstimos ruinosos com os quais o Brasil "comprou" á Inglaterra a sua separação política de Portugal; — política essa que em todo o nosso passado, vimos seguindo e acalentando, como os maniacos do álcool, do ópio e da cocaina.

Impera sôbre nós, a tutela bancária, a tutela dos estabelecimentos alienígenas que exploram o comércio de importação e exportação do País; — tutelam-nos o comércio importador, os estrangeiros, grandes acionistas, proprietários ou arrendatários das nossas principais ferrovias troncos e escoadouros da produção nacional.

Mas, como o poderío das grandes nações é baseado na indústria máquinofatureira e esta tendo para agente motriz a electricidade, ameaçava no Brasil ir concorrer com as indústrias de além-mar das grandes nações industriais, — nada mais oportuno do que os nossos concorrentes virem se apossar de "nossas" fontes de energia e fazer o Brasil progredir ou retardar neste ou naquêle setor de atividade conforme os interesses de outros povos o exigir.

Supunham mesmo, êsses modernos agentes dos imperialismos que nos agridem, baseando talvez no relato da História falseada e apoiados em nossa tradicional

franqueza e lealdade de descendentes dos Nunálvares, que não só desperceberíamos êsses golpes de audácia e de cupidez sôbre o nosso futuro, como passaríamos recibo de nossa própria ingenuidade e ignorância não aquilatando que, mais do que o petróleo, — é a ELETRICIDADE, — o agente motriz mais poderoso e que acionará a indústria do século atual e do futuro próximo.

Si, a base do poder econômico, militar e cultural dos Estados Unidos da América ou de outro qualquer país, é consequência ou está nos seus combustíveis e minérios, notadamente no petróleo e no ferro, como a base do poderío inglês, alemão ou japonês reside no carvão ou no petróleo aliados ao ferro, — o que diremos sôbre o “futuro elétrico do Brasil, já que a eletricidade obtida com o aproveitamento das “nossas” quedas d’água é inesgotável e substitue com vantagem o carvão e o petróleo?

A eletricidade produzida no Brasil oriunda dos desníveis de nossos rios é e será uma ameaça permanente ao poderío industrial de outros povos; — ELA CONSTITUE O EQUIVALENTE A IMPORTAÇÃO DE MILHÕES DE TONELADAS DE CARVÃO OU DE TAMBORES DE PETRÓLEO e, por isso, não *convém* que o aproveitamento de nossas quedas d’água fique em mãos de brasileiros. Daí o açodamento dos povos imperialistas da Terra em adquirir, arrendar e explorar os serviços públicos de suprimento de energia elétrica, de abastecimento calorífico e de telefones no Brasil, — o que constitue um dos gravíssimos problemas que a geração atual terá que enfrentar em prol da completa independência nacional.

E’ por isso, que tem sido fenomenal a expansão norte-americana no seu “Império Elétrico na América Latina”.

E’ por isso que, não menor foi a expansão *ianqui* no seu “Império Elétrico do Brasil”.

Atualmente, — ou melhor, — de 1929 para cá, — de Manáus a Belém do Pará, do Maranhão a Belo Horizonte, — de Recife ao Rio Grande do Sul, — de Santos a Pôrto Cemitério, na fronteira de Minas, ou a Aracatuba, quasi em Mato Grosso, — em todo o Brasil, onde existe um núcleo de população capaz de algum desenvolvimento rápido, — os serviços de fornecimento de energia elétrica passaram, de 1929 para cá, das mãos de brasileiros ou de estrangeiros não identificados ao imperialismo que nos quer atrofiar e dominar, para o domínio e tutela de um “trust” norte-americano aliado a alguns ingleses.

Sem vacilações, foi delineada e seguida o plano *préviamente traçado* de domínio de toda a energia elétrica do Brasil, — plano êsse que pela primeira vez noticiara “The Electrical World” conforme já nos referimos, — enquanto nós brasileiros, — boquiabertos, ocupadíssimos em “estabilizar” o milréis ou fazendo revoluções que melhor preparavam o terreno para o domínio de outros povos sôbre nós, não viamos o perigo que nos ameaçava e AMEAÇA.

Para que possamos avaliar o quanto já está comprometido o nosso futuro pelo descaso com que temos tratado os nossos problemas capitais, — dos quais é o problema do aproveitamento hidro-elétrico o mais importante, porquanto temos que contar com a energia hidro-elétrica para movimentação de nosso futuro parque industrial, — uma vez que a exploração do petróleo no Brasil ainda não se fez e não se faz intensamente, e a exploração carbonífera ainda é incipiente, vejamos a quem pertence as principais usinas geradoras de eletricidade do País.

Da página 349 do Boletim n.º 1, intitulado: — *Utilização de Energia Elétrica no Brasil*, publicação do Ministério da Agricultura, encontramos o seguinte quadro:

AS QUINZE MAIORES USINAS GERADORAS HIDRO-ELÉTRICAS EM FUNCIONAMENTO NO BRASIL

Em 31 de Dezembro de 1934:

Usinas e respectivos proprietários	Potência total	
	Motores primários H.P.	Geradores K. Ws.
Illa dos Pombos (Estado do Rio de Janeiro), The Brazilian Hydro Electric Co. (a)	97.907	71.990
Ribeirão das Lages, (Est. do Rio Janeiro), The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co. Ltd.	92.000	67.647
Cubatão, Est. de S. Paulo, The São Paulo Tramway & Power Co. Ltd.	80.000	58.824
Ituparanga, Est. de S. Paulo, The S. Paulo Electric Co. (b)	71.400	52.500
Parnaíba, Est. de S. Paulo, The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd.	36.000	26.471
Rasgão, Est. de S. Paulo, The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd.	30.000	22.059
Itatinga, Est. de S. Paulo, Companhia Docas de Santos	20.660	15.191
Rio das Pedras, Est. de Minas Gerais, Cia. Fôrça e Luz de Minas Gerais (c)	16.440	12.066
Bananeiras, Est. da Baía, Cia. Energia Elétrica da Baía (c)	15.600	11.471
Piabanha, Est. Rio de Janeiro, Cia. Bras. de Energia Elétrica (c)	15.450	11.360
Porto Góes, Est. de S. Paulo, Cia. Ituana de Fôrça e Luz . . . (b)	15.000	11.029
Chaminé, Est. Paraná, Cia. Fôrça e Luz do Paraná (c)	11.110	8.169
Icém, Est. de São Paulo, Cia. Central Elétrica de Icém . . . (c)	10.000	7.353
Jaguari, Est. de S. Paulo, Cia. Campineira Tr. Luz e Fôrça . . . (c)	10.000	7.353
Dourados, Est. de São Paulo, Cia. Fôrça e Luz de Rib. Preto (c)	9.500	6.985
TOTAIS 15 Usinas . . .	531.037	390.468

- (a) associada à The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd.
- (b) associada à The São Paulo Tramway, Light and Power Co. Ltd.
- (c) sob o controle da S/A Empresas Elétricas Brasileiras.

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1935
 Achilles de Oliveira Fernandes
 Oficial do Registro de Aguas

E' conspícua neste quadro a posição da usina de *Itatinga*, única pertencente a nacionais, de vez que a Cia. Docas de Santos, resistiu a todas as tentativas de venda da mesma ao grupo norte-americano ou mesmo á The S. Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd. (Consórcio inglês).

Também, não deve passar despercebido, o fato de que a maioria das empresas tuteladas pelo "grupo" norte-americano, "S/A. Empresas Elétricas Brasileiras", utilizam-se do rótulo de nacionais, fato que identifica a sua recente aquisição, uma vez que todas elas, foram fundadas por nacionais e, somente vendidas após 1929, quando a ação do poderoso *Trust* entrou a agir no Brasil.

As cifras representativas das 15 maiores usinas geradoras hidro-elétricas existentes em funcionamento so Brasil, em 31 de dezembro de 1934, temos a adicionar mais os seguintes dados do citado Boletim, á página 350:

AS SEIS MAIORES USINAS GERADORAS TERMO ELÉTRICAS EM FUNCIONAMENTO NO BRASIL, EM 31 DE DEZEMBRO DE 1934.

Usinas e respectivos proprietários	Potência total	
	Motores primários H.P.	Geradores K. Ws.
Porto Alegre, Est. Rio Gr. Sul, Cia. Energ. Elét. Rio Grandense (a)	22.500	16.544

Recife, Est. Pernambuco, The Pernambuco Tr. and Power Co. (a)	18.700	13.750
Reserva, (Distrito Federal), Soc. Anonyme du Gaz do Rio de Janeiro (b)	16.086	11.828
Belém, Est. Pará, The Pará Electric R. and Lighting Company Ltd. .	10.500	7.821
Reserva, Est. de S. Paulo, The São Paulo Light and Power Co. Ltd.	13.600	10.000
Fortaleza, Est. Ceará, The Ceará Tr. Light and Power Co. Ltd. . .	6.405	4.710
	<hr/>	<hr/>
Totais, seis usinas . .	87.791	65.553

(a) sob tutela da "S/A Empresas Elétricas Brasileiras".

(b) Associada à "The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company, Ltd."

Adicionando-se a potência acima a das 14 usinas hidro-elétricas citadas, — excluindo a usina de *Itatinga* que é de nacionais, — temos o total de 595.168 H. P. e 449.830 K. ws., que representam a potência das principais usinas geradoras de energia elétrica do País em mãos de "trusts" estrangeiros.

Si bem que não dispomos de dados oficiais, vamos tentar fazer um apanhado sôbre outras principais usinas geradoras do país afim de tornarmos patente que a indústria do Brasil não pertence mais a brasileiros.

Na mapa das cidades brasileiras grandes utilizadas de energia elétrica encontramos mais as seguintes usinas geradoras de importância apreciáveis que abastecem:

	H.P.	K.Ws.
Cia. Siderúrgica Bélgica Mineira	20.000	
The St. John del Rey Mining Co. . . .	33.000	
Usina São Joaquim, Emp. Elét. Bras.	7.200	5760
Usina Avanhandava " " "	4.350	3475
Usinas Térmicas de Belo Horizonte " " "	2.000?	1544
Usinas de Campinas. S.P. " " "	3.800?	3000
Usina Serra da Bocaina " " "	4.200?	3300
Usina da Cia. Francana de Eletricidade . . . " " "	2.500	2000

Usina da Cia. F. e Luz Norte de São Paulo Light		2.500	2000
Usina de Buritis Emp. Elét. Bras.		1.200	1000
” ” Corumbataí ” ” ”		2.700?	2125
” ” Lençóes ” ” ”		2.250	1766
” ” Guaratinguetá Light . . .		1.200	1000
		<hr/>	
Total		86.800	

O que perfaz o total de 705.720 H. P. em mãos de estrangeiros relacionando-se *apenas* as usinas de maior potência.

Como sabemos pelos dados oficiais que, em 31 de dezembro de 1934 a potência de todas as usinas hidro e termo-elétricas do país atingia a uma potência total de 1.010.546 H. P. — potência total dos motores primários, instalados em 1.035 usinas, segue-se que do total da energia elétrica gerada no Brasil, mais de 90% é dominada por estrangeiros, si na lista acima incluímos as pequenas usinas adquiridas englobadamente pelos “trusts” norte-americano e inglês.

Com a perda das posse das emprêsas supridoras dos serviços públicos de energia elétrica em mais de 331 municípios e localidades que, de 1929 para cá transferiram-se das mãos de brasileiros para o domínio da “The Electric Bond & Share Co.” nós nos escravizamos ao estrangeiro em proporção que JAMAIS poderemos calcular.

Infelizmente, é velha a frase de que a nós brasileiros, como aos nossos avoengos portugueses, só os perigos nos advertem, quando iminentes, e, daí o tentarmos agora recuperarmos essa perdida “autonomia” com o engeitado “Código de Águas” que saiu pior do que a encomenda, porquanto, — si o patriotismo o ditou o diabo o forjou e acabou.

Não sei que má estrela está a perseguir o Brasil nestes últimos tempos...

Louvável, por certo, foi o intento do “Código de Águas” e, tanto assim, que não faltára brasileiros dos mais patriotas e esclarecidos ao apoiarem.

Aconteceu, porém, que, como está redigido, mais parece um código encomendado pelos “trusts” alienígenas para não permitir que os brasileiros explorem a energia elétrica restante ainda em seu país ou que êles tenham a ousadia de ir fazer-lhes concorrência no fornecimento de energia ás concessões que estão em suas mãos.

Tudo o que existe de razoável nesse “Código de Águas”; — a tendência nacionalizadora de *nossas* quedas d’água e serviços públicos achamos razoável, mas, ao lado destas, encontram-se absurdos tão grandes que só se admite terem vindo a lume encomendados pelos magnatas que desejam adquirir a energia elétrica no Brasil, *sem concorrentes*, — sem mesmo ser preciso adquirir as quedas d’água que os nacionais “possuíam”...

O lema dêsse “código”, á semelhança do seu irmão, o “Código de Minas”, o qual jáprovaram ter surtido com o fito de impedir que os nacionais explorem o sub-solo do Brasil, que não perfurem o solo brasileiro para encontrar petróleo, — também parece ser êste: *não permitir que os brasileiras explorem os serviços de energia elétrica no seu país, para o que tirou-lhes todas as garantias e as vantagens que se concedeu e se concede aos estrangeiros...*

Realmente, é o que transparece quando o “Código” tira todas as garantias AOS CAPITAIS NACIONAIS que desejarem se dirigir á indústria de exploração de energia elétrica, conforme se deduz dêstes artigos do “Código de Águas”:

Art. 168 — As concessões deverão caducar obrigatoriamente, declarada a caducidade por decreto do Governo Federal:

§ III — Si nos casos de serviços de utilidade pública, forem os serviços interrompidos por mais de se-

tenta e duas horas consecutivas, salvo motivo de força maior, a *juízo do Govêrno Federal*. (Os grifos são nossos).

Art. 169 — As concessões decretadas caducas serão reguladas da seguinte forma:

§ I — No caso de produção de energia elétrica destinada ao comércio de energia, o Govêrno Federal, por *si ou terceiro*, substituirá o concessionário até o termo da concessão, *perdendo O DITO CONCESSIONARIO TODOS OS SEUS BENS*, relativos ao aproveitamento concedido e a EXPLORAÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA, INDEPENDENTEMENTE DE QUALQUER PROCEDIMENTO JUDICIAL E SEM INDENIZAÇÃO DE ESPÉCIE ALGUMA.

§ II — No caso de produção de energia elétrica destinada a indústrias do próprio concessionário, ficará êste obrigado a restabelecer a situação do curso d'água anterior ao aproveitamento concedido, si isso for julgado conveniente pelo Govêrno.

Deixamos de comentar êsses artigos do referido “Código” porquanto êles mais parecem leis feitas na Rússia Soviética do que no Brasil.

Cremos, que nem mesmo na Rússia haveria tanta incoerência, pois, ao lado do nacionalismo que pretendem dar como “leit motiv” dêsse *Código*, o nacionalismo que nêle transparece não é sinão a antítese do nacionalismo verdadeiro, calmo, sereno, objetivo, não palrador.

Diremos, entretanto, que os dispositivos estatuídos nesse ajuntamento de leis “sovietizadas” só prejudicam ao nacional, ao brasileiro, sempre desamparado no seu próprio Brasil, — “mais estrangeiro nesta terra do que os imigrantes da Europa”, porquanto, os capitais alienígenas, aplicados em concessões que nem mesmo daqui a 50 anos conseguirão atingir o seu máximo desenvolvimento, não se interessarão em novas concessões. Interessam, porém, em aumentar a potência e número de

suas usinas para as concessões de suprimento de energia elétrica às localidades que irão crescendo e, isto o "Código de Águas" veio a "talho de foice", pois garante-lhes, SER INDENIZAÇÃO, poderem utilizar mesmo das quedas d'água que julgarem necessárias, que estejam em mãos de particulares, que poderiam interessar em fazer-lhes concorrência...

Ainda, garantidos com as concessões e contratos que possuem *por força de leis anteriores*, sómente necessitam de ampliar usinas, o que não se dá com aqueles que pretendessem iniciar na nova indústria. Dizemos "pretendessem", porquanto, nenhuma empresa nacional iria iniciá-la ameaçada pelo atual "Código de Águas".

Vemos assim, que o "Código de Águas" peca mais do que pecara a defunta constituição brasileira de 1891, quando igualava direitos dos estrangeiros aos brasileiros, — prejudicando o nacional, que não está tão bem financiado, que não está coligado em "trusts", que não dispõe de embaixadas e cônsules, que não possui atrás de si a força e o prestígio de governos poderosos e sempre interessados na *defesa* de seus súditos em casos como êstes, que representam as mais das vezes, vida ou morte para as suas atividades industriais.

Demais, si a chicana, a politicagem, a má vontade e os entraves diversos já oneravam as empresas nacionais de eletricidade, (as nacionais sómente) — antes de 1929, — forçando-as a se venderem ao estrangeiro, — não é uma loucura pensar-se em atrair capitais nacionais para a indústria de energia elétrica no Brasil, com uma lei soviética, com semelhante "Código" que ameaça de "CONFISCO" os bens das empresas e que não lhes permite impetrar recursos aos tribunais?

Digamos sinceramente a verdade: — o Código de Águas recisa ser remodelado para ficar em harmonia com os elevados interesses pátrios. Ele surgira impedido pelo patriotismo de muitos, pelo interesse de ou-

três e pela cavilagem e maldade de alguns. O patriotismo que o inspirou, deve ser calmo, sereno, objetivo e não se extraviar a ponto de torná-lo uma arma contra os máximos interesses do Brasil, como êle é atualmente.

Com algumas modificações êle será uma lei de grande alcance, mas, por enquanto, é uma “tranqueira” contra a exploração da energia elétrica no Brasil e, cujo efeito será permitir a exploração de “nossas” quedas d’água pelo estrangeiro, — mesmo sem adquiri-las, — e não admitir a concorrência do nacional.

No louvável intuito de tornar o “Código de Águas” um instrumento útil ao Brasil, a Associação Comercial de Minas, — associação de Classe das mais representativas do País e cujos diretores são homens ponderados e experimentados, em agosto de 1934 solicitou do Snr. Ministro da Agricultura a modificação do Código, sugerindo nova redação para os seguintes artigos:

Art. 143 — letra f — Redija-se: Da conservação e livre circulação do peixe, desde que as exigências citadas não prejudiquem o uso normal dos fins da empresa.

Justificação — A nova redação, estabelecendo a condição mencionada, vai ao encontro dos objetivos da lei que são os referentes á conservação do peixe, sem prejudicar os interesses das empresas. Êstes seriam sacrificados com a redação antiga, porque, nos casos de quedas altas, bacias de acumulação e periodos de estiagem, torna-se técnica e economicamente injustificável a exigência da livre circulação do peixe.

Art. 168 — n.º 3 — Suprima-se as palavras “A juízo do Govêrno Federal”.

Justificação — A caducidade de uma concessão envolvendo zonas consideráveis devem ser assunto para decisão dos tribunais e nunca “a juízo do Govêrno”. De outra maneira, os capitais não sentirão garantidos e não irão ter emprêgo na indústria de energia elétrica no Brasil, si êsses capitais são nacionais e como tal são

escassos e não se atreverão a ir se aplicar onde não tenham plenas e reais garantias.

Art. 169 — n.º I — Redija-se — No caso de produção de energia elétrica destinada ao comércio de energia, o Governo Federal, por si ou terceiro, substituirá o concessionário até o termo da concessão, ficando o mesmo governo obrigado a indenizar ao dito concessionário a metade do valor dos bens, relativos ao aproveitamento concedido e á exploração da energia, no ato da substituição, apurado êsse valor na data do decreto de caducidade.

Justificação: — Pretende-se dessa forma dar estímulo aos concessionários de vez que, mesmo em caso de caducidade, não terá êle a perda de todos os seus bens e sim da metade dêstes.

Art. 172 — Adicione-se § único — No caso de autorização para captação de fôrça hidráulica ou hidro-elétrica, destinada exclusivamente a indústrias do proprietário da fonte de energia, o prazo da autorização só terminará quando o concessionário dela não mais precisar para a sua indústria.

Justificação: — O interesse do Governo, que sómente dá concessões limitadas, não deve prevalecer ao do proprietário e daí a razão do parágrafo solicitado.

Art. 180 — Adicione-se letra d. — O fundo de reserva razoável.

N.º II — Modificar — Conferindo a remuneração de 10% a êsse capital, ao mínimo.

Justificação — Os juros de 10% são a remuneração razoável do capital e as emprêsas não podem viver sem levar nos seus balanços certas importâncias ao fundo de reserva que é medida de previdência indispensável, por motivos obvios.

Art. 134 — § I — Pede-se a sua modificação afim de ficar em concordância com o artigo 180, n.º III.

Art. 187 — § único — O Governo pode retirar uma aprovação previamente dada, si, em virtude de

consideração ulterior, se convencer de que o custo do serviço não era razoável. Pedese a sua supressão, de vez que o dispositivo põe nas mãos do govêrno um arbítrio cujas consequências não se pode prever quais sejam.

Antes de passarmos a analisar o motivo das modificações solicitadas e que o Sr. Ministro não dignou responder, convém saber-se a razão da Associação Commercial de Minas ter feito o pedido acima aos poderes do Govêrno.

Um grupo de industriais mineiros se interessavam na exploração dos serviços de suprimento de energia elétrica á cidade de Uberaba e, para o que organizaram uma emprêsa com o capital realizado de 6.600 contos de réis.

Surgindo o "Código de Águas", êstes consultaram os seus advogados e, ficaram sabendo que, diante do tal "Código", nenhuma garantia teriam os seus capitais. Daí apelarem para a Associação de Classe que julgou razoável e solicitou as modificações referidas.

Sem as modificações sugeridas, que constituem o MÍNIMO compatível com os interesses nacionais, ninguém poderá esperar o desenvolvimento das nossas fontes de energia elétrica por emprêsas de brasileiras.

Desnecessário seria dizermos que a preocupação dos legisladores patrícios deveria ser precipuamente regulamentar e estimular a organização de emprêsas nacionais que tenham por objetivo o aproveitamento industrial das águas, cujos interesses o decreto em aprêço feriu gravemente em alguns pontos, acarretando a paralização da organização de várias companhias desse gênero, nas quais se inverteriam soma elevada de capitais, com evidente importância para o desenvolvimento econômico do País.

Ao contrário, o "Código de Águas", tal qual como está, veio favorecer aos estrangeiros que, continuarão a monopolizar o suprimento de energia elétrica no Bra-

sil; que continuarão a entravar o desenvolvimento industrial do Brasil; — ainda mais prejudicado por êsse “Código” que veio agravar mesmo as quedas d’água que suprem as indústrias que se foram instalar ao sopé destas, no intuito de fugirem á ganância das emprêsas estrangeiras cujas tarifas para as indústrias são sempre exorbitantes. . .

Dest’arte, mesmo as indústrias nacionais que pretendessem fugir aos monopolizadores da nossa “hulha branca” ficaram oneradas e sem garantias. . .

Não é preciso recordar-se as palavras de grande economista, fazendo-nos ver que o capital não precisa de guia nem de mentor governamental para chegar ao ponto em que encontrará a devida recompensa e garantia, — para se concluir que o “Código de Águas”, elaborado em 1934, precisa ser radicalmente modificado para estar em consonância com os legítimos interesses do Brasil.

Algumas outras modificações também precisam ser levadas a efeito, pois não se concebe uma lei eivada de erros técnicos e jurídicos, susceptível de interpretações dúbias e autoritárias.

Argumentos vários, poderiam ainda ser aduzidos mostrando que o atual “Código de Águas” é uma lei imprecisa, CONTRÁRIA AOS INTERESSES NACIONAIS, gramaticida, tecnicida, que precisa ser profundamente modificada para ficar de acôrdo com as nossas tradições, com a índole nacional e afim de amparar as necessidades reais do Brasil, como *aparentemente* o “Código” fez crer a alguns.

Até mesmo a nossa Constituição de 1934 exige a modificação dêsse Código anti-brasileiro, porquanto, o seu artigo 119, § 1.º diz que “as autorizações ou concessões serão conferidas exclusivamente a brasileiros ou emprêsas organizadas no Brasil”, e êste artigo perde o seu caráter nacionalista em face do Código de

Águas, que vai proteger as emprêsas estrangeiras no Brasil em detrimento dos nacionais.

Como o nosso interesse é apenas mostrar os imperialismos que nos ameaçam, estamos satisfeitos em ter focalizado como o “Código de Águas”, — lei que na aparência é uma arma que o combate, é entretanto, um ótimo auxiliar do alienígena contra os máximos interesses do Brasil.

E, não tenhamos dúvida, á semelhança do “Código de Águas”, outras leis existem que, aparentemente nacionalistas, estão a proteger e a perpetuar interêsses alienígena em nossa terra!

O BRASIL EM FACE DO IMPERIALISMO MODERNO

“Não é o bárbaro que nos ameaça, — é a civilização que não apavora”.

Euclídes da Cunha

Um estudo da situação do Brasil em face do imperialismo moderno, seria completo, si, primeiramente, si fizesse um estudo do modo como temos nos comportado em face dos imperialismos antigos ou dos que tem se manifestado em toda a vida brasileira.

E' pena, entretanto, ser isto assunto demasiadamente extenso e não poder se enquadrar no âmbito deste trabalho. Não obstante, antes de entrarmos na análise de alguns aspectos do imperialismo moderno, faremos uma revista sucinta e retrospectiva em nosso passado, para mostrarmos que, desde o momento em que o luso pisou as terras de Santa Cruz, começa o Brasil a sofrer as pressões e as garras dos imperialismos que tem dominado o mundo!...

Com o primeiro artigo que produzimos em condições de vende-lo favoravelmente nos mercados internacionais, — o pau brasil, — inicia-se a ação imperialista de estranhos sôbre a colônia lusa da América.

Depois, vindo o açúcar a constituir-se iguaria, fonte de enriquecimento, mercadoria de larga procura na Europa, — o Nordeste Brasileiro, a região outróra maior produtora de açúcar do Universo, passou a ser o campo

de batalha dos povos que se degladiavam, então, para o domínio político e comercial do mundo!... E, não foi sinão por motivos de ordem econômica que, primeiramente piratas, depois Governos organizados, tentaram se apoderar daquêlê pedaço do Brasil que produzia açúcar.

Aliás, os norte-americanos, — em pleno século XX pelo mesmo motivo, á procura do açúcar, que o seu território não produz em quantidades que satisfaçam as suas necessidades de consumo, repetiram, com mais disfarce, sinão com mais sabedoria, ao apossarem-se economicamente de Cuba e tutelando-a em sua vida externa, o que fizeram os franceses e holandeses, outróra, no Brasil, quando apropriaram-se pela fôrça do Nordeste Brasileiro.

Do açúcar e do fumo ao fornecimento de braços para os engenhos e plantações do Brasil Império ou Colônia, é visível a atuação dos imperialistas da época afinando as suas unhas no *todo* Brasileiro...

Não escaparia, portanto a êstes, a nossa produção de ouro, de diamantes, as concessões de estradas de ferro, de portos, o comércio da borracha, do algodão, do café, ou todas as principais atividades nacionais, porquanto, os grilhões que nos prendem aos imperialismos vários que nos esmagam em benefício do estrangeiro, estão patentes, visíveis e sensíveis.

Si, apesar de tantos imperialismos que nos agri-dem não chegamos á condição do Egito ou do Sudão, — escravizados para satisfazerem os interesses economicos dos tecelões de Manchester; — si, podemos permanecer unidos e coêsos em tão ampla base física, mesmo atravessando os temporais que teem castigado a economia brasileira, fôrça é reconhecer que precisamos agir com ponderação, ação e previsão, para não sermos esmagados pelos imperialismos modernos que nos circundam, nos espreitam e nos ameaçam...

Analisando-se o imperialismo de ontem e de hoje, é flagrante a diferença que os orienta. O imperialismo de outróra era sanguinário, conquistador a ferro e a fogo, com lanças e bombadas, visando a posse direta da terra, o domínio político e material, a expansão da fé; mas, o característico do imperialismo moderno é ser de ordem econômica, visando a exploração das riquezas do solo e do trabalho de todo um povo, — por via indireta, — comercial, ou pelo domínio político disfarçado, — meios mais eficazes e menos odiosos.

Ao pensamento antigo, de que para crear colónias era suficiente ocupar um território deserto ou pouco povoado surgiu a doutrina mais objetiva e interesseira de explorar ás nações que convenha por vias indirectas, sem arcar com os encargos resultantes de uma occupação pelas armas.

Realmente, a nossa civilização melhorou muito os processos de colonização, aperfeiçoando os meios de transportes e de comunicação, mas tornou-se ao mesmo tempo, mais difícil, sob outros pontos de vista.

Suprimiu as colónias e, em geral a todos os países novos, aquilo a que poderemos chamar de possibilidades de um desenvolvimento autónomo.

Em outros tempos, o comércio internacional reduzia-se, de ordinário á troca de um pequeno número de productos de luxo. As necessidades eram muito limitadas e todas as indústrias de luxo eram mais fácilmente transportadas de um país para outro e, sem embargo disseminadas, porque a sua principal fôrça produtora era ainda a capacidade pessoal do artifice.

Todos os países, inclusive os mais pobres, proviam as suas necessidades em maior escala do que hoje o fazem os países mais ricos.

Então, para fundar uma comunidade nova em um território conquistado, — ainda que deserto, bastava, agrupar em tórno dos colonos encarregados de lavrar a terra certo número de artífices capazes de realizar as

funções industriais indispensáveis e a colônia, assim, vivendo modestamente, podia prover quasi inteiramente, ás suas necessidades.

Isto não é o que ocorre hoje. A vida tornou-se e tende a ser cada vez mais luxuosa, as necessidades multiplicam-se, as indústrias mais importantes centralizam-se nas regiões melhores dotadas á grande máquinofatura, — relativamente pouco numerosas, pois teem que satisfazer certos requisitos técnicos; o comércio internacional adquiriu um desenvolvimento prodigioso.

Os países que acostumamos a chamar novos, — sejam estados independentes ou colônias, — teem agora que comprar uma grande quantidade de objetos maquinofaturados que pagam em troca com os seus produtos arrancados ao sólo.

Esses países, entretanto, desenvolveram também, ou estão desenvolvendo a sua produção na proporção da respectiva capacidade para produzir e consumir, em condições vantajosas, artigos que os países industriais também necessitam consumir ou produzir. E' por essa razão que o consumo de borracha fez com que se desenvolvessem rapidamente certas regiões do Brasil e, certas colônias da África.

E' pelo mesmo motivo, que o progresso acelerado da Argentina é devido, principalmente, ao consumo de cereais e de carne, que aumentou muito no mundo, durante êsses últimos vinte e cinco anos.

De tudo o que a observação serena dos acontecimentos e dos fatos econômicos do mundo demonstra podemos deduzir que o destino dos países novos, — independentes ou coloniais, está ligado hoje, obrigatoriamente, aos países de mais antiga civilização, de maior solidez econômica, de mais possante indústria e que utilizam em escala maior os combustíveis, a energia elétrica e o ferro para ampliação de sua capacidade produtora.

“Quando se quer prevêr o futuro de um dêsses países novos, não basta sómente avaliar os seus recursos próprios, sua fertilidade, sua extensão, sua salubridade. Ha.que indagar-se, também da posição que êle poderá tomar no comércio mundial, que produtos será capaz de produzir e de vender, em condições vantajosas para o mundo civilizado”.

Evidencia, êsse fato a observação positiva que se poçe fazer, estudando-se os império scoloniaes do mundo, por onde se vê que, até os impérios coloniaes de nações de maior experiêcia, — como a França e a Inglaterra estão vasio. Por esta razão se vê que não basta aos países superpovoados conquistar colônias afim de encontrar trabalho e pão para o excesso de seus braços. Para dar trabalho é preciso também dar valor ás colônias e êste é um problema, hoje, mais complexo do que antes.

E' reconhecendo êsse fato, que os principais povos expansionistas e comerciais do mundo, como os Estados Unidos e a Inglaterra, preocupam-se agora, mais em obter o domínio comercial do que territorial, sôbre as jazidas e matérias primas existentes em outros territórios fora de sua bandeira, por ser essa forma de imperialismo a que mais convém no século que passa.

Ainda que, de quando em vez, desperte e desponte no mundo o imperialismo ameaçador, — ansioso de territórios a anexar, — êste no fundo, não é sinão o resultado do imperialismo econômico recalçado e precisando ser satisfeito.

Ilustra essa forma de expansão á ferro e á fogo, — neste século em que parecia não haver mais lugar para guerras que visassem aniquilar violentamente povos indefesos e imbeles, — o que tem sido a política expansionista do Japão na China e a conquista da Etiópia feita pela Itália, visando mais a posse das matérias primas e dos minérios do solo chinês ou africano do que propriamente um esçoadouro para as populações

adensadas nas ilhas vulcânicas do Pacífico ou na península itálica.

Ainda que, esporadicamente, surjam os imperialismos guerreiros e anexadores de territórios á Mussolini, de quatrocentos anos até hoje ,predomina no mundo, com intensidade cada vez maior, — ainda que disfarçadamente, o imperialismo econômico e, foi acariciando essa nova forma de predomínio, que em todos os tempos orientou a política norte-americana, que resultou o seu rápido e formidável expandir e o seu atual poderío e prestígio em todos os ramos de atividades e assuntos internacionais .

A nós brasileiros, possuidores de amplíssimo território ainda não de todo ocupado, cumpre calma, serenidade e previsão ao analisarmos os fatos que se desenrolam no mundo, afim de não sermos prêsas fáceis dos inúmeros imperialismos que nos ameaçam e poderão nos esmagar.

Desde o momento em que deixamos de ser uma simples feitoria luso-americana para constituirmos uma nacionalidade, jamais deixamos de sofrer as garras do imperialismo internacional.

Ao declararmo-nos livres de Portugal, permanecemos atados ao Reino Unido por longos anos; — primeiro, pelos odiosos tratados de comércio, depois por êsses e pelos lesivos empréstimos que nos escravizaram, inicialmente, a Londres, depois também a Paris e Nova York.

Enquanto aqui trabalhavamos, enquanto fazíamos engrandecer o Brasil e podíamos ser úteis ao imperialismo econômico de outros povos, — suprimindo-lhes ouro, algodão, açúcar, peles, borracha, café e minérios, — fornecendo-lhes os produtos naturais em troca de artigos manufaturados, a situação do Brasil, como colônia cordata que era, foi tal que nenhuma importunação sofríamos das grandes potências imperialistas que viam

com satisfação o trabalho de sua colônia satisfeita a viver sem ambições e sem pruridos de liberdade excessiva.

Mas, desde o momento em que as guerras e o panorama europeu ou mundial, foi se modificando e o prestígio inglês, tutor universal das potências fracas e que gravitavam sob o pálio do império britânico, — foi sendo deslocado e diminuído, — conseqüentemente á industrialização de outros povos: dos Estados Unidos, da Alemanha, da França, do Japão, que tornaram-se também grandes potências industriais e militares, — a obediência ás ordens de Londres, — símbolo do maior dos imperialismos de todos os tempos, já não era feita sem reservas.

E mais, anseando poderio, nações várias surgiam concorrentes ao imperialismo inglês. A Alemanha, em largas proporções, surgia vitoriosa em sua expansão inegalável no mundo, quando a guerra de 1914, trouxe-lhe o malôgo.

A França, continua a prosseguir com o seu imperialismo continental europeu; a Itália espráia-se no Mediterrâneo e na África; o Japão transborda-se na China e, empreendeu uma luta comercial que constitue permanente ameaça aos povos anglo-saxônios.

Um estudo da geografia política e das modificações que sofreram as cartas geográficas do Império inglês, da França, da Itália e do Japão, — todos acrescidos a partir de 1918, demonstra, claramente que os motivos econômicos impelem os povos á luta e que, os territórios onde brotam o algodão, onde a borracha cresce vantajosamente, onde o carvão, o petróleo, o manganês e os produtos indispensáveis á manutenção do poderio econômico e industrial das grandes nações se encontram, — êsses territórios tem sido, foram e serão prêsas, reais ou disfarçadas sob o manto comercial, — das nações industriais modernas.

Foram sob a pressão de fatores de ordem econômica que os Estados Unidos da América, de treze pe-

quenas colônias bordejando o Atlântico, expandiram-se para o oeste, para o norte e para o sul, até constituírem-se o todo inegualável que é de riqueza e unidade política.

Tão rápida foi a expansão dos Estados Unidos que ela maravilha o mundo e, mostrando como os motivos econômicos a determinaram, a história da expansão norte-americana, — depois da sua independência política, pode ser escrita mediante a simples observação das necessidades econômicas da grande república.

Expressa bem o nosso pensamento, o que disse em o livro “A Borracha”, o Dr. J. C. Macedo Soares, referindo-se ás determinantes da expansão norte-americana:

“A cessione, por compra, da Louisiana, promovida pelo presidente Jefferson, para a conquista da livre navegação do Mississipi, seguida pela occupação da Flórida occidental, determinada pelo presidente Madison, tendo em mira o mesmo objetivo; a chamada segunda guerra da Independência, declarada para garantir a liberdade dos mares; a compra da Flórida oriental e dos territórios do Oeste, até o Oregon para evitar de vez os prejuizos decorrentes dos ataques dos indios pela fronteira da colónia espanhola; — a entrada do Texas na Federação, e em consequência a guerra com o México, acarretando a conquista do Novo México e da Califórnia; a compra do território do Alasca para assegurar a pesca e regulamentar o importante comércio de peles; — o reconhecimento em poucas horas após a declaração da independência da então provincia Colombiana do Panamá e, 15 dias depois assinando com a mesma um tratado cedendo-lhe a posse e domínio do canal do mesmo nome; os distúrbios na Nicarágua e a guerra com a Espanha, resultando no dominio ou posse de Cuba, Porto Rico e das Filipinas; — eis em traços largos as diferentes etapas da expansão dos Estados Unidos, todas determinadas, por um imperialismo de

ordem meramente econômica, — expressão sintética do imperialismo moderno oriundo de finalidades econômicas ocultas sob a capa de disfarces vários, inclusive as normas políticas ditas mas interpretadas de acôrdo com as conveniências do momento, que bem foram expressas pela “doutrina de Monroe”.

Evidentemente, impressiona, hoje, a expansão dos Estados Unidos da América, visto o seu imperialismo ter forma nova e, a sua intervenção nas repúblicas da América Central marca uma etapa do Imperialismo expansionista que ha muito tempo a crônica mundial não registra, — sinão recentemente, com a expansão militar do Japão na China e o “avanço” italiano na África. (1)

Entretanto, os norte-americanos só repetem sob outra forma e com as luzes do século, o que fizeram e fazem os impérios que, na Europa, na África, na Ásia e, mesmo nas colônias da América, — si bem que, com mais sagacidade e experiência, — impõe pelas armas a supremacia de sua vontade aos povos que dominam ou escravizam.

Na América do Sul, o ataque que os norte-americanos lhe tem feito tem sido, por enquanto, de forma “pacífica”. E êsse tem sido conduzido sem recursos á força armada, á maneira das intervenções na América Central e no México, visto a sua posição não lhes permitir ou não convir, como alhures, vantagens numa colisão armada.

E’ o ponto de conquista “pacífica” que constitue o fundamento da política expansionista doje adotada pelos Estados Unidos, cuja arma principal é o seu capital financeiro, a sua enorme reserva de ouro.

Já agora, os maiores capitais dos Estados Unidos estão na América Latina que, cada vez mais, e falando-

(1) Em 1939 o imperialismo alemão também surgiu a esmagar nações fracas e a conquistar territórios!...

se sob o ponto de vista econômico, torna-se uma colônia dessa república. Depois da guerra de 1914, cessada a corrente de capitais europeus para os países latino-americanos, substituiu-a o fluxo norte-americano, numa intensidade crescente e em condições de verdadeira absorção, que preliminarmente econômica, acaba-se estendendo aos demais ramos da atividade de cada nação. O Canadá acompanha de perto a América Latina, no que respeita o vulto dos créditos concedidos pelos norte-americanos aos países estrangeiros.

Com as citações e exemplos contidos neste trabalho, é evidente que a absorção econômica norte-americana de todas as fontes de rendas e trabalho no Brasil é uma realidade.

Na América do Sul, hoje, o império dos Estados Unidos da América é um fato e, os estadistas norte-americanos não tem segredo em manifestar a sua satisfação por esse "*auspicioso acontecimento*", tanto assim que, no dizer de Richard Olney, — ex-ministro de Estado norte-americano: — "*os Estados Unidos são praticamente soberanos neste Continente, onde a sua palavra é lei em relação aos assuntos em que eles entendem de intervir*".

Quasi a mesma coisa, bem demonstrando o interesse político e econômico em avassalar a América, que sempre está manifesto no pensar e modo de agir dos norte-americanos, disse, apenas com mais realce, Elihu Root, sumidade em direito internacional, nos Estados Unidos, ocupando a mesma pasta do exterior em Washington: — "*A Doutrina de Monroe é a afirmação do direito que temos em defesa dos nossos interesses de intervir sobre a ação de qualquer outro país neste hemisfério*".

De fato, depois da libertação de Cuba para torná-la uma república vassala, a intervenção norte-americana no México, na América Central, na Colômbia, sem-

pre avançando para o Sul, tem-se repetido com frequência cada vez mais acentuada.

E' que a política seguida pelos Estados Unidos, em toda a sua vida histórica, tem sido para o país uma política imperativa em todos os casos em que as circunstâncias internas de qualquer país latino-americano ou as suas condições internacionais ameaçam ou parecem ameaçar a segurança e estabilidade local e portanto o conforto e os interesses norte-americanos.

Sob a forma de intervenção armada, ou de coação diplomática, esta política tem sido aplicada em numerosíssimas ocasiões.

Estamos, assim, diante de uma nova forma de Imperialismo e, como, todos os outros, contrários sempre aos interesses do Brasil.

Mas, o que mais admira é a maneira quasi que natural, com que os Estados Unidos defendem o seu imperialismo em toda a América e, como os responsáveis por essa pressão que exercem sobre as nações latino-americanas, a justificam e, é de pasmar, que assim a louvasse um professor da Universidade de Colúmbia, em Nova York, em artigo publicado no "The New York Times":

"O que as outras nações chamam de imperialismo é, simplesmente, para nós, a defesa dos nossos interesses e o AUXÍLIO? ao progresso da América Latina.

Si a posse da independência e a soberania significam o direito e privilégio de fomentar perturbações políticas internas á vontade, ou o direito de se afastar das convenções e costumes das grandes nações civilizadas do mundo, sem se olhar aos danos que daí possam resultar para os estrangeiros e sua propriedade, em tal caso essas repúblicas (as latino-americanas) devem sofrer as consequências de tal ação...

SEJA COMO FOR, O FATO QUE PERMANECE E' QUE MAIS CÉDO OU MAIS TARDE SI O NOSSO PAÍS (os Estados Unidos) CONTI-

NUA A EXPANDIR-SE E OS NOSSOS VISINHOS A CONTRAIR-SE OU A CAMINHAR COM DEMASIADA LENTIDÃO NA MARCHA INTERNACIONAL, — A ABSORÇÃO DELES, — *ECONÔMICA OU POLITICAMENTE*, — PARECE SER APENAS UMA QUESTÃO DE TEMPO”.

E' bom, entretanto, que, ao menos estejamos prevenidos, pois, si não é o bárbaro que hoje nos ameaça, — é a “civilização” que não apavora”.

Tinda razão Euclides da Cunha. Esta última consideração é precisa.

De fato, atentando-se para a maior das ameaças que pesam sôbre nós, — a da absorção anglo-americana, põe-se de manifesto que o imperialismo nos últimos tempos dominantes na política norte-americana digamos, mesmo britânica, não significa o fato material de uma conquista de territórios, ou a expansão geográfica á custa dos esmagamentos das nacionalidades fracas — sinão, numa esfera superior, — o triunfo das atividades, o curso irresistível de um movimento industrial incomparável, e a expansão naturalíssima de países onde um individualismo esclarecido, suplantando a iniciativa oficial, — sempre emperrada ou tardia, permitiu o desdobramento desafogado de todas as energias garantidas por um senso prático incomparável, por um largo sentimento de justiça e até por uma idealização maravilhosa dos mais elevados destinos da existência”.

Concordando com a *marca* do imperialismo moderno, também caracterizada pelo grande escritor patricio, é mistér não se esquecer que a história se repete e que o esmagamento das nacionalidades fracas, imbeles, *desmaquinadas*, que não acompanham o ritmo da civilização dos combustíveis e do ferro, ainda se pratica e se praticará por muito tempo ainda, tal o que vem ocorrendo como norma de ação da política imperialista do Japão na China, ocorreu com o aniquilamento da única nação livre que existia na África: — a Etió-

pia e sucedeu com a Áustria, a Tcheco-Slováquia e a Polônia!

Concluamos, entretanto, com o autor de “Os Ser-tões” que, o nosso temor e bracejar entre os fantasmas dos imperialismos que nos rodeiam e ameaçam, são um simples reflexo subjetivo de fraqueza transitória: — e, quanto aos perigos inglês, norte-americano, alemão, italiano ou japonês, — ou ainda outros rompantes ao calor das fantasias e dos sonhos de vários povos, — ou os que se nos não figuram estranhos no presente, são **CLAROS SINTOMAS DE UM PERIGO MAIOR**, — do perigo real e único que está todo dentro de nos-sas fronteiras e irrompe numa alucinação da própria vida nacional, — **O PERIGO BRASILEIRO**, — o perigo de não nos termos fortalecido no campo econô-mico; o perigo de nos estarmos adaptando á civiliza-ção muito lentamente, o perigo de não nos termos au-mentado a eficiência do homem brasileiro dotando-o de máquinas e acionando-as pelos agentes motrizes natu-rais que multiplicam o esforço humano; o perigo de estarmos nos dedicando á vida agrícola sem cuidarmos com mais atenção á vida industrial, — única que con-duz ao poderío.

A expansão norte-americana no mundo, na Amé-rica do Sul e, principalmente no Brasil, tem sido feno-menal, e os capitais anglo-americanos empregados na América Latina, de 1922 a 1928, cresceram como de-monstra o seguinte quadro que acompanha um artigo do “The New York Times”:

Em milhões de dolares

	Anos	1912	1922	Porcentagem do aumento
1	Cuba	200	1.400	536
2	México	200	1.288	61
3	Chile	15	451	2.906
4	Argentina	40	450	1.025
5	Brasil	50	388	676

6	Perú	35	169	383
7	Venezuela	3	162	5.300
8	Colômbia	2	125	6.150
9	Bolívia	10	86	760
10	Uruguái	5	77	1.400
11	Costa Rica	7	46	557
12	Honduras	3	40	1.233
14	Salvador	3	35	1.066
15	Panamá	5	30	520
13	Guatemala	20	37	85
16	Equador	10	30	200
17	Haití	4	28	600
18	São Domingos	4	28	600
19	Nicaragua	3	20	566
20	Paraguai	4	18	350
21	Guiana	5	8	60

Somas Norte Americanas empregadas no exterior:

América Latina	\$5.200.000.000
Europa	\$4.300.000.000
Canadá	\$3.900.000.000
China, Japão e Filipinas	\$ 700.000.000
Vários Países	\$ 400.000.000

Capital estrangeiro empregado na América Latina:

Estados Unidos	\$5.200.000.000
Grã-Bretanha	\$5.200.000.000
Outras nações	\$2.200.000.000

Estadística do Departamento do Comércio dos Estados Unidos.

Para se ter um quadro real da diversidade de interesses que os Estados Unidos tem na América Latina especificaremos da seguinte maneira: — a *Bethlem Steel Co.*, de Pittsburgh, explora minas de sua propriedade, em Cuba e no Chile; a "*Standard Oil Company*", de Nova Jersey, perfura poços de petróleo na Colômbia, na Venezuela e na Argentina. A "*Foundation Company*" constrói escolas no Perú; a "*United Fruit Co.*" planta bananas, aos milhões de pés, na Costa Rica, os frigoríficos de Chicago dominam toda a exportação sul-

americana de carnes congeladas e companhias norte-americanas operam e possuem o serviço de fornecimento de eletricidade e de telefones nas principais cidades Latino-Americanas.

A ânsia de expansão é a característica dominante da política de todos os grandes povos modernos. Justificam-na de várias maneiras: os alemães louvando a guerra como um meio político dizem que, “o acudir á última ratio” constitue um dever, não sómente quando se é atacado, mas também quando por causa da politica seguida por outro Estado, o poder do próprio Estado se considera em perigo, e os meios pacíficos não logram manter sua integridade; — ou com uma justificação mais ousada, afirmando que, “uma guerra justa é de sobra mais benéfica á alma nacional do que a paz alcançada á custa de ter sofrido em silêncio uma injustiça”.

Também, modernamente, é crença geral que, enquanto todo o progresso humano e todo o desenvolvimento natural se basear na luta, será permitido também provocar essa luta em condições favoráveis.

Ora, todas as nações fortes, as grandes nações industriais ou que se estão industrializando intensamente: — o Japão, a Itália e a Rússia anseiam grande prestigio internacional. O inglês é imperialista por tradição e índole, si a sua própria história não evidenciasse esse fato. A Itália, o Japão e a Alemanha com a necessidade de obterem um “lugar no espaço” desfraldaram de ha muito a bandeira imperialista no mundo. Os norte-americanos, com a “*Doutrina de Monroe*”, pretendem a América como seu domínio comercial.

A Rússia se intitula “*o árbitro dos destinos do Pacifico*” e marcha celeremente para se tornar uma potência industrial de primeira plana.

Das modalidades de imperialismo a que mais em evidência tem aparecido ultimamente, é o combate gigantesco pela posse das regiões petrolíferas, das jazi-

das de manganês, dos minérios de metais úteis á grande indústria metalúrgica, das terras produtoras de algodão, de borracha, de café, pelo monopólio das vias de comunicações e das fontes supridoras de energia, — notadamente as quedas d'água, — cuja posse ou domínio, ainda que disfarçado, é cobiçado avidamente por grupos ou sindicatos, — principalmente ingleses e norte-americanos.

O combate gigantesco pela posse das regiões petrolíferas do mundo e, — consequente domínio do mercado entre interesses ingleses e norte-americanos já se estende até as plagas sul-americanas, onde quando as entidades dominadoras do mundo petrolífero, si não porfiam a extração do petróleo, *acaparam* os terrenos potencialmente produtores, como ora se dá conosco.

A conquista dos centros produtores de borracha do mundo é uma questão de vida ou de morte para a indústria norte-americana e, “está claro que é a região amazônica que vai decidir desta questão”, sobretudo sabendo-se que a Inglaterra já tem nas suas mãos todas as outras regiões produtoras na Ásia, na África e na Polinésia.

Sómente resta ainda livre das garras do imperialismo inglês, que tem em seu poder 80% da produção mundial de goma elástica, a Amazônia e, êste fato assume para nós importância máxima si lembrarmos que, só os Estados Unidos necessitam para o seu consumo interno, — para a sua possante indústria de manufaturados de borracha, tanto quanto a produção que os ingleses deteem sob seu domínio.

Neste sentido, entretanto, ao considerarmos que o imperialismo inglês e o norte-americano se defrontam em luta pelo comércio e produção de borracha; que os imensos seringais da Amazônia já vão sendo a área predileta para campo de ação e arma de agressão de um desses imperialismos, é mister, portanto, a bem dos interesses supremos do Brasil, agirmos com sere-

nidade, aproveitando-nos da lição da história, lembrando-nos de que, também, não é sinão por motivos de ordem econômica que para as beiras do rio-mar se dirigem os japoneses.

“Si a Colômbia tivesse procedido com habilidade por ocasião da abertura do canal interoceânico em seu território, — diz-nos o autor de “A Borracha”, certamente teria evitado a criação da República do Panamá!

“A nossa política previdente será, pois, explorarmos nós mesmos, nossa riqueza em goma elástica, antes que se acendam os apetites de estranhos sôbre o nosso país. Uma dissertação sôbre a possibilidade de expansão norte-americana ou japonesa no vale do Amazonas, teria, talvez, sómente um sabor literário ou filosófico”. Mas, os homens de govêrno que fecham os olhos ao problema da situação do Brasil em face da produção, da restrição e do consumo de suas produções e matérias extrativas e fecham os olhos e desprezam essas fontes de riquezas e de preocupações nacionais e internacionais, incorrem em graves e severas responsabilidades diante da geração atual brasileira.

Evidentemente, hoje, nós brasileiros, sofremos o imperialismo de todos os grandes povos. Sofremos o imperialismo britânico no campo bancário, nas vias de comunicações que escoam a produção nacional em grosso para o litoral, nos fretes da marinha mercante, no suprimento de carvão e de ferragens. Até mesmo no que concerne ás comunicações aeronáuticas os estrangeiros vão talhando o território pátrio em “esferas” de “influência norte-americana, alemã e francesa...”

Dos norte-americanos até parece que já somos seu território e, desde o café que lhes vendemos, na proporção de mais de 50% de nossa produção, ao suprimento de óleos, gasolina, máquinas elétricas, rádios, etc., até a posse das emprêsas de eletricidade, de telefones, dos frigoríficos, das fábricas de cimento, de lâmpadas elétricas e de outros trusts como o de gasolina e do trigo,

— tudo temos hoje em suas mãos ou dependendo de seu “visto”.

O japonês insinúa-se, foçando a vinda de seus filhos que já enquistam várias regiões do país, ainda não livres de todo de massas de alemães, de italianos e de polacos que a nossa imprevidência fez localizar em núcleos, a parte, no interior do Brasil.

Para todos êsses males urge remédio urgente e eficaz.

Quando meditamos sôbre a posição que vem desempenhando e, mais intensamente, desempenhará o Brasil quanto ao suprimento das matérias primas e dos minerais essenciais ás indústrias e ao expandir dos grandes povos industriais e expansionistas não é para se sorrir diante das perspectivas sombrias que envolvem o futuro do Brasil em face dos imperialismos que o ameaçam.

Considerando-se que o imperialismo norte-americano já se expandiu aqui abraçando em seus tentáculos o suprimento de energia elétrica de todo o País, os seus serviços telefônicos, o acaparamento dos terrenos potencialmente petrolíferos, a posse das jazidas de managês, as fábricas de cimento, a manufatura de lâmpadas elétricas, de calçados, os frigoríficos e, — lembrando-se mais que a nossa política de produção algodoeira contraria, fundamentalmente, — os interesses de nove estados da união norte-americana, — precisamos estar atentos e precavermo-nos, contra os rudes e hábeis golpes que os norte-americanos, — êmulo dos ingleses, — nos irão desferir em defesa de seus interesses comerciais, industriais, financeiros e políticos.

Si os interesses do Brasil, quanto a borracha na Amazônia, contrariarem os interesses norte-americanos no futuro próximo, — seja pela concorrência que virmos a fazer-lh'ês com a manufatura da borracha em nosso próprio território, — seja com a nossa entrada no mercado de borracha com o produto meio acabado,

seja pelo crescer do imperialismo japonês em maior proporção ás concessões ianquis no vale do RIO-MAR, — si não estivermos atentos e preparados para a luta em *qualquer terreno*, teremos sôbre nós a “fatalidade que orientou em todas as épocas a expansão norte-americana... ”

Ainda, com o algodão brasileiro em luta contra o algodão norte-americano, com o Brasil dependendo em seu comércio externo de mais de 50% do seu total, de um único produto, — o café, que nessa proporção é vendido aos Estados Unidos da América, — vê-se como é grave a situação que iremos atravessar, principalmente quando o nosso algodão reduzir a metade ou mesmo a 40% os fornecimentos mundiais do algodão norte-americano, e si lembrarmos que o atual poder econômico e militar do Brasil é muito precário... ”

Em face dos problemas da repartição das matérias primas do mundo, da posse de colónias que anseiam todos os grandes povos industriais, em face da politica de domínio e aquisição das jazidas carboníferas, petrolíferas, de minerais e da posse das fontes de energia motriz perenes, que norteiam sempre a política dos grandes povos, o Brasil precisa delinear a política que tem a seguir diante dêsses imperialismos que o cercam.

Não pode e não deve continuar na dependência de trusts e de povos estranhos quanto a aquisição do trigo e massas alimentícias, quanto ao suprimento de carvão e de petróleo e permanecer com o seu futuro industrial tolhido, tendo as suas empresas de energia elétrica e todas as fontes de riqueza e de poderio no século que passa em mãos estranhas.

Infelizmente, é essa a nossa realidade: — somos desde o berço um povo escravizado aos interesses econômicos e comerciais das grandes nações.

¡Nascemos dependentes e dependentes ainda estamos dos povos industriais.

Enquanto a América do Sul e, sobretudo o Brasil, está sendo, mais intensamente agora, uma das principais frentes de batalha do jovem imperialismo norte-americano contra o velho imperialismo europeu; á semelhança do que ocorre na Venezuela, na Colômbia, no Perú e ocorreu do México, quando os trusts ingleses, norte-americanos, franceses e alemães porfiavam o domínio comercial dêsses países; enquanto trava-se na Amazônia a luta pela aquisição das matérias primas, notadamente, a goma elástica entre o audaz imperialismo japonês e o vigoroso imperialismo norte-americano; enquanto em todas as frentes de batalha os imperialismos se entrechocam e saem a campo, ainda não nos dispuzemos a lutar e defender o que nos pertence e devemos transmitir ás gerações futuras, para o que não nos aparelhamos ainda com os meios e as armas que permitiram a vitória a outros povos e também nô-la permitirá, e da luta sairmos mais fortes e vigorosos si compreendermos que as fontes de energia, os combustíveis e a grande metalurgia são os máximos expoentes do imperialismo moderno.

O problema da aquisição de maior quantidade de energia motriz, a instalação no país de uma grande indústria siderúrgica e metalúrgica, a pesquisa do petróleo, de fontes de energia, que facilitem a industrialização do país; a nacionalização real e não apenas "decretada" de nossas jazidas minerais e fontes de energia hidro-elétrica, o aproveitamento das fontes energéticas do país, o combate sistematizado aos monopólios e trusts que apoderaram-se das fontes de vida do Brasil; a nacionalização dos bancos de depósito, das companhias de seguros, a proteção ao trabalhador nacional e preferência dêste ao estrangeiro; a construção no país dos navios necessários á sua defesa e das munições e armas que assegurarão a nossa independência, são problemas máximos e dos quais urge cuidarmos afin de que o Brasil, rodeado de imperialismos varios, não ve-

nha a sucumbir, a se escravizar ainda mais e continuar a comprometer o seu futuro.

Eis, em traços rápidos, uma política que estadistas de verdade não deixarão de seguir, de empreender contra os imperialismos que nos tohem, dividem, ameaçam e exploram...

Avaliação da Energia Hidráulica do Brasil (em C. V.)

Quadro demonstrativo por Estado

	Total por Estado
Amazonas	582.000
Pará	368.880
Maranhão	45.640
Paraíba	11.500
Rio Grande do Norte
Ceará
Paraná	1.180
Pernambuco	11.000
Alagoas	235.000
Sergipe
Bahia	1.223.240
Espírito Santo	99.275
Rio de Janeiro	543.096
São Paulo	2.407.395
Paraná	163.508
Rio Grande do Sul	245.334
Minas Gerais	5.827.625
Mato Grosso	1.316.387
Goiás	1.100.000
Total	<u>15.678.112</u>

**Energia hidro elétrica aproveitada no Brasil,
por Estados, em KWS.**

Ceará	83	kws. em	3	usinas
Paraíba	75	„ „	1	usina
Pernambuco	953	„ „	4	usinas
Alagoas	1.872	„ „	3	„
Baía	15.490	„ „	15	„
Espírito Santo	7.103	„ „	21	„
Rio de Janeiro	170.980	„ „	41	„
São Paulo	301.591	„ „	114	„
Paraná	11.837	„ „	19	„
Santa Catarina	13.146	„ „	12	„
Rio Grande do Sul	6.073	„ „	40	„
Golás	1.207	„ „	22	„
Minas Gerais	93.755	„ „	285	„
Mato Grosso	810	„ „	3	„
Total	624.975	„ „	583	„

Dados extraídos do Boletim n.º 1, Energia Elétrica no Brasil, do Serviço de Aguas do Ministério da Agricultura.

* * *

Quadro resumo, por Estados, do número de localidades dotadas de serviços de força e luz elétrica em 31 de dezembro de 1934.

Estados, Distrito Federal e Acre	Cidades, sédes de Municípios ou Prefeituras	Vilas, sédes de Municípios ou Prefeituras	Povoados, sédes de Distritos	Povoados e estações
Território do Acre	5	..	1	..
Amazonas	9	2
Para	18	4	2	1
Maranhão	6	2
Piauí	8
Ceará	30	7	5	..
Rio Gr. do Norte	19	4	..	2
Paraíba	16	16	5	..
Pernambuco	66	..	28	1
Alagoas	26	3	..	3
Sergipe	15	6	..	1
Baía	36	14	5	3

Espírito Santo	16	12	22	8
Rio de Janeiro	33	12	41	22
Distrito Federal	1
São Paulo	233	..	132	87
Paraná	28	12	1	2
Santa Catarina	16	14	10	20
Rio Grande do Sul	28	55	43	11
Goiás	19	4	5	1
Minas Gerais	170	30	225	83
Mato Grosso	11	..	1	..
Totais	809	197	526	345

* * *

Extensão das linhas de Transmissão, em 31-12-1934

Estados, Distrito Federal e Território do Acre

Extensão das linhas de
transmissão em Kms.

Território do Acre	—*
Amazonas	13*
Pará	55
Maranhã	5
Piauí	6
Ceará	27
Rio Grande do Norte	18
Paraíba	90
Pernambuco	75
Alagoas	24
Sergipe	1*
Baía	239
Espírito Santo	369
Rio de Janeiro e Dist. Fed. (englob.)	1.174
São Paulo	7.562
Paraná	233
Santa Catarina	759
Rio Grande do Sul	529
Goiás	200
Minas Gerais	4.535
Mato Grosso	127

Extensão total das li-
nhas de transmissão kms. 16.041

* Usinas termo-elétricas situadas no perímetro urbano das localidades, sem linhas de transmissão (possuem somente rédes de distribuição).

Dados extraídos do Boletim n.º 1, "Utilização da Energia Elétrica no Brasil, Serviço de Águas do Ministério da Agricultura,

Quadro demonstrativo do desenvolvimento da indústria da Eletricidade no Brasil, de junho de 1883 a 31 de dezembro de 1934

Anos	1833	1889	1900	1910	1920	1930	1934
Empresas	1	3	11	88	306	791	952
Usinas termo-elétricas	1	2	6	28	134	337	446
Usinas hidro-elétricas	—	1	5	60	204	541	573
Usinas mixtas	—	—	—	—	5	13	16
Usinas (englobadamente)	1	3	11	88	343	891	1.035
Potência de origem térmica (H.P.)	70	4.270	8.846	29.723	105.578	170.784	175.934
Potência de origem hidráulica (H.P.)	—	6.150	8.665	174.248	370.074	760.680	834.612
Potência total	70	10.420	17.511	203.971	457.652	931.464	1.010.546
Localidades servidas	1	3	16	119	431	1.536	1.777

Distribuição, potência, número e empresas de energia
elétrica no Brasil até 31-12-1934

Estados	N.º de empres- zas	N.º de usinas geradoras			Potência dos mo- res primários em H. P.	
		Tér- micas	idráu- licas	mix- tas	Tér- micos	Idráu- licos
Ter. do Acre . . .	4	8	—	—	279	—
Amazonas . . .	11	10	—	—	3.522	—
Pará	24	18	—	—	15.995	—
Maranhão . . .	8	7	—	—	1.565	—
Piauí	8	8	—	—	1.034	—
Ceará	37	30	3	—	7.693	110
Rio G. Norte	22	19	—	—	2.488	—
Paraíba	34	32	1	—	4.841	100
Pernambuco . .	69	72	3	1	28.010	1.277
Alagoas	30	25	3	—	2.452	2.510
Sergipe	21	22	—	—	2.683	—
Baía	42	31	14	1	10.354	20.764
Espírito Santo	27	7	21	—	1.354	? 501
R. de Janeiro	48	12	45	—	5.808	229.414
Distr. Federal	2	2	—	—	16.236	—
São Paulo . . .	98	19	113	2	15.625	402.343
Paraná	33	16	18	1	6.249	15.867
Santa Catarina	18	8	12	1	1.133	17.642
R. Gr. do Sul	115	84	40	1	43.389	8.254
Goiás	21	—	21	1	110	1.778
Minas Gerais	249	9	277	7	3.961	123.968
Mato Grosso . .	11	7	2	1	1.053	1.090
TOTAIS	952	446	573	16	175.934	834.612

Nota: Das 952 empresas cuja existência é conhecida do Serviço de Águas, 43 não enviaram os dados às respectivas usinas geradoras, a saber: Amazonas, 1; Pará, 6; Maranhão, 1; Ceará, 5; Rio Grande do Norte, 3; Paraíba, 1; Pernambuco, 15; Alagoas, 3; Baía, 1; Espírito Santo, 1; Rio de Janeiro, 2; Santa Catarina, 1; Minas Gerais, 2; Mato Grosso, 1.

Dados extraídos do Boletim N.º 1, 1935, do Serviço de Águas do Ministério da Agricultura.

Classificação das usinas geradoras, segundo a potência dos motores primários, em 31 de Dezembro de 1934.

Usinas hidro elétricas exclusivamente

Capacidade das instalações		Número de usinas	Potência total dos motores primários
Até	50 h.p.	182	4.575
De	51 a 100 "	91	7.173
"	101 a 250 "	109	17.437
"	251 a 500 "	63	24.404
"	501 a 1.000 "	50	38.606
"	1.001 a 2.000 "	41	59.049
"	2.001 a 3.000 "	16	40.163
"	3.001 a 4.000 "	10	35.056
"	4.001 a 5.000 "	6	27.322
"	5.001 a 7.000 "	4	23.950
"	7.001 a 10.000 "	6	53.340
"	10.001 a 15.000 "	2	26.110
"	15.001 a 20.000 "	1	47.460
"	20.001 a 25.000 "	1	20.160
"	20.001 a 30.000 "	1	30.000
"	30.001 a 50.000 "	1	36.000
"	50.001 a 100.000 "	4	341.307
Totais		589*	834.612

* Incluindo as instalações geradoras hidro-elétricas e 16 usinas mixtas.

Usinas termo-elétricas exclusivamente:

Capacidade das instalações em 31-12-1934		Número de usinas	Potência total dos motores primários
Até	50 h.p.	278	8.020
De	51 a 100 "	78	5.944
"	101 a 250 "	55	9.188
"	251 a 500 "	8	2.797
"	501 a 1.000 "	14	9.114
"	1.001 a 2.000 "	12	15.920
"	2.001 a 3.000 "	6	16.255
"	3.001 a 4.000 "	2	6.850
"	4.001 a 5.000 "	3	13.755
"	5.001 a 7.000 "	1	6.405

„ 7.001 a 10.000 „	—	—
„ 10.001 a 15.000 „	2	24.100
„ 15.001 a 20.000 „	2	34.786
„ 20.001 a 25.000 „	1	22.500
Totals	462	175.934

Total de usinas hidro-elétricas e termo-elétricas: 1.035.
Potência total dos motores primários das usinas hidro-elétricas e termo-elétricas em 31-12-1934: 1.010.546 H. P.

Dados extraídos do Boletim n.º 1, Utilização de Energia Elétrica no Brasil, do Serviço de Aguas do Ministério da Agricultura.

* * *

Importação brasileira de combustíveis
Em toneladas

Produtos	Carvão de pedra	Gazolina	Querozene
1928	1.950.258	264.344	103.697
1929	2.067.347	293.625	117.256
1930	1.745.826	279.495	90.465
1931	1.133.795	214.301	98.536

Em contos de réis

Produtos	Carvão de pedra	Gazolina	Querozene
1928	110.904	117.464	50.636
1929	127.686	147.129	58.022
1930	118.525	139.172	46.842
1931	96.625	96.244	60.175

Em libras esterlinas

Produtos	Carvão de pedra	Gazolina	Querozene
1928	2.721.422	7.849.126	1.242.685
1929	3.136.433	7.644.909	1.425.433
1930	2.731.045	6.068.345	1.063.436
1931	1.458.054	4.180.609	929.094

Dados do Dep. Nac. de Estatísticas.

Em tonalagem, segundo a Diretoria de Estatística Commercial, importamos em 1913 e, de 1925 a 1927 o seguinte em carvão, briquetes, coque, gazolina, querozene e oleos minerais:

Produtos	Carvão, briquetes e coque	Gazolina	Quero- zene	Oleos míne- rais com- bustíveis
1913. . .	2.518.561	28.971	106.668	9.689
1925. . .	1.927.437	143.318	103.341	261.108
1926. . .	1.938.580	152.551	91.021	217.598
1927. . .	2.214.598	201.242	111.841	358.427

Por êsses dados vê-se que somos paupérrimos, que precisamos consumir maior quantidade de combustíveis e não temos dinheiro para importá-los.

E' urgente, portanto, já que em grande parte podemos substituí-los pelos agentes motrizes que possuímos, — a energia hidro-elétrica, — iniciarmos intenso trabalho pela sua utilização no Brasil.

Para o quinquênio, 1930-2934, só em produtos de Petróleo o Brasil importou o seguinte:

Em milhares de contos de réis

Produtos importados	1930	1931	1932	1933	1934
Gazolina	139	96	54	75	87
Querozene	47	60	25	42	48
Oleos lubrificantes .	27	27	24	26	29
Oleos combustíveis .	42	58	48	51	50
Total da importação	2.344	1.880	1.519	2.165	2.502

Em 1935 e 1936 houve grande acréscimo não só em quantidade como principalmente em mil réis em nossas importações. A gasolina, por exemplo, ascendeu só no primeiro semestre, de 64 mil contos em 1935 a 77 mil contos em 1936, contra 44 mil contos em 1934 e 34 mil contos em 1933.

BIBLIOGRAFIA

- Alberto de Faria — “Mauá”, 1926, Paulo Pongetti & Cia.
Alberto Torres — “A Organização Nacional”, 1933, Cia Editora Nacional.
Alberto Torres — “O Problema Nacional Brasileiro”, Cia. Editora Nacional.
André Siegfried — “Les Etats Unis de Aujourd’hui”, 1928.
Anton Zirska — “A Guerra Secreta Pelo Algodão”, Livraria Globo, Porto Alegre, 1937.
Altino Arantes — “Mensagem Presidencial apresentada ao Congresso de São Paulo”.
Bandeira de Melo-Afonso de Toledo — “Política Comercial do Brasil”, 1933, Rio.
Cincinato Braga — “Discursos Parlamentares”, 1935.
Clodomiro Pereira da Silva — “Política e Legislação de Estradas de Ferro”, Volume I, Tipografia Laemert & Cia., 1904, São Paulo.
Essad Bey — “A Luta pelo Petróleo”, Cia. Editora Nacional, 1937.
Euclides da Cunha — “À Margem da História”, 1922, Melo & Irmão, Porto.
Farrington, O. C. — “The Litterrary Digest”, 1923, Nova Iorque.
Evaristo de Moraes — “A Escravidão Africana no Brasil”, 1933, Cia. Editora Nacional.
Ferdinando Laboriau Filho — “Ano 2.000”, O Cruzeiro, 10-11-1928, Rio.
Getúlio Vargas — “Plataforma de Governo”, 1930.
Grínko — “O Plano Quinquenal”, 1929.
Gustavo Barroso “Brasil - Colónia de Banqueiros”, Civilização Brasileira, 1934, Rio.
José Maria dos Santos — “A Política Geral do Brasil”, 1930, Magalhães & Cia., São Paulo.

- José Ingenieros — "El Hombre Mediocre".
- Licínio Cardozo, Vicente — "Afirmações e Comentários", Ed. Anuário do Brasil, 1925.
- Lloyd George, David — "Coal and Power Report", 1929, Londres.
- Macedo Soares, José Carlos — "A Borracha" — L. Chan-ny et L. Quinsac, Paris, 1927.
- Milchiades Pereira da Silva — "Memória Apresentada ao VI Congresso Nacional de Estradas de Rodagens", Rio.
- Monteiro Lobato — "Ferro", 1933.
- Monteiro Lobato — "O Escândalo do Petróleo" — Cia. Editora Nacional, 1937.
- Nitti Francesco — "Problemas Contemporâneos", 1933, Livraria José Olímpio, Rio.
- McMurry and Parkins — "Elementary Geography", The Mac Millan Co., Nova Iorque.
- Oliveira Lima — "América Inglesa e América latina".
- Pandiá Calógeris — "As Minas do Brasil", 1905.
- Paul Blansard — "Uncle Sam's Electric Empire", The Nation, July 10, 1929, Chicago.
- Pires do Rio — "O Combustível na Economia Universal", Pires do Rio — O Nosso Prôblema Siderúrgico", Rio, 1926.
- Pires do Rio — "Conferência Realizada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", 13-4-1929.
- Pinto Serva, Mário — "A Grande Política", O Jornal, Rio, 1 de Junho de 1928.
- Rangel Moreira — "Porque Somos Apenas Isto", 1930, São Paulo.
- Roquete Pinto — "Ensalos de Antropologia Brasileira", 1933, Cia. Editora Nacional.
- Souza Lôbo — "O Brasil Confederado", 1933, S. Paulo.
- Souza Carneiro — "Comunismo, Nacionalismo, Idealismo".
- Tripp, - Guy E. — "Power and Politics"; conferência realizada no Westinghouse Club, de Wilkinsburg, em 16-10-1924. Estados Unidos.
- Walter, Albert Terry — "Essentials in English History", American Book Co., 1919, Nova Iorque.
- Wasburg, Paul James — "Cotton and Cotton Manufacture", Boston, 1925.
- Washington Luis — "Mensagem Presidencial", 1929.
- Revistas e Boletins
- Anuário Estatístico Internacional da Sociedade das Nações, 1929.
- Commerce Reports, Washington, E. U. A. Vários Números.

- Boletim do Dep. de Estatística dos Estados Unidos (U. S. Census Bureau). Vários Números.
- Boletins da U. S. Geological Survey.
- The Electrical World, números de 1926 a 1929.
- Relatórios dos Ministros da Fazenda no Império e na República.
- The General Electric Review. Vários números.
- World Power, números de 1925 a 1929.

TYPOGRAPHIA CUPOLO
Rua do Seminario, 187
S A O P A U L O